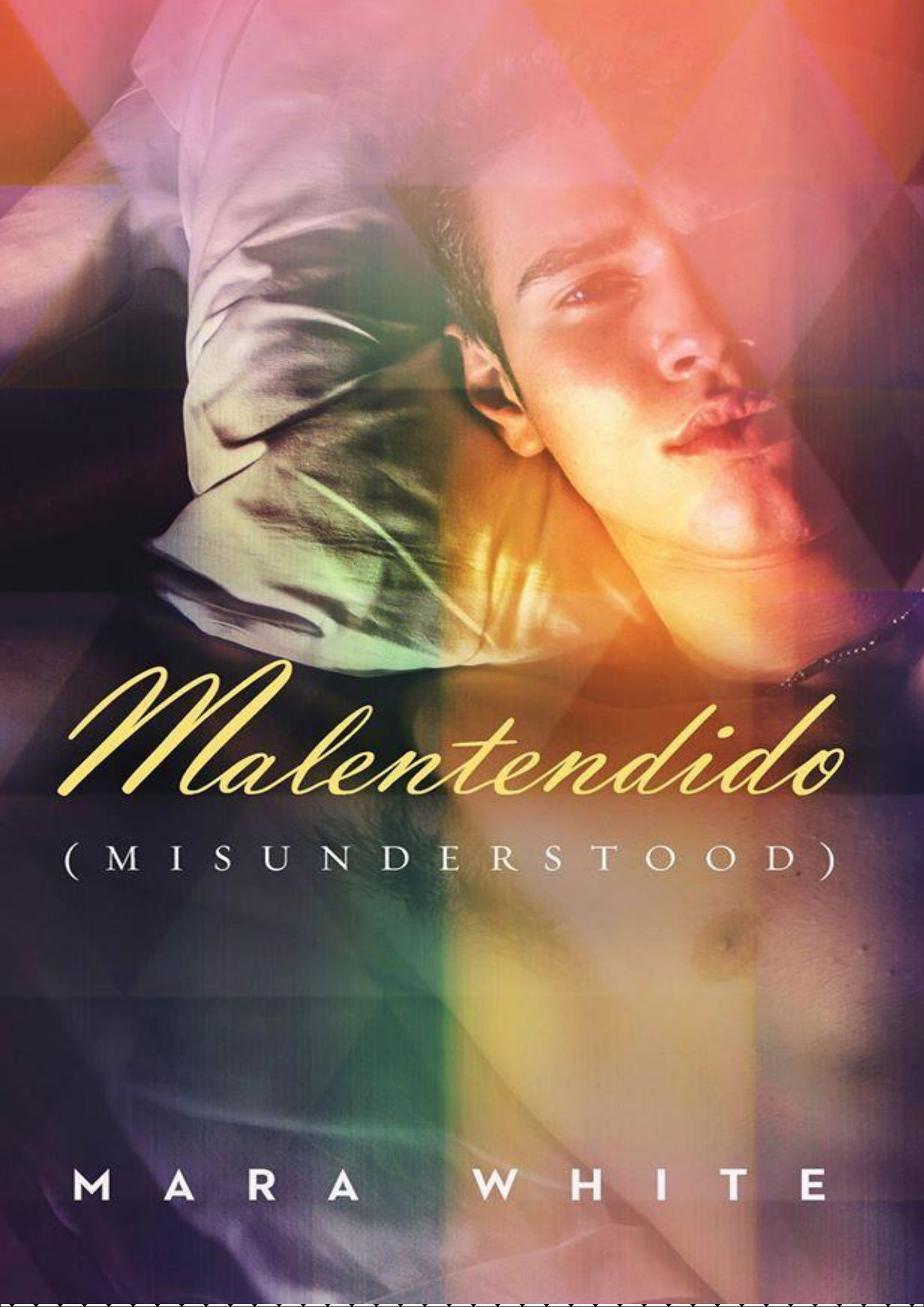

Malentendido
(MISUNDERSTOOD)
MARA WHITE



Queens of Shadows

1 Ano

Tradução: Mel

Revisão Inicial: Nathy

Revisão Final: Renata

Leitura Final: Ana Rita

Formatação Meghan Williams

Fev/ 2019

Malentendido: Misunderstood
(Maldeamores #2) by Mara White

Seja qual for a força que fez Lucky, seja Deus ou o Universo, envolveu-o com tanta força no meu coração que às vezes eu me sinto sufocada.

Biologicamente, somos feitos de muitas partes similares, mas nossa química é como uma chuva de meteoros, chovendo faíscas brilhantes de luz na noite escura.

Mas não é a nossa biologia ou química que mais me preocupa, é a física do nosso amor que vai contra o cosmos.

*Amor é amor é amor é amor é amor é amor é amor é amor é amor é amor

Nota da Autora

Eu percebi que já faz algum tempo desde que a maioria de vocês leu *Maldeamores* (Lovesick) e eu não espero que você se lembre de todos os personagens, então aqui está um pequeno curso de atualização.

Belén Heredia -AKA: *Bey, Len, Lenny, Beylenny, B.* Belén é a heroína da história. Ela é prima de Lucky.

Lucky Cabrera - AKA: *Sorte*. Lucky é o herói da história. Ele é primo de Belén.

Betty Heredia - AKA: *Mami, Tia Betty*. A mãe de Belén, a tia de Lucky, irmã de Awilda.

Awilda Cabrera - AKA: *Titi, Tia Awilda, Ma*. A mãe de Lucky, a tia de Belén, a irmã de Betty.

Jimena Heredia - AKA: *Tía Hemi*. Betty e a irmã de Awilda. Lucky e a tia de Belén, a ovelha negra da família.

Yaritza --AKA: *Yari*. A melhor amiga de Belén, Lucky está dentro e fora do parceiro sexual.

Adam - O homem com quem Belén se casou depois que ela perdeu Lucky. Ele perdeu seu irmão gêmeo Luke enquanto ele estava servindo no exterior.

Lucas: É o filho de Belén e Adam**.**

Jeremy: Belén entra e sai do colegial**.**

Luis: o pai de Belén, tio de Betty**.**

Irma: proprietária do bairro *botânico.*

Além disso:

Antes = Antes

Depois = depois

Depois

Meus braços tremem e veias estão parecidas com vermes estão enormes com um tom esverdeado. Estou tão fodidamente tonto que tenho medo de vomitar. É tortura sendo amarrada a esta prancha. Nós só chegamos a quarenta e cinco graus e o mundo nada incompreensivelmente. Eu não posso dizer náusea de desgraça ou confusão de demência.

—Ponha-me para baixo! — Eu grito para a jovem fisioterapeuta. Tento não direcionar minha raiva para ela, mas a reabilitação parece uma verdadeira tortura. Eu quero gritar: — Eu não tenho o que você quer! Eu não posso te dar o que eu não tenho! — Em vez de informação, o que eles querem de mim é determinação, convicção, uma vontade forte de viver, mas eu não tenho mais essas coisas. Todas as minhas memórias são minhas. Não há futuro para mim se minha cabeça está fodida, minhas costas estão fodidas, até meu cérebro foi ferido. Quem vai me querer se eu não posso nem sentar sozinho? Deitado por três meses e tudo o que eu quero fazer é esmagar a bandeja de comida ao redor da sala. Eu me sinto como um animal de zoológico preso. Um milhão de pessoas cutucando e cutucando, discutindo meu corpo como se nem sequer pertencesse a mim. Enfermeiros da minha idade mudando minha posição ou pior, uma fralda, porque minha parte inferior do corpo decidiu não cooperar com a minha cabeça. Eu prefiro estar morto do que lutar uma batalha que eu não me importo em ganhar.

—Temos que chegar aos quarenta e cinco graus hoje. Apenas dois minutos e eu vou abaixar você—, diz ela.

Quarenta e cinco graus parece um litro e meio de copos de uísque baratos no chão do banheiro da minha mãe. Quarenta e cinco graus são tão fodidos quanto uso heroína, quando você não consegue enxergar direito, não dá a mínima, não consegue se imaginar vivo por mais um maldito minuto. O suor escorre nos meus olhos e não tenho mãos para limpá-lo. Eu cerro meus dentes, seguro minha mandíbula e seguro cada maldita coisa que eu quero dizer.

—Mais um minuto e pronto—, ela diz, sorrindo.

Eu seco. Ela coloca uma bacia de plástico rosa na minha frente. Vou chutar só de sentar, e aqui eu me imaginei correndo por todos os corredores do hospital desde o primeiro dia.

Eu gemo alto e trinco meus dentes. O suor escorre pelo meu rosto.

—Isso machuca, — eu grito. Meus braços estão tão fracos que não conseguem mais suportar nem o peso do meu torso. Tão tonto também, eu juraria que não teria mais drogas e buceta para a vida se eles me tirassem desse carrossel de pesadelo.

—Bom trabalho. Por hoje é isso. Na próxima semana, vamos levá-lo de pé. —

Viva. Eu nem tenho isso em mim para agradecê-la. Minha cabeça cai de volta contra a tábua acolchoada e eu viro meu rosto para longe. *Quarenta e cinco graus*. A cura é mais lenta que a câmera lenta. Uma discussão inútil entre meu corpo e minha mente. Um impasse porque nenhum deles se importa mais.

O sono instantâneo após a terapia traz visões de casa e, claro, Belén. Sonhar com ela me acalma quase tanto quanto causa dor.

Um barulho alto no meio da noite me acorda. Eu quero me sentar, em vez disso, eu finjo como isca fácil, porque é tudo que posso fazer. Mas o barulho acaba por ser uma bandeja estéril que uma enfermeira tomando vitals bateu fora de seu carrinho. Meu coração bate no peito e começo a chover suor. Tudo soa como um tiroteio ou uma explosão para mim, a única diferença é que agora não posso correr. Eu apenas deito aqui como um alvo aberto. Eu suo, estremeço, agito, sinto meu coração furioso no meu peito. Mate-me e dê o fora com isso. Não tenho utilidade para ninguém. Eu tenho um passado mas não tenho futuro.

Às vezes me pergunto se essa é a punição que eu tenho por arruinar Belén. Se for esse o caso, que assim seja. Deixe queimar. Deixe doer. Jogue-me no fogo, deixe as chamas queimarem minha carne e músculo, pele e cabelo. É isso Lucky. Eu mereço isso e não me importo. Purifica-me a nada mais que ossos na areia. Me foda. Me mata. Você nem viu o pior disso. Eu não me perdoo, então não há nada que você possa fazer comigo.

O vidro do deserto fica preso na palma da minha mão como um talismã. Eu não vou desistir ainda. Eu poderia ser amaldiçoado, uma semente ruim, corrompido. Mas se o diabo quiser minha alma, ele pode se foder. Eu já vendi isso.

Antes

—Bey, faça-me um favor e cale a boca! — Eu grito com a minha prima. Ela está pendurada no alpendre onde um bando de gente baixa se reúne. Estamos organizando a distribuição de uma grande remessa que, se a palavra sobre o bloco estiver correta, chega hoje à noite e será distribuída para todos os cantos da vizinhança.

Ela juntou todo o lixo, pontas de cigarros e panfletos da mercearia nos degraus e os colocou em uma sacola. Ela ama um bairro que nunca vai fazer nada por ela, limpa depois de pessoas que nunca, jamais agradecerão a ela. Isso meio que quebra meu coração o quanto ela tenta fazer uma merda parecer bonita.

—Você vem para comer? Mami quer saber se ela deveria fazer um prato para a geladeira ou servir você? Ela está vestindo uma saia jeans e blusa, um moletom desabotoado jogado casualmente em volta dos ombros.

—Geladeira—, eu grunho e agito meu cigarro até a calçada, onde explode em um spray de brasas vermelhas, uma vez que cai na sarjeta. A última tragada, eu exalo no ar denso da cidade. A noite me dá calafrios, as pernas de Bey me dão uma porra de tesão como o pervertido que eu sou.

Prima Hermana (irmã), eu canto para mim na minha cabeça. Que porra de suja você deve ser, de pensar em bater fundo na pessoa que compartilhou sua cama de infância?

—Agora dê o fora daqui, Bey. —

Que erro estúpido, olhar para cima para pegar o rosto dela. Ela morde o lábio para evitar que as lágrumas enchesse seus olhos. Se eu pudesse ter uma interação com Bey que não incluísse ela ficar chateada, eu teria que me ajoelhar e agradecer a Deus pelo favor.

—Você pode trazer para mim? —

Tudo o que eu preciso é que uma porra de um negócio tenha sido ruim, um tiroteio ou um esfaqueamento aqui, e Tia Betty mandará Bey para longe para um convento para sempre. É tudo menos seguro quando uma remessa chega e os cantos são carregados. Todo mundo está empacotando e as tensões estão altas.

—Eu já volto—, diz ela. Equilíbrio restaurado, e olhos brilhantes. Esquilo ansioso. Cachorro. Não, gatinha.

Tudo o que tenho que fazer é ser legal.

Por que, de todas as pessoas que ela poderia escolher, ela busca *minha* aprovação?

Eu a encontro no meio da escada porquê de jeito nenhum ela está saindo de novo. Eu apenas bufei uma linha. O nariz não para de pingar. Eu limpo meu lábio superior com as costas da minha mão. Esconda a evidência. Distraia ela. Eu esfrego meu nariz limpo. Lambo meus dedos. Empurro minhas mãos nos bolsos do meu jeans. Mantendo Bey no escuro, a mantém inocente. As drogas me mantêm são. É a única receita que funciona para nós.

Ela tem um prato cheio embrulhado em papel alumínio e um guardanapo enrolado em utensílios. Me dá isso e sorri como se eu merecesse ser cuidado.

—Você tem algo em seu rosto—, diz ela. Eu começo a limpar meu nariz, então meu rosto todo com a minha mão.

Nervos fluem em relâmpago rápido. Minhas articulações fazem creek, meus dentes rangem, eu trabalho minha mandíbula uma ou duas vezes e me jogo na escada e puxo o papel alumínio para trás. Bey senta ao meu lado e cruza os braços. Estou tão longe da fome que a comida parece um objeto estranho. Um brinquedo de plástico, gorduroso, frio. Difícil imaginar colocar na boca, toda a coordenação necessária para mastigar e engolir.

Tente agir normalmente. Meu coração bate, meu sangue jorra pelas veias inundando meu cérebro. Eu me sinto inteligente. Rápido. Poderoso. Eu sinto que eu poderia pegar Bey, dobrá-la debaixo de mim e foder o inferno fora dela, aqui e agora.

—Eu poderia pegar uma bebida para você? —, Ela diz.

—Sente-se e fique—, eu grito.

Tente melhorar seu tom com Bey. Ela é uma criança do caralho. Sensível. Seja legal. Eu sou volátil como uma merda quando estou com raiva. Não há nenhuma maneira no inferno que ela não perceba.

Eu olho para o frango, arroz e banana frita, bato um pouco com o garfo. Eu o cubro de novo e coloco na escada ao meu lado. —Bey, eu não posso comer agora, me desculpe. —

—Amanhã é um dia de escola—, ela afirma com naturalidade.

—Sim, para *você de* qualquer maneira. — Eu sento em minhas mãos porque não posso mantê-las paradas. —Bey, você vai para a escola. Faça o seu melhor. Derrube-os com esse seu cérebro e mostre a todos os inimigos que uma garota das alturas pode ser tão inteligente, tão bom quanto o resto deles. Melhor, na verdade. Você será a melhor. —

Minhas palavras saem rápido demais, em vez de plana, são afiadas, abrasivas mesmo. Mas ainda assim, quero dizê-los. Não há dúvida em minha mente que ela fará grandes coisas.

—Por que você está falando como eu nunca vou te ver de novo, estúpido? —

Eu sinto que algo ruim está chegando, como se eu estivesse pronto para dizer adeus a qualquer momento. É apenas um sentimento, mas você nunca sabe. E se a merda der errado, eu quero que ela continue fazendo a coisa dela.

—Prometa-me que você vai. Nunca desista. —

Ela inclina a cabeça no meu ombro depois de revirar os olhos para mim. —É a porcaria que você coloca em seu corpo que faz você pensar que o mundo está acabando. —

Eu aceno muito rápido. Esfrego meus olhos com as palmas das minhas mãos.

—Lucky, é só jantar e eu, sentado na escada do nosso prédio de apartamentos de baixa qualidade. —

Antes

Seu nome é Adam e é ele quem me persegue, e não o contrário. Eu nunca iria atrás de um relacionamento, não depois do último quase me matar. Foram necessárias três entrevistas para garantir minha posição no hospital. O último foi com o gerente de projeto que está deixando a posição, e nós tínhamos muito em comum, talvez demais. Ele é esperto. Interessado. Ele me traz café.

Esperança. Um futuro. Eu posso construir uma nova vida. Talvez haja vida além de amar Lucky. Talvez Adam possa ser o remédio que preciso recuperar. Todo mundo fica com o coração partido em algum momento ou outro. Eu levanto meu queixo para cima, mantenho meus ombros retos e digo a mim mesmo que só vai melhorar.

O namoro é doce. Nós não trabalhamos exatamente juntos, não no mesmo laboratório, mas ambos empregados pelo ramo de pesquisa do hospital, então nos vemos todos os dias.

Compartilhamos nossas histórias tristes primeiro para tirá-las do caminho. Eu tenho o futuro em minha mente e vou em direção a ele com convicção, Lucky ou não Lucky, eu farei o melhor com o que me foi dado.

Ele cozinha para mim e é terrível. Eu cortei o peixe com uma faca e a carne é dura e seca; Temo que ele tenha pescado no rio Hudson.

—É delicioso. Amanteigado—, eu digo. Engula, sorria, repita. Tem gosto de um balde de cabeças de peixe fedorento. Eu me pergunto se ele tem o —gringo especial— do marisco local..Aqueles peixeiros descobriram que a maneira mais rápida de tirar os negócios da vizinhança era envenená-los lentamente. Eu tento ser discreta enquanto tiro uma espinha de peixe da boca e a escondo no guardanapo. Quanto ao arroz amarelo, tenho certeza que veio de uma caixa. Eu examino o balcão em busca de provas do tio Ben ou do Rice-a-Roni. Ele até comprou flores frescas. Eu quero chorar, ele é tão legal.

—Eu acho que você é a mulher mais linda que eu já coloquei os olhos. —

Eu poderia realmente chorar. Adam é tão sincero, tão genuíno. Chardonnay lava o sabor dos peixes. Eu engulo e deslizo meu copo em sua direção para mais.

—O que você acha da equipe? — Ele estuda meu rosto porque ele se preocupa com as minhas respostas.

—Adoro eles. Inteligentes e engraçados. Tão bom para trabalhar. Eu realmente me dei bem com Valerie. Eu também gosto do Cole.

—Todo mundo tem apenas coisas boas a dizer sobre você. —

Sua sala de estar é moderna, grande, mas ainda aconchegante. Duas mesas finais com lâmpadas que moldam a sala em um amarelo suave. Eu puxo minhas pernas para cima de mim e me inclino em seu peito é natural. Nós bebemos mais vinho e falamos sobre o trabalho, o bairro é bom, Adam é dono do seu próprio apartamento, ele comprou assim que conseguiu o emprego no hospital. Nós rimos de como as mulheres mais velhas do prédio o tratam. Ele tem alguém que lhe dá pratos de jantar no domingo, ela apenas os empurra para ele porque ela não fala inglês.

—E um dos casais mais velhos lá embaixo me encurralou no corredor. Acho que a esposa queria que eu ouvisse os pulmões do marido. Eu disse a eles que não era médico, mas acho que não acreditaram em mim. —

—As pessoas fizeram isso com a minha mãe quando estava cescendo também. Ela era uma técnica de radiologia e uma auxiliar de saúde em casa. As pessoas praticamente pediram que ela fizesse check-ups na esquina porque ela usava roupa de hospital. —

—Você está fantástica em seu uniforme. —

Eu sorrio, olho para o chão e faço contato visual com ele. Não estou acostumada com esses elogios evidentes. Ele é tão direto e honesto, ele é completamente sincero comigo.

—Você está ótima neles também. — Meu dedo encontra o caminho para a minha boca como quando eu era criança. Eu absolutamente, totalmente, realmente, *realmente* quero as mãos dele em mim. Eu também sinto essa pressão profunda no meu intestino para explicar o meu fetiche, minha obsessão sexual, o

que você chama. Mas quando ele se inclina e me beija, eu acho que talvez eu deixe isso passar. Sua boca é quente e convidativa e estou de volta a ser uma jovem em admiração pela masculinidade, a coloco a mão em sua nuca em sua mandíbula, o forte aperto de seus dedos em minhas costelas. O cheiro almiscarado e quente de sua pele e a protuberância em suas calças que faz sua presença conhecida imediatamente. Eu me sinto tão desesperado por atenção masculina, tão carente. Eu anseio por seu conforto, seus braços fortes, a segurança que ele me dá.

—Nós podemos levar isso tão lento quanto você quiser, Belén, tão lento quanto você precisar. —

Eu o beijo de volta com força e deslizo minha mão em suas calças.

Seis semanas de sexo frenético depois e já estávamos grávidos.

Depois

—Você está pensando em mandar Luke para a escola pública ou privada? — Minha colega de trabalho Valerie me pergunta enquanto digitalizamos nossos crachás para entrar na área segura de testes de laboratório do hospital. Estamos lidando com um surto de Ebola na cidade no momento, então nosso procedimento de segurança de laboratório geralmente restrito se tornou ainda mais assustador nas últimas semanas. Temos que entrar no registro onde um guarda fica logo depois da porta.

—Eu sou toda para público. Ou católico. A escola particular é escandalosa na cidade. Eu prefiro colocar o dinheiro em um fundo e guardá-lo para a faculdade! —

—Estamos fazendo um monte de loterias para escolas charter. Você foi para católico, certo? Você era um boa garota, Belén? Não consigo imaginar que você não fosse. —

Eu não sei porque a pergunta parece que está abrindo velhas feridas. Por que puxa a costura do meu coração cuidadosamente reconstruído. No fundo, não acredito que seja bom.

Eu era uma boa garota? Minha mãe diria —sim—. É doloroso porque minha infância estava transbordando de incerteza. Muito da escola católica passei a imaginar se era ou não uma pecadora sem esperança, se estava maculada e doente por abrigar sentimentos não naturais em relação à meu primo. A pergunta simples rasga o papel de parede alegre e florido que eu tão cuidadosamente coloquei para cobrir toda a tinta descascada, as rachaduras profundas e fissuras na parede da minha consciência.

—Eu não sei, Valerie. Eu acho que sim. Até certo ponto, pelo menos. Eu sempre agonizei com a ideia. Se eu não fosse pura em pensamento, certamente era puro em ação. Com algumas exceções.

—Uau, parece que você pensou muito sobre isso. Eu estava apenas brincando, Belén. As crianças são crianças—, Valerie diz rindo. Ela veste o jaleco e bate no armário. —Quer andar de trem juntas? Você sai às cinco horas? —

—Sim claro. Eu estava indo só para pegar as chaves da sala de suprimentos e derrubar todas as prateleiras e frascos de amostras para o teste amanhã. —

—Tudo bem. Até logo. Obrigada pelo almoço. —

Eu abotoo meu jaleco e coloco meus óculos de plástico na cabeça. O armário no corredor tem um carrinho móvel que eu posso levar para o depósito e carregar com suprimentos. Às vezes, o transporte cuida disso se for uma carga pesada, mas eu gosto de fazer isso sozinha sempre que tenho a chance. Apela ao meu senso de ordem. Rotular e organizar às vezes alivia minha ansiedade. O mesmo acontece com a limpeza. A meditação ajuda a enxotar o *que se* passa com frequência em minha mente, como uma fita infinita, de ter uma vez, o que parece uma eternidade atrás, e se apaixonar dolorosamente por meu primo.

Antes

Yari está rabiscando nomes de meninos em todo o seu caderno. Estou tocando minha caneta nos dentes, absorvendo tudo o que o Sr. Ranesh está dizendo. Eu amo essa aula e desejo que meu dia inteiro seja tão emocionante.

Eu copio todos os seus desenhos eles me ajudam a lembrar a história por trás das anotações quando estou estudando. Eu desenhei como as células geralmente se agarram em um cluster logo após a concepção. Em seguida, outro desenho logo abaixo de como às vezes a massa cede e as células se dividem, formando dois seres separados. Parece lindo para mim. Gêmeos. O que talvez foi para ser um, de alguma forma, pela força de Deus ou do universo, se divide em dois. Então os

conjuntos individuais de células começam a se dividir, indo cada um para seu próprio caminho, lado a lado, diferentes, mas com um núcleo que contém DNA idêntico.

Cara, você está quente para o Sr. Bigode? Yari rabiscou em seu caderno e deslizou na minha frente. Nós nos sentamos quatro para uma mesa de laboratório alta com um banquinho de cada lado. Yari olha para mim e ri e finge limpar a baba dos lábios.

Eu acho que estava olhando. Eu me perco em suas palestras. Estreitando os olhos para ela, mostro-lhe um olhar sujo. Ela coloca a língua para o lado em uma imitação exagerada do meu rosto.

—Engraçado, Yari—, eu digo um pouco alto demais.

—Belén, você tem alguma pergunta? — Sr. Ranesh pergunta, parando sua palestra.

—Hum. Não, continue. Está tudo bem—, digo, deslizando o caderno de volta para Yari. O sino toca para me salvar de mais humilhação. Eu desenho um círculo rápido em torno dos agrupamentos de células idênticas que se dividem em seu próprio ritmo, destinados a caminhos diferentes, mas essencialmente os mesmos, indistinguíveis uns dos outros até que o nascimento e a vida os separam.

—Vamos pegar pizza e sentar nas escadas onde os garotos das casas de Audubon saem. —

—Você vai. Eu vou encontrar você. Quero perguntar ao Sr. Moustache algumas coisas sobre a palestra.

Yari sorri com um sorriso conhecedor e empilha seus livros, jogando-os em uma pilha o mais desagradavelmente possível. As costas do Sr. Ranesh estão viradas enquanto ele apaga a lousa. Eu levo meu caderno comigo e coloco minha caneta atrás da minha orelha.

—Bey! — Yari grita e eu volto a olhar para ela. Ela usa a língua na bochecha e um punho frouxo para imitar a linguagem de sinais universal para um boquete. Às vezes não suporto minha melhor amiga. Outras vezes, gostaria de poder ser mais parecida com ela.

—Talvez você faria, Yari. Eu estou... Oh, apenas vá! — Eu digo, acenando para ela. Todos os garotos são arrebatados por sua ousadia. Eles riem e um deles cumprimenta ela.

—Sim, Belén, leve um para o time! —, Ele diz quando saem juntos da sala de aula. O que diabos ele quer dizer? Às vezes o ensino médio parece tão imaturo. Eu sou uma alma velha, como Mami diz. Eu já andei nesse caminho antes.

—Hey, Sr. Ranesh—, eu digo e enfio meu cabelo perdido atrás da minha orelha.

—Olá, Belén. Desculpe, eu não vi você de pé aí. —

—Posso lhe fazer algumas perguntas sobre a palestra? —

—Claro, o que você tem em mente? —

—Então, você disse que os gêmeos fraternos compartilham cerca de cinquenta por cento do mesmo DNA e gêmeos idênticos compartilham cem por cento. E os irmãos normais?

—Boa pergunta, uma que eu deveria ter mencionado em aula. Apesar de ser concebido e ter nascido ao mesmo tempo, os gêmeos fraternos compartilham aproximadamente a mesma quantia que os irmãos normais. Gêmeos fraternos são dois ovos separados, como outros irmãos, enquanto gêmeos idênticos são o mesmo ovo. Você me segue? —

—Sim. —

—Quando o óvulo é fertilizado, temos o zigoto totipotente que nada mais é do que o potencial do que será o humano concebido. Nós não sabemos o que faz o zigoto se dividir e formar gêmeos idênticos, mas sabemos que a maior parte do que vamos nos tornar já está escrito nesses genes fraternais ou idênticos, todo o mapa está lá, apenas esperando para se desdobrar. Desde as pontas dos cílios até os dedões dos pés, e não é apenas isso, alguns cientistas teorizam que eles até determinam quanto leite você vai querer no café ou até quando vai chegar ao trabalho. —

Penso nas pestanas escuras de Lucky e em como elas se agitam quando ele adormece. Seus pés, que parecem idênticos aos meus pés, um fato que descobrimos enquanto vadeamos na fonte em um verão no Washington Square Park. Mas Lucky disse que os meus eram mais bonitos que os dele, porque minhas unhas estavam pintadas de rosa. Eu me lembro do cheiro da água em sua pele naquele dia, como ele agarrou minha mão e me desafiou a pular na fonte com ele.

—Que tal nutrir o ambiente? —

—Bem, isso é psicologia, se você me perguntar, mas ainda relevante, e sim, há muitos dados por trás desses argumentos.

— Ranesh empurra os óculos até o alto da cabeça, pega um livro de sua mesa e começa folheando as páginas.

Eu puxo minha caneta e bato nos meus dentes.

—Sabemos que as células já começaram a se diferenciar antes de ocorrer uma separação idêntica de gêmeos, mas quanto a isso, é muito difícil dizer. Para o olho casual, vamos ver algo que parece muito semelhante na superfície, mas por baixo sabemos que a expressão gênica é diferente. As personalidades dos gêmeos idênticos podem ser tão diferentes quanto os irmãos normais.

Ele me mostra uma ilustração no livro de biologia que se parece com a que ele desenhou no quadro durante a aula.

—E os primos? Qual a porcentagem de DNA que eles compartilham? —

—Primos em primeiro grau? —

—Sim, primos em primeiro grau. — Eu mudo meus pés e não posso deixar de olhar para o chão. Calor sobe no meu rosto e meu coração despenca na minha barriga, onde ele fracassa como um peixe no meu estômago.

—Quero dizer, existem diferentes cenários, se os irmãos pais eram gêmeos, por exemplo -—

—Não, apenas irmãos. —

—Se as irmãs se casassem com dois irmãos de outra família, criando primos duplos, seu DNA seria significativamente mais—

—Ambos se casaram com porto-riquenhos, mas apenas primos regulares—, eu digo e sorrio um pouco com a minha própria piada.

—Oh, você está perguntando por si mesmo? Sobre sua própria família? —

—Sim. Apenas curiosa. —

—Oh, sim, está certo. Acredito que tive um de seus primos em sala de aula, Lucky Cabrera. Garoto brilhante se pudesse prender sua atenção por mais de um minuto. —

—Eu só tenho um primo nessa escola. Esse é ele. Lucky. —

—Bem, Belén, você e seu primo provavelmente compartilham em torno de sete pontos três a doze pontos cinco por cento de DNA similar. Meio DNA porto-riquenho, isto é, —o Sr. Ranesh diz e sorri com uma piscadela.

—Sete a doze e meia, hein? Uau, você é muito rápido com esses números. —

—Eu amo sua curiosidade, Belén. É ótimo ter você na aula porque sempre sei que pelo menos *uma* pessoa está ouvindo a minha palestra. —

—Obrigada por responder minhas perguntas! —

—Sempre que você tem perguntas, fico mais do que feliz em ajudar. Viu a folha de inscrição para Química AP para juniores? Há um lugar para você nessa aula, Belén, tenho certeza absoluta disso. —

—Eu fiz. Eu ia me inscrever. Uma outra pergunta, Sr. Ranesh—, eu digo.

—O que é isso? —

—Por que os requisitos científicos estão na ordem que eles fazem? Biologia, química e depois física? Existe algum tipo de razão empírica para a ordem ou é apenas arbitrária? —

—Outra ótima pergunta! Você não está sentindo falta do seu almoço? —

—Eu não estou com muita fome—, eu digo e dou de ombros, colocando meus livros na minha mochila.

—Bem, a resposta mais fácil e direta é que é ordenado dessa maneira por causa da matemática. Você tem que usar álgebra, cálculo e até trigonometria para descobrir algumas das fórmulas aplicadas que você encontrará na física —.

—E a outra resposta? —

—Você tem caneta azul em seus dentes. —

—Hã? Oh, obrigada, —eu digo, esfregando as costas do meu dedo em meus dentes.

—Lembre-se, você está perguntando a um biólogo. Mas eu diria que é porque, primeiro, precisamos entender o organismo antes de começarmos a observar suas interações. Então, quando olhamos para suas interações, podemos passar para as leis que o governam. Isso faz sentido? —

—Tipo de? —

—Vamos colocar assim. Podemos primeiro identificar *você* e o que faz de você o *que* você é. Essa é a biologia. Então podemos ver como você interage com outras coisas. Essa é a química. Então, podemos ver como *você* e todas as *outras coisas* são influenciadas por tudo ao seu redor. Essa é a física. —

—Entendi. Eu perguntei à minha mãe e adivinhe o que ela me disse? —

—Essa biologia foi a mais fácil e a física foi a ciência mais difícil de lidar? Muita gente acredita nisso, Belén, mas eu tenho que dizer que é errado supor. A biologia pode ser tão complexa quanto qualquer outro campo—.

—Você não conhece minha mãe, Sr. Ranesh. Ela me disse: —Biologia é *vida*, química é *vida* e física é destino—.

—Ela é uma mística, sua mãe. Eu gosto de como ela está pensando, mas eu sugiro que você guarde isso para sua aula de literatura, ou talvez, igreja. —

Eu ando pelo corredor vazio e silencioso em direção aos degraus onde prometi a Yari que a encontraria. Os garotos ficarão envolvidos em suas piadas pesadas e constantes, provocações pervertidas. Penso em Lucky e me pergunto sobre o momento em que suas primeiras células começam a se dividir, decidindo o desenho da marca de nascença marrom em sua panturrilha esquerda. O piscar rápido que ele faz para que você saiba que ele está do seu lado. O balanço em seu passo e o tom áspero de sua voz quando ele acorda pela manhã.

Eu amo o organismo vivo naquelas primeiras células formadas. Eu adoro quem ele se transformou, cada peça, cada parte dele. O que quer que tenha feito Lucky, seja Deus ou biologia, envolveu-o com tanta força no meu coração que às vezes fico sufocada. Lucky e eu somos feitos de muitas partes similares. Mas nossa química é como uma chuva de meteoros, chovendo brilhantes faíscas de luz na noite escura. A biologia provoca a nossa atração e é também a razão pela qual temos que nos separar. Mas é o destino que mais me preocupa e que não consigo controlar.

É a física do nosso amor que discorda do universo.

Antes

Ela me encurrala na escada enquanto eu estou fugindo para o parque. Mochila no ombro, cabelos puxados para cima em um coque bagunçado, um lápis enfiado, mal segurando tudo junto.

—Lucky, entenda isso, compartilhamos de sete a quase treze por cento de DNA idêntico. Estou realmente surpresa porque achei que seria mais do que isso —.

—Do que diabos você está falando? — Eu digo, então olho por cima do meu ombro para esconder minha ansiedade e o sorriso automático que aparece no meu rosto sempre que ouço sua voz. —Por que você acha que seria mais? —

—Eu não sei. Porque os irmãos são cinquenta por cento e, não se lembra da unidade? Foi só no ano passado. Primos duplos são mais altos e... —

—Espere, espere. Que diabos são primos duplos? Do que você está falando, Belén? —

Estou automaticamente preocupado que ela saiba de algo. Alguém tem falado com ela e ela acabou de descobrir sobre sua mãe e seu tio?

—Primos duplos. Como se nossas mães tivessem se casado com irmãos, mas eles não o fizeram, não somos. —

—Se eles se casarem com seus irmãos? Quem diabos faz isso? —

—Não são deles, como se tivessem se casado com irmãos. Esqueça, Lucky. Você obviamente não se lembra. Vá passear no parque com seus amigos. —

Meu coração está batendo porque eu pensei que ela estava em algo. Mas Bey está apenas divagando sobre a aula de ciências e eu já estou esperando o pior que poderia acontecer dela saber o quanto estamos relacionados.

—Merda, Bey. Você é louca. Você sabe disso? —

—Eu obviamente tenho os genes para o cérebro e você tem a aparência. —

Ela sorri para mim como se estivesse fazendo uma piada, mas eu não rio ou acho engraçado. Por que ela nunca vê como

ela é bonita? Ela não tem ideia do quanto eu posso conseguir apenas olhar para seus lábios.

—O que você quer dizer, Bey? Você é linda. —

Eu não posso acreditar que eu disse isso. Nossos olhos se conectam por um segundo e tantos movimentos entre nós que as palavras não são necessárias. Um flash em seus olhos mostra medo, mas há mais emoção do que isso. Eu tenho o desejo de agarrá-la, batê-la contra a parede e beijar a foda viva dela. *Oh Deus, Len, o que você faz para mim com um olhar.* Só um contato visual e eu saí em fantasias do que eu poderia fazer com ela. Ela é delicada e tão jovem e melhor que meus pensamentos sujos.

E às vezes eu juro que ela é a única pessoa que realmente me vê. Eu posso esconder a merda de todos, minha própria mãe incluída. Mas Bey tem essa maneira louca de olhar através de mim. Ela pode ver as partes boas e as partes ruins, ler meus sentimentos como uma cartomante e reconhecer minhas besteiras de uma milha de distância antes mesmo de tentar encobri-lo. Ela pode ouvir a verdade em minhas mentiras como ninguém mais.

—Vá estudar, garotinha. Eu tenho coisas para fazer. —

Meus pés começam a correr descendo os degraus com uma mente própria. Eu não posso ficar por perto ou *vou* puxá-la para os meus braços. Eu só quero beijar seu pequeno nariz doce, mas isso levaria a algo maior, eu definitivamente sou capaz de piorar. Eu não sei o que eu faria com ela se estivéssemos sozinhos e deixássemos para nossos próprios desejos. Mas eu tenho uma ideia e isso me faz dar o fora da situação.

—Onde você está indo, Lucky? — Ela grita enquanto se inclina sobre o corrimão. Estou fugindo dela,
estou *sempre* fugindo dela.

—Fora, Bey! Vá terminar seu dever de casa. — Paro e olho para ela. Meu coração está acelerado, sinto-me tonto. Eu não preciso de drogas com Bey por aí, eu fico alto apenas conversando com ela. Ela é a coisa mais linda que eu já vi. Bochechas coradas, necessidade nos olhos dela e um corpo que nunca está longe da minha mente.

—Nós somos treze por cento o mesmo, isso deixa oitenta e sete por cento que somos diferentes—, diz ela e sorri para mim. Seu sorriso é a chave para desbloquear tudo o que é bom no universo. Eu sorrio de volta como um tolo quando a felicidade flui através de mim de se aquecer. Eu estou bêbado de amor com Bey e fico de pé e olho como um idiota. Se alguma coisa acontecer com ela, acho que morreria de solidão. De jeito nenhum eu poderia lidar com isso. Eu quero protegê-la do mal e, ao mesmo tempo, liberar o meu pior para ela. É um sentimento fodido e me faz tropeçar em círculos. Se eu não posso tê-la, com certeza não vou deixar mais ninguém a tocar.

—Você sabe o que, Lucky? Você é esquisito—, ela diz e abre o caderno. Ela arranca um pedaço de papel e o dobra na minha frente.

—Você sabe o que, Bey? — Eu pergunto. Estou prestes a dizer algo idiota. Algo que vai jogar mais e mais na minha cabeça e eu vou me arrepender no momento em que sai da minha boca.

—O quê? — Ela diz e deixa cair o papel, as dobras dão peso e pousam aos meus pés.

Eu me inclino para pegá-lo e seguro-o na minha mão. Eu não posso dizer a ela como me sinto. E se ela superou? Eu dei a ela seu primeiro beijo, talvez eu fosse apenas uma pessoa em quem ela pudesse confiar, alguém para praticar.

Mas Cristo, aquele beijo na frente da geladeira foi como nenhum outro beijo. Eu penso nisso toda vez que a vejo, toda vez que olho para os lábios dela. Eu beijei um monte de garotas e nunca senti nada parecido. Um tiro de heroína direto para o meu coração e um raio para o meu pau.

Talvez ela tenha se mudado para outros caras? Até o pensamento me faz querer dar um soco em alguma coisa, ou melhor ainda, em alguém. Eu golpeava seu maldito rosto, quem pensar que pode tocar em Belén e sujar sua inocência. Minha raiva e frustração estão sempre dois passos à minha frente.

—O que você ia dizer, Lucky? —

Eu enfio o bilhete no bolso de trás e começo a descer as escadas.

—Não, Bey. Eu não vou te dizer. Eu não quero que você tenha muitso pensametos sobre isso. —

—Gosto de voce?Lucky, você é impossível—, ela bufa, e eu posso ouvir seus pés subindo as escadas. Eu ri da atitude dela, mas ao mesmo tempo meus olhos estão lacrimejando e eu os enxugo com as costas da minha mão. Eu sou um merda assim. Eu tenho que me controlar.

Desdobro o bilhete e o leio, rabiscando em caneta rosa.

—Lucky é treze por cento de mim e eu sou treze por cento dele. —

Treze é um número de azar, eu acho que quando eu amasso o pedaço de papel e jogo em uma janela aberta na escada.

Depois

Está tão quieto no décimo primeiro andar do hospital. Às vezes eu fico um pouco assustada, especialmente quando eu pego um carrinho de armazenamento com rodas estridentes como o que estou empurrando agora. O corredor fica muito longo e eu começo a evocar visões de *O Iluminado.* Muitos dos quartos estão vazios aqui e uma grande parte é usada apenas para armazenamento. Às vezes, há um atendente sentado em uma mesa em frente ao antigo laboratório que agora abriga equipamentos, mas apenas se tivermos um grande número de doenças infecciosas em casa ou algum outro patógeno perigoso que seja um ingrediente necessário para qualquer que seja o teste condução.

A mesa está vazia hoje, ou a segurança está pronta para almoçar ou não guardando algo que tem precedência sobre meus vinte e cinco cem frascos vazios de sangue. Espero que tenhamos um bom estoque porque aprendi minha lição depois de pedir emprestado de flebotomia uma vez e ser mastigada na frente de todos.

A entrada é de cartão-chave e o meu desapareceu na semana passada. Luke provavelmente jogou na lata de lixo ou levou para a escola com ele. Eu tenho uma carteira de identidade temporária, mas recebo o zumbido sem autorização e a mensagem de erro toda vez que eu a coloco na fechadura, então eu a coloco lá mais e mais forte e ela se recusa a se registrar.

—Pedaço de merda! — Eu exclamo. Os caras do escritório de recursos humanos me prometeram que funcionaria. Eles provavelmente mudaram os códigos para alguma violação estúpida na segurança e agora toda a minha tarde será filmada tentando obter uma nova que funcione. Eu ando até o telefone vermelho na parede e disco para a segurança.

—Estou no décimo primeiro andar do South Wing Lab e meu cartão de acesso não está funcionando. —

—Você vai precisar de um distintivo atualizado, minha senhora—, diz a secretária eletrônica.

—Estou esperando a minha permanente chegar pelo correio. Alguém por favor pode me deixar entrar? Tudo o que preciso são frascos, sem acesso restrito. Você pode até me ver fazer isso. — Eu cruzo meus dedos no bolso do meu jaleco. Às vezes a burocracia neste lugar me faz não querer trabalhar aqui. Talvez um laboratório que não fizesse parte de um hospital em funcionamento pudesse de fato realizar algum trabalho em vez de desperdiçar tanto tempo com regras e procedimentos.

—Senhora, digite seu código de acesso restrito de dez dígitos no teclado da porta. Se isso te der uma luz verde, vou te falar remotamente, mas só dessa vez. —

—Oh, muito obrigada! Você acabou de fazer o meu dia—, eu digo animadamente e olho por cima do meu ombro. Eu odeio estar aqui sozinha. Eu sempre fico com o medo irracional que vou ficar trancada da noite para o dia. Tem que dormir no chão frio cercado por doenças incuráveis. —

Eu entro no código e a luz pisca em verde.

—Eu entrei com o meu código—, eu digo.

—Ok, autorização concedida—, diz ela e a porta zumbe alto.

Eu grito: —Obrigada! —, E bato o telefone de volta no gancho, abro a porta assim que ouço o clique, tiro o meu sapato esquerdo e o enfio na porta para evitar que ela se feche atrás de mim.

Antes

Yari bate na porta da frente e entra no apartamento ao mesmo tempo. Às vezes eu sinto como se ela ainda entrasse, abrisse uma lata de refrigerante e caísse no sofá mesmo se eu não estivesse em casa. Ela não vem a este edifício por *minha* causa,que eu tenho certeza.

Seu rosto está vermelho e seu cabelo está bagunçado. Um lado de sua blusa é puxado para baixo um pouco baixo para que você possa ver seu sutiã. Eu acho que ele estendeu isso. Talvez ele seja bruto? Eu me pergunto como seria ter as mãos dele em cima de mim, procurando meu corpo para sua satisfação. Para tê-lo em cima de mim, *dentro de mim,* desesperado por eu aliviá-lo. Eu quero tanto que dói, vira meu estômago. Eu odeio quem eu sou e em que isso me transforma.

Yari corre os dedos pelos fios emaranhados enquanto eu olho para ela.

—Cadela, o que? Eu tenho algo em mim? —

Eu olho para baixo e coro. Eu sempre fantasio sobre como é entre os dois. Eu imagino isso com tanta força que fico sem fôlego com as visões que minha mente pode inventar.

—Ele nunca quer abraçar. Ele nem vai me beijar depois que ele gozar—, grita Yari da cozinha. Ela está olhando para as sobras, então ela vasculha os armários. Eu a ouço abrir um refrigerante e pegar um saco de batatas fritas. Yari não tem vergonha de gritar essas coisas em voz alta para minha mãe ouvir. Ela não está em casa, mas Yari não sabe disso e não se importa, ela disse ainda pior quando a Mami *estava* aqui.

Eu não sei se ela está me dizendo porque ela quer simpatia ou se ela está fazendo isso para ter uma saída de mim. Yari tem tudo que eu quero e ela nem gosta disso.

Ela volta para a sala de jantar mastigando batatas fritas, e algumas peças entornam seu peito. Ela olha para baixo para

limpar as migalhas, diz: —Opa—, e puxa sua camisa para cobrir o seio.

—Talvez ele não goste de beijar? Ou talvez ele se sinta culpado depois, então ele não quer sair? — Eu sugiro, ainda olhando para sua pele corada, como os fios de cabelo de sua têmpora parecem estar molhados de suor. Por que eu tenho que consolar minha melhor amiga enquanto ela se queixa de fazer sexo com o único garoto que eu já amei?

Yari mergulha no saco por mais batatas e encolhe os ombros.

—O que ele está fazendo agora? —

—Drogando-se-. O que mais? —Ela mostra a língua para mim e tira o peito de novo. —Esse é o trabalho de biologia? Cara, posso copiar? — Aqui, deixe-me pegar um pedaço de papel. Ela puxa uma cadeira e começa a rabiscar minhas respostas no papel que eu entrego a ela.

—Ele vai saber que você copiou, Yari. Bigode não é burro. —

Ela continua rabiscando e não me responde.

—Você deveria mostrar o seu trabalho. —

—Sim, mas ele não será capaz de provar isso e, além disso, eu tenho que passar essa merda de classe! —

Yari come todo o saco de batatas fritas enquanto copia minhas respostas. Eu cruzo minhas pernas no meu lugar e aperto minhas pernas trêmulas juntas. Não sei se estou excitada

por Yari ou imaginando-a com Lucky. Eu sou uma pervertida maior do que os dois, apesar de ainda ser virgem. Eu agacho na cadeira e quase gemo em voz alta. Estou fingindo fazer minha tarefa, mas Yari continua me encarando toda vez que ela olha para cima. O fato de que ele acabou de tocá-la está despertando como nada mais. As sensações que nadam dentro de mim estão subindo para o topo. Não consigo parar de olhar para os seios de Yari e seus lábios inchados e pensando em Lucky tocá-los.

—O que, cadela? Você está me deixando nervosa! — Yari grita quando ela olha para cima novamente.

—Eu não sei, me desculpe! Eu só acho estranho você ir fodê-lo e depois vir aqui logo em seguida. Você parece como fez sexo. Você até cheira a sexo, e Yari, ele é meu primo. É como ter algum respeito por mim e minha família. Ou tenha algum respeito por si mesma. —

Os olhos de Yari se arregalam e ela abre um sorriso. Seus dentes são brancos brilhantes e seus lábios, um vermelho profundo natural. Ela estende a mão e agarra minha virilha bem no meu jeans e eu posso sentir o calor de seus dedos queimar através do pano.

—Meu Deus! —

—O que? —

—Você gosta disso, Belén. Puta merda, sua maldita pervertida! Você gosta e quer um pedaço, mas é muito boa para admitir isso. —

Eu pulo do seu toque e guio minha cadeira pelo chão.

—Me deixe em paz! *Você* é a maldita pervertida! —

—Oh, como se eu não vejo o jeito que você olha para mim! Você quer me foder também, Bey? Venha pegar um pouco, eu vou compartilhar! — Yari acaricia-se entre as pernas e empurra seus quadris em minha direção.

Eu corro para o meu quarto e me forço a ignorar o fogo que sua mão acendeu quando ela me tocou no mesmo lugar.

—Jesus Cristo, Bey. — Bem! Fugir! Finja ser uma puritana e uma boa garota para quem a comprar. Pelo menos não estou com tesão pelo meu primo. —Você é uma aberração e tão assustada porque ninguém gosta de você desse jeito, — Yari grita e a porta da frente bate aberta.

Ótimo! Minha mãe. Agora vou me aterrar além da humilhação. Obrigada Yari.

—Ninguém gosta de quem gosta do que? — Lucky pergunta e eu morro por dentro quando ouço sua voz.

Oh Deus, Lucky, que tempo!

Estou aquecida e respirando com dificuldade e tudo o que posso pensar é me tocar. Meus mamilos estão totalmente eretos e onde ela me agarrou é um centro ardente de saudade. Eu não posso mais segurar isso.

—Ei, baby—, diz Yari, toda suave e feminina, minhas entranhas se tornam líquidas e ameaçam descarregar no chão do meu quarto. Eu bato a porta. Fecho o trinco que minha mãe e eu discutimos por semanas antes que ela concordasse em me deixar instalá-lo. Eu me sinto segura neste espaço. Eu posso me

esconder na minha cama e nos meus livros. Eu posso até mesmo colocar um lençol no espelho e esquecer quem eu sou.

—Bey? — Lucky chama e eu ouço as drogas quando ele fala. Como se ele estivesse tocando em um carretel lento e sua voz estivesse relutantemente saindo de suas profundezas.

—Saia do meu apartamento! Vocês dois! — Eu grito.

—O que diabos você fez com ela, Yari? — Lucky diz. Eu realmente quero que os dois saiam. Eu sinto que estou cercada por energia ruim e se eles não saírem as coisas não podem acabar bem. Quando Lucky está no auge, ele perde o instinto de cuidar de mim. É como se ele esquecesse que eu estou viva e passaria por mim se eu não saísse do caminho dele.

—Pare, Yari. Porra. Tire suas mãos de mim. Chega! — Lucky esbraveja.

Ela está indo para o pau dele. Não consigo ver, mas sei exatamente o que está acontecendo, sei como ela trabalha.

—Vem cá Neném. Venha, — Yari diz timidamente como se estivesse falando com um filhote de cachorro.

—Eu estou muito fodido. Não faça, para onde Bey foi? —

Ela está guiando ele pelo corredor. Não tem como eles virem aqui.

—Ela foi para alguma coisa da escola. É só eu e você, baby. Sozinha no apartamento, aquela era a TV que você ouviu. — Yari diz toda dengosa e está me deixando doente. Ela é tão mentirosa, mas eu sei que Lucky não reconhece as mentiras, ele

só ouve o que ele quer acreditar. Quando Yari lhe dá seu corpo, ele cai sob o feitiço dela.

—Com quem você estava falando? —, Pergunta Lucky. Ela ri e o silencia com a boca. Sua voz desaparece no beijo. Lembro-me de como era o nosso beijo e o calor atravessou meu corpo em uma tempestade de fogo. Sua fivela de cinto soa e seu zíper segue. Ela está tirando as calças e ajoelhada na frente do meu quarto. Yari é desavergonhada, o sexo com ela não é sagrado, é poder, influência, uma ferramenta para levar as pessoas a fazer o que ela quer.

Eu nunca quis que minha mãe voltasse para casa cedo do trabalho tão mal antes. Espero que ela traga os dois e os atinja na cabeça com uma frigideira, como fez uma vez com Hector.

—Deixe-me te pegar duro—, diz ela e eu posso ouvi-la levá-lo em sua boca. Ela cantarola e fala para ter certeza que eu ouço cada pedacinho disso. Estou bem em cima deles, separados por três polegadas e uma porta fechada, mas meu corpo e minha mente estão congelados em partes iguais de luxúria e repulsa.

—Uh, porra—, Lucky geme de prazer. e por estar alto. Ela está chupando-o, a parte mais íntima do garoto que eu amo está dentro da boca quente de Yari. Eu ouço sua cabeça bater na parede enquanto ele relaxa de volta e eu dobro meus joelhos e deslizo minhas costas pela porta. Seu prazer parece o meu, seus ruídos de satisfação fazem algo louco com meus hormônios. Como se estivesse em transe, manobro e me levanto de joelhos em frente ao buraco da fechadura.

Eu me desafio a olhar. Por alguma razão eu preciso ver isso.

E veja, eu faço. Só por uma fração de segundo antes de fechar os olhos. O pênis ereto de Lucky deslizando para dentro e para fora da boca de Yari. Sua mão na parte de trás de sua cabeça, guiando, empurrando, usando sua boca.

Meu sangue corre, meu coração bate e eu quero chutar e gritar, mas de repente estou tão molhada entre as minhas pernas que preciso saciá-lo antes que eu entre em combustão. Eu quero que seja meu pescoço, que ele embala, eu quero que suas mãos exijam seu prazer ganancioso de mim. Minha boca, minhas mãos, as partes mais escondidas e secretas de mim.

Sento-me na beira da minha cama e puxo meu jeans. Eu odeio Yari por me conhecer tão bem, odeio que ela possa me ler assim. Eu odeio que Lucky seja um idiota quando ele está alto e não consegue ver além do seu estupor. Eu odeio desabar com a manipulação de Yari e que eu posso ouvi-la chupando o pau dele. Eu posso *ouvi-la* chupando o pau dele e eu gosto disso. Eu gosto disso. Está me afetando tão fortemente que sou tentada a abrir a porta. Em vez disso, me aproximo e escuto.

—Oh Deus. Oh foda-se, — Lucky diz, e suas palavras e minhas mãos encontram o caminho para o meu centro. Suas palavras acariciam meu ouvido, elas fazem cócegas na minha garganta. Mesmo que não sejam para mim, posso fingir, imaginar como seria.

Estou molhada e inchada e meu coração está batendo forte, o jorro de sangue em meus ouvidos é como o rugido silencioso do oceano em uma concha. Eu quero fazer Lucky se sentir assim,

amaldiçoar e moer contra mim, usar, desrespeitar e devorar meu corpo. Eu quero ser aquela que ele perde o controle.

Eu posso me tocar. Eles não sabem. Lucky provavelmente nem vai se lembrar de ter vindo aqui depois que ele ficar sóbrio.

Meus olhos e minha boca abertos, enquanto meus dedos deslizam pelo meu estômago para massagear meu clitóris. *Eu o imagino entrando em minha casa para me encontrar fazendo minha lição de casa na mesa da sala de jantar. Ele me agarra, ele me beija primeiro suavemente e depois como uma fera. Toda a violência e a raiva se transformam em alívio quando ele toca seus lábios nos meus. Sua língua encontra a minha e entra na minha boca ansiosa. Ele me adora como fez contra a geladeira na cozinha de Titi e imagino que seja a mão dele em vez da minha se mexendo freneticamente sobre o meu centro molhado.*

Eu arqueio minhas costas e prendo minha respiração, todo o meu corpo congela, apertado como um arco. Exceto pelo movimento da minha mão e meu coração batendo forte, estou suspensa no momento. Eu quero tanto seu beijo que dói. Meu peito dói com necessidade, meu coração se arma. Seu cheiro se move facilmente ao redor das rachaduras da minha porta e eu estou tão perto de estar experimentando esse garoto. O sangue corre e varre meus ouvidos, e meu coração normalmente gentil bate furiosamente com músculos que ameaçam entrar em colapso sob o estresse; Meus braços queimam enquanto meu coração e minha cabeça perdem o controle.

—Porra, eu vou gozar—, Lucky grita.

Eu vejo isso novamente na minha mente, seu pênis bombeando para dentro e para fora de sua boca molhada. Isso

me empurra para a borda. Eu saio de mim Todo o meu corpo se contrai e libera, espasmos rasgam meus tendões e músculos. Eu quero me apegar a Lucky, cavar minhas unhas e afundar meus dentes em sua carne, que me faz sentir simultaneamente tão poderosa e fraca. Eu exalo com força para não gritar. Meu corpo treme e treme quando eu desço lentamente da felicidade. Um pequeno gemido escapa, mas Lucky geme também, alto o suficiente para cobrir o meu. Meu orgasmo sobe novamente com o som de sua voz. Eu quero gritar quando eu gozo por ele atrás da porta do meu quarto fechado.

Meus quadris se dobram em minha própria mão e sinto a dor vazia de desejar ter Lucky dentro de mim. O calor corre através de mim e eu empurro meus dedos em minha carne crua tentando compensar, para que eu possa me afogar no prazer de se unir secretamente.

Eu me arrasto e exausta para a minha cama, puxo as cobertas e deslizo para baixo entre os lençóis sem me preocupar em arrumar minhas roupas. Eu quero esconder meu corpo de tudo, inclusive de mim mesma. A porta está trancada, eles não podem me ver. Meu primo nem sabe que estou em casa. Eu fecho meus olhos e puxo as cobertas sobre a minha cabeça. Suas vozes estão embaçadas, mas eu distintamente ouço a fivela de cinto de Lucky enquanto ele reabastece suas calças. Eles trocam mais algumas palavras que não soam afetuosas ou agradáveis e os passos mais pesados de Lucky se afastam. Ele não a beija ou diz que ele a verá mais tarde ou até mesmo lhe dará um abraço. Estou envergonhada e aliviada quando ele sai. Eu pensei que ela ia me humilhar e dizer a Lucky que eu estava ouvindo e assistindo.

—Bey, abra—, diz Yari, batendo na porta.

Eu sinto que estou sonhando. Como Lucky e eu tivéssemos algum tipo de troca sexual; Mesmo que houvesse uma parede e Yari entre nós, eu ainda sinto que ele me tocou. Minha carne queima em lugares que foram inflamados com seu toque imaginário. Eu tenho mordidas de amor invisíveis e arranhões de unhas, contusões e flores, onde as mãos inesgotáveis de Lucky me feriram.

Está tudo na minha mente, mas parece tão real que estou tremendo.

O cheiro do sexo está em minhas mãos e flutuando sob a porta do corredor. Quando minha cabeça cai de volta no travesseiro e coloco meus dedos sobre o meu coração.

Estou mantendo nossa troca querida por mim, sagrada e significativa. Eu não quero que ninguém me distraia. Eu ignoro Yari, bloqueá-la é o que preciso. Eu só quero lembrar de mim e de Lucky.

—Vamos, Bey! —

—Vá embora! —

—De nada, anormal—, Diz Yari. —Não diga que eu nunca fiz nada por você. —

Qualquer coisa, eu silenciosamente grito.

Você nunca fez nada por mim.

Depois

Este andar do hospital está abandonado e silencioso, assustador como um navio afundado, onde as coisas são deixadas de fora como se todos estivessem de pé e abandonados. Desbloqueando o primeiro gabinete de suprimentos, começo a empilhar caixas em cima do meu carrinho. Provavelmente, serão necessárias duas viagens para obter todos os frascos, de modo que meu sapato está servindo como suporte para a porta. Eu prefiro não ter que chamar a segurança novamente. Talvez eu pegue todos os frascos para amanhã também, assim se o meu crachá de acesso estúpido não chegar, eu não vou ter que fazer isso tudo de novo. Há uma prancheta anexada ao armário onde você escreve quantos frascos você está tomando e o nome do julgamento para o qual eles serão usados. Eu não acho que alguém mantenha o controle, mas eu sempre escrevo o meu, independentemente. Eu sou meticulosa por natureza, mas quebrar as regras, eu definitivamente aprendi com meu primo.

A caneta estúpida no bolso do meu avental arranha o papel sem depositar uma gota de tinta. Mesmo depois de enfiar a parte de cima da minha boca, sugando forte, e depois sacudindo a porcaria dele. Ela arranha o papel novamente e rasga um buraco.

Porra.

Eu sei que há um armário velho que está cheio de suprimentos de papel em algum lugar deste corredor.

Deixando o carrinho para trás e meu sapato na porta, manco pelo corredor, verificando algumas das maçanetas. O armário se abre, mas quando eu acendo a luz, nada acontece, exceto um pop. Eles provavelmente não mudaram as lâmpadas fluorescentes neste andar desde o final dos anos oitenta, quando esta área estava realmente em uso. Eu chuto meu outro sapato e tento usá-lo para manter a porta do armário aberta. O chão parece frio em meus pés passando direto pelas minhas meias finas. A porta é tão pesada que só a segura por um momento, mas o raio de luz é suficiente para localizar caixas de canetas no canto traseiro direito. Eu coloco estrategicamente meu sapato como uma parada enquanto empurro a porta o mais forte possível. Luz suficiente entra para que eu possa ver para evitar tropeçar no velho balde de metal nas rodas sentado no meu caminho. Quem diria que levar frascos experimentais acabaria sendo um curso de obstáculo.

Assim que eu envolvo minha mão ao redor da caixa de canetas, a pesada porta se fecha e eu estou cercada pela escuridão, uma ausência de luz tão profunda que meu estômago despenca quando me envolve. Eu mal posso tolerar quartos escuros desde que a luz de Lucky deixou minha vida. Minha frequência cardíaca acelera e de repente eu estou ciente da minha própria respiração. Mas então ouço alguém respirando também, e meu próprio grito penetra na escuridão.

Antes

—Ei, Belén, espere! — É Jeremy, correndo pelo corredor para me acompanhar. Eu realmente não quero falar com ele, especialmente depois do que aconteceu em sua festa, quando

Lucky nos encontrou dando uns amassos e dando-lhe um soco especial.

—Oi Jeremy, como está sua cabeça? —

—A, não é grande coisa. Eu caí jogando hóquei no gelo uma vez e consegui o dobro de pontos. —

Mas ele cora quando diz isso. É claro que ele nunca foi tão atingido antes - bateu inconsciente com o nariz quebrado por um maníaco cheio de drogas, cheio de adrenalina como meu primo. Ele tem sorte que ele não acabou com uma concussão.

—Você se meteu em confusão? Seus pais descobriram? —

Eu ajusto minha mochila de um ombro para o outro e examino os corredores para o garoto que tira o meu fôlego, mas não causa nada além de problemas. Não quero que ele me encontre falando com Jeremy. Vai fazer coisas piores ainda, ou pior, outro convite para lutar.

—Sim, mais ou menos. Eles não vão me dar o carro que eu queria para a formatura, afinal. Mas posso economizar para isso, não estou preocupado. —

Sua casa foi destruída, pessoas foram presas e seu filho foi deixado inconsciente em uma poça de seu próprio sangue. Mas, aparentemente, a punição do nome da marca é como os pais do garoto rico rolam. Eu não saberia

—Uau, minha mãe teria pensado em algum tipo de punição insana. Ela me mandou de volta para a escola católica e me fez ir ao estudo bíblico todas as noites, fazer meu dever de casa no confessionário.

Ele ri desconfortavelmente e coça a cabeça onde estava o ferimento. A única coisa é que não é uma piada, minha mãe me mataria se soubesse que eu tinha uma festa em sua casa ou que quase perdi a virgindade. —Sério, Jeremy. Ela me trancaria em uma masmorra e esqueceria a chave. Ela só me arrastaria para fora e me bateria com sua sandália até que fosse hora de eu ir para a faculdade. —

—Eles também foram adolescentes. Eles superaram isso bem rápido. Eu não disse a eles que foi a Lucky quem me bateu, se é com isso que você está preocupada. —

Eu dou de ombros e balanço a cabeça. Eu não sou a guardiã do meu primo. Se eu fosse considerada responsável por suas ações, estaria a meio caminho de uma sentença de prisão perpétua agora. Lucky sempre entra em brigas. Ele vive de más decisões.

—Você quer sair de novo? Quero dizer só eu e você? — Jeremy parece nervoso quando pergunta e, em vez de ser simpático, faz a ansiedade aumentar em meu sistema.

Eu jogo minha mochila sobre os ombros e bato meu armário fechado. Jeremy tem um anel roxo acima e abaixo do olho como uma sombra. Marcas de Lucky que ficarão com uma ameaça toda vez que Jeremy se olhar no espelho. Eu acho que uma cabeça dividida e um olho negro são melhores que uma mandíbula quebrada. Ainda assim, ele parece diferente, como um herói com cicatrizes de batalha, em vez de um garoto rico um tanto chato. Tenho pena dele e considero dizer sim.

—Bey! — Lucky chama e Jeremy e eu olhamos para cima. Lucky está caminhando até nós, segurando a calça caída

com uma das mãos; ele não traz uma mochila, ele nunca carrega livros. É como se Lucky fosse para a escola só para ficar de olho em mim. Ele pula metade de suas aulas.

—Provavelmente não, Jeremy. Minha família é meio rigorosa. Talvez apenas me ligue mais tarde e nós veremos se poderíamos tomar um café ou algo que não é muito parecido com um encontro. —Eu chamo como um leiloeiro antes de Lucky nos alcançar. Eu estou com medo que ele vai socá-lo novamente e não ficaria bem. Por violência nas dependências da escola, Lucky seria suspenso e Jeremy - bem, Jeremy teria outra visita ao consultório da enfermeira.

—Vamos, Bey, vamos—, diz ele sem reconhecer Jeremy. Ele está fingindo que sair juntos é normal. O engraçado é que ele geralmente me evita o quanto humanamente possível. Mas, independentemente de seus jogos, eu ainda me arrepio com a sua presença, nossas mães nos criaram para sermos melhores do que isso. É tão agarrado em mim que sou excessivamente educada para todos. Eu bato meus olhos largos para ele e aceno com a cabeça levemente.

—Peça desculpas! — Eu digo do lado da minha boca. Deus! Ele não pode simplesmente me afastar e fingir que nada aconteceu na outra noite.

—E o que ele está fazendo aqui de qualquer maneira? — Lucky nunca vem e me encontra depois da escola, e se passarmos um pelo outro, tudo o que eu tenho é um olhar intenso e solene. Como se ele estivesse disposto a ir para casa com os olhos e ficar longe dele e de seus amigos.

—Oh, ei, tudo bem? Jeremy, certo?

Lucky é tão chato, como se não tivesse me arrastado para longe dele meio nu quando estávamos a minutos de fazer sexo. Eu olho para Lucky com força, ele tem que fazer as pazes.

—Desculpe pelo problema na sua festa na outra noite. Mas se você tocar minha prima novamente, você terá outro gosto do meu punho. Ninguém porra a toca. Ninguém—, diz ele. Lucky coloca o dedo no peito de Jeremy repetidamente enquanto ele o ameaça. Não exatamente o pedido de desculpas que eu havia imaginado.

Lucky desliza o braço sobre o meu ombro e me puxa para a sua estrutura com tanta força que eu tropeço e envolvo meu braço ao redor dele para evitar tombar.

—Essa garota é como uma irmã para mim. Quem vem perto dela tem que responder para mim. Entendeu? — Jeremy dá um passo para trás.

Ótimo,. Bom trabalho. Agora eu nunca vou conseguir um namorado. Eu não vou nem conseguir manter nenhum amigo com esse psicopata ditando minha vida social. Jeremy acena com a cabeça e vai embora sem sequer dizer adeus para mim.

—Pedaço de merda—, ele murmura baixinho enquanto me guia pelo corredor.

—Muito obrigada, Lucky. Agora o único menino que já me notou está aterrorizado. E desde quando você e eu saímos da escola juntos? —

—Meninos notam você—, diz Lucky, sua voz dura.

Eu só quero que um garoto me note, o único garoto que tem meu coração.

—Estou surpreso que você saiba onde fica meu armário, mas de repente você é o senhor da minha vida social. —

—Eu sei onde seu armário é, Belén. Eu sei tudo o que há para saber sobre você. —

Você não pode saber tudo, Lucky. Porque se o fizesse, provavelmente correria para o outro lado do corredor.

—Por favor, Lucky! Faça-nos tanto um favor *y deja de ser macho.* —

Eu sacudo o braço do meu ombro e acelero o meu ritmo. Eu sempre caminho para casa sozinha, não vou dar a ele a satisfação de me curvar à sua vontade. Ele só vai me puxar e como ele sempre faz e depois me forçar a sair novamente. Eu sei como isso funciona.

—Acredite em mim, Bey. Os caras notam você—. Lucky pega meu braço e me empurra para encará-lo.

—Ninguém nunca me convidou para sair antes dele. —

—Porque todos eles sabem que eu vou matá-los. —

—Você diz isso como se fôssemos melhores amigos, mas tudo que você faz é me ignorar! O que eu deveria fazer? Ficar sozinha para sempre? —

—Você é minha melhor amiga, Len. Você é a pessoa mais importante da minha vida. Sinto muito pela outra noite. Eu realmente sinto muito. —

—Foi a minha *primeira* festa. Graças a você, provavelmente será minha última. —

Eu sacudo meu braço e marcho o caminho oposto pelo corredor de onde ele estava me levando. Meu corpo treme com raiva reprimida. Não posso acreditar em como ele é egoísta e insensível. Se ele não tiver cuidado, meu temperamento pode explodir em seu rosto.

—É meu trabalho mantê-los longe de você, pelo tempo que for possível. Seu pai não está por perto, então eu tenho que cuidar de você. —

Eu cruzo meus braços e rolo meus olhos para o teto.

—Até sua mãe diz que eu tenho que cuidar de você. Eu faria o mesmo se você fosse minha irmã! —

—Obrigado por me lembrar que eu não tenho pai! — Eu grito na cara dele.

Ele parece culpado. Ele parece querer se desculpar. Ele parece que quer me beijar. Lucky é tão bonito que eu poderia ficar aqui e discutir com ele o dia todo, só para estar perto dele, para ficar perto o suficiente para que eu possa sentir a raiva e a frustração subindo de seu corpo em ondas de calor. Nossa raiva parece muito com uma tensão sexual mal disfarçada.

Ele quer dizer que é como meu irmão, que ele só está cuidando de mim, mas há algo mais lá e ele sabe disso, talvez tão bem quanto eu. É impossível não sentir, o fogo que acende entre nós. A atração é assustadora porque é tão errado, mas eu não acredito que qualquer um de nós possa pará-la. Sempre que

estamos juntos, temos que lutar contra isso. Ele se arrasta pelo meu corpo como trepadeiras em uma treliça, crescendo e se unindo e a cada dia se tornando mais duro, mais e mais difícil de se afastar.

—Sinto muito—, diz ele.

—Não, você não sente. — Ele não nega isso.

Estamos torcidos juntos, dois galhos cicatrizados enraizados no mesmo local. Nós não devemos crescer dessa maneira, mas ninguém está lá para notar, ninguém que saiba como eliminar nossa horta. Lucky e eu nos tornamos algo antinatural, uma anormalidade, um erro grotesco. O que sentimos um pelo outro é um pecado e se as pessoas soubessem, ficariam enojadas por nós. Devemos ser separados pela força, cortados profundamente até a raiz, os fins cauterizados para que não saiamos do controle novamente. Não mais beijos roubados na cozinha. Não há mais telhados.

Estamos tão profundamente que algo de fora, que é maior do que nós dois, tem que nos separar.

Eu olho em seus olhos; É fácil ver como ele me ama, seu rosto vai do dolorido ao suave. Uma pequena faísca de esperança ilumina-se dentro de nós dois apenas do contato visual. Eu conheço cada tom minúsculo de cada expressão facial que ele tem. Ele pode fugir de mim, mas ele não pode esconder seus sentimentos. Eu os vejo, eu os conheço como eu me conheço. Somos duas metades de um todo e há algo muito errado conosco.

—Você é linda, Bey. Qualquer cara seria louco para sair com você. —

Ele diz suavemente e estende a mão para escovar o fio solto de cabelo caindo pela minha testa.

—Há apenas um cara que eu quero—, eu digo, minha voz saindo rouca.

—Você não pode sempre ter o que você quer—, diz Lucky. Sua voz é baixa, é quase um sussurro.

—Você sabe o que eu quero? — Eu pergunto, minha voz tão baixa e trêmula quanto a dele. Eu quero ouvi-lo dizer isso. Admita em voz alta e torne real com palavras em vez de raiva e manipulação.

—Eu não sei, Bey, nós nem deveríamos estar falando sobre isso. Nós dois sabemos que isso não é possível —, ele sussurra. Ele enfia a mesma mecha atrás da minha orelha novamente, o cabelo se tornando uma desculpa para contato. Delicadamente, seus olhos caem nos meus lábios.

Ele pisca lentamente, molha os lábios com a língua e isso me deixa tonta. Eufórica, tão carente meu peito dói.

—Vamos lá—, diz Lucky e agarra a minha mão, entrelaçando seus dedos com os meus.

—Onde estamos indo? — Eu protesto.

—Shhh. Apenas venha! —Ele repreende enquanto me empurra para trás atrás dele.

Ele me puxa para um canto no final dos armários. É um canto vazio com nada além de uma lata de lixo e uma janela que olha para baixo no estacionamento de merda. Está no meio das escadas, basicamente escondido da vista.

—Não saia com esse cara, Bey. Qualquer um menos ele. Você não precisa namorar. Basta trabalhar nas coisas da sua escola e você pode se preocupar com todo o resto quando for para a faculdade. Você é muito jovem de qualquer maneira.

Ele se inclina de pé para pé enquanto ele me fala e fica bem claro que ele é alto. Ultimamente, a verdadeira questão a ser feita é: quando ele *não é*? Lucky salta e treme como se estivesse congelando de frio, seus dentes ainda batem. Ele está acelerado, zumbido e imprevisível. O que quer que ele tenha tomado agora está atingindo seu sistema.

—Quem é você, meu pai? Você é quem consegue dizer se eu namoro ou não? Você escolhe quem e quando eu saio com alguém, não eu? —

Sai como maldade. Ele é tudo que eu tenho e nosso relacionamento é mais complexo do que qualquer forma na geometria. Somos completos opostos, mas irritantemente, exatamente o mesmo. Duas pessoas separados que se encaixam novamente. Ele não pode me dizer o que fazer e depois fazer o contrário. Por que eu tenho que ser bom enquanto ele toca o terror? Faz o que ele gosta, fode quem ele quiser e passa toda noite com seus amigos ou em uma festa estúpida?

Eu coloco minhas mãos nos meus quadris e mastigo meu lábio inferior. Minhas sobrancelhas convergem e baixam para mostrar o quão sério eu sou.

—Eu não vou fazer isso na sua cara, o que é mais do que posso dizer para você. — Eu cruzo meus braços sobre os meus seios e me inclino para trás.

Lá. Eu disse isso. O que ele pode dizer sobre isso? Nada, porque é justo e ele não pode me dizer que estou errada.

Eu estava esperando que ele me puxasse para um lugar isolado para me beijar. Esconda-se e entregue suas mãos em cima de mim, roubar momentos juntos em segredo que ninguém podia nos interromper.

Eu quero mais do que qualquer coisa que Lucky me beije novamente. Aqui e agora, não importa a raiva ou as malditas paredes que ele construiu. Eu digo a ele com meus olhos e posso sentir a tensão aumentada nos atingir.

Algo está acontecendo.

As pontas dos dedos no meu braço são os epicentros dos rumores sísmicos. Sua pausa significa que ele está considerando, pesando. Quero que suas mãos me toquem e, juntos, possamos explorar, descobrir nossas próprias receitas de arrebatamento. Nós poderíamos abandonar todas as palavras e falar fluentemente com apenas os dedos.

Eu quero mais do que apenas as mãos dele. Eu quero a boca dele. Eu quero o pau dele. Eu quero ele nu, enlouquecido de luxúria e completamente incapaz de raciocinar, até mesmo lembrar quem somos. Sem defesas, sem desculpas, apenas puro desejo e transbordamento. Eu *posso* lidar com um garoto como Lucky.

Eu posso ser a única que o ama o suficiente.

Seus dedos pressionam meu bíceps cautelosamente enquanto ele contempla o que poderia acontecer. Então eles soltam e ele arrasta seus dedos sobre meu ombro e até meu pescoço. Fecho os olhos e inclino a cabeça ligeiramente para trás, absorvendo cada momento de seu toque.

Existem milagres que poderíamos descobrir juntos, tenho mais certeza disso do que qualquer outra coisa na minha vida. Lucky e eu poderíamos fazer a mágica acontecer, se ele deixasse ir e desistisse. Ou talvez eu seja louca, talvez Lucky nem sequer sinta isso. Ele para de fazer carícia, do toque que fala legiões mais para mim do que suas palavras fazem. O feitiço se rompe. Ele está distante de novo. Ele colocou as paredes de volta.

—Tudo bem. Eu não quero brigar com você. —Ele encolhe os ombros como se não fosse um grande negócio.

—Você sempre luta comigo, você luta contra nós—, eu sussurro, olhando para o local onde as mãos dele agarraram meu braço.

—Você venceu, Bey. Você é melhor que eu. Eu sou um completo idiota. —

Depois

—Belén. —

É impossível, racionalmente, eu sei disso. Eu digo a mim mesma que estou em um depósito em um andar restrito no hospital.

Mas eu conheço essa voz. Na escuridão, sem visão, apenas com meu coração e respiração para me guiar. Eu conheço a voz, mas não esqueci o que aconteceu com ele. Eu também sei que ouvi a voz clara e presente na minha cabeça. Do vazio negro vem a estranha percepção de que devo estar morto. E é um alívio para realizá-lo, porque *isso,* eu posso quebrar meu cérebro ao redor. A morte é a escuridão. A morte é a ausência de luz. Na morte você ouve as vozes daqueles que mais importam. Eu me movo em direção à respiração, na direção da voz no escuro. Eu me pergunto se existe um corpo físico após a morte. Eu serei capaz de senti-lo? Lucky será capaz de sentir meu toque?

Eu esperei tanto tempo por isso, parece que morrer é nascer. Eu vou me reunir com o homem que amo, perder toda a vergonha e a dor. Mas na morte, meu coração bate rápido e respirações irregulares ainda entram e saem do meu peito como se eu não conseguisse ar suficiente.

—Lucky, sou eu—, eu sussurro na escuridão. Eu não quero que ele se sinta assustado.

A morte é como voltar para casa. Não tenho medo, não tenho pensamentos concretos, apenas uma aceitação pacífica de estar reunida a meu amante. Eu me movo em direção a ideia dele, o fantasma suave soa no escuro, mas eu tropeço no balde de metal que não deveria existir na vida após a morte. A dor corta minha perna, uma overdose brutal da realidade. A queima repentina e brilhante na minha perna me sacode na realidade.

Eu estou certamente viva, não inconsciente ou mesmo sonhando. A pele dilacerada dói como o inferno e eu posso sentir o sangue quente enquanto escorre pela minha perna.

Não estou morta, ainda estou no armário. A dor esmagadora e o medo irracional se espalharam através de mim novamente. Outro grito sai do meu peito e rasga a escuridão. Eu ouvi alguém dizer meu nome. Eu sei que sim, e isso só pode significar uma coisa: tem alguém aqui comigo. Estou trancada em uma ala restrita do hospital com um homem perigoso que sabe meu nome, não meu primo morto.

Meu coração palpita como um beija-flor assustado tentando escapar da gaiola do meu peito. Lágrimas escorrem dos meus olhos e eu me ajoelho e agarro meus dedos através da enorme lágrima na minha calça. Eu posso sentir o sangue quente escorrer. A viscosidade e o cheiro me deixam nauseada.

Mas Jesus, eu conhecia essa voz. Reconheci como minha língua nativa, sabia disso e seguiria em qualquer lugar. Até a morte se me dissesse. Apenas a lembrança do som disso desmoronou toda a minha realidade.

Com duas sílabas, aquela voz familiar desenrolou todos os passos que eu já havia tomado para me recuperar disso.

Eu alcanço cegamente a porta, minha mão escorregadia com meu próprio sangue.

—Socorro! — Eu grito. O som da minha própria voz é chocante, ocupa muito espaço no armário. Eu grito mais alto quando a adrenalina derrama tiros de raios através do meu sistema. Meus sentidos são agudos e agudos como um animal à

espreita, minha boca tem gosto de metal, e meus dentes se estão chocados por tê-los batido em terror.

Consigo abrir a pesada porta e rastejar para o corredor absurdamente brilhante. Eu pisco os olhos e olho para trás na pesada porta, que agora está fechada por seu próprio peso. Eu pego meu sapato, manto até o alarme de incêndio e puxe a alavanca vermelha para baixo o mais forte que posso e rezo para o meu Deus negligenciado que funciona. Eu sou como Adela e Dr. Aziz nas cavernas de Marabar em *A Passage to India.* Entrei em pânico, ouvi vozes e perdi a cabeça completamente em um armário de armazenamento escuro do hospital.

Quando a segurança chegou, eles sacaram suas armas, abriram a porta e não havia ninguém no armário.

***

—Eles estão enviando alguém do departamento de psiquiatria. —

—Oh Deus, Adam. Já é ruim o suficiente estarmos aqui onde eu trabalho. Onde nós dois trabalhamos. Caramba, eu estraguei tudo! Eu poderia perder meu emprego por causa disso! —

Ele pega minha mão e massageia as costas dos meus dedos. —Porque, porque você tropeçou e machucou sua perna? —

Os olhos de Adam são tão gentis. Foi a primeira coisa que me atraiu para ele.

—Porque eu perdi—, eu digo. Gemendo no travesseiro, eu chuto meus pés um pouco. É estranho ser paciente no mesmo lugar em que você trabalha todos os dias.

—Isso seria discriminação, Belén. Eles não podem te demitir em um incidente isolado. Além disso, não há como você ir a um piso restrito para obter suprimentos por conta própria. Preencha os formulários de solicitação antes dos laboratórios e mande o transporte abaixar tudo para você. —

Essa é a desvantagem de ter um marido que costumava trabalhar na mesma posição, ele pode lhe dizer como fazer e realmente estar certo. Eu bufo e cruzo os braços em frustração. Claro, eu não deveria estar lá. Mas isso não muda o fato de que ouvi sua voz como um clarim.

Estou sentada na cama do pronto-socorro, separada apenas por cortinas finas de outros pacientes que sofrem de emergências muito piores do que a minha. Eu corro minha mão sobre a gaze que cobre meus cinco pontos. Adam veio imediatamente e minha mãe concordou em pegar Luke na escola.

—Eu só quero ser dispensada hoje. E se meu chefe souber disso? Não suporto que meus colegas de trabalho olhem para mim com pena. Eu estava indo tão bem, Adam.

—Eu sei, Belén. O estresse pós-traumático pode surgir a qualquer momento, não é sua culpa e não há como saber o que o desencadeou. —

—Estar sozinha no escuro. —

—Você não está sozinha, amor. Você tem todos nós. Nós podemos fazer isso. Nós podemos ser fortes. É um processo.

—Eu odeio o escuro. Eu quero uma lanterna de bolso para o Natal. —

—Feito—, diz Adam. Ele sorri para mim com amor.

Adam esfrega o comprimento do meu braço; Ele levanta minha mão para sua boca e beija a parte de trás dos meus dedos. Eu sei que Adam luta para permanecer forte também, que a perda que ele sente é tão agonizante e tão crua quanto a minha. Eu sei que ele muitas vezes sofre de culpa de sobrevivente muitas vezes é debilitante.

Ele perdeu seu irmão gêmeo Luke no Afeganistão e não tem sido o mesmo desde então. Nós dois caminhamos pela vida com partes gigantes de nossas identidades faltando. É quase como se algo tivesse sido amputado e você constantemente sente a presença fantasma, mas ao invés de um membro, é a sua reflexão espelhada que você encontrou em outra pessoa. Todas as minhas memórias estão tão ligadas a Lucky. Toda a minha infância está saturada de coisas que compartilhamos. Quando ele é removido da equação, minha vida deixa de fazer sentido, é uma foto meio pintada. Adam conhece bem o sentimento. Tentamos ajudar a guiar uns aos outros através do labirinto da vida, enquanto perdemos pelo menos metade dos nossos corações.

—Estou envergonhada, só isso. Eu pensei que estava além das coisas realmente malucas. Já faz mais de um ano desde que eu tive um episódio. —

—Apenas certifique-se de dizer ao psiquiatra sobre ouvir a voz. E você provavelmente deveria ser honesta sobre como você parou de tomar o remédio —.

—Não, Adam! Porque então eles me darão outra coisa, e lembrarão quão horrível eu me senti? Eu não quero passar por isso novamente. —

—Não depende de nós, Belén. —

—Bem, eu não estou deixando isso para eles. Prefiro minha dor do que as drogas. —

Antes

Fumamos duas juntas de alguma erva daninha de um negociante colombiano. As coisas devem estar entrelaçadas, porque minha cabeça parece um balão subindo pelas nuvens enquanto meus pés não estão mais tocando o chão. Toda coisa estúpida que meus garotos dizem me faz rir até as lágrimas apertarem o canto dos meus olhos. Também não consigo parar de tossir, um som profundo que sai do meu peito e parece um trem de carga passando pelos meus pulmões, pulmões tão pesados que trabalham para respirar. Eu venho fumando tanto que este corpo será arruinado antes de eu fazer dezoito anos. Mesmo que eu esteja rindo muito, eu me sinto nervoso e ansioso pra caralho. Eu tiro meu boné de beisebol e passo meus dedos por cima da cabeça. Aplicando pressão, aperto com força, tentando expulsar os pensamentos malucos, puxo meu cérebro de volta à terra.

Então vejo Yari e Bey descendo o quarteirão. Elas estão de mãos dadas e balançando os braços entre elas. Minha garota, *minha garota.* O pecador e o santo. A vadia e a virgem, que estão sempre sussurrando e compartilhando segredos como se fossem apenas as duas no universo. Elas têm uma sacola de lanches da lanchonete. O cabelo de Belén balança para frente e para trás em um rabo de cavalo alto. Eu quero puxar o cabelo dela. Eu quero mordê-la e espancá-la até ela chorar e consolá-la com a minha língua.

Oh foda-se

Eu coloco minhas mãos nos bolsos e engulo, estalo meu pescoço e digo a mim mesmo para parar de agir fodido. Ambas estão lindas e parecem vir para mim em câmera lenta. O tempo se estende para um borrão suave e parece que elas nunca vão me alcançar. Seus peitos estão saltando no ritmo com seus passos, seus lábios são vermelhos, separados e molhados. Bey tem um pirulito que ela gira em torno dos lábios de forma sedutora. Ela sai, lambe os lábios e entrega para Yari, que então enfia na boca.

Foda dupla.

Meu pau é duro como pedra e eu puxo minhas mãos para perto do meu zíper dentro dos meus bolsos para tentar esconder a protuberância embaraçosa. Meus meninos começam dizendo merda para eles sobre o pirulito. Yari puxa-o para dentro e para fora da boca sugestivamente, apenas para estimulá-los. Bey sorri e sua língua é rosa brilhante do doce. Então são seus lábios carnudos, e eu os quero tanto que eu posso provar sua doçura de cereja já.

—Ei, Bey? Yari? —Eu tento agir legal, mas soa oco até para mim mesmo.

—Estou ensinando a Bey como dar um boquete, mesmo que ela só faça isso em um pirulito. —

—Foda-se, Yari. Só porque você doa doces de Halloween não significa que Belén também deveria. Pare com isso. Talvez você devesse deixá-la ensiná-*lo* a fazer lição de casa.

Meus meninos riem e provocam Yari um pouco mais. Eddie começa a desfazer sua braguilha e empurra seus quadris em direção a B. Eu bati nele com força no braço. Nada dessa merda é engraçado.

—Estamos apenas nos divertindo—, diz Bey. Mas seus olhos são meio tristes. Ela não quer ser como Yari. Belén foi feita para mover montanhas, para colocar esse cérebro superstar para funcionar. Eu não gosto de vê-la se divertir. Eu não suporto vê-la magoada.

—Não é engraçado. Yari, fique longe de Belén. —

Porra Deus, Yari é uma cadela para Bey. Eu não sei porque ela aguenta isso. Eu acho que Yari está longe de chamar Belén de puritana. Bey sempre foi aberta sobre sexo, ela é apenas um pouco mais seletiva do que Yari. Ela tem tempo, ela pode esperar se ela quiser.

Por outro lado, tudo sobre Yari grita sexo quente. Ela se entrega a todos no capô como as Testemunhas de Jeová distribuem seus livros. Yari ergueu o cheiro em cada colchão no West Harlem. Bem, talvez isso seja exagero. Aposto que, se eu

pedisse a Yari para ser minha garota, ela iria embora e até mesmo largaria todos os outros. Mas eu não quero mais Yari para minha garota do que qualquer outra pessoa. Yari é como uma correção. Você quer, você consegue e então você jura no minuto em que bate em você. Você está acabado - até que você queira novamente.

Há apenas uma garota que eu realmente quero dessa maneira e mal consigo admitir para mim mesmo.

A luz do sol brilha em seus olhos no final da tarde e ela pisca os cílios. Seus olhos castanhos se iluminam, eles se parecem com caramelo e eu me perco neles. Bey olha para mim com expectativa, mais ou menos como ela sempre faz, como se ela estivesse esperando por mim para fazer um movimento e tentando me entender de uma vez. Ela lambe os lábios. Suga o canto e morde.

—O quê? — Eu digo para ela e dou de ombros. Seu olhar me faz sentir autoconsciente. Ela pode dizer o quão fodido eu sou. Bey é como Sherlock Holmes quando se trata de alta Lucky.

Eu olho uma vez por cima do meu ombro e puxo minhas mãos para fora dos meus bolsos para discretamente puxar minhas calças para cima. Eu olho rapidamente para o outro ombro e depois para Bey. Estou paranoico. Ela precisa sai da esquina, estar na casa, porra longe de Yari.

—Eu não sei, você me diz. —Seus olhos parecem vermelhos, como se você tivesse um resfriado ou alergias ou algo assim.

—Sim? — Eu fungo e limpo meu nariz com as costas da minha mão. Eu puxo meu boné dos Yankees para baixo, tentando obscurecer meus olhos.

—Você está doente? —

—Algo assim, Bey. Por que você não vai para dentro? Você tem lição de casa que você pode fazer ou algo assim? —

Por que eu sou tão idiota com ela? Eu odeio o jeito que eu a trato, mas ao mesmo tempo eu não posso fazer isso de forma diferente. Nós desempenhamos esses papéis e não podemos nunca os parar. Seu rosto parece chateado e eu quero puxá-la para os meus braços. Eu quero me apegar à sua inocência e protegê-la de tempestades, como Yari e todos os meus meninos na esquina.

Bey e eu poderíamos ficar aqui por um milhão de anos e ainda não conseguir o suficiente um do outro.

—Você já pensou, Lucky, que talvez você pudesse compartilhar? Eu sou apenas um ano mais nova do que você e talvez eu gostaria de tentar alguma coisa também, —ela diz e coloca seus pequenos punhos nos quadris.

Eu mordo a parte de trás da minha boca para não rir de sua postura dura. Sobre o meu maldito corpo, Belén vai começa a brincar com drogas. Não está acontecendo. Não. Nunca. Não enquanto eu estiver vivo.

—Claro que sim, vamos chamar sua prima—, diz um idiota e enfia a mão no bolso da calça jeans para produzir uma bolsa cheia de botões.

—Que merda, você é idiota? — Eu grito e agarro Belén pelo cotovelo. Se eu tiver que esconder ela eu vou. Se eu tiver que dizer a Tia Betty que Bey está em perigo aqui, eu vou. Eu a levo em direção ao nosso apartamento sem sequer olhar para o canto.

—Deus, Lucky! Eu juro que você é tão mau. Eu não sou boa o suficiente para seus amigos idiotas? Você é legal demais para ser visto na esquina comigo? —

—O oposto é verdade, Len. *Você* é boa demais para nada disso. Tudo isso é lixo. Você cuida da sua própria merda de negócio e fique bem longe dessa merda. —

Meu aperto é duro e eu sei que isso deve estar machucando-a. Mas eu não posso voltar atrás ou deixar ir e eu estou literalmente empurrando sua bunda pelas escadas do nosso prédio enquanto ela está empurrando contra mim tentando sair de novo. Ela está andando para trás e começa a cair. Eu agarro sua blusa e ela quase me derruba.

Agora nossos rostos estão muito próximos para o conforto e Bey está presa contra o meu peito. Meu coração grita por ela, meus braços tremem com seu peso pequeno e magro. Eu gostaria que ela soubesse o quão alto eu estava. Eu gostaria que ela pudesse entender que eu faria qualquer coisa para mantê-la segura.

—Deixe-me ir com o Yari. Vou deixar vocês sozinhos, prometo!

Eu quero beijá-la Eu rasgaria a roupa dela e a foderia bem na escada. No telhado. No banco de trás do carro. O balcão da cozinha. Eu a quero tão mal que não posso ver direito.

Jesus Cristo, Bey, você me rasga.

—Ande! — Eu grito. Ela se vira e começa a ceder.

Eu tenho minhas mãos espalmadas nas costas dela e estou empurrando-a escada acima. Ela se vira novamente no primeiro patamar e de repente ela está em meus braços.

Ela é rápida como um pássaro e eu movo rapidamente para pegá-la.

Tudo muda com Bey tão perto de mim. O universo se abre um pouco e sinto alívio das drogas. Eu fico tão apertado e ela me gira de volta no caminho certo. A tempestade escurece e minha mente está limpa novamente. Eu posso entender melhor o mundo quando ela está em meus braços.

Fique assim, Bey. Perto do meu coração para sempre.

A tinta está descascando aqui. Cheira a jantar cozinhando, mil aromas de famílias morando juntas. Uma sirene soa na rua e de dentro de um apartamento um cachorro late. Então um pássaro começa a grasnar e as panelas de alguém batem no fogão ou na pia. Os sons são abafados por uma porta fechada, duas folhas de isolante e uma camada de tijolos.

Ela está contra o meu peito novamente e eu posso sentir o cheiro do cabelo dela e sentir sua respiração doce no meu pescoço. Ela está rindo e seu sorriso automaticamente faz o meu aparecer. O que eu faço? Estou tão confuso e tonto. Eu tenho

sessenta impulsos diferentes batendo uns contra os outros como panelas e frigideiras na minha cabeça. *Beije-a, proteja-a, tranque-a no apartamento, mantenha-a longe de todos, transa com ela, não a toque, rasgue a roupa, beije-a, beije- a, faça amor com ela.*

Ame-a.

Amante.

—Você me deixa louco, hein? Você sabe disso, Len? É por isso que você sorri? Porque é divertido me fazer perder minha merda, me ver ficar com a cabeça quente? —

—Eu amo seu sorriso. Eu te amo, Lucky! —Ela diz e seus braços envolvem meu pescoço. Ela me puxa para ela com tanta força. Ela está rindo. Feliz. Belén é uma flor. E eu sou um perdedor, um imbecil que nem sequer merece a atenção dela.

Eu respiro profundamente e desisto, que bem faz para combatê-lo? Eu vou quebrar em lágrimas na frente dos meninos. Eu vou soluçar em seus braços e dizer a ela como sinto muito.

Meus braços estão caído ao meu lado, suspensos, expressão. Eu lentamente envolvo-os em torno dela e a puxo para dentro do meu peito. O mundo deixa de ser mau e indigno. O que foi entorpecido, floresce de novo. Tudo se garante.

Belén nos meus braços.

Perfeição.

Total maldição de felicidade.

Depois

A psicóloga fecha meu arquivo assim que eu entro. Um sorriso caloroso toca em seu rosto, mas por baixo é clínico, crítico. Temos quase a mesma idade, então o ar já é desconfortável. O escritório é menor do que eu esperava que fosse. Sem sofá, apenas uma mesa enorme, duas cadeiras e uma vista deslumbrante do décimo quinto andar, com vista para a ponte George Washington e o Hudson. O espaço seria claustrofóbico, mas a visão o diferencia. É como se estivéssemos voando até aqui, eu e esse terapeuta julgadora.

Ela gesticula para que eu me sente e puxo minha cadeira para a mesa. O que não vou dizer é que não estou convencida de que posso ser ou mesmo querer me curar dessa doença. Eu carrego esse fardo porque é tudo o que resta dele.

Meu coração é um vaso gigante de flores vermelhas desabrochando. Mas se ela pudesse ver o fundo através da água escura e folhas decaídas caídas, há uma polegada de lodo negro, que está podre por baixo.

Depois de todas as formalidades e passando pela minha história de saúde, ela chega ao verdadeiro motivo de estarmos aqui e me pergunta há quanto tempo eu sofro de pesadelos acordados.

—Eles começaram depois que Lucky morreu. —

—Quando foi isso? —

—Em 2012. —

—Essas alucinações auditivas, qual é a primeira que você lembra de ter? —

—Sempre os associo com sonhos. Eu ouço a voz dele nos meus sonhos. Mas eu realmente ouço, quase como se fosse fora do sonho, não parte de qualquer outra forma. Eu não sei como explicar isso. Então eu acordo. Ele não está lá e sinto que estou perdendo a cabeça. —

Ela rabisca algumas notas em seu caderno. Clica a ponta da caneta implacavelmente com o polegar.

—Sua voz sempre foi associada a sonhos? É a primeira vez que você ouviu isso quando acreditou estar acordada? —

—Sempre nos sonhos. Mas *ele* não precisa estar no sonho. Eu posso estar sonhando, eu não sei, correndo por um labirinto sozinha e então a voz está lá, mas ele não está. —

—Você se sente como se estivesse correndo em um labirinto, Ms. Heredia? — Ela pergunta, olhando para o meu nome para se certificar de que ela está dizendo certo.

—Não, não mesmo. Aquilo foi apenas um exemplo. Pode ser o jantar de Ação de Graças, Florença, Itália, um pôr do sol sobre o oceano. Lucky está em toda parte, ele está dentro de tudo, mesmo que ele não tenha um rosto ou um corpo—.

Eu quero dizer a ela o quanto eu odeio que não haja corpo. Como a falta de restos me faz manter uma esperança

doentia que devora lentamente o que é normal e real. Eu vivo pelas fantasias e sonhos do meu primo. Talvez ele volte, talvez ele ainda esteja lá sob o mesmo sol e lua. O amor de Lucky era a realidade mais forte que já conheci, e não importa o quanto eu tente, não posso desfazer isso. O amor não vai embora e desiste, é firme e teimoso.

—Você já andou em seu sono, senhorita Heredia? —

Eu quero dizer a ela que sim, que na maior parte do tempo eu sou sonâmbula. Tentando fazer a coisa certa, coloque um pé na frente do outro. Estou com medo de acordar, de realmente entrar em contato com a minha dor. Minha sensação de perda é gigantesca, o que está do lado de fora da porta é um buraco negro, é o mundo inteiro, toda a minha vida, um enorme imenso futuro sem Lucky ao meu lado.

—Não que eu saiba, não. —

Eu tenho meu filho Luke. Eu tenho Adam, mas às vezes tenho medo de que o que *eles* sejam uma sombra da antiga Belén. Uma miragem esfumaçada que se dispersa, espalhada pelo vento mais suave. Sonolento, diluído pela tristeza e impreciso por estourar muitas pílulas de ansiedade. Eu não sei quem eu sou. Eu não sei o que quero. A vida estava em foco com Lucky aqui, sem ele, simplesmente há.

—Quando você foi ao chão de fábrica, você teve alguma idéia sobre talvez prejudicar você mesmo ou machucar outros, Srta. Heredia? —

Quase reviro os olhos, a pergunta dela, a pronúncia dela do meu nome, na prancheta dela, com todas as perguntas

obrigatórias listadas nela. O que tudo isso realmente significa é se eu sou maluca o suficiente para descontar em mim mesma ou nos outros. Eu tento *não* machucar as pessoas, é um dos poucos princípios em que me apego na vida.

Isso é diferente, eu quero dizer. É uma penitência com a qual estou amaldiçoada. Não há drogas ou terapia que possa curar esse tipo de aflição. Eu sou a garota que se apaixonou muito e nunca superou isso.

—Não, eu só quero receber alta. Eu não quero que meu filho se preocupe. Eu caí, talvez tenha perdido a consciência. Eu não sei? Eu estava assustada. Talvez tenha ouvido algumas coisas que não estavam lá. —

—Tudo bem, senhorita Heredia. Eu acho que é seguro liberar você. Gostaria de pedir que você acompanhe seu médico se algum desses sintomas ocorrer novamente. E aqui está um panfleto sobre gerenciamento de luto fornecido pelo hospital. Há um grupo que se reúne toda quarta-feira no refeitório principal, se você quiser conversar com alguém. —

—Obrigada pelo seu tempo—, eu sussurro. Agora eu tenho que sair do hospital sem me deparar com nenhum dos meus colegas de trabalho.

—Me desculpe, eu coloquei você através disso hoje. Lamento colocar -*nos* através dele, —eu digo a Adam mais tarde naquela noite na cama.

—Deus, amor, não se desculpe. Estamos indo muito bem, considerando. Luke teve uma explosão em Nana, ele comeu pizza no almoço e jantar. Eu tenho que sair do trabalho cedo e pular uma reunião de revisão da equipe chata. Você nunca mais precisará buscar suprimentos porque, mesmo que o transporte não esteja respondendo, nem uma alma em seu laboratório a deixará sair por frascos ou qualquer equipamento, nunca. —

Eu sorrio no escuro. Adam é um bom homem.

—Eu te amo—, eu sussurro para ele e aconchego em seu peito.

—Nós temos algumas trevas para lidar e às vezes nós vamos escorregar. Mas nós temos um ao outro, temos um menino lindo, bons empregos, um bom apartamento, estamos indo muito bem considerando as circunstâncias. —

—Eu sinto que você nunca perde, como se você tivesse muito mais controle do que eu. —

—Você está brincando, B? Você está brincando certo? Eu lhe contei sobre como quarta-feira passada eu tive que ir soluçar em uma popocaria de banheiro porque eles começaram a servir sanduíches de sorvete no refeitório? —

—Não, diga-me. — Eu ouço sua voz embargada, como um disco antigo com a estática. Mas não é recontar isso que o quebra, é a velha ferida de perder seu irmão Luke se abrindo novamente. Adam e seu irmão eram tão próximos quanto dois irmãos poderiam ser. Gêmeos, melhores amigos, duas pequenas ervilhas em uma vagem desde o começo.

—Você sabe que havia esse sinal no refrigerador de sobremesa que dizia: 'Agora, oferecendo sanduíches de sorvete.' Pensei que eu não tivesse tido um desses anos. Parecia uma boa maneira de terminar o peito de frango e mesclam salada verde. Então eu fui até lá, comprei um por um dólar, comecei a andar em direção ao saguão e tirei o papel de manteiga. —

—Então essa lembrança me atingiu com o gosto e o cheiro, até a sensação do papel pegajoso. Como Luke e eu juntávamos nossa mesada e pedalamos até o posto de gasolina para comprar uma caixa de seis deles. Acho que foram cinco dólares para a caixa, que era muito antiga. Tivemos que economizar por algumas semanas e começar a antecipar o dia. —

—É muito gostoso no Texas e tivemos que primeiro pedalar da base. Nós dizíamos à nossa mãe para onde estávamos indo e ela apenas nos acenava, feliz por nos tirar de casa. Nós pegamos aquela caixa e a rasgamos, fomos sentar na calçada perto do lixo. Estava quente, havia moscas, mas não estávamos de olho em nada além do prêmio e devorando todos os seis de uma só vez. —

—Eu me lembro de seu rosto, seu cabelo grudado na testa de suor. Os pedaços escuros do biscoito em torno das bordas de seus lábios. Olhar para Luke sempre foi como olhar no espelho. Eu limparia minha própria boca se visse que ele tinha migalhas nas suas. —

Eu posso ouvir sua voz vacilando e sei instintivamente que ele está derramando lágrimas. Eu o puxo para o meu peito e esfrego a parte de trás do seu pescoço até que ele possa falar

novamente. Ele cheira a bebida, mas eu não o julgo, alguns dias precisamos de um descanso, estamos fazendo o melhor.

—Eles estavam tão frios, mas nós praticamente os engolimos inteiros e pensamos que éramos legais por sermos capazes de devorar a caixa inteira. Então eu fico lá no saguão com a boca cheia de sanduíche de sorvete e eu tenho lágrimas escorrendo pelo meu rosto, totalmente fodidamente perdidas nessa memória visceral, enquanto médicos, pacientes e visitantes estão todos andando por mim com suas vidas. E a dor me atingiu no estômago como uma bola de boliche, não, como um caminhão. Inesperado, sabe? Eu não estava preparado para isso. Então eu entro no banheiro e choro na cabine e o maldito sanduíche está derretendo em todo o meu pulso, mas não consigo me impedir de jogá-lo no vaso sanitário. Eu estou segurando Luke sem deixar cair o sanduíche. Estou chorando com sorvete, como se tivesse acabado de perder meu melhor amigo. —

—Você perdeu seu melhor amigo, baby. —

—Sinto falta da sensação de segurança e calma que eu tinha quando estávamos juntos, como se tudo estivesse certo no mundo e eu pudesse prosseguir sem pensar ou sentir. Estou com ciúmes de como outras pessoas têm isso. E isso me mata que acabou. Isso se foi para sempre, não voltando. Assim como o Luke. —

—Tudo bem chorar com sorvete ou o que faz você sentir falta dele—, eu digo, massageando suas costas e segurando-o para mim com a outra mão. —Não importa o que os outros pensam, há gatilhos e sempre haverá gatilhos e nós apenas

temos que navegar através deles para o melhor de nossa capacidade. —

—Às vezes, só de olhar para o pequeno Luke é doloroso, porque eu percebo que meu irmão nunca vai experimentar o sentimento de uma pequena pessoa chamando-o de 'papai'. Isso me mata. Ele teria amado isso. Isso quebra meu coração. Eu quero isso para ele e ele se foi.

—Eu sei, Baby. Acredite em mim, eu sei, digo a Adam enquanto aliso seu cabelo de sua têmpora e tento acalmá-lo para dormir. Nós estamos muito emocionalmente exaustos para falar sobre isso. Eu penso em Lucky como pai e como ele seria incrível. Também me corta, imaginá-lo segurando uma criança. Eu tento não pensar nisso.

Naquela noite, quando finalmente posso dormir, nas profundezas do meu sonho, estou andando na praia. A brisa do oceano bate em volta de mim, o spray de sal toca meu rosto. Eu alcanço Adam para segurar sua mão e ele segui atrás de mim. Seu toque é tão caloroso e familiar que sinto profundamente a sensação de segurança de que ele estava falando, onde tudo está certo com o mundo e a dor da perda é esquecida.

Eu o puxo para mim e olho para baixo para ver que estou usando meu vestido de noiva. O vento o fez em pedaços e está em pedaços de cetim cor de marfim batendo ao meu redor. Eu olho para cima para olhar nos olhos azuis do meu marido, mas o que me cumprimenta, em vez disso, são os marrons esfumaçados de Lucky. Cílios, tão pretos que parecem úmidos, enrolam e emolduram uma expressão que posso sentir até o

osso. Olhos que conheço toda a minha vida, olhos que ainda me assombram como minha lembrança mais forte da infância. Eu suspiro e ele sorri e minhas mãos encontram seu peito. Não posso inalar nem expirar; Eu não posso me mover. Sua presença tão perto que sinto seu calor saindo de sua pele.

Eu tento falar e as palavras se perdem ao vento. Lucky pressiona um pedaço de vidro transparente na palma da minha mão. Eu envolvo meus dedos em torno dele e pisco, quando eu abro meus olhos, Lucky se foi. A pressão nos meus pulmões aumenta e percebo que preciso de ar. Eu prendi a respiração o tempo todo que eu pude ver seu lindo rosto, como se uma única respiração pudesse explodir.

Belén, não desista de mim.

Sua voz ressoa claramente fora do meu sonho. É bem perto do meu ouvido, tão perto que eu posso sentir a cócega de sua respiração no meu pescoço. Eu grito seu nome e sento na cama.

Por favor seja real.

Por favor, esteja aqui.

O quarto é preto. Estou escorregadia com um suor febril. A janela está aberta e as cortinas brancas estão batendo violentamente no vento forte. Eu corro para fechá-la assim que o trovão explode e a chuva se solta em uma chuva torrencial. Mas não antes de uma gota de chuva passar pela tela e pousar em meus pés. Minha pele arrepia e beija as costas das minhas pernas nuas.

Adam está deitado ao meu lado, alheio ao tempo ou à minha aflição. Ele toma comprimidos para dormir e pode dormir em um furacão. Uma tempestade indisciplinada se esconde no horizonte, movendo-se sobre o rio Hudson. Mas há um distúrbio ainda mais obscuro no meu subconsciente.

Ele esfrega seu comprimento duro contra a minha coxa e eu imediatamente viro meu corpo em direção a ele, deslizando minhas coxas sobre as dele, deixando suas mãos encontrarem minha bunda. Eu balanço meu corpo e o pressiono em um ritmo lento. Podemos apagar um pouco da dor assim; Adam e eu encontramos conforto em contato físico, lembrando um ao outro que não estamos sozinhos neste universo. Um universo que pode ser escuro e implacável, um lugar onde você pode sentir uma profunda solidão mesmo quando cercado por pessoas. Onde você pode se sentir terrivelmente solitário sentindo falta de apenas uma pessoa. Não sei como teria sobrevivido à minha perda sem que Adam estivesse ao meu lado.

—B, eu quero que você venha comigo. Apenas deixe tudo sair. —

O sexo é exigente porque não permite que você esteja em outro lugar. Claro, você pode fantasiar diferentes cenários, mas você deve estar presente em seu corpo. Você deve responder ao toque, você deve se mover; um orgasmo não pode ser alcançado sem algum esforço de ambas as partes. Parece duro descrever o sexo como terapia, mas com o meu corpo nas mãos de Adam, sinto o fardo da tristeza aliviar. A dor rola para o fundo da

minha mente quando o prazer me ultrapassa. Nem sempre é fácil e não estou completamente curada. Muita coisa mudou nos últimos anos. Mas algumas coisas não vão mudar, não importa o quanto eu goste delas. Eu posso separá-lo da minha mente, mas ele permanece no meu corpo. Eu não posso fazer isso sem ele. Eu ainda o imagino toda vez que tocamos.

É Lucky. Dentro de mim. *Sua* pele na minha pele, *seu* coração batendo no tempo sobre o meu. *Seu* sorriso, *sua* risada, quando ele timidamente provocava e descaradamente flertava. Eu imagino as mãos de Lucky nos meus quadris. Ou suas mãos segurando meus pulsos acima da minha cabeça quando seus lábios quentes tocaram os meus pela primeira vez. Sua língua pressionando, seu amor, sua luxúria.

Adam sabe disso. Ele aceita isso, o tempo todo. Eu nunca digo ou faço nada para lembrá-lo. Mas ele sabe desde o primeiro encontro, nosso primeiro encontro sexual, que Lucky está intrinsecamente entrelaçado no tecido que compõe quem eu sou. Eu sou incapaz de extrair luxúria ou desejo sem tê-lo de alguma forma, persistente, permanentemente conectado a ele. Minha sexualidade não é um agente livre, é um escravo do seu mestre. E ele se foi para sempre e não voltou para mim. Eu pensei que isso mudaria com novo amor, depois casamento, e especialmente com o tempo. Mas eu estou presa. Um pônei de um truque com um feitiço de amor ininterrupto que trabalha sua infinita magia de amor em mim.

O sexo dói sem ele porque está vazio, não parece certo.

Sou uma mulher adulta, uma esposa e uma mãe e não consigo nem chegar ao clímax sem imaginar meu primo.

Depois

Eu nasci na cidade de Nova York e não consigo imaginar crescer em nenhum outro lugar. Desde o Boogie até o Harlem espanhol, West Harlem e as Heights. Esta cidade corre pelo meu sangue como a chuva aqui lava através de calhas sujas. Chuva ácida, tóxica o suficiente para eventualmente desgastar o concreto. Apenas a água queima seu caminho no que você achava que era uma base sólida. Crescendo nesta cidade deixou sua marca em mim para sempre.

Não estou dizendo que sou imune a sonhar com outro lugar, fantasio em voltar ou me mudar para algum lugar mais frio nos estados. Mas ainda assim, essa fera me fez quem eu sou e eu não desistiria daquelas raízes profundas por nada.

Eu sou 'espanhol', sou 'negro' para alguns, sou caribenho, sou 'das ilhas', mas acima de tudo, acima de tudo, sou um nova-yorquino nascido e criado. Alguns dos meus amigos não querem ficar mais um dia do que precisam. Dê o fora da cidade e vá para Jersey ou algum subúrbio de merda. Mas eu faço minha reivindicação na minha vizinhança e no canto em que me levantei. Eu sou parte deste lugar, estas ruas médias correm profundamente no meu sangue.

Belén faz parte também, quer ela goste ou não. Mesmo que ela fosse diferente do resto de nós, ela não pode apagar totalmente quem esse bairro a fez. Eu nunca tenho que fingir em torno dela porque ela sabe exatamente do que sou feito. Belén é uma parte tão grande de mim que não há como escapar disso. Me manda para o outro lado do mundo e me deixa morrer no

deserto, mas Belén ainda fala comigo, como se ela vivesse na minha cabeça. Através das estrelas no céu e dos grãos de areia que sob minha camisa e em minhas meias, ela entra em mim. Bey está em tudo, no copo, no céu do deserto, na maldita maneira que eu cozinho um pote de arroz.

Ela me ensinou a cozinhar arroz para que eu não — morresse de fome, quando não houvesse uma mulher— para cozinhar para mim. —Eu penso em suas mãos na panela sob a corrente de água da torneira. Como ela acariciava os grãos de arroz, mostrando-me como procurar os ruins e tirá-los da panela. Eu apenas assisti Belén ao invés dela enquanto ela corria a água do arroz clara.

—Esse aqui é ruim, Lucky. Veja como está ficando preto? Às vezes, há minúsculas pedras no feijão e no arroz, então você precisa tomar cuidado com elas. —

—Esse sou eu, esse arroz—, eu disse a ela quando ela jogou no lixo.

—Lucky, vamos lá. Aja com seriedade. —

—Eu estou sério. Eu sou a semente má. Pergunte a qualquer idiota neste bloco. — Ela balançou a cabeça, serviu óleo e acrescentou uma colher de chá de sal.

Me mata lembrar momentos como aqueles em que eu poderia tê-la abraçado, deixá-la saber o quanto ela significava para mim. Mas eu era muito covarde para agir, fazendo de tudo para tentar suprimi-lo. Eu estraguei tanto, é quase mais fácil não olhar para trás.

Eu pensei que queria cortá-la completamente da minha vida. Nada, Belén é igual a nenhum problema, certo? Mas fazer isso seria como cortar meus próprios membros. Você precisa deles para funcionar. Você precisa deles para viver.

Mas mesmo assim, não consigo tirá-la de mim. Ela está no meu sangue derramado que a areia foi e bebeu. Seu sorriso está no meu sorriso. O som da voz dela na minha cabeça é mais forte que a minha própria voz, mesmo quando eu estava meio morto no hospital. Penso em todas as vezes que fiquei tão alto que não consegui ouvi-la. Eu fiz de propósito. Eu fiquei fodido para tirá-la do meu sistema.

Me desculpe, Bey. Eu sinto muito por isso.

Eu vou tomar toda a dor que arde através do meu corpo. Vou pegar a mente obscura e perdida. Vou até pegar a solidão. Eu mereço tudo o mais está chegando. Não há nenhum fardo que eu não possa suportar depois de toda a merda que fiz com ela.

Por que eu fodi Yari? Para que Belén me odiasse. Ela não fez. Ela me amava mais em vez disso.

Ela me amava pelo pior que eu poderia dar a ela. Drogado, zangado, perdido em guerra de rua estúpida. Belén me amou através das besteiras, através da fachada. Ela viu o verdadeiro Lucky. Às vezes acho que ela foi a única pessoa que me pegou.

—Arghhhh! — Eu grito, lançando no trenó de futebol que eles me fizeram empurrar no ginásio. Meu corpo grita com

dores que eu nem sabia que eram possíveis. O suor escorre em meus olhos e, quando chego ao fim, meus punhos embrulhados massageiam as órbitas dos olhos tentando apagar a queimadura. As lágrimas também estão caindo, mas nego o direito delas de estarem lá. Eu era o único fodido, eu posso lidar com o que eu tenho vindo. A dor de não ver Bey novamente é tão crua que arranca minhas entranhas, faz meu estômago revirar e cambalear em rebelião.

Mas este é o final perfeito para a nossa história de amor, aquela em que Belén foge e não acaba com o vilão.

Estou fora da cama agora e estou há um ano. A merda ainda é lenta e cansativa com a minha recuperação e na maioria das vezes, me sinto meio fodido na cabeça. Mas eu vou para fisioterapia três dias por semana. Eu trabalho com um fonoaudiólogo que mal fala inglês. Consegui um contrato de trabalho com uma daquelas agências de segurança que o governo dos EUA aluga. Merda não é muito diferente do que estar nos fuzileiros navais. Ou, aliás, nas quadras de basquete do meu bairro. Mesmo jogo que os cantos ou até mesmo o pátio da escola. Deite baixo, jogue sujo quando for necessário. Não tome partido porque todo mundo é um inimigo em potencial. Eu assisto minhas costas, eu olho para o meu time. Eu carrego uma arma e faço o que devo. Meu cérebro e meu corpo não funcionam como deveriam, mas eu poderia fazer essa merda no meu sono; É para isso que nasci.

Eu não podia deixar minha mãe continuar pensando que eu tinha ido embora. Liguei para ela um ano depois, quando consegui um prognóstico real sobre o dano que foi causado durante a explosão. Não há razão para ter esperanças se eu só

for checar mais tarde em vez de quando ela for notada. Minha mãe trabalhou duro toda a sua vida. A última coisa que quero fazer é forçá-la, fazê-la se sentir como se ela tivesse que largar tudo e esperar na minha bunda e nas mãos quebradas, fazendo tudo que ela pode por mim.

—Lucky, você está de pé. Me dê vinte na esteira. —

—Chegando bem—, eu digo e dou-lhe uma saudação. Meu fisioterapeuta é americano. Um cara de Cleveland que dedica toda a sua prática para ajudar os soldados a se recuperarem do trauma. Ele me joga uma pequena toalha e me joga uma garrafa de água; Eu engulo em um gole e limpo o suor da minha testa.

No começo, Ma recusou-se a me deixar em segredo. Bey teria sido a primeira pessoa que ela contou se eu a deixasse seguir seu caminho. Mas eu a convenci, assegurando-lhe que não havia razão para ficar excitado ainda. O caminho para a recuperação é longo e lento, meu médico gosta de dizer. A única maneira de correr para a linha de chegada é pular fora do jogo. E acredite em mim, alguns dias eu quero. Mas eu continuo me movendo para o bem da minha mãe. Eu também luto por Lenny, embora ela nunca saiba disso. Em algum lugar do outro lado da terra, minha garota luta a mesma batalha. Eu me sinto confortável nisso, mesmo sabendo que sou um idiota por isso. Eu quero que ela seja feliz. Eu realmente não quero que ela machuque por mim. Mas às vezes me conforta que talvez ela esteja magoada, porque é assim que o amor se sente.

Se estou sendo totalmente honesto, minha vida perdeu seu brilho, parece pequena e vazia. Eu não sou nada sem ela, especial para ninguém.

Eu empurro esses pensamentos o mais longe possível enquanto eu corro. Eu não vou passar o dia se não puder deixar ir. Uma grande parte de mim morreu naquela explosão no deserto. Eu desisti da melhor parte de mim mesmo quando desisti da minha prima.

Meus quadris queimam na esteira. Eu amo a queimadura, amo saber que pouco a pouco a dor leva a um objetivo.

Minha cabeça não está bem e eu não sei se alguma vez será. Estou mais lento agora e minha confiança levou um golpe, talvez mais do que o meu corpo. Demorei tanto tempo só para aprender a controlar meus membros. Esqueça as habilidades motoras finas, essas nunca serão as mesmas. Eu perdi minha merda e gritei, então demiti, três fisioterapeutas que estavam apenas fazendo seus trabalhos tentando me ajudar.

As coisas estão malucas. Estou com fome. Estou ressentido. Eu não tenho o mesmo controle que eu tive na maior parte do meu corpo. Mas é uma imagem dela, tão firme e inabalável, que me mantém lutando. Se Belén me amou no meu pior, então posso continuar tentando. Eu me pergunto se ela pensa em mim. *Eu* me pergunto e sonha acordada todo o tempo do caralho.

Eu ainda quero que ela se importe tanto quanto antes. E é uma coisa fodida para dizer, porque as escolhas que fiz foram feitas para ajudá-la a seguir em frente, para que ela pudesse fugir disso. Porque ela é melhor que eu. Belén é uma pomba e eu não sou nada além de um pombo, um rato de rua sujo. Um bandido reformado, um perdedor. Provavelmente nunca irei

para a faculdade agora, ou algum dia conseguir um emprego de verdade.

Minha mãe me diz que ela é casada agora e tem um filho. Quando ela me contou que eu me sentia fodido o suficiente para matar alguém, isso, ou colocar uma bala na minha cabeça. Eu soquei o espelho no banheiro até o sangue dos meus punhos descer pelas paredes.

Como ela poderia seguir em frente?

Como ela não podia? Ela acha que eu estou morto.

Eu raspei minha cabeça com quase nenhuma coordenação. Eu perdi minha mente, arranhei minha pele até sangrar. Rasguei marcas irregulares pelo meu rosto com minhas próprias unhas quebradas. Nada dói mais do que saber exatamente o que você desistiu.

Isso é o que você queria, eu digo a mim mesmo. Repito isso indefinidamente, como um mantra que me ajudará a entender minha vida.

Naquela mesma noite, acabei em uma ferida de quatro pontos. Eu acordei suando frio. Eu amaldiçoei os céus. *Eu mudei a porra da minha mente! Eu levo tudo de volta. Eu quero ela. Eu preciso dela.* Eu gritei assassinato sangrento até que uma seringa gigante apareceu do nada e eles me sedaram.

Minha mãe diz que Belén ainda mora na vizinhança e trabalha em ciência no hospital. Ela ficou perto de casa, depois de toda a luta para escapar de onde viemos. Belén anda pelas mesmas ruas que governamos em nossa juventude. Eu penso

naqueles dias com carinho, apesar de estarmos todos andando em círculos, usando um sulco na calçada com nossa falta de ambição e nossa natureza territorial.

Deixarei o Jordan em breve, mas não irei para as la. Minha mãe disse para vir a Santo Domingo, onde podemos começar uma nova vida. Alguns dias eu não quero. Há dias que eu prefiro levar uma bala do que tentar. Há momentos em que eu quero Belén mais do que qualquer outra coisa no mundo, ou onde eu não quero um mundo sem mim e Bey nele. *Juntos.* Lutando pelo que sentimos e jogando uma merda para quem pensa que estamos errados. Quando você quer algo tão ruim que você pode prová-lo, chega um medo com isso, um terror negro, grande e consumidor que você não vai conseguir. E se isso acontecer, o que resta? Um buraco queimado onde seu coração costumava estar e a casca de um homem
quebrado. Nada. Vazio. Sem significado.

Na maior parte do tempo, sou eu. Acontece que eu era o meu pior inimigo.

Todos os dias na reabilitação que eu luto para melhorar, eu faço isso por Bey. Cada respiração, cada empurrão, cada músculo esgotante, eu luto pela garota. Memórias dela me salvam, me motivam a ficar mais forte. Mas não porque nós estaremos juntos, mas porque Bey sempre tentou o seu melhor para fazer um homem melhor fora de mim. Quando tudo o que fiz foi arruiná-la, levá-la ao meu nível. Uma vida sem mim por perto é a melhor coisa que poderia ter acontecido com ela.

Antes

Ela está descendo as escadas quando eu bato a porta atrás de mim. O uniforme de Bey é curto e seu cabelo está preso em um rabo de cavalo perfeito e apertado. Meias de joelho brancas puxadas para cima e cadernos apertados contra o peito. Uma mochila cheia de livros e uma faixa rosa na cabeça.

Eu, tenho minha camisa ainda desabotoada, minha nuca está pingando do chuveiro e eu tenho zero livros ou até mesmo uma jaqueta. Eu não tenho um lápis, eu costumo falar com Yari ou meus meninos.

—Hey— eu digo assentindo em sua direção e passando por ela o mais rápido que posso.

—Bom dia—, ela diz, tentando não bocejar. Seu suéter escolar está sobre os ombros.

—Lucky Cabrera! *Baboso!* Você deixou deixou queimadando a panela! —

—Bom dia, Tia—, diz Belén, sem dar muita atenção à minha mãe em seu roupão de banho, com o cabelo preso molhado..

—Merda, desculpe, estou atrasado—, eu grito, já uma escada à frente dela.

—Lucky, *desgraciado!(desgraçado).* Ande com sua prima bebê até a escola. —

Eu paro meus pés de correr e espero por Bey para alcançar.

—Está tudo bem, Lucky. Você pode continuar sem mim, eu vou ficar bem. —

Mas ela parece triste quando diz isso, como se ela realmente quisesse que eu a acompanhasse. Eu puxo seus cadernos do braço e puxo a mochila dos ombros.

—Cale a boca, Len. Nós dois vamos para o mesmo lugar, e você sabe disso. —

Eu agarro a mão dela enquanto fazemos o nosso caminho ao virar da esquina. Não nos damos as mãos há muito tempo, mas parece certo e os velhos hábitos são difíceis de morrer. O que significa que é difícil matá-los.

Ela cora e olha para mim através de cílios negros sedutores. Eu a puxo para perto, nós batemos ombros e Belén começa a rir.

—Como você vai me acompanhar naqueles velhos sapatos de senhora? —

—Minha Mary Janes? Eu posso andar rápido. Eles são os únicos que usam meu uniforme. —

—Eles parecem presos. —

Seu rosto cai.

—Só zuando com você, Len. Você sempre parece bem.

Nós andamos dois blocos antes de vermos alguns dos meus amigos. Eu solto a mão dela como se estivesse quente e me sinto culpado como pecado.

— *Qué lo qué? — (O que, O que)* Eu grito para meus garotos do outro lado da rua. Eu adiciono alguma merda para que todos me levem a sério. Bey olha para o meu rosto com curiosidade, como se ela estivesse se perguntando o que vou fazer a seguir. Como Clark Kent, mudo como ajo dependendo de com quem tenho que lidar.

—Eu preciso de um pouco de café, Bey. Se importa se pararmos na delicatessen? — Eu coço a cabeça e esfrego os olhos. É difícil enxergar direito quando você não dorme e está correndo com adrenalina.

Eu tomo um longo tempo, mexendo no creme e no açúcar. Espere meus meninos passarem então eu posso pegar a mão dela novamente. Eu compro um bagel premada em envoltório de Saran espalhado grosso com cream cheese e uma torta de aveia com creme de marshmallow no meio. Enquanto eu estou cavando meus bolsos por dinheiro, a chuva decide entrar e fazer uma aparição dramática. Passei tudo na noite passada e espero que Abdul reduza suas perdas e me dê um tempo como ele faz o tempo todo com loucos e ocasionalmente uma lata de refrigerante. Bey me entrega uma nota de cinco dólares enrugada, ainda parecendo divertida com minhas palhaçadas.

—Obrigado, Lenny—, eu sussurro e jogo os cinco e alguns trocados no balcão da lanchonete de propriedade do iemenita

que atende aos mexicanos. Algumas garotas da escola correm e gritam enquanto colocam de suas jaquetas em suas cabeças.

—Tem um guarda-chuva na sua bolsa? — Eu pergunto a ela e nós dois estamos tentando não sorrir.

—Eu não me importo de esperar. Primeiro período eu tenho ginásio. —

Eu jogo meu braço ao redor de seu ombro e a puxo para perto quando um enorme grupo de adolescentes entra pela porta, encharcado.

—Você está dizendo que vai faltar? — Eu pergunto a Bey. Não posso ajudar o sorriso gigante que se arrasta no meu rosto em sua *mueca* rebelde, pensando que ela é toda difícil de pular fora no ginásio. Ela cruza os braços e parece desafiadora.

—Vamos então—, eu sinalizo para a minha prima. Agarrando a mão dela, eu a puxo ao longo do estreito corredor cheio de tudo que você pode imaginar. Eles pegaram papel higiênico, latas de sardinha, sacos de feijão e velas com a virgem todos disputando espaço na prateleira. O lugar tem cheiro de café e lixo de gatos, o porão mofado de alguém coberto com purificadores de ar baratos. Nós empurramos através da porta na parte de trás que está coberta com adesivos e anúncios de bebidas energéticas branqueadas pelo sol que saíram do negócio um tempo atrás. O magro gato preto e branco salta para fora do nosso caminho, abaixando-se sob o refrigerador de sorvete. Há um toldo na entrada dos fundos e eu permaneci debaixo dele antes. A chuva bate ruidosamente no plástico corrugado e escorre para o chão em baldes, correndo para se juntar ao êxodo para a sarjeta.

—É como o local perfeito para assistir a chuva—, eu digo, arrancando uma grande mordida do bagel. —Há caras que jogam dominó aqui quando o tempo esquenta—.

Belén assente e inclina o peso de seu corpo em mim. Eu a puxo na minha frente e coloco o braço sobre a clavícula dela. Cinco mordidas depois e o bagel vira pó. A torta de aveia é rasgada com os meus dentes. Eu seguro na frente da boca dela e ela dá uma pequena mordida.

—Eu nunca te identifiquei como um observador da chuva, Lucky—, ela diz melancolicamente. Ela inclina a cabeça para trás e olha para mim através de cílios molhados, o rosto de cabeça para baixo.

—Oh, Belén, você ficaria surpresa com toda a merda que eu posso fazer. —

Eu a alimento mais e ela pressiona a cabeça no meu peito.

—Surpreenda-me, Lucky—, diz ela depois de engolir.

Estamos flertando e isso é tão bom. Meu sorriso é largo. É uma das raras vezes em que meu rosto está falando a verdade. Não é sobre drogas ou dinheiro ou jogando sombra com meus meninos. Não é a farsa que eu mostro para adultos que me medem com desaprovação em seus olhos.

Mas eu fico aqui na umidade e vejo o cabelo de Bey se enrolar ao longo de sua linha do cabelo, minha mente é soprada com o feitiço que essa garota tem sobre mim. O cenário é uma merda. Lixo molhado espalhado por todas as ruas da chuva, prédios de tijolos em ruínas com enferrujados focos de

incêndio. Projetos e seção oito prédios em necessidade de reparo. Este lugar é um buraco de merda, e, no entanto, Bey me faz sentir como se estivesse andando no ar.

Há um *viejito (um senhor) de* pé sob o toldo da bodega do outro lado da rua. O tipo de coisa antiga que ainda tem caixas de madeira de *yaútia* e *plátano (bananas), em* vez de batatas fritas e doces para crianças. Ele raspa seu metal *güira* e canta *Diente de Oro* para a chuva. Estou mais contente assim, com Bey em meus braços, do que em qualquer outro lugar do mundo. Favela do centro da cidade, ou não, sou um homem rico segurando o que é precioso. Eu tenho amor verdadeiro aqui em meus próprios braços.

Bey vira-se debaixo dos meus braços e de repente estamos peito a peito. Ela olha para o meu rosto e alcança seu dedo em direção aos meus lábios. Ela bate uma vez e traz de volta com um pouco de recheio de marshmallow. O dedo então encontra o caminho para a boca dela. Ela coloca-o casualmente entre os lábios, chupando os restos do meu café da manhã. É tão sexy, quase parece um beijo. Mas de alguma forma ainda melhor, mais sutil, mais inocente, Len em poucas palavras.

Minhas pupilas se dilatam e meu coração bate no meu peito. Meu pau pula para a atenção e Belén só lambe os lábios. Ela procura meus olhos por um segundo e eu estou uma confusão. Então ela se vira de novo e puxa meus braços sobre o peito em um abraço apertado.

Eu não poderia nem te dizer porque meu coração dispara como uma chita, tornando difícil respirar por igual, para manter meu rosto calmo. Estou com medo de como ela me faz

sentir. Aterrorizado, mesmo. O que você faz com essa merda? Parece que eu deveria engarrafar e levar para a porra da igreja. Não se casar com Bey, mas para devolvê-lo a Deus.

—*Ei, você! Sim você. Aqui está, eu não mereço isso!* — Eu grito no altar. Meus sentimentos estão fora de controle e não sei como lidar com isso.

—É tão perfeito—, ela sussurra.

Eu comi mais garotas do que posso contar. As mais velhas, as mais jovens, gordas e magras, fáceis e não. Eu estourei muitas cerejas, estive com algumas das meninas que ganharam sua reputação no ensino médio. Eu sou o tipo de cara que gosta de ter seu pau sugado em uma sala de aula vazia, armários, escadas. Eu tenho jogo de cintura e conseguir isso nunca foi um grande problema. Eu não tenho medo de dizer isso.

Vi muita coisa maluca no meu dia, fiz muito, tive muito. Não me pergunte por que, mas nada disso se compara a Bey tirando a cobertura dos meus lábios e então inocentemente chupando o dedo dela.

Eu a seguro perto enquanto a chuva diminui e meu corpo começa a tremer. Eu não consigo pensar em mais nada além de fazer sexo com ela e Bey está apenas sendo educada fingindo não notar meu pau duro. Ela está tentando não reconhecer o quanto seu simples gesto balançou meu mundo. Eu a puxo para que sua bunda repouse contra a curva da minha pélvis. Meu nariz encontra seu pescoço e seu cabelo, me deixa bêbado de amor com seu perfume. Eu poderia dar a mínima para quem nos vê ou quem pensa que estamos doentes. Se é assim que se sente errado, então não preciso de certo. Se isso é estar pecando,

então me mande para o inferno. Eu vou para lá. Com prazer. Porque sem ela já vivo lá de qualquer maneira

Belén, vá em frente. Atreva-se. Faça um maldito pecador fora de mim.

—Devemos fazer uma corrida para isso? — Ela pergunta.

—Não, nós podemos esperar. Não pode chover o dia todo. —Eu não quero deixá-la ir.

—Sim podemos. —

—Mais cinco minutos—, eu digo.

Eu quero esses minutos porque a única vez que eu realmente me sinto bem, é quando estou perto dela e não tenho que fingir ser algo que não sou. Para todos os outros eu estou retirando cartões. O cara duro, o responsável, o idiota pronto para festas que gosta de se meter e foder com garotas quando estou bêbado. Mas quando se trata dela, eu não sou nada disso. Eu sou como todo mundo, tentando descobrir onde eu me encaixo. E a única vez que eu sinto que estou chegando perto é com essa garota em meus braços, seus olhos em mim e minha boca pairando em sua garganta.

Ela olha para mim com amor.

Eu quero morder ela. Beba seu sangue ruim e consuma-a. Leve-a para dentro. Eu quero puxar Bey pedaço a pedaço e examiná-la. Então ela me implora, e *só* eu, para colocá-la de volta.

—Devemos ir à escola—, eu digo. Eu não quero dizer nada disso. Eu ficaria aqui até nós dois congelarmos, até morrermos de exposição. —Eu não quero colocar você em problemas. — *Eu faço.*

—Eu gosto do seu tipo de problema, Lucky—, diz Bey. Ela coloca a boca no meu antebraço no fantasma de um beijo. Flechas com pontas de veneno em chamas derrubam meus membros.

—Não diga coisas assim, Len. Você não tem ideia do que está se metendo. —

—Eu não tenho medo—, diz ela e é quase um sussurro.

—Você deveria ter—, eu digo. *Eu tenho.*

Ela me surpreende. Belén dispara para a chuva e grita com o frio do ataque das gotas de chuva. Eu sigo atrás dela tirei meu blusão para dar-lhe algum abrigo. Nós corremos os poucos blocos restantes para a escola. Meus tênis estão encharcados e a água da chuva esguicha com cada um dos nossos passos trovejantes. Eu abro as portas duplas e passo para trás para que ela possa entrar primeiro. Ela treme e seus dentes batem enquanto dois riachos escurecem com rímel escorrendo pelo rosto. Ela empurra o cabelo molhado para trás do rosto.

Eu a puxo para outro abraço e corro meus braços para cima e para baixo em sua roupa encharcada de chuva. Estamos ambos sem fôlego, nossos peitos se levantando da corrida.

—Faça-me um favor, Len, nunca mais faça isso. —

Ela fala mais e toca na curva do meu braço. Os aquecedores escolares assobiam e giram, as nuvens aquecedoras industriais aquecidas de aroma de cereja nos cercam.

—Fazer o quê? — Ela pergunta e eu posso sentir seu coração acelerado contra o meu peito.

—Fuja de mim—, eu digo, porque eu tenho que dizer alguma coisa.

Não me dê essas memórias que eu vou comparar todas as outras garotas. Não seja tão tentadora que eu perca a minha merda e me mova um passo mais perto de fazer exatamente o que eu não deveria.

Não me mostre o que é perfeito, na chuva, atrasado para a escola. Não me dê esses momentos que parecem maiores que todo o resto do mundo.

Não me deixe te amar, Bey.

Depois

—Você pode cuidar de Luke hoje à noite depois do trabalho? —

—Sim claro. Sua mãe não está por perto? —

—Não, —, eu digo, tentando parecer casual. —Ela está me levando para uma *limpieza* depois do que aconteceu na semana passada. —

—No armário de armazenamento? —

Eu concordo.

Adam revira os olhos e parece irritado, como eu previ que ele faria. Ele não é tão apaixonado pelas práticas religiosas ou crenças da minha família. Eu, no entanto, estou em cima do muro. Não acredito necessariamente que essas práticas realmente me ajudem, mas tenho medo de *não* as fazer e sofrer as consequências. O medo é uma evidência suficiente para me obrigar a acompanhar minha mãe em suas viagens à *botânica* ou missas aos domingos. Adam resmunga ou late que nós somos biólogos e sabemos melhor do que entreter a fé cega. Ele mal concordou em passar com o batismo de Luke, no qual minha mãe e minha tia insistiram. Isso causou uma brecha entre Titi e Adam porque, segundo ela, o bebê Luke é seu sol e Adam é apenas um *gringo* que entrou e ocupou o lugar de Lucky.

Adam foi criado luterano e ele frequentou a igreja, então muitas vezes tenho a sensação de que o que o deixa mais desconfortável com as crenças da minha família é que eles são híbridos, menos comuns e, portanto, totalmente desconhecidos para ele. Ele não sabe o que fazer da Santería (uma religião) e descarta-a como feitiçaria. Minha mãe nunca usaria a palavra *Santería* para suas viagens ao clarividente ou médium local. Ir ver sua sacerdotisa na *botânica* é parte de seu bem-estar físico, espiritual e mental. Para Mami, é mais como uma viagem para ver o seu treinador de vida do que um esforço religioso.

Espiritismo, ela diz. Para ela, é apenas a verdade que seus pais e avós seguiram. Para mim é o mesmo, mas conheço minha

história graças à educação que tive a felicidade de receber. Estes são feitiços africanos misturados com o esteticismo católico romano e um salpicão. A religião da minha família é tão colorida quanto seus variados tons de pele. Mas tente dizer a Mami que ela está realizando ritos africanos - ela me bate na cabeça e me chama de *babosa.* Eu vou porque não quero descobrir da maneira mais difícil que o jeito da Mami *não* funciona.

—Talvez você devesse abraçar isso. Talvez você devesse vir buscar alguma ajuda também, algum fechamento, eu não sei —, eu digo para Adam. Meu muffin inglês está transbordando com manteiga derretida e geléia de morango. Ele pinga na minha roupa e eu puxo o material até a boca para lambê-lo.

Adam bebe seu café e joga um dos velhos babadores de Luke para mim. —Veja, eu te disse que devemos segurar as coisas de bebê. —

Ele está se movendo em direção a um território perigoso, porque ter mais filhos é um assunto delicado entre nós. Adam quer e eu prefiro não. Na maioria das vezes eu me sinto como metade de uma pessoa. Não quero trazer outra criança para este mundo como meio de aliviar ou distrair-me de meus problemas pessoais, isso não seria justo para a criança ou para Adam. Durante toda a minha gravidez, até o momento em que dei à luz, Lucky estava ausente da minha vida e senti-o mais profundamente durante esse tempo. Não quero me sentir vazia de novo; Eu não quero reviver sua ausência.

—Se eu for ao xamã com você, você vai parar de esconder seus sentimentos? —

—Meus sentimentos são nojentos, Adam. Confie em mim, você não quer vê-los.

Olha quem está falando, eu quero dizer. Adam não é muito comunicativo. Ele esconde mais do que eu.

Eu lambo geléia do meu dedo indicador e sinto que estamos lutando. Nós nos reunimos por causa da nossa dor semelhante, mas às vezes acho que estamos juntos pelas razões erradas. Duas pessoas desesperadamente tristes tentando fazer isso. Jogue o bom e esmague as partes ruins.

Às vezes parece que somos a segunda escolha um do outro. Adam preferia ter seu irmão de volta do que uma vida comigo, e eu desistiria de tudo para ter Lucky em vez de ele olhar para mim.

—Você poderia pegar minha receita para mim? —

—Novamente? Eu juro que você acabou de reabastecer na semana passada? —

Adam dá de ombros enquanto ele apressadamente beija minha bochecha. Ele toma mais drogas do que eu, mas nada disso parece afetá-lo. Sua receita para Xanex (remédio pra crises de ansiedade) sozinha me deixaria de bunda para o ar por uma semana.

Luke, monta sua nova bicicleta enquanto caminhamos para a casa da minha mãe, nenhum jardim de infância para o meu bebê hoje, já que meu episódio conseguiu me comprar três dias de folga do trabalho. O bairro mudou tanto que Lucky nem sequer reconheceria. Cafés e restaurantes que você costumava

percorrer até o centro da cidade agora estão repletos dessas ruas vibrantes da minha infância. Cafés da moda surgem a meio quarteirão, onde costumavam haver lojas de bebidas e barbearias ou, ocasionalmente, farmácias familiares.

—Luke, espere! —

As ruas eram mais agitadas naquela época, sem padarias, mais como mesas de dominó e garotos de esquina. Passamos pelos parquinhos onde Lucky, Yari e eu passamos nossos longos dias de verão. Quantos segredos foram sussurrados, corações partidos, até mesmo professos e retratados? Estas são as terras sagradas transbordando com memórias vivas. Algumas belas, algumas agradáveis. Mesmo indo embora, eu sinto a sorte ao meu lado, ele nunca não está comigo.

Luke corre para frente porque gosta de subir as escadas sozinho. Temos que passar pelo apartamento de Titi no caminho para a casa da minha mãe. As memórias são tão fortes que muitas vezes sou superada. Eu carrego a bicicleta e corro meus dedos ao longo da parede.

Pedaços vermelhos de vidro do mar ofereciam-lhe na palma da mão e o cheiro de fumaça de maconha se curvava em sua boca sedutora. Beijos e lágrimas roubados. Deus, o grito e a luta. Os olhares clandestinos, a excitação inocente. Nossas tentativas não tão graciosas de satisfazê-lo.

Um primeiro beijo na cozinha da mamãe que nunca vou superar.

Eu daria qualquer coisa para revivê-lo novamente. Lucky segurando meus pulsos para trás, explorando minha boca pela

primeira vez, quebrando o selo em nosso segredo, nosso pacto de amor verdadeiro. Nós colocamos a conformidade de lado em troca de algo mais forte. Juntos. Lucky e eu, nem percebi o tamanho do nosso amor até darmos o primeiro passo. Então ficou fora de nossas mãos e impossível de se conter.

Eu acho que meu amor por Lucky já estava escrito no meu sangue. Nós lutamos com tudo o que tínhamos e isso nos deixou infelizes. Mas eu não acredito que nenhum de nós tenha tido qualquer controle real sobre isso.

Muito numerosas para contar são as vezes que eu tive que sentar no degrau perto da porta deles, enquanto eu sou bombardeada com memórias tão reais que elas me aterrorizam. Nem uma vez eu pisei no apartamento de Lucky depois de sua morte. É um túmulo selado, um santuário, o único DNA restante. Sentada em frente à porta de Titi, gosto de me torturar com perguntas: *ele pensava em mim enquanto estava morrendo? Ele queria que ele pudesse me dizer uma coisa certa antes de sair? Ele queria que eu estivesse lá com ele? Houve dor? Ou pior, sua morte foi colorida pelo arrependimento?*

Tão frescas são essas feridas perpétuas que, depois de quase cinco anos, não sei se algum dia vou me recuperar ou me sentir inteira de novo.

—Lucky! — Eu sussurro no espaço vazio. Eu o imagino no telhado novamente. Ele enfiou a cabeça pela escotilha.

Que porra é essa, Bey?

Ele alcançou seu braço para me ajudar a rastejar até ele.

Suba aqui, loca. *O que você precisa é de um cigarro.*

Eu posso imaginá-lo me repreendendo. Eu posso sentir minha mão tímida na dele, sentir o cheiro do amaciante de roupa de Titi agarrado a sua camiseta, a fumaça do cigarro, a adrenalina com a qual seu suor sempre parecia estar cravado. Eu posso provar o uísque afiado em seus lábios, a luxúria em sua língua. Provavelmente não é saudável viver uma vida tão cheia de fantasmas, para falar com sua prima morta mais do que com seus amigos.

—Lucky, eu não posso! — Eu choro em minhas próprias mãos. Lágrimas devem ter começado em algum lugar entre sentar e perder minha merda. Eu balanço meu corpo para frente e para trás enquanto uma nova onda de dor passa sobre mim. Sou incapaz de funcionar; Essa dor corta muito fundo, dilacerou meu coração e todo o bem que estava lá drenou para fora de mim. Eu não me sinto como um adulto e tenho um filho para cuidar.

—Belén, suba as escadas—, diz Mami de cima. Não é a primeira vez que ela me pega nesse lugar em estado de desolação. Me envergonha que eu não possa seguir em frente. Que porra está errado comigo? Eu tenho muito a agradecer e ao invés disso eu me afundo em melancolia.

—Limpe seu rosto, querida—, diz ela, entregando-me um pano de prato limpo. —Luke está assistindo Thomas the Train, vá se limpar. —

—Sinto muito, Mami—, eu digo, enxugando as faixas salgadas de lágrimas.

—Não se desculpe, *hija mía (minha filha).* Eu choro também agora e depois. Você perdeu o garoto que amava antes de crescer. Essa pequena dor sempre estará lá. —

—Não é pouco, é *enorme—,* eu digo, exasperada. Eu encho o copo ao lado da pia com água da torneira.

—Você sabe o que eu quero dizer. Você não pode cortar algo quando ainda está crescendo, porque então não vai prosperar e não vai brotar. Nenhuma fruta na árvore, você terá sorte de conseguir flores.

Eu engulo a água da torneira e sorrio através do copo para minha mãe. Minha mãe, a poetisa fechada, rainha da metáfora mística.

—Então você está dizendo que meu coração está deformado, que nunca vai funcionar direito? —

—Não boba. Estou dizendo que o coração de sua garotinha vai doer sempre. Ame com seu grande coração, aquele que Deus lhe ensinou a usar quando nossas vidas se desfizeram. Ame Luke e Adam do jeito que eles merecem. Lucky se foi, Belén. Não gaste sua vida derramando amor em algo que não está mais lá. Não vai trazê-lo de volta.

Eu aceno com a cabeça e uso meus braços para me apoiar no lado da pia. Eu sorrio para minha mãe, mas ainda há um milhão de lágrimas que eu reprimo. A verdade tem um fio de navalha e corta mais fundo do que foder.

Ele não vai voltar. Ele se foi. Siga em frente com sua vida, digo a mim mesmo, como já fiz tantas vezes antes. Como

todo mundo provavelmente diz nas minhas costas enquanto eles reviram os olhos para o meu enforcamento.

—Se você continuar a irritá-lo, ele não será capaz de se acertar, você o deixará inquieto e em conflito. —

—Luke? — Eu digo, esfregando meu nariz correndo no pano vermelho e branco xadrez.

—Lucky—, diz ela, assentindo. Minha mãe é tão supersticiosa que às vezes eu quero rir dela.

—Não fale sobre ele como se ele estivesse vivo! — Eu digo e jogo a toalha sobre a mesa da cozinha e os meus braços no ar.

—Só porque ele está em transição não significa que ele não precisa de nossas orações. — Minha mãe coloca a mão sobre a foto de Lucky que está pendurada no corredor, como se ela estivesse protegendo-o das minhas palavras duras.

—Mami, acender uma vela na igreja é uma coisa, dizer que estou *fazendo com que ele* fique *inquieto* e vá longe demais. Estou tentando seguir em frente. E você está conjurando-o como se pudéssemos conversar com ele sempre que quiséssemos!

Vou para a sala e me inclino sobre meu filho no sofá. Ele está arrebatado com o desenho, então eu beijo sua testa e bagunço seu cabelo.

—Mamãe vai se deitar. Pergunte a *Abuelita (vovó)* se você precisar de alguma coisa. —

—Mami, eu vou estar no meu quarto—, eu grito em direção à cozinha. O quarto da minha infância parece o mesmo de quando eu o deixei. E eu me joguei na minha antiga cama como fazia quando voltava da escola para o meu santuário. Nada mudou aqui, nesta sala eu ainda sou uma adolescente, obcecada com boas notas, lutando sem parar com meu melhor amigo e amando Lucky entre cada piscar de olhos e com cada respiração.

Cápsula do tempo de Belén. Aqui pairam as aspirações de uma jovem garota, ao lado do fogo ardente do amor jovem. Os dois eram incompatíveis. O drogado e a boa menina, nunca teríamos dado certo. Mais como acidente e queimadura. Sorte na prisão, ou pior, uma overdose na esquina. Quando criança, eu possuía a clareza cristalina de saber exatamente o que eu queria. Hoje em dia não é tão fácil. Eu deito na minha cama e corro meus dedos sobre as cobertas. Adormeço na posição fetal.

Antes

—Belén—, eu digo e sacudo o ombro dela. —Belén, baby, acorde! — Ela está desorientada. Completamente perdida por um momento. Ela pisca os olhos abertos para a lâmpada no teto e meu rosto de perto, pairando sobre ela. Estou ofegante. E suado. Eu posso sentir o calor úmido do verão correndo pela cidade vazando das minhas roupas.

—O que? Oh meu Deus, que horas são? Eu dormi demais? —Belén me pergunta freneticamente. Seu maior medo é perder a escola sem querer. O meu está acidentalmente tropeçando enquanto eu estou fugindo da polícia.

—Não, *loca,* desde quando te acordo para a escola? Eu preciso que você me de algum dinheiro, se puder. —

Tenho certeza que ela pode dizer, pela maneira como as palavras tomam seu tempo doce saindo da minha boca, que eu estou bêbado e alto. Mas sei que ela não diz nada. Ela nunca faz.

—Ok—, diz ela, sentando-se e esfregando os olhos. —Você está em apuros? Eu só tenho vinte dólares que a Tia Hemi me deu no meu aniversário. Está na cômoda da caixa de jóias de bailarina. —

Só assim, estou tão baixo quanto já senti. Eu roubei uma merda antes, até roubei as pessoas, mas isso leva o bolo. Eu estou pegando o dinheiro de aniversário de uma criança da sua maldita caixa de bailarina. E ela acha que eu estou acordando-a para a escola. *Deus, que merda.* Menina doce de quatorze anos, delinquente juvenil de quinze anos.

—Esqueça isso, Len. Eu não quero pegar o dinheiro do seu aniversário. Volta a dormir. —

—Você pode pegar, Lucky. Eu juro. Eu não preciso disso. — Ela se senta quando diz isso e as cobertas caem do peito. Meus olhos caem lá também e de repente a merda fica real e eu posso ver como é inapropriado eu estar aqui. As coisas mudaram desde que éramos crianças e agora há essa distância entre nós. Foi só este ano quando notei meus amigos começando a olhar para ela. Raiva ferve dentro de mim e eu mordo minha língua, tentando não dizer nenhuma merda estúpida para ela.

—Tome—, diz ela, e seus olhos implorando por mim. — Realmente, Lucky, eu não preciso disso. —

—Nem fodendo Belén! Você deixaria qualquer cara entrar aqui e pegar seu dinheiro? Você nem sabe para que serve! Você quer ficar em apuros? Hã? —

Seus olhos se arregalam e se enchem até a borda com lágrimas. Eu quero puxar meu próprio cabelo para fora, esmagar meu punho através da parede, ou melhor ainda, da janela. Acorde Tía Betty, ela pode ligar para a polícia por tudo que eu me importo.

—Sinto muito—, diz ela, e minha raiva aumenta. Eu não estou bravo com ela; Estou com raiva de mim mesmo. Eu sou tão fodido e estar perto dela só me lembra.

—Porra, não se desculpe, Belén! — Meu punho desce com força na cabeceira da cama. Ela grita e recua de mim, os olhos cheios de medo. Eu me encolho com o meu próprio comportamento, com o quão impulsivo eu sou quando estou aceso desse jeito. Ela é a última pessoa que eu quero machucar e, mais uma vez, estou fazendo isso.

—Len, me desculpe. Porra. O que eu estou fazendo? —O suor escorre pela minha testa e eu o limpo.

Ela cheira e enxuga os olhos e o nariz com as costas da mão como uma criança.

—Venha aqui—, eu digo e puxo-a em meus braços. Ela está vestindo uma camisola rosa fina. Eu posso sentir a subida em seu pulso e os soluços silenciosos que agitam seu corpo. Eu a puxo para baixo em cima de mim enquanto me recosto na cama. É tão natural que eu não paro para pensar o quão fodido é

que eu estou rastejando na cama com ela e eu quero beijar o inferno fora dela.

Eu rezo para o meu próprio pau para não ficar duro. Eu acaricio suas costas platonicamente e desejo a sensação de seus seios contra o meu peito, como eu posso sentir o calor do seu centro contra a minha coxa.

—Lenny, acalme-se. Shush. Sou eu. Eu não vou te machucar. —

Eu provavelmente só peguei ela pra vida. Eu e minha bunda egoísta e diabólica tiveram que ir e traumatizá-la. Pobre garota.

—Len, eu te amo. Pare de chorar, por favor. Eu posso sentir a poça quente e úmida de suas lágrimas no meu ombro. Ela vai acordar privada de sono e paranóica e odeia o filho da puta que fez isso. Eu puxo as cobertas sobre nós e percebo que é um erro. Nós somos muito velhos e não está tudo bem para eu rastejar em sua cama, não importa quantas noites de infância passamos juntos no passado.

É escuro e quente, tão confortável em sua cama com seu cheiro ao meu redor, que começa a mexer com a minha cabeça. Eu corro minha boca para frente e para trás através de sua têmpora e ela se agarra a mim com uma força que parece sobrenatural.

—Eu deveria ir—, eu sussurro para a concha de sua orelha.

—Por favor, fique—, diz ela e joga uma perna sobre mim. Meu maldito coração balança na minha cavidade no peito. Eu não posso dizer não para ela e meu pau não vai me

ouvir. Fecho meus olhos e respiro e juro que Belén está quase imperceptivelmente girando seus quadris na minha perna.

Eu tento remover o braço dela em meu peito e a perna que cruza minhas coxas. É contra a minha vontade, porque tudo que eu quero fazer é afundar nela e me perder em seu doce calor. Apenas durma ao lado dela novamente. Eu não preciso de uma correção porque isso é melhor.

—Jesus Cristo, Belén! Você me deixa louco! —Eu grito em um sussurro enlouquecido em seu ouvido. Eu deslizo seus membros para fora e ela me segura de volta. Estou preso em uma armadilha emaranhada da qual nunca mais quero me libertar.

—Se Betty nos ver, não vai ficar bem. Não nos deixe em apuros, garotinha. Você quer que eu tenha que acordá-la? Eu vou, se for preciso! —

Belén aproveita a oportunidade da minha distração para deslizar seus quadris sobre os meus até que ela esteja completamente em cima de mim. E acho que talvez ela esteja meio adormecida fazendo isso. Seu rosto parece tão contente e sua respiração está firme. Mas quando seus quadris sonolentamente circulam novamente, um raio de eletricidade passa através de mim. Meu pau é tão duro quanto uma pedra contra o calor dela. Eu gemo alto quando ela faz outro círculo preguiçoso e tenta nos virar para os nossos lados.

—Fique até eu adormecer novamente. Por favor? —Ela pergunta, seus olhos se abrindo e me assustando. Ela não estava dormindo por um segundo, apenas fingindo.

—Eu tenho que ir—, eu digo. Ela faz beicinho e envolve seus braços em volta de mim.

—Eu estou assustada. *Você* me assustou. Então agora você tem que me consolar.

Eu deixo meus músculos do estômago se afrouxarem e minha cabeça cai contra o travesseiro.

—Foda-se —, eu digo e beijo o topo de sua cabeça. —Belén, só para você, eu faço merda, que não quero. —

Depois

Meus bolsos estão tão cheios que eu provavelmente deveria pegar uma bolsa de homem. Chaves, quatro carteiras de identidade separadas, um passaporte, etiquetas de identificação e um canivete que eu levo para todos os lugares, são jogados na cômoda.

Hotéis aqui tem uma placa na cômoda ou mesa de cabeceira que aponta a direção para Meca para fins de oração. Costumava parecer estranho, mas agora é parte do curso. Fico encarando muito e, no começo, isso me deixou constrangido. Eu pensei que era por causa dos meus ferimentos, porque as pessoas achavam que eu era deficiente, não porque eu era um estrangeiro. Agora que pareço mais ou menos normal, eu acho que eles olham porque eu sou diferente, não porque eles sentem pena de mim. Eu coloquei de volta todo o peso que perdi desde o acidente, muito do músculo, de trabalhar duro no ginásio.

Eu tento falar com minha mãe todos os domingos. Ela voltou ao DR para se afastar de tudo que a lembrava de mim. Eu arruinei o lugar para ela, então ela voltou para a ilha onde ela nasceu. Eu me pergunto se ela se arrepende agora? Provavelmente arruinei sua vida deixando passar um ano sem dizer aonde eu estava. Eles conseguiram um lugar especial no inferno para mim por deixá-la pensar que eu estava morto. Que grande filho do caralho. Mas senti que não tinha escolha. Eu envio a ela a maior parte do meu salário agora e ela tem um bom lugar com o que ela economizou. É o mínimo que posso fazer, depois de tudo.

Eu rasgo no pacote de cortesia de datas Medjool (tâmaras)que também vem com o quarto. Eu sei que eles estão acostumados a quebrar o jejum durante os dias santos, mas parece que eles sempre os têm, não importa em que lugar eu fique, independente das férias. Eu as como, religiosas ou não, elas são muito boas. Eu ligo para a recepção para reservar uma chamada de despertar. Mesmo que os cantos de oração me acordem, quero ter a certeza dupla. Desde a minha lesão na cabeça, desenvolvi o medo de dormir. Tenho medo de ter flashbacks, de sonhar com Belén, de ter um derrame e nunca mais acordar. Eu quero controle absoluto e o sono não me dá. Estou aterrorizado com a culpa que se insinua em minha mente, fazendo-me lembrar de tudo que já fiz. Eu me pergunto se tomei a decisão errada. Se eu deveria ter dito, *se eu deveria ter dito foda-se,* foda-se a biologia, foda-se as normas, fofocas e padrões; Se eu quero estar com Bey eu estarei com ela e o que diabos alguém vai fazer sobre isso? O sono é um contínuo revés de mim, duvidando de mim mesmo.

Eu salto na cama king-size e passo meus dedos pelo meu cabelo. Passamos de um lugar a outro e para quartos de hotel, o que é bom se você quiser se sentir como se não tivesse uma casa. Nenhuma raiz para agarrar, uma cama diferente semana a semana. Não tenho certeza que tipo de estilo de vida é este, mas não é um que eu já imaginei para mim. Um gemido frustrado me escapa quando eu cubro meu rosto com minhas mãos.

Meu celular toca duas vezes e eu seguro no meu ouvido.

—Cabrera—, eu digo.

—A van está lá embaixo—, a voz na linha decreta.

Meu trabalho é uma fuga. Eu sou basicamente um oficial de segurança glorificado. Um policial de shopping, mas uma boa coisa, aqui no deserto. Nós corremos shows de Al Mafraq para Azrac e em todos os lugares entre os dois. Estamos meio que em território neutro, pelo menos considerando compartilhar fronteiras com o Iraque e a Síria. Eu acompanho principalmente os diplomatas nos carros e escolto-os em edifícios. Usamos capacetes emitidos pelo Exército dos EUA e carregamos metralhadoras padrão, além de um M-4. Eu uso uma armadura tática, basicamente um colete à prova de balas. Alguns dias eu sou apenas um cara em um posto de controle, em pé no sol escaldante verificando passaportes e acenando para as pessoas importantes para onde eles estão indo.

À noite, às vezes saio com colegas de trabalho. Não *é* vida noturna, apesar do que as pessoas provavelmente pensam. Existem alguns clubes de strip. Embora você não veja as mulheres muçulmanas tirando suas roupas, é mais como uma sala cheia de narguilé e homens de parede a parede e a

ocasional prostituta russa tentando se relacionar com os homens. Eu não tenho um hábito como costumava ser quando era mais jovem, nas alturas onde a tentação estava em toda parte. Nenhum macaco nas minhas costas tomando todas as decisões. Drogas e meninas, meninas e drogas, bebidas a partir dos doze anos de idade. Por que não, quando eles estavam nos vendendo bebidas mistas diretamente da bodega? *Libre de Cuba* em um copo de isopor logo após sair da escola. Assistindo o local *viejos* jogar dominó e não fazer nada além de ficar por aí, discutir, amaldiçoar meus amigos. Sinta-se como sua vida não está indo em qualquer lugar? Compre um saco de moedas de dez centavos, *una piedra,* fique fodido com seus manos. É como umas férias grátis na sua cabeça. Fique chapado, faça o que puder para não ser pego, fique um passo à frente do policial.

Para este trabalho eu *sou* o homem, mas pelo menos não estou estressado. E eu não estou perseguindo delinquentes juvenis. Os bandidos daqui são ou políticos, loucos religiosos ou combatentes rebeldes com IEDs e metralhadoras. Eu não sou feliz ou paranóico como eu estava nos fuzileiros navais. Mas eu sou tão sem destino como eu estava em dias quentes de verão no alto da cidade. E eu não tenho ideia do que vem a seguir. Ficar longe de Belén para sempre será mais difícil do que eu pensava. Minha mente joga um loop de memórias dela, não importa quão longe ou por quanto tempo estamos separados. A necessidade fica mais forte em vez de esfriar. O amor é um maldito vampiro e suga a vida do seu coração, tudo o que resta é uma casca seca e murcha. A única coisa que pode torná-lo vermelho e pulsar novamente é enchê-lo com o sangue de Belén.

O acesso às mulheres é restrito por aqui. Há o tipo que você pode pagar e elas fazem o trabalho. Mas é estranho porque

mesmo quando eu estava pegando a bunda para a esquerda e para a direita, você ainda tem uma conversa, você ainda beija, pelo menos finge estar interessado um no outro. Eu sinto falta disso, e eu sou um idiota por dizer isso agora. É karma para todas as garotas que queriam mais e eu não teria nada a ver com elas. Eu até me conformaria com a bunda mandona de Yari neste momento. Diga a ela para calar a boca. Chupe meu pau e pare de reclamar. Não posso deixar de rir quando penso nas vezes em que discutimos, como nunca realmente gostamos um do outro, mas certamente usamos os corpos um do outro. Então minha risada se interrompe porque eu me lembro do quanto isso machucou Bey. Yari e eu merecemos um ao outro. Puta merda nós fodemos com força e depois odiamos a coragem um do outro.

Uma van branca, sem identificação, é parada no serviço de manobrista do hotel. Somos quatro na equipe de segurança, e um cara, Eddie, é de Green Point, no Brooklyn. Nós rimos e falamos sobre os Yankees, sobre a música que ouvimos e os shows que fomos. Nós até falamos sobre estar no Boys and Girls Club na cidade, os lanches que eles lhe dariam, a bebida de laranja por dias, os rabiscos e as batatas fritas Utz, biscoitos de aveia que tinham gosto de serem feitos de papelão. Viagens às piscinas públicas no Harlem que tinham mais xixi do que água, você teve que nadar entre as bolas de pêlo, segurando seus troncos de merda com uma mão. Ou ser levado para os subúrbios em hordas de eventos gratuitos. Ar condicionado, esses eram os dias. Churrasco em algum fazendeiros herdade com vinte e cinco delinquentes do bairro batendo em mosquitos e lambendo casquinhas de sorvete. Fico feliz em tê-lo conhecido e ele é divertido de se ter por perto, um pequeno pedaço de casa

quando eu não podia estar mais longe dele ou sentir saudade mais do que já sinto. Eddie é míope pra caralho e é por isso que ele não conseguiu entrar no exército. Mas ele estava determinado a carregar uma arma sem ter que se tornar um policial, então aqui está ele em Amã ao meu lado com uma arma semi automática e um enorme sorriso no rosto. Ele está cantando uma velha música da Tribe Called Quest quando eu entro no veículo.

—Lucky Lucky está na mistura! —

Nós apertamos as mãos e batemos os punhos e nos acomodamos em um passeio de vinte minutos até a base.

—Lucky, me fale sobre a garota que você ama, qual é o nome dela? E como ela pensa que você está morto. Eu estava tentando contar a história no caminho. —

—Obrigado, Eddie—, eu digo. —Aprecio você dizendo a cada babaca deste lado do Eufrates sabe do meu negócio. —

Eu pego um cigarro que Sameer me oferece de um pacote macio. Ele é novo no nosso grupo, só trabalhei um dia com ele.

—É uma ótima história! — Eddie grita e eu não posso deixar de balançar a cabeça para ele. Sameer nos diz que ele nasceu no Iêmen, mas foi para o Queen's College e tem vários familiares em Jackson Heights. Maldito mundo pequeno, eu juro. Eddie solta um longo jato de fumaça azulada pela janela aberta.

—Rainhas, huh? Porra, eu digo, passando meus dedos contra minhas têmporas. —Legal. É bom ver pessoas de casa. Faz esse trabalho parecer menos estranho. —

—Conte a ele sua história, mano. Eu tentei, mas não posso fazer como você. —

Eu agito meu cigarro pela janela e respiro fundo.

—O nome dela é Belén e ela é minha prima em primeiro grau. Eu cresci com ela e a conheço melhor do que ninguém. Mas estamos relacionados, então é muito fodido apenas para ir com isso. Faz nossas mães chorarem e nossos amigos acham que estamos doentes. Então eu fingi que estava morto para que ela pudesse ter uma chance em uma vida normal. Ou alguma merda como essa, nem me lembro, resmungo, por mais sem brilho que possa ser.

—Até eu posso dizer melhor do que isso—, diz Eddie, parecendo desapontado.

—Não estou com vontade hoje, cara. —

—Eu estava animado por uma razão, não pegue sua calcinha em um monte—, diz Eddie. Ele está apertando meus botões esta manhã. Eddie é ótimo, mas ele pode ser um maldito punk.

—Voltei para o Iêmen para me casar. —

—Oh sim? — Eu digo. *Não estou interessado, amigo.*

—Para a minha prima—, diz Sameer com um brilho nos olhos e um leve sorriso subindo em ambos os lados da boca.

—Não há merda? — Eu digo, voltando toda a minha atenção para ele. Estamos atravessando a rodovia recém-alcatroada, passando por palmeiras gigantescas que foram plantadas pelo governo para fornecer sombra e evitar a erosão. Esta cidade é intocada, as partes ricas parecem que gastaram milhões só nos jardins.

—Sim cara. É totalmente aceitável de onde eu sou. Nós fazemos isso para manter a linhagem paterna. Preservar a linhagem e, você sabe, manter a fortuna da família intacta. É muito comum, eu tenho pelo menos uma dúzia de amigos que se casaram com seus primos.

Ele tem toda a minha atenção e estou de queixo caído pela sua história.

—Mas eu aposto que você não cresceu com ela, o que, você gosta de conhecê-la pela primeira vez no dia do seu casamento, certo? —

—Não, cara! Eu a conheci a vida toda! — Diz Sameer, balançando a cabeça. —Eu lhe digo, não é estigmatizado como nos EUA. Nós tínhamos a bênção de todos. —

—Você transa com ela? — Eu pergunto a ele sem pensar em tudo. Apenas escapa, um sinal do que eu sinto mais culpado.

Eddie pigarreia e diz —*Estranho*—, com sua imitação de menina branca.

—Me desculpe, cara. Eu apenas, não importa, — digo para Sameer.

—Ela é *minha esposa*—, diz Sameer. —Quero dizer, vamos lá. —

—Não posso acreditar que você levou isto lá, eu quero dizer como -— Eddie diz, novamente em sua voz de menina branca. O garoto pode imitar as garotas do Vale o dia todo e ele não poderia ter pele mais escura do que ele. Isso me assustou no começo, o quão convincente ele é, mas faz entretenimento sem fim. Ele me disse que costumava fazer vídeos no YouTube e que ele era famoso por suas imitações.

Sameer tira sua carteira do bolso traseiro de sua roupa.

—Tenho dois filhos. Faizan e Zahar, —Ele me mostra fotos da escola de dois lindos garotos sorrindo com os dentes da frente faltando.

—E eles estão bem? — Eu pergunto, estupefato. — Merda. Cara, me desculpe. —Eu não posso falar com esse cara sem estragar, sem que meu coração parta do meu peito como um maldito foguete.

—Sim cara. Êles são ótimos. Eles são bons. Eu sinto tanto a falta deles. —

Eu sorrio para o cara e aceno, então rapidamente olho pela janela antes de nós dois começarmos a chorar.

Depois

Adam teve uma semana difícil. Seu aniversário é sempre tão difícil para ele passar. Eu às vezes gostaria que pudéssemos apagá-lo do calendário e ignorá-lo completamente, nenhum de

nós é bom em enfrentar demônios, e acho que nós dois desejamos poder voltar no tempo antes que nossas tragédias pessoais tenham acontecido. Tanto para curar um ao outro. Talvez tenha sido um erro emparelhar-se com um homem cuja dor cavernosa combinava com a minha.

—Estas são as cartas para o bolo? —, Pergunta a mulher com uma rede de cabelo. Seu sotaque é grosso e ela me olha de cima a baixo, sem saber se vai me falar em inglês ou espanhol. Ela segura o recibo que eu escrevi —Feliz Aniversário, Adam! — Em lápis. Só essa frase é deprimente e tê-la processada em doces parece perversa, um gesto grotesco.

Eu aceno para ela e inalo a doçura de geada, manteiga e baunilha que dominam toda a padaria. Nem todo mundo sabe o segredo do bolo de aniversário dominicano, que uma vez que você experimenta, você nunca mais vai se contentar com misturas de caixas ou bolos folha de supermercado nunca mais. É o melhor do mundo e nada compara. Uma vez é tudo o que é preciso. O bolo dominicano é o companheiro de aniversários para a vida.

— *Quieres de piña, goiaba o tres leches* —, (Você quer abacaxi goiaba ou três leites?), Ela grita finalmente decidindo que eu deveria ser um falante de espanhol. Cabelos escuros, olhos escuros, pele mocha clara e moro nesse bairro. Ou talvez ler o cardápio para o homem míope com a gravata de bolero lhe deu uma dica.

— *De goiaba, por favor.* —

Bolo é a única coisa que vale a pena comemorar. E Luke, que ficará emocionado sem fim. Nós não podemos pular as velas

ou os balões com Luke na foto. Ele ama aniversários tanto quanto ama a vida, não importa de quem seja.

Mami está na barraca de legumes sentindo o melão. Ela tem um longo suéter na cintura, como um roupão de banho e rolos no cabelo sob o lenço acetinado que ela colocou na cabeça. Tenho certeza de que ela está se preocupando com o que cozinhar para Adam. Ela acha uma pena que ele não goste de comemorar mais e eu tentei explicar para ela que nem todo mundo adora feriados ou as lembranças que vêm com eles. Mami não acha que existem problemas na existência que não podem ser resolvidos com alguns bolos e amigos, um sorriso com algumas bebidas e *bachata* saindo do sistema de som. Seu otimismo beira a loucura.

Às vezes acho que ela acredita que Adam está mal-humorado. Que ele deve se animar e seguir em frente e que sua dor não é muito masculina. E digo a mim mesma que discordo, que tenho opiniões mais robustas feministas e modernas sobre homens e sensibilidade emocional do que minha mãe, que foi criada para cozinhar e limpar. Ela aprendeu a acenar com a cabeça e obedecer o que qualquer homem dissesse, como se o gênero simplesmente lhe desse autoridade. Mas ela cresceu na ilha e eu cresci na cidade.

Mas ainda há outro lado para mim que pensa exatamente como ela. Uma menina que quer ser cuidada, babada e até mesmo dizer o que fazer de vez em quando. Confundo-me; Eu sou uma contradição ambulante. Às vezes o *machismo* me excita e outras vezes me deixa tão furiosa que tenho que morder a língua para não confrontar cada um dos que chamam de gata na rua.

—Irma está nos esperando? Não vamos nos atrasar? —

Luke está com o pai dele. Eu gostaria de manter isso discreto, mas é uma causa perdida porque Mami está tomando seu tempo doce.

—Eu disse a ela esta tarde, nós não definimos um tempo exato, *mi hija* —.

—Bem, vamos acabar logo com isso, porque se Adam descobrir que eu estou no médico feiticeiro em seu aniversário, eu nunca vou ouvir o final disso. —

— *Es un chamán.* Não diga bruxa, Belén, vai atrair energia ruim. —

—Oh desculpe, Mami. Se Adam descobrir que vou ao *xamã* em seu aniversário, vai ficar um pouco mais do que chateado.

Estou pingando sarcasmo e se há uma coisa que Mami não entende, é sarcasmo, isso e meu senso de humor. Ela leva *tudo* a sério e sempre acha que sou muito séria, não importa o quão ridículo.

Ela conta moedas para pagar o melão, mesmo que eu esteja jogando notas na cara dela. Presa em seus caminhos é um eufemismo. Mas Deus, eu a amo e eu teria morrido muitas vezes se não fosse por sua teimosia, sua perseverança, sua crença eterna de que tudo vai melhorar. Minha mãe é minha heroína. Eu posso não ter tido um pai, mas a convicção de minha mãe é mais forte que uma liga de dez pais.

Estou temendo e antecipando as misturas que essas duas mulheres vão preparar para me curar. Os tempos mais quentes tiraram mais pessoas de estarem escondidos em suas tocas de inverno. Mami tem que parar e cumprimentar todos que passam na rua, contando a eles tudo sobre o aniversário de Adam, o novo pijama de Luke, a última moda de dietas que ela viu na TV, até o preço das bananas e deve ser imediatamente discutido. Nesse ritmo, nunca voltaremos antes que Adam chegue em casa. Sua festa vai começar duas horas atrasada, uma ocorrência cultural normal para mim, mas que confunde o inferno fora dele.

—Como as pessoas só sabem aparecer depois do tempo que você deu a elas? E se eles chegassem na hora e ninguém estivesse lá? Você apenas volta e tenta de novo? Eu honestamente não entendo como isso funciona! —Adam me perguntou.

—Eu não sei como explicar isso para você, mas tudo funciona no final. —

—Por que mesmo definir um horário de início e término? Apenas dê a eles a data e quem se importa quando eles aparecerem, a festa vai acontecer eventualmente! — Ele disse.

Eu riria de sua exasperação, de sua genuína tentativa de entender. Mas acho que em algum nível isso me incomodou. Ou isso, ou doeu. As festas começam quando começam e terminam quando terminam, e daí se não aderirmos às palavras do convite?

A *botanica* de Irma é uma empresa familiar. Ela esteve no mesmo local toda a minha vida, e sua mãe antes dela possuía

uma loja bem conhecida em Santo Domingo. Ela vem de uma longa linhagem de padres da Santería. Seu avô, disseram as pessoas, era um dos mais respeitados e procurados xamãs da ilha. A cadeia de comando foi então passada para sua mãe e, finalmente, para Irma, que passou a vida toda correndo descalça e nua, entrando e saindo de lojas, limpezas e cerimônias sagradas. A cura era, para ela, tão natural quanto respirar.

Sua mãe ou avô a chamavam no consultório de sua casa sempre que um caso grave chegava, para que Irma pudesse aprender os passos e medidas precisos para curar um coração enfraquecido ou olhos destinados à cegueira, reverter uma gravidez amaldiçoada ou salvar alguém que está com com o mau-olhado, *maldeojo,*(ruim) por um vizinho intrometido ou por um colega de trabalho chateado. Mas Irma disse que sua maior especialidade, e a doença mais querida para ela, eram feitiços de amor, *hechizos de amarre* e outras aflições do coração. Irma sabia magia de amor. Na verdade, ela era uma especialista.

Ela podia conjurar as borboletas esvoaçantes e os vaga-lumes piscando lentamente no escuro. Ela pode fazer você esquecer de respirar pela obsessão ou da boa jibóia que ela colocou em volta do seu coração. Irma poderia fazer mel doentio doce penetrar em suas veias e colorir toda a sua percepção do outro. Faça você ver seu amante através de uma lente distorcida pela devoção. O seu era um mundo onde a intoxicação sangrava de um beijo e o paraíso existia em um único toque.

— *Te veo flaca,* Belén—, Eu te vejo muito magra)diz Irma, acrescentando uma tsk à sua advertência. Magra significa insalubre na linguagem dos meus antepassados. Ser redonda,

voluptuosa e cheia de curvas são os pontos de referência de saúde para uma mãe dominicana. Ou madrinha. Ou feiticeiro do bairro.

— *Pero venha bien* —, (mas está bem) Mami fala defensivamente. Ela não vai deixar Irma colocar isso nela. Mami cozinha comida espanhola com fervor e a alimenta com Luke ou com qualquer outra pessoa assim que entra na cozinha. Ela prepara o suficiente para uma família de cinco pessoas quando é só ela. Ela tem sopa para os vizinhos e *pastelitos (cupcake)* para o entregador. Deus me livre se Adam ou eu dou a Luke sushi ou comida indiana e o arruíno para sempre. Eu nunca saio de casa sem um Tupperware cheio de arroz amarelo fumegante ou frango assado em uma panela de lata descartável cercada com iúca cozida no vapor e *plátanos* fritos, tudo dobrado com uma espessa camada de papel alumínio. O suficiente para mim e todos os meus colegas de trabalho. Adam não vai tocar.

—É puro amido—, diz ele, agressivamente espetando sua salada.

—Sim, mas *é divino*—, eu digo com a boca cheia. Eu aceno uma garfada na frente de sua boca e ele franze a testa. Adam sabe que ele vai pegar uma faca na mão se ele tentar tirar a comida da minha mãe de mim.

Mami e Irma estão fofocando, inclinando-se conspiratóriamente.

Uma estátua de São João da Cruz me chama. Eu pego e sopro a poeira de sua cabeça.

Uma *noite escura da alma.* Eu estive lá também. Uma jornada da desolação à iluminação e vice-versa, tudo por trás da máscara eu uso todos os dias sem ele. Quando a necessidade é tão terrível, corta diretamente a sua realidade. A vida real se torna um sonho ruim e o reino do imaginado é o consolo. Porque quando eu sonho posso vê-lo.

Eu ainda estaria nesse espaço sem o Luke. Foi a vida dele que salvou a minha. Guardei minha dor pela urgência de suas necessidades, o imediatismo de seus gritos me puxou de volta para o meu corpo.

Eu não conseguia parar a minha dor, mas conseguia parar seus gritos com meu peito ou uma mamadeira. Eu não conseguia parar minhas lágrimas, mas eu podia balançar ele para dormir e esfregar suas pequenas costas para que ele parasse.

São João se encaixa facilmente em minhas mãos; Eu me pergunto se eu poderia escondê-lo. Adam não é fã de ícones, altares ou frascos de feitiços pendurados no apartamento. Colocando-o no chão, digo a mim mesma que a pobre *San Juan* não deveria ficar mais tempo trancado em um armário.

— *Tengo algo que te pueda ayudar, niña* —, (tenho algo que posso te ajudar) a xamã acena.

—Claro que sim, Irma. — Dou-lhe um sorriso amigável.

Irma está confiante de que pode me levar de magra a gorda, de triste a alegre. Ela pode fazer praticamente qualquer coisa, de acordo com o cartão atrás da cabeça que diz *Servicios.* Incluindo orações para me ajudar a ganhar na

loteria, se eu quisesse. Mas algumas coisas nunca devem ser curadas. Algumas aflições são tão profundas que se tornam parte de nós. Cura significa esquecer e eu sei que não quero isso.

Ela acende um bastão de tinta juntamente com dois pequenos cones de incenso. Ela sussurra algumas palavras soando africanas, *Orixás* talvez. Então as vozes dela e de Mami se sincronizam em um ritmo rítmico de Ave-Marias.

Estou tonta. Sinto-me doente. Talvez até um pouco louca. A última vez que estive aqui achei que tinha atingido a profundidade de quanto isso poderia doer. Eu estava errada. A sensação de amor nem chegou perto de completar a perda.

Uma perda tão profunda que roubou o ar dos meus pulmões e me mergulhou na escuridão absoluta. A morte é o bloqueio da estrada, o fim da linha. Eu entendo o buraco negro no universo.

Eu conhecia bem a magia do amor de Irma, ela me ajudou antes. Eu confiava nela também. Ela sabia como o amor não correspondido poderia ser devastador para o coração de uma jovem garota.

Eu me lembro de sair daqui, segurando minhas velas com o suor escorrendo pelas minhas costas. Eu tomei a magia do amor em minhas próprias mãos quando não tive recurso. Eu enfiei o nome de Lucky em um pote de mel.

Irma soube então que a dor pode deixar cicatrizes, endurecendo as partes macias de nós em paredes impenetráveis feitas de resistência construída. Onde a única saída e esperança para a salvação é a promessa de reciprocidade de seu amado,

um amor correspondido. E no meu caso, se mútuo, ficou ainda mais perigoso. Um amor delirante leva a uma obsessão ofuscante. A dor de sol foi apenas o começo da minha loucura. Mami e Irma estavam com medo de me curar.

Por Lucky. Eu ainda preciso de magia para exorcizar você de mim.

— *Uf, tiramos la miel hace muitoísimo* —,(Nos jogamos muito mel) diz Mami. Ela acena com a mão em exagero. Como se os três anos desde que jogamos fora meu pote de mel fossem o equivalente a décadas.

Meus feitiços de amor. Meu precioso jarro para a Lucky. Certamente havia magia por dentro. Cheio de tormento, tanto quanto havia amor puro. Mami me fez jogar no lixo. O pote havia se tornado uma sopa de mágoa e alegria, uma mistura cáustica, um memorial para o amor doentio.

— *Corazón lastimado, Corazón dañado. (Coração ferido,coração danificado)* Passo o dedo pela prateleira empoeirada de tinturas rotuladas à mão, engarrafada para curar doenças físicas, mentais e emocionais. Há os escuros e obscuros, outros que parecem nada mais que águas claras.

Às vezes eu te odeio por me deixar. Às vezes eu odeio essa vida sem você.

— *Siempre lo traes contigo, mi amor. Você pode sentir o seu lado. (Você sempre o traz contigo)*

Ele está sempre comigo. Ele sempre o sente ao meu lado.

Eu mataria se alguém que tentasse dizer coisas assim para mim, mas com Irma, deixei passar. É o trabalho dela. Depois de todos esses anos, seria estranho se ela não dissesse esse tipo de coisa. Todo mundo tem algo que precisa ser curado. Apenas encontre a fenda na armadura e voilà, atravesse o ponto fraco.

Irma provavelmente tem demônios se escondendo atrás da divisória no quarto dos fundos. Até a Mami tem grandes segredos, o que para ela é uma lembrança constante. Seu tio, meu pai, uma e a mesma pessoa.

Eu pego uma lata de spray que pretende ajudar a manter seus sogros afastados. Eu quero comprá-lo para Adam, mas ele provavelmente não acharia tão divertido quanto eu. Família é tudo, mas eles vão te deixar loucos se você permitir.

A primeira vez que Irma me deu uma limpeza, eu tinha dezesseis anos e estava tão doente de amor, emocionalmente, mentalmente, que até começou a me afetar fisicamente. Extinguir aquela chama de esperança em meu jovem coração foi fácil, a recuperação, por outro lado, foi um exercício de difícil. Viver a vida tentando ignorar Lucky era penoso.

Na segunda vez que cheguei, fiquei doente de tristeza. Eu perdi minha outra metade, a única pessoa neste mundo que conhecia tudo de mim. Irma tratou a dor, não o amor. Tomei as lágrimas de Saint pela tristeza, passei mais tempo chorando de joelhos em um banco de igreja do que me orgulhei.

Agora estou aqui de novo e meus problemas não desapareceram. Lucky é tão pesado no meu coração, é sufocante. Eu amo meu marido, amo meu filho, até meu

trabalho. Mas uma parte de mim está faltando, o que sobrou não parece suficiente.

—Irma, o que você tem para mim? — Ela sopra a fumaça de sábio para mim quando me aproximo, em seguida, coloca-a em uma concha e afasta a mancha de nós.

Irma deixa cair um pouco de óleo na palma da mão, esfrega as mãos com força para criar calor e fricção. Ela pega minhas mãos nas dela e as massageia enquanto ela reza baixinho. Suas palavras flutuam por mim, ininteligíveis, não pertencendo a nenhuma língua e ao mesmo tempo, todas elas. As mãos de Irma são incrivelmente fortes, dedos que trabalharam arduamente e conhecem seu caminho pelo corpo humano. Notas agudas de Palo Santo e Copaíba surgem de sua massagem. Para terminar, ela me espirra com água de rosas e extrai uma vela branca perfeita de seu avental.

—Com a unha direita, risque o nome dele na cera. —

Meu coração bate, um baque sagrado e retumbante bate no meu peito. Eles me vigiarão, eles julgarão? E se eu escrever *Lucky?* Eles estão esperando que eu escreva *Adam?* Por que a coisa mais verdadeira sobre mim tem que ser um segredo tão sujo?

Mami tira uma foto dobrada da bolsa. Lucky e eu, em pé na varanda da frente depois da formatura do colegial.

Meu sorriso é pura felicidade quando olho para o sol. O rosto de Lucky está virado para o meu, de modo que tudo que você vê é o perfil dele. Parece que ele está cheirando meu cabelo, como se ele estivesse prestes a se inclinar e morder a

pele do meu pescoço. Nossos jeans já parecem fora de moda e nossos penteados também. Lucky provavelmente não seria pego morto com dois brincos de diamantes falsos mais. Eu lembro como o ciúme dele me aqueceu naquele dia. Ele sempre foi tão arrogante, rápido de raiva, um menino de sangue quente que protegia seu território. Eu estava com raiva, excitada, mal-humorada e mal conseguindo manter minha sanidade. Essa foi a noite em que ele me penetrou com a língua. A memória lampeja faixas quentes e queimadas através dos meus nervos, músculos e tendões, memórias tão agudas que cortam até o osso.

Eu faço um barulho, algum tipo de grito estrangulado de lamento e paixão enroscado em um.

—Obrigado, Mami—, eu grito. Ninguém sequer pensou por um segundo que eu estava vindo aqui para Adam.

Mami coloca a foto sob o candelabro de latão. Eu escrevo —Lucky— na cera macia com a minha unha direita. Eu quero arranhar o nome dele na minha pele, escrever no meu coração sangrando. Eu levo minha unha aos lábios e dou uma mordida na cera. Eu mastigo e engulo como lágrimas caindo pelo meu rosto. Mami aperta minha mão enquanto Irma acende a vela.

Eu saio dali. Completamente entorpecida. Minhas memórias aumentam todo o caminho de volta ao berço, como um trem-bala de alta velocidade passando por todos os dias da minha vida. Anos com Lucky são segundos, e os dias sem ele são vidas inteiras. Minha força vital está na minha garganta; Eu não posso falar e não posso respirar. Eu sinto Lucky ao meu redor assim como a Irma me contou. Ele é tão profundo por dentro, ele é uma parte inextricável de mim.

Lágrimas rolam no balcão, cada uma como uma gota de sangue, elas contêm elementos essenciais que *são,* eu. Nós estamos em silêncio. Ninguém respira. A vela cintila e apaga.

Lucky, por quê?

Eu não posso fazer isso sem você.

Antes

Há tantos livros no meu armário, não apenas livros escolares, mas também os atrasados da biblioteca, e cadernos completamente cheios dos quais eu provavelmente deveria me livrar. Algumas notas dobradas de Yari, que nunca me incomodei ler, ficam no fundo, até um de Jeremy, e o único que eu recebi de Lucky também está lá embaixo.

Minha maçã de alguma forma foi engolida pela minha mochila; Eu procuro com todo o meu braço submerso em suas profundezas e não vejo nada. Juro que a coloquei lá, lembro de lavá-la na pia antes da escola, um vermelho brilhante, sem ferimentos, mais nítida da geladeira.

Um grito estridente chama minha atenção pelo corredor. Lucky tem Yari por cima do ombro e ela está chorando em falso protesto, batendo os punhos nas costas dele. Ele gira em torno dela e usa um largo sorriso no rosto. A camisa de Yari passa por cima da cabeça e o sutiã agora está aparecendo para todos no corredor.

—Coloque-me no chão, Lucky! —, Ela implora. Yari brilha quando recebe atenção dos garotos. Suas bochechas e lábios ficam rosados e seus olhos escuros brilham. Isso a deixa ainda *mais* bonita. Meu armário bate mais alto do que eu esperava. Eu não quero que eles vejam ou, Deus me livre, me pegue encarando.

—Hey, Bey—, diz Willy. Ele é um dos garotos que fica na nossa esquina.

—Hey, Willy. — Eu sorrio e aceno, em seguida, abaixo meus olhos de vergonha. Enquanto eu quero flertar muito mal, eu sempre me sinto tola quando eu realmente tento.

Lucky acabou de girar Yari e a coloca de pé de novo. Ela balança em tontura e joga os braços em volta do pescoço de Lucky, rindo. É quando eu noto a maçã vermelha brilhante que está presa na mão dela, com uma grande mordida retirada dela. Ela ri e fica nas pontas dos pés se inclinando para ele. Lucky envolve os braços em volta da cintura dela e puxa-a para mais perto.

Eu odeio admitir para mim mesma que suas travessuras estúpidas me excitam. Eu costumo pensar, *obter um quarto,* para qualquer outra criança que achar necessário flertar e fazer no corredor. Mas assistir Lucky tocá-la põe fogo na minha corrente sanguínea; Eu amo e odeio assistir a química deles, imaginar o que ele faz quando ninguém consegue enxergar. Ao mesmo tempo, isso me deixa absolutamente enlouquecida; Eu sei que eles não são fiéis um ao outro e que eles são apenas adolescentes excitados. Eu não acho que eles estão apaixonados, mas sim, bons amigos.

—Barf—, eu digo em voz baixa enquanto eu ando direto em seu flerte. Se houvesse outro corredor, eu aceitaria passar por ele, inferno, se houvesse outra escola secundária decente no distrito, eu me transferiria.

—O que há, Bey? — Yari canta quando ela me vê. Ela está mordendo minha maçã perfeita enquanto ela balança os dedos da outra mão para mim.

—Foda-se—, eu digo, apenas alto o suficiente para registrar.

As sobrancelhas de Lucky estão juntas e ele está correndo atrás de mim. Ele puxa meu ombro e tenta me girar. Eu não costumo dizer essas coisas. Em vez disso, engulo meu orgulho junto com minha dor e apenas sorrio e suporto.

—O que há de errado, Len? Tudo certo? —

—Yari está sempre em minhas coisas! — Eu digo. Minha mão encontra o caminho para o meu quadril. Quero expor todas as coisas que Yari faz para aproveitar minha amizade. Mas é inútil, ela sempre permanecerá a mesma. E eu não posso gastar minha vida sendo uma tarefa simples e então decidir que um dia eu não gosto disso e espero que ela se comporte de maneira diferente. —Eu gostaria de nunca ter lhe dado a minha combinação de armário—, eu murmuro. Eu nunca estabeleci limites, eu sempre deixo ela me manipular.

Yari se aproxima depois de lançar o resto da maçã no lixo. Seus jeans estão bem apertados e ela está usando um suéter branco e fofo, um top de cultura, que é contra o código de vestimenta da escola, mesmo na sexta-feira casual. Eu apontaria

isso para ela e ao mesmo tempo lembraria a ela que ela já acumulou cinco infrações só este ano. Mas ela sabe e não se importa e eu gostaria de não me importar também. Eu quero chorar quando olho para eles. Chore, bata suas cabeças e estrangule os dois.

—Yari, fique fora das coisas de Len, ok? — Lucky diz com relutância, como se ele não tivesse certeza de como ela reagiria. Suas mãos estão nos bolsos e agora ele não está tocando nela.

—Mas você sabe que eu não consigo ver que algo bom só vai desperdiçar—, diz Yari. Ela coloca uma cara feia. Eu recebo sua insinuação. Ela nunca vai deixar Lucky fora de seu aperto.

—Ela pega o que quiser, não se importa se é meu! — Eu atiro para ela com um olhar sujo e Yari enfia o lábio inferior ainda mais.

—Oh meu maldito Deus, Bey, eu vou comprar algo da máquina de venda automática—, ela responde defensivamente. Yari suspira como se eu estivesse sendo irracional.

—Maldito bebê—, ela respira.

Eu trinco meus dentes com força.

—Eu queria uma maçã, não uma barra de chocolate! —

O sino toca e nós três nos estamos em um confronto. Eles são as duas pessoas mais próximas a mim em todo o mundo, mas estamos presos em uma dinâmica que é tudo menos saudável.

—Não fique atrasada para a aula—, Lucky suavemente cutuca.

—Você não vai nos levar para a biologia? —

Lucky sempre anda conosco porque sua aula é na sala ao lado. Mas hoje ele encolhe os ombros e os olhos de Yari com um olhar penetrante que parece sinalizar que não servem para nada de bom. Eu odeio que eles tenham segredos, que ele diga coisas que ele nunca me diria.

—Sim, eu vou te levar até lá, mas então eu tenho que ir. —

Eu quero dizer a ele que ele não pode perder mais nenhuma aula, mas estou cansada de policiar os dois.

—O que Willy quer? — Lucky pergunta. Seu rosto aperta em escrutínio.

—Só dizendo Oi. Eu não sei. Quem se importa? Eu mordo de volta a Lucky defensivamente.

Na porta da sala de aula, Yari arrebata Lucky em um abraço apressado. Ela bate com ele na parede e o beija dramaticamente enquanto eu reviro os olhos e faço o meu caminho para a sala de aula.

Tit pela tat, Yari. Tudo o que fiz foi dizer olá ao Willy e ele ficou com ciúmes. Você dorme com os amigos dele e ele nem reivindica sua bunda.

Yari entra cinco minutos depois, o suéter branco esticado e puxado, lábios inchados de beijos.

Ela senta ao meu lado e move meu livro aberto na frente dela porque ela não se incomodou em trazer um. Eu não a paro porque realmente li o laboratório. Ela precisa de tanta ajuda quanto puder se quiser passar a décima série.

—Estou preocupada com Lucky—, diz ela. Ela desenrola um quadrado gigante de chiclete e lambe, em seguida, cola em sua boca.

—Por quê? Para onde ele está indo, afinal?

—Fodendo drogas, Beylenny. Lucky está no fundo. —

Depois

—Feliz aniversário, querido Adam, feliz aniversário para você! —

Mami canta a música e bate palmas quando Adam sopra as velas. Ela é quase tão entusiasmada com aniversários quanto meus cinco anos de idade. Luke não consegue tirar as mãos da cobertura. Eu deixo ele fazer isso e ele arrasta todos os quatro dedos de uma mão ao longo do lado do bolo, em seguida, afunda-os em sua boca. Eu clico minha língua para ele e ele ri uma gargalhada e sorri para mim. Seu sorriso se parece com o de Lucky quando ele tinha essa idade.

Mami corta o bolo e dá uma das enormes flores azuis para Adam. Eu sei que ele não vai comer, mas na minha família você recebe as decorações do bolo se você é o aniversariante.

Adam tem um scotch, limpo, temperatura ambiente na mão. Ele parece um pouco fora disso e tenho certeza que este não é seu primeiro drinque. Eu esfrego suas costas através de sua camisa, em seguida, inclino-me para beijar sua bochecha.

Nós já tivemos uma discussão sobre os cães, que agora estão trancados no quarto de hóspedes. Eles não são convidados para a festa. Adam não é fã dos meus dois filhotes de pit bull que eu resgatei do abrigo de cães local. Mas eles são bebês, os dois, e completamente inofensivos. Eles tratam Luke como um de seus companheiros e nunca tocariam um fio de cabelo em seu corpo.

—Feliz aniversário bebê. Eu te trouxe uma coisa, mas eu vou te mostrar mais tarde depois da festa, —eu sussurro em seu ouvido. Adam olha para mim com as sobrancelhas viradas para baixo na borda externa. É o seu rosto de cachorro e sei que ele está sofrendo. Mas não há nada que eu possa fazer para tirar a dor. Ele compartilhou este dia com seu irmão gêmeo, uma vida inteira de aniversários juntos. E agora que ele se foi este dia dói mais do que todos os outros.

O sorvete é congelado como uma rocha; Eu corro a colher debaixo de água quente e sirvo uma tigela para todos. Adam está abrindo um pacote cheio de meias e camisetas. É o presente universal que a Mami compra para todos os homens. Luke está correndo pelo apartamento em sua bicicleta, zumbido de tanto açúcar. Adam parece estar à beira das lágrimas, se não fosse pelo Scotch segurando-o junto. A tensão é alta e a tristeza é palpável.

Feliz aniversário do caralho.

Depois

Eu continuo olhando para o pobre rapaz e ele me pega toda vez que ele olha para cima. Eu quero pegar o cérebro dele por horas, perguntar a ele cada pequeno detalhe. Eu quero descobrir se ele a amava quando estavam crescendo. Ele se casou com sua prima e é como nada fora do comum. Eu cuspo na poeira e penso sobre o quanto as regras e os costumes diferem de um lugar para outro, mas por baixo disso tudo somos todos humanos e a natureza humana é a mesma.

Sameer acena para mim algumas vezes. Ele tem um capacete e aviadores, M-16 amarrado ao peito, e me pergunto se de volta ao Queens ele imaginou fazer algo assim. Eu aceno com a cabeça para ele e continuamos nosso olhar fixo. Eddie e dois outros caras estão na entrada e estamos no posto de saída, certificando-se de que ninguém esteja saindo com caixas de contrabando ou não. Base do exército, regulação e procedimento. Chato pra caralho. Nós nos revezamos no posto avançado para sentir um pouco do ar condicionado.

Depois do almoço, não aguento mais. Estou andando de um lado para o outro, sobrecarregado de lembranças, e esse cara, Sameer, não está ajudando. Ele tem minha mente correndo com coisas irreais. Tipo, chame Bey, diga a ela que estou vivo e arraste sua bunda até aqui para que possamos ser um casal normal.

—Hey, Sameer! — Eu mal posso esconder o desespero que minha voz carrega enquanto viaja através do posto de controle para ele.

—O que? —

—Você disse que estava perto quando estava chegando? Como você já sabia desde então?

Ele vai pensar que sou um louco, esse cara. Obcecado com apenas uma coisa. Eu tento me alinhar com um pedaço de sombra que desce de uma palma alta solitária que foi plantada neste lado da parede. Eu entro na faixa de sombra e minha sombra desaparece, exceto pela cabeça e a extremidade da minha arma, a extensão dos meus ombros.

—Sim claro. Quer dizer, eu conhecia ela. Nós não éramos tão próximos assim. Eu tenho muitos primos, então eu vi todos eles, você sabe, em feriados e coisas assim. —

—Você não se apaixonou por ela naquela época? —

Sameer tira suas máscaras e lenços no suor que cobre seu rosto.

—Não, cara, eu pensei que ia crescer e casar com Pamela Anderson. —

Eu rio alto de sua piada. Isso quebra um pouco da tensão.

—Nós temos *Baywatch.* Era meio desatualizado, mas aqueles trajes de banho vermelhos e o...

Ele leva as mãos até o peito para indicar os seios gigantes e o decote do maiô.

—Eu me apaixonei por ela quando era criança—, eu deixo escapar. Às vezes você tem que tirar a merda do seu

peito. Parece um enorme alívio dizer isso, como uma tonelada de culpa e sentimentos ruins foram removidos.

—E você ainda faz? —, Pergunta Sameer, mas parece que ele já sabe.

—Tanto homem, tão fodidamente muito. — Eu balancei minha cabeça. Eu vou começar a chorar na frente desse cara e ele vai se arrepender de ter tomado o posto.

—Vá buscá-la então. Você só tem uma chance, porra, em um trabalho como este, você tem que fazer valer cada segundo que você está contando.

—Não é tão fácil, mano. —

—Aposto que é. Ligue para ela hoje à noite. Diga a ela que você cometeu um erro e que a ama. —Ele sorri e explosões de luz do sol refletem em seus óculos escuros.

—Eu desejo. —

—Faça isso, cara. Diga a ela que você a ama e vai voltar para ela. —

—Eu estava fazendo isso *por* ela. Tentando ficar longe, não para estragar sua vida. —

—Você já perguntou o que *ela* queria? —

—Eu estava muito fodido. Eu acho que ela queria ser normal, desejava que eu não existisse. Antes de sair, tentei pedir que ela ficasse comigo para sempre, mas ela não me deixou dizer isso. Ela colocou os dedos sobre meus lábios. —

—Então você nunca tentou perguntar a ela? —

—Eu acho que foi um *não,*um não, cara. —

—Talvez você tenha entendido mal o que ela quis dizer. Chame-a. —

Eu jogo minha cabeça para trás e olho para o céu, estalo meu pescoço de cada lado e seguro as lágrimas o melhor que posso. No fundo do meu bolso meus dedos envolvem minha rocha de vidro. Eu atiro no ar e vejo cair do céu.

Eu sobrevivi a uma enorme explosão com o metal voador catapultando na minha cabeça. Um dia inteiro sangrando sob o sol quente no deserto, minha vida sendo absorvida na areia em uma terra da qual eu não era. Eu sobrevivi a uma noite cheia de estrelas cadentes que me falaram de Belén. Deve significar algo, a pessoa para quem sua mente vai quando seu corpo está desistindo de você. Eu não sei porque somos do jeito que somos ou que nos fazem amar da maneira que fazemos. Naquela noite, tive certeza de que nunca mais a veria.

O vidro do deserto vem cambaleando de volta para baixo, virando enquanto ganha velocidade. Eu o puxo de volta no ar com o punho e a coloco no bolso.

—Talvez eu vou—, eu digo e chuto um pouco de poeira. A pequena nuvem de pó fino sobe com o vento e flutua para longe.

Ligar para casa é uma coisa. Uma ressurreição dos mortos é algo completamente diferente.

Depois

—Eu acho que você já teve bastante scotch. — Seu copo bate duro na mesa de cabeceira e espirra sobre a borda em seu pulso, molhando o novo relógio que eu comprei para seu aniversário. Talvez um impermeável fosse melhor, se eu soubesse que ele iria se afogar em álcool. Apesar de estar aborrecido com o quanto ele teve, estou com um pouco de medo de dizer a ele para parar. Eu beijei Mami e coloquei Luke na cama. Ele não se moveu da cadeira na mesa da cozinha e seus olhos ficaram distantes e vidrados. Ele apenas continuou derramando o uísque sem dizer nada, sem falar com ninguém.

Seus pais lhe enviaram a garrafa de Laphroaig 18. Ele chegou ontem com um pequeno cartão de aniversário. Nenhum telefonema, mas é assim que a família dele é. Eu acho que estar juntos lembra que o irmão de Adam, Luke, se foi. Se você está todo espalhado por todo o país, você não fica cara a cara com o fato de que há uma pessoa desaparecida. Eu sei que é por isso que minha tia Awilda foi embora.

—Baby, pelo menos tire suas calças. —

Eu me inclino sobre ele, abro o botão e o zíper e os puxo pelas pernas o melhor que posso. Ele murmura algo incompreensível. Pelo menos ele não está me apalpando. Eu odeio quando ele está perdido e tentando fazer amor comigo.

Ele nem sequer comeu seu bolo. Deixou a fatia inteira no prato. A grande flor de glacê azul parece deprimida, então retino sua perfeição com um garfo, levo-a à boca e lambo.

Pelo menos Luke não pareceu notar que o clima era tão sombrio. Sua avó o manteve ocupado e o desgasta melhor do que eu. Os restos de glacê se misturam com a água quente e giram pelo ralo enquanto eu coloco os pratos na lava-louças.

Eu faço sanduíches para os meus dois garotos para a escola e trabalho amanhã. Infelizmente, minhas férias de saúde mental de três dias acabaram. O galo na minha perna está cicatrizando bem o suficiente para parar e tirar os pontos no meu horário de almoço no final da semana. Eu corro meu polegar sobre a contusão amarela e roxa que decora minha tíbia.

Eu não acho que Adam e eu estamos indo muito bem, e depois desta noite, eu não tenho certeza de qual de nós está mais fora do curso.

***

Chulo e Rosy puxam suas coleiras implacavelmente, ambos estão loucos por ficarem presos no quarto durante a festa. Quando ando por essas ruas com Adam, ninguém diz olá, mas quando eu as acompanho com minha mãe ou Luke ou até sozinha, todos me cumprimentam. até os garotos da esquina me dão um grito. As velhinhas mimam meu filho e perguntam por minha mãe. Alguns dão um leve aceno de cabeça quando eu ando com meu marido, mas ninguém fala comigo ou me faz sentir bem-vinda. Isso me faz sentir como um traidor no meu próprio bairro. Eu cometi traição quando me casei com um *gringo.*

Antes

Mami faz pernoites na maioria das sexta-feira. Ela deixa seu trabalho de tecnica de raio X até às cinco e depois para em casa para fazer o jantar para nós e um prato extra para o homem que ela cuida. Ele tem oitenta e dois anos e não fala inglês. Mami me disse que sua cabeça está coberta de sardas e ele só tem dois cabelos no alto, que ele ainda gosta de escovar pela manhã. Ela esfrega a cabeça com óleo de alecrim.

Ela tem o trabalho extra para eu ter dinheiro para a faculdade. Até o ano passado eu fui junto com ela e dormi em um sofá-cama em sua toca. Nós ficávamos acordadas até tarde assistindo TV a cabo com todas as luzes apagadas, e comíamos pudim de tapioca e caramelo em pequenos recipientes porque Don Reinaldo tinha uma despensa cheia deles. Sempre que ele virava, um pequeno alarme soava e Mami corria para o quarto dele e o trocava para que ele não *roncasse até a morte,* como gostávamos de dizer, rindo.

Ele amava os jantares de Mami e ela iria levar o purê que ela tinha feito para nós. Então ela o colocaria na mesa e ele comeria e cantarolaria velhas canções de salsa. Uma vez, ela me fez alimentá-lo quando a chaleira assobiou.

— *No se cómo hacerlo* —, eu reclamei.

— *Ah, mi vida,* assim como você faz com um bebê! — Mami repreendeu, como se fosse ultrajante eu estava com medo. Minha mão tremia quando levei a colher à boca e quase a deixei cair quando ele me levou com seus olhos leitosos e sorriu.

Mami deu-lhe *té de canela* para ajudá-lo a digerir. Seu filho era médico e pagava alguém para sempre cuidar dele. Durante a semana, Melinda, de Trinidad, observava-o durante o dia e, à noite, era Juan Pablo, rechonchudo e barulhento, usando tênis roxos.

Mas na décima primeira série, Mami decidiu que eu poderia ficar em casa sozinha. Eu tive que ligar para ela à meia-noite para que ela soubesse que eu estava bem e tinha trancado a porta da frente. Às vezes eu esquecia porque eu nem tinha saído, mas Mami iria repreender através do telefone e ameaçar obter um táxi e trazer Reinaldo para a nossa casa durante a noite.

—Estou dentro, estou dentro! Eu só esqueci de ligar porque eu nem sequer sai. Eu estou estudando para a minha aula de biologia. Mãe, saia do meu pé! —

Ela não tem a menor idéia de como ela é boa. Eu poderia ser Lucky ou Yari ou até mesmo Jeremy, e ela estaria pior no departamento de rebelião adolescente. Eu não faço nada, exceto o que eu deveria fazer. Sem drogas, sem garotos, sem roubar. Eu quase nunca vou a festas.

O controle remoto está na mesa de café e eu clico na tela. Minha cabeça está tão cheia de zigotos que eu preciso fazer uma pausa. Meus pés encontram os livros pesados e os chutam no chão. O cobertor de Mami cheira a seu perfume de baunilha e eu o puxo pelas costas do sofá e o puxo para cima do meu corpo, entrando e saindo de trechos de novelas. É um clímax perpétuo, algum personagem está sempre chorando ou gritando. Lotes de batom e spray de cabelo.

A televisão está nos comerciais quando eu acordo com um barulho. Uma batida forte na porta me faz saltar de debaixo do cobertor e tremendo meu caminho até a porta. Meus olhos piscam para ver o relógio no corredor. Já passou das três da manhã, ninguém deveria estar acordado essa hora.

—Quem é? — Eu grito enquanto eu vou até a porta em minhas meias.

—Lucky—, diz ele e depois nada mais.

Eu abro o ferrolho e todas as travas. Quando a porta se abre, Lucky está encostado na parede, com o braço para cima apoiando-o, seu rosto enterrado na dobra de seu braço, então não posso dizer em que estado ele está.

—Desculpe, hoje na escola, com Yari e Willy e tudo o que eu disse a você. — Sua voz tremeu e seu corpo treme e eu suponho rapidamente que ele está em má forma.

—Entre—, eu sussurro, agarrando o braço dele. Ele cai para a frente em mim, me jogando de volta contra a parede. Eu o empurro para longe, ele balança e depois cambaleia para o sofá. Lucky se estica com as pernas nas costas, um braço sobre o rosto, o outro no chão.

—O que você tem? Você está doente? — Pergunto a ele. Sua pele parece cinza e escorregadia com uma camada brilhante de suor que rola dele continuamente. Seu nariz está correndo e ele não se incomoda em limpá-lo. Ambas as pernas estão se contraindo e sua respiração está lenta. Eu posso ver um fio de sangue que sai do punho da manga e corre direto para a palma da mão.

—Estou ligando para o 911, Lucky—, eu digo.

—Não, Bey. Eu vou matar você. Eu já tenho um tiro de Narcan, mas estou viajando. OK? Eu só preciso que você relaxe e me ajude com isso. —

—Que tipo de tiro? — Minhas mãos encontram o caminho para meus quadris, mas eu estou mais apavorada do que zangada com ele.

—Eu levantei o que deveria ser uma droga realmente pura, acontece que foi cortada com alguma merda. Eu comecei a convulsionar. Willy me acertou com um tiro de Narcan porque seu irmão é um paramédico. —

—A heroína? Anti-veneno? Eu li sobre isso na revista *Time.*

—Estou tão doente, Bey. Muito doente. Eu juro que prefiro morrer a me sentir assim. —

Eu me arrasto no chão em frente ao sofá e pego o braço de Lucky. Sua pele parece cera e seu hálito cheira profundamente a química, como se ele não fosse nada além de tóxico. Ele geme na dobra do cotovelo e vira o corpo para longe. Sua testa está quente, mas ele deve ter calafrios de febre porque sua pele está coberta de arrepios.

Dois panos molhados em uma tigela cheia de água morna, estão na mesa de café. Eu tiro a jaqueta e tiro as meias. Ele é dócil como um bebê e tenta me ajudar. O esforço parece gigantesco e o resultado, pouco tangível. Lucky está desamparado. Seus olhos tremulam sob rápidas piscadas e o branco de seus olhos sobe mais que suas pupilas somem. E se

ele estiver tendo uma convulsão, e se a droga passar e a overdose estiver de volta?

—Lucky, não faça isso, por favor. Deixe-me chamar a ambulância. —

Sua mão aperta meu pulso com um aperto surpreendentemente firme. Ele sacode um não com a cabeça através da névoa das drogas.

—Por favor, Lucky, estou com medo—, eu choramingo e atiro o pano de volta na tigela. Ele agarra minha cabeça com força e bate em seu peito.

—Apenas fique comigo, Bey. Vai passar, juro por Deus. Apenas fique perto e não me deixe. —

Eu aceno e choro em seu peito. Seu coração martela sob o meu ouvido como cascos trovejantes. O braço que estava em volta de mim cai sem vida no chão. Suas pálpebras continuam a flutuar e o suor não para.

—Se você morrer no meu sofá, Lucky, eu vou te matar, estou falando sério! —

Ele estala os dedos e aponta para o teto. Seus olhos não se abrem, mas um leve sorriso aparece em seus lábios.

Sua camiseta luta comigo por cima da cabeça dele. Minhas mãos hesitam em sua cintura e eu decido deixar sua calça jeans. Seu estômago é plano e musculoso, muito mais pálido que o resto dele. O abdômen de Lucky afunila e corta bruscamente antes de desaparecer na faixa de seus boxers.

Eu mergulho o pano na tigela de água novamente e espremo o excesso. Eu coloco duas gotas de óleo de hortelã como Mami quando ela dá a Reinaldo um banho de esponja. Aromatiza o ar e corta o cheiro químico que ainda perdura no meu primo. Eu arrasto o pano frio até o V em seu abdômen. Seus músculos do estômago se contraem e se soltam. Eu quero colocar minha boca nele, para arrastar meus lábios até a extensão de seu estômago liso.

—Continue falando para não perder a consciência. Porque no segundo que fizer, vou chamar uma ambulância. —

—Len, você é tão mandona—, ele sussurra, sua voz arranhada com o estresse. —Continue me tocando—, ele diz mais suavemente. Seus dentes estão subitamente visíveis, mordendo o lábio rachado.

Eu amo cuidar dele. Eu não quero que Lucky esteja doente ou indefeso ou em perigo, mas é um alívio tão doce para ele vir a mim por algo, *qualquer coisa.* Isso me acalma e, ao mesmo tempo, é gratificante tocá-lo, tê-lo precisando de mim neste momento mais do que ele precisa de alguém. Ele poderia estar na casa de Yari ou com seus meninos ou até mesmo no andar de cima com Titi, mas em vez disso ele está aqui em meus braços e me deixando cuidar dele.

Ele adormece respirando uniformemente, seu peito se expandindo e subindo em um ritmo normal, mas estou com muito medo de dormir. Se ele morrer enquanto eu dormir, nunca me perdoarei.

Acendo quatro velas na prateleira onde Mami tem seus santos - *Altagracia, Nossa Senhora das Mercedes, Virgem da*

Imaculada Conceição. Eu coloco dois pedaços de vidro de praia vermelho lá em cima como uma oferenda aos Deuses e quem supervisiona as pontuações dos testes no céu. Eu os movo para Altagracia e digo a ela que as jóias de vidro vermelho agora são para Lucky.

Quando as velas estão todas acesas, elas lançam um brilho sinistro na sala. A lambida da chama cintila e pinta a forma de Lucky em um caleidoscópio de sombras escuras e claras. Eu sussurro duas Ave-Marias enquanto o vejo respirar.

—*Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, Amém.* —

Eu me cruzo duas vezes apenas no caso. Eu me certifico de que suas expirações soem mesmo inclinando-se perto de seu rosto, sua respiração faz cócegas na minha orelha e eu me contorço, então coloco minha cabeça em seu peito. Sua mão voa e agarra meu pescoço. Ele enfia a cabeça debaixo do queixo e mantém a mão na minha bochecha.

—Algum dia, Belén. Só vamos ser pacientes e esperar—, diz ele.

Eu não posso dizer se ele está acordado, se ele sabe o que está dizendo. Parece-me que Lucky já está sonhando.

—O que esperamos? — Eu pergunto, meus lábios mal se movendo com as palavras.

—Quando todas as estrelas se alinharem. Continue observando o céu. —

Ele rola para o lado quando diz isso e se enrola no encosto do sofá. Seu corpo está exausto de negociar com qualquer que seja a porcaria que ele colocou nele. Eu puxo um travesseiro debaixo dele e me deito no chão ao seu lado

As estrelas nunca se alinharão porque nosso céu não foi feito assim. E se Lucky continuar usando, o céu vai descer e levá-lo de volta antes que o destino tenha a chance de nos alcançar.

Eu acordei depois das nove da manhã seguinte. O sol está brilhando através das janelas da sala e aquecendo o sofá como um forno. Meu pescoço está tão duro que mal posso virar a cabeça. Mami está na cozinha batendo os pratos ao redor. De alguma forma eu posso dizer que Lucky se foi. Eu lambo meus lábios e esfrego o sono dos meus olhos.

—Que horas você chegou aqui? — Eu pergunto a ela, esticando meus braços para cima. Ela levanta os olhos e depois seca as mãos em um pano de prato. Eu bocejo e circulo meu torcicolo e examino a sala em busca de sinais de que Lucky deixou alguma coisa para trás. Eu não quero que Mami saiba que ele estava aqui, muito menos descobre que ele estava doente de uma overdose.

—Você deixou as velas queimarem ao redor até o final. Você poderia ter incendiado a casa! —

—Velas para santos não dão início a incêndios, você mesmo disse! — É uma resposta infantil e algo em que não acredito. Apenas jogando a superstição de Mami de volta em seu rosto.

—Para que serve a tigela de água? Você estava rezando por algo? —Ela corta uma galinha inteira no meio com sua faca mais afiada. Eu não posso fazer isso, mas Mami é muito mais forte do que parece. Ela joga batatas em cubos, cenouras e cebolas na caçarola.

—Sim—, eu digo. Eu abro a geladeira para pegar algo para beber. A caixa de suco de laranja foi colocada de volta vazia. Um pequeno sorriso de prazer aparece em meus lábios quando percebo quem fez isso.

—E, *mi vida?* O que você pediu?

— *Para ter sorte* —, eu digo. Leite com chocolate vai funcionar. Eu pego a caixa e vou direto para o chuveiro. Eu não sou geralmente tão atrevida.

—O que aconteceu com o trabalho duro e perseverança? —

—Mami, não há nada de errado em desejar que as estrelas se enfileirem a seu favor—, eu grito antes de ligar o chuveiro com força total. Eu passo sob o spray frio, arrepio e me abraço. É o destino que deixamos acontecer? Ou é o que *fazemos* acontecer se nos esforçarmos o suficiente?

Depois

Eu só vou ficar por aqui neste grupo de luto se não houver ninguém que eu conheça. Eu não estou compartilhando meus problemas com cada um dos meus colegas de trabalho. Isso é o

que inevitavelmente aconteceria se houvesse rostos familiares em grupo.

A mesa é espalhada com café, donuts e bagels. Pego um café com leite e pego um donut de bolo simples em um pequeno prato de papel florido. O único assento disponível é um ao lado do cara que é, obviamente, uma pessoa sem-teto.

—Olá—, digo a ele, tentando não olhar para suas roupas sujas e sapatos rasgados. Mami sempre me disse para cuidar de Jesus em pessoas que não têm nada. —É onde ele estaria, pois ele nada recebe e dá tudo, Belén. O desprendimento *é o* cristianismo—.

Quando eu era criança, pensava que todos os sem-teto com barba eram o próprio Cristo.

Tenho certeza que ele não é o filho de Deus, apenas um cara do abrigo do Armory do outro lado da rua do hospital.

—Tem café e bagels—, digo a ele, apontando para a mesa com o meu prato. Ele parece um pouco fora disso e eu estou chocada que ele não está tirando proveito do café da manhã grátis. Talvez ele não seja um sem-teto, mas um viciado em drogas que parece mal de se acalmar nas ruas.

—Qual é o seu nome? — Eu pergunto a ele. O café requer algum tempo de esfriamento. O vapor levanta e enrola e eu sopro suavemente no topo do copo.

—Ponzo—, diz ele e corre os dedos sujos pelo cabelo oleoso. Aquele corpo vago e olhar zumbi é o mesmo que Lucky costumava pegar quando estava usando.

—Aqui, pegue o meu—, eu digo, entregando-lhe o meu café e rosquinha. —Você está aqui porque perdeu alguém especial? —

Tenho que admitir que sou boa em terapia de grupo depois da minha experiência na faculdade. Co-dependência, pesar, é o mesmo formato básico. Eu entendo a dinâmica, e acontece que eu sou ótima em conversas fofas. Ponzo meio que sorri para mim e está claro que ele não vai ao dentista há muito tempo.

A líder entra e é uma mulher pequena com cabelos cacheados usando óculos de armação azul. Seu andar é afiado e seu sorriso genuíno enquanto ela arrasta um pergaminho gigante de papel em um cavalete em pé até o círculo.

—Bom dia a todos! Eu vejo alguns regulares, bem como alguns rostos novos. Por que nós simplesmente não contornamos o círculo e dizemos nossos nomes e por que estamos aqui? Se você quiser compartilhar alguns marcos, somos todos ouvidos—, diz ela agradavelmente. Eu não sei porque Adam se recusa a vir. É tão bom tirar as coisas do meu peito. Mesmo que eu pareça calma, por dentro, estou explodindo e rachando, caindo aos pedaços em lugares que não podem ser vistos do lado de fora.

—Eu sou Belén. Faz cinco anos desde que perdi meu primo e melhor amigo. Eu realmente não tenho nenhum marco para relatar. Eu tomo antidepressivos, mas parei com os remédios para ansiedade, você sabe, para estar mais presente para meu filho. Eu ainda os carrego, mas não os levo mais para usar. —Eu puxo a caixa de pílulas da minha bolsa e agito. Então estou muda

porque está vazio. Deve ter aberto e as pílulas provavelmente espalharam por todo o fundo da minha bolsa.

Ponzo é o próximo e ela só recebe alguns ombros fora dele. Eu olho para ele e ele parece familiar com todo o cabelo longo, barba e sujeira. Eu olho para ele e me pergunto se eu o conheço de algum lugar.

—O nome dele é Ponzo—, eu de repente ofereço. —Quem você perdeu? — Pergunto ao meu parceiro do grupo de luto.

—Minha mãe—, diz ele apenas alto o suficiente para só eu ouvir.

Uma pequena facada constrita meu coração.

—Ponzo perdeu a mãe—, eu ofereço ao grupo.

—Então nós perdemos tudo. —

—Então eles perderam tudo—, eu digo. Eu nem mesma fui voluntária e ainda estou agindo como uma voz para ele. Ponzo coloca as mãos no colo e olha para os dedos entrelaçados. Eu sento meu traseiro rápido antes de me pedirem para dizer qualquer outra coisa. A pele das mãos está rachada e seca. A sujeira passou a residir lá e parece que seria preciso uma escova de arame para se livrar dela.

—Desculpe ouvir sobre sua mãe. Isso deve ser difícil. —

Ele acena com a cabeça sem olhar para mim.

—Eu te conheço? — Eu pergunto a ele em um sussurro.

—Eu conheço seu primo, Lucky Cabrera. —

—Oh. — Eu aceno com a cabeça. —Do ensino médio ou dos fuzileiros navais? —

—Só de morar perto. Você sabe como é, meio que conhecer todo mundo no bairro. —

Eu aceno com a cabeça e silenciosamente acho que — Ponzo—é um traficante de drogas. Eu realmente não quero mais estar nesta sala. Não sei o que ele sabe sobre mim ou meu primo, mas é seguro dizer que ele ouviu pelo menos rumores sobre nós. Eu não serei capaz de falar abertamente ou me sentir livre do olho do julgamento com esse homem sentado ao meu lado, que provavelmente não apenas ajudou a cultivar o vício de Lucky, mas também possibilitou o único homem que eu realmente amei. Se ele não tivesse morrido no exterior, Lucky teria morrido com as drogas. Eu deveria ter deixado as o bairro, deveria ter corrido longe e rápido enquanto eu ainda podia.

—Você sabe que ele morreu durante a sua missão? Quase cinco anos atrás, agora. —

—Isso é o que eu ouvi—, diz ele em um tom que eu não entendo muito bem. Ponzo não oferece condolências ou mesmo qualquer gentileza para ajudar a tornar a troca menos complicada.

—Sim, eu vi Lucky no DR e fiquei chocado porque ouvi dizer que ele nunca saiu do Oriente Médio. —

—O que? — Eu bato minha cabeça tão rápido e duro que dói. Meus olhos queimam através dele com dardos acusatórios. —Não diga isso porra. Não foda com a minha cabeça. Quem é você para vir aqui e me dizer uma merda

assim? Eu estou tendo bastante dificuldade como é. O que diabos você está fazendo em um grupo de luto se você não consegue entender que as pessoas estão aqui porque estão sofrendo? —

Estou gritando. Todo mundo parou de falar e agora eles estão apenas olhando.

Eu tenho uma mente para cavar o antigo spray de pimenta do fundo da minha bolsa e borrifar o rosto deste babaca antes que ele possa dizer mais alguma besteira.

Ele coloca as mãos em sinal de rendição e balança a cabeça para mim. Minha raiva em relação a esse estranho nos atrai alguns olhares irritados, mas eu não poderia me importar menos com o que eles pensam. Eu vou foder esse homem e levar ele arrastado para polícia. Lidar com minha mãe e suas convicções do mundo espiritual é uma tortura suficiente. Eu não preciso de um completo estranho para invadir minha paz merecida e bagunçar minha cabeça.

—Adapte-se a si mesmo—, ele diz, —mas eu o vi com meus próprios olhos—. Ele aponta para os olhos com dois dedos, como se reconhecê-los os tornasse confiáveis. Eu olho, e ele volta a estudar seus polegares. Parece que ele está me provocando com uma armadilha. —Ou isso, ou ele tem um gêmeo idêntico vivendo na ilha. —

—Porra, não fale comigo! — Eu digo e cruzo os braços sobre o peito. Meus olhos ardem em lágrimas e minha respiração se aproxima da hiperventilação. Minhas mãos afundam na minha bolsa e então lembro que minha garrafa de plástico estava vazia. Eu puxo meu casaco da parte de trás da

cadeira dobrável de metal. —Boa sorte com sua dor—, eu digo a Ponzo.

Depois

Sameer e eu começamos a trabalhar juntos na academia. Eu gosto bastante do cara e quero entender o cérebro dele. Descubra como diabos ele conseguiu se casar com sua prima. Eu sei que é costume e cultura, mas há outras perguntas que eu tenho, como eles tinham filhos que parecem perfeitamente normais? E se ele conhece alguém que tenha o mesmo cenário de tio-sobrinha-primo-primo.

Mas, se estou sendo sincero, realmente quero apenas alguém para conversar. Meu segredo não é vergonhoso em torno desse cara. Não é nada fora do comum para ele; Eu posso falar sobre o quanto eu queria estar com ela, o quanto eu *ainda* quero ela, sem soar polêmico, fodido, como uma história suja que você conta aos caras numa festa. Além disso, Sameer é rasgado e tem um regime constante, o que é bom para mim porque ainda tenho problemas com o acidente. Um prato na minha cabeça, um par de parafusos no meu ombro, eu estava fora de mim por tanto tempo que eu literalmente tive que começar de novo, aprendendo a andar, até mesmo como controlar minha bexiga. Eu era uma merda inválida e sou muito grato por minha mãe ou Bey ou mesmo Tia Betty nunca terem me visto assim. Eu me arrastei por conta própria, me importei com a matéria, bati minha bunda todo dia e foi mais difícil até do que chutar meu vício em drogas. Mas estou aqui, vivo, sou a prova viva de que milagres acontecem e segundas chances são possíveis.

—Cinco séries de cinco e meia hora de cardio? —, Pergunta Sameer. Ele está envolvendo suas mãos porque ele levanta e as mangas garantem que ele não vai escorregar enquanto ele estiver levantando o peso.

—Sim. Parece certo. — Corro minhas mãos pelo meu cabelo curto, imaginando se ele fica irritado com minhas perguntas, sempre trazendo sua esposa e sua história.

—Cuspa, cara. Parece que você vai ter uma enxaqueca se não disser alguma coisa. —

Eu rio e dou um soco nele com força no braço.

—Você deveria apenas voltar, contar como você se sente e foder todo o resto. — Ele é sempre pró Belén. Cento e dez por cento positivo de que ela vai me levar de volta e tudo vai dar certo. Outra razão pela qual gosto de estar perto dele.

Ele coloca pó nas palmas das mãos e as une algumas vezes. Nós saímos de sua nuvem de poeira e seguimos para os bancos de peso.

—Você faz parecer fácil, mas é diferente de onde eu venho. —

—Então você se afasta e mantém em segredo. Muitas histórias como essas. —

Eu o vejo enquanto ele pressiona o banco e o repreende quando ele começa a desacelerar no final do set.

—Não, ela tem um filho e um homem. Não é como se eu pudesse simplesmente entrar e levá-la. Eu já estraguei a vida

dela uma vez. Ela provavelmente está feliz. Além disso, eu te falei sobre o tio dela sendo seu pai e o resto da merda fodida em nosso passado.

—Sim, mas de onde eu venho, ambos os relacionamentos são normais. Não precisa ser um grande escândalo, a menos que você continue fazendo isso. Estou lhe dizendo, Lucky, você está mais investido no escândalo do que todas as coisas boas sobre isso. —

—Porque eles nunca nos deixam viver, nunca conseguimos fazer uma pausa. —

O Gatorade azul desce como nada; Eu termino a garrafa de uma só vez. Eu estou no próximo banco. Meu ombro protesta toda vez que tento aumentar o peso.

—Eu sinto como se arruinasse a vida dela, como se eu estivesse estragando tudo desde que éramos crianças e, se eu ficasse longe, ela teria pelo menos uma chance de lutar pela felicidade, todas as coisas normais. Eu não acho que posso dar isso a ela. —

Meus braços tremem quando levanto os míseros cento e cinquenta quilos acima do meu rosto. Eu tenho que voltar no jogo, começar a levantar todos os dias.

—Isso que ela quer? Apenas coisas normais? Ou ela quer você? —

—Cara, eu não a vejo há anos. —

—Ela amava você como você a ama? — Pergunta Sameer. Ele leva um galão de água de plástico aos lábios e

praticamente drena a metade em um gole. Ele enxuga o suor do rosto com a toalha esfarrapada pendurada no pescoço.

—Ninguém nunca me amou como Belén ama. Mente, fudendo corpo e alma. Aquela garota é uma força da natureza. Uma coisa é certa, — eu grunho enquanto luto com a barra. —Vou comparar todas as outras mulheres com ela enquanto eu viver. —

Sameer agarra a barra e a coloca de volta no suporte.

- —Lucky, vá devagar, você vai estar nadando em ácido láctico amanhã, se for demais. Esses músculos ainda estão em reabilitação. Não aumente os problemas do seu corpo. —

Eu aceno para Sameer e olho para ele. Limpando o suor do meu rosto, percebo que estou com ciúmes dele. Ele tem o que eu quero e é difícil para mim admitir isso. Jogador por anos não desaparece tão facilmente. Sameer é um cara legal. Estou feliz por tê-lo conhecido.

—Pare de merda, cara. Vá para casa, diga a verdade e vá reclamar a garota que você ama. —

Depois

Uma semana depois de seu aniversário, quando notei que meu estoque de comprimidos estava vazio, tive minhas suspeitas, mas mantive minha boca fechada. Todo dia Adam parece fora disso. Eu sei que os aniversários o atingiram muito. Eu sei que o remédio é prescrito, mas eu não acho que

entorpecer ele mesmo irá ajudá-lo a passar por isso. Sem mencionar o quão perigoso é um jogo, aquele que ele está jogando.

Seu trabalho é altamente sensível, ele é responsável por um laboratório inteiro. Se ele não está completamente certo em sua cabeça, ele pode atrapalhar estudos inteiros e soprar fundos para o departamento em sua totalidade. E em um nível pessoal, eu o deixo sozinho com Luke de vez em quando. Se ele está louco por benzodiazepínicos, isso coloca em risco a vida de nossa criança, assim como a dele. Eu tenho que confrontá-lo, mas estou mais com medo de sua dor do que eu da minha.

Por duas vezes sugeri que façamos uma terapia juntos, para nos guiar por esse caminho acidentado e nos ajudar a curar uns aos outros. Mas Adam tornou-se teimoso sobre sua dor, como se fosse a única maneira de segurar seu irmão. Ele age como se fosse nobre deixar sua perda arruinar sua vida e que esperar mais dele é pedir o impossível.

—Mamãe, a *Abuela* tem Netflix? —

—Não bebê. Vovó não tem um computador—, eu respondo. Eu esfrego a cabeça de Luke distraidamente e jogo as suas crostas de manteiga de amendoim e geleia na lata de lixo.

—Posso levar o iPad comigo então? Porque, do contrário, a *Abuela* vai me fazer assistir *romances* com ela e eu não gosto muito deles. —

—Vamos fazer um acordo. Vou colocar seus quebra-cabeças de trem e seu convés de peixe na sua bolsa de

viagem. Eu direi a vovó que ela tem que esperar até que você esteja dormindo para começar a assistir seus shows chatos. —

Luke sorri para mim e seu sorriso de menino me lembra muito de Lucky que eu sinto o impacto no meu peito. É algo como bater em uma parede de tijolos depois que você mergulhou de cabeça no Empire State. Eu vejo Lucky no rosto do meu filho e sofro cinquenta ataques cardíacos silenciosos.

—Papai vai chegar antes que a vovó me pegue? — Luke pergunta. Seus inocentes olhos cintilam para mim.

—Eu espero que sim! — Eu digo. *Eu realmente espero que não.* Adam provavelmente está drogado se é verdade que ele está tomando minhas pílulas. Tanto para a nossa noite especial, será mais como uma intervenção. Eu fico nervosa quando Adam fica duro com os remédios porque me lembra dos dias em que meu vício era Lucky. Lembra-me de todo o tempo gasto em terapia de grupo de codependência, aprendendo sobre por que é tão prejudicial para os usuários de amor.

A porta vibra e eu pulo.

— *Abuela!* — Luke grita e eu sorrio para sua alegria óbvia em seu encontro com minha mãe. Eu amo que ele escolha usar o espanhol ao inglês. Eu adoro que o seu sotaque é terrível e me arrepie toda vez que ele diz isso.

—Oh, você não está linda, *mi hija!* — Mami diz enquanto beija minha bochecha. — *Y mira mi carajito precioso*—, diz ela. Ela aperta Luke tão forte que você acha que eles não se viam há anos.

—O que vocês dois planejaram para a noite? — Mami pergunta inocentemente. Mas Mami nunca é inocente, ela está sempre em cima de mim e tem um sexto sentido reservado especialmente para a minha besteira.

—vamos ter uma conversa muito necessária—, eu digo. Coloco os pratos no armário do escorredor, evitando contato visual e sua tendência a descobrir o que está acontecendo antes de começar a bisbilhotar.

—Parece divertido! Vá pegar sua mochila, Lukey! — Ela diz. Luke jorra para o quarto e Mami dá um tapinha nas costas dele na saída da cozinha. —O que há de errado com seu marido? Ele é uma bagunça, você precisa endireitá-lo! — Mami coloca as mãos nos quadris como se estivesse prestes a me dar uma boa bronca.

—Mãe, eu sei! Tudo bem? Vou tentar falar com ele!

Adam entra pela porta da frente antes que eu possa comer o final da minha frase. Seu cabelo parece oleoso e seus olhos têm o brilho vítreo de
inebriação. Vazio. Bravo. Desperdiçado. Exatamente o que eu preciso.

—Fale comigo sobre o que? — Ele rosna.

Oh garoto.

Mami olha para mim com alarme suficiente para disparar o detector de fumaça.

—Sente-se, Adam. Eu vou fazer um pouco de café. Luke ainda está aqui. Ele não deveria ver você assim. —Eu pensei que

as coisas não poderiam ficar piores do que estavam em seu aniversário, mas aparentemente eu sou uma idealista. Isso é um eufemismo para facilitador.

Adam afunda em uma cadeira e descansa a testa no lugar onde os braços se cruzam na mesa.

—Estamos indo embora—, diz Mami. Ela empurra Luke atrás das pernas. Quando ela se inclina para me dar um beijo, ela sussurra: — *Mi hija,* chame a polícia se for o caso. — Mami é dramática, mas desta vez seu aviso não parece tão exagerado.

Eu não posso imaginar a decepção que ela deve sentir. Não importa o quanto eu tente, eu sempre consigo ser fodida. Eu deveria ter casado por dinheiro, com um cirurgião ou um corretor. Ou até me casado com um dos caras do bairro. Então, eu poderia estar lidando com a infidelidade como o pior cenário possível, mas espero não prejudicar o sofrimento e a doença mental.

Adam respira como se estivesse dormindo, mas eu faço café de qualquer maneira. Não é a primeira vez que a nossa noite de namoro está atrasada devido a Adam ter cedido um pouco demais à bebida antes mesmo de começarmos. Mami ainda está com raiva dele sobre a festa de aniversário idiota. A etiqueta é importante para ela, assim como a família e a tradição, basicamente todas as coisas que tornam Adam incapaz, e na verdade não é culpa dele.

Eu com certeza não me sento e como bolo e sorvete sorrindo no aniversário de Lucky. Eu me tranco no meu quarto. Às vezes chego a imaginá-lo me tocando; Eu penso em fazer amor com meu primo perdido, incrivelmente sexy e de

olhos sonolentos. Esse pensamento me arrepia a pele, a parte de trás do meu pescoço é tão sensível que encolho os ombros para afastar o desejo. Talvez Adam acorde e queira ir para a cama comigo. Talvez eu consiga segurar uma chave de fenda na cabeça dele enquanto ele me beija fervorosamente. Ou lamber gotas de mel de sua pele, me perder em seu olhar, me render a ele.

Nada disso está acontecendo.

A cafeteira gorgoleja enquanto suga a última gota de água. Adam gosta de leite condensado em seu café, uma das poucas tradições culturais que ele aceita, ou pelo menos não protesta.

—Ele não é meu—, Adam insulta.

Eu pulo novamente e estremeço. —Quer Mel? Olhe, eu fiz um café para você. — Pego uma xícara de chá pequena e florida que pertenceu a Titi, despeje uma boa colher de sopa de leite condensado e mexo até o líquido escuro ficar pálido. Minha tia me deixou todos os seus pratos quando foi embora.

—Luke não é meu—, diz Adam. Suas palavras são mais claras na segunda vez. Sua cabeça oscila como se ele estivesse tentando se manter em linha reta. Eu coloquei o café rapidamente, derramando-o no meu pulso, assim como na mesa.

—Você fez um teste de paternidade? — Eu o acuso. Estou horrorizada com o método dele. —Pelas minhas costas? Você acha que é o caminho certo para fazer isso? —Minha postura se torna defensiva. Estou praticamente rosnando. Somos casados, Adam. Parceiros Marido e mulher!

—Ele não é meu filho. Pertence a outra pessoa que você fodeu, —Adam cospe. Ele diz amargamente a princípio e depois colapsa o rosto nas mãos e começa a soluçar.

Eu não tenho ideia do que fazer. Eu quero quebrar a xícara de chá sobre sua cabeça, mas ao mesmo tempo a vontade de abraçá-lo e confortá-lo superfícies. Eu sirvo um café para mim e pego uma garrafa de conhaque na parte de trás do armário. Eu espirro um pouco no meu e desloco a versão sem álcool para Adam.

Nós nos sentamos em cadeiras opostas uma da outra. Bebendo café, sentindo-se carregado, não dizendo uma palavra maldita para o outro.

—Eu pensei que ele parecia cada vez menos comigo à medida que envelhecia—, ele finalmente consegue explicar.

Eu olho para o meu marido apesar das lágrimas que correm pelo seu rosto. —Ele é seu filho, Adam. Nada mais é possível. —

Ele soluça e desvenda algo dentro de mim. Eu me identifico com a dor dele. Isso pode nos separar tão facilmente se permitirmos.

—Sinto-me sozinha e não sei para onde me virar. Acho que sempre acostumei a ver meu próprio rosto no meu irmão Luke. Então acabou de bater em mim que nosso filho não se parece comigo—.

Eu balancei minha cabeça para ele. Eu entendo, eu entendo. Mas sinto que não resta mais confiança; Estamos

rapidamente a deslizar para um nível em que a possibilidade de recapeamento fica mais fina e mais fina.

—O que você disse a Luke que você estava fazendo quando você limpou a bochecha dele pelas minhas costas? — Isso é o que me deixa com raiva. Não quero que meu filho duvide de quem ele é, ou duvide de quanto seus pais o amam.

—Eu fiz isso enquanto ele dormia, B. Eu prometo. Eu não disse nada para ele. —

Eu dreno a xícara de chá inteira e estremeço em como o conhaque queima tanto quanto me acalma.

—E qual é o seu plano agora? Diga ao seu filho que ele não é biologicamente seu? Isso vai acabar com ele, Adam. Marque minhas palavras. O teste será uma correspondência positiva. Tenho certeza. Eu preciso lutar por isso. Eu não quero que Luke perca seu pai. Eu sei sobre a falta de pais, como dói. Um pai ausente faz você sentir que está perdendo uma parte crucial de si mesmo. Não importa o quão forte minha mãe era, a ausência do meu pai ainda estava prejudicando. —

—Não. Nunca, B. Ele sempre será meu filho. Eu só tinha que saber porque estava me comendo. Eu sinto como quando perdi Luke, você sabe, a minha réplica desapareceu da minha vida. É como se eu estivesse sempre procurando pela minha imagem no rosto de outra pessoa, especialmente no meu filho. Procurei no Luke e continuei vazio. —

—Ele é seu. Não há outra possibilidade. —

Eu faço outro café com leite condensado e conhaque, meu novo combo favorito. Deixando de fora a bebida, eu coro a taça de Adam. Há um pote de sorvete que eu tiro do freezer. Eu o coloco na mesa junto com duas colheres de servir que se agitam ao lado dele.

—Sorvete faz tudo melhor—, eu digo para Adam e lhe entrego uma colher.

—Sinto muito, B—, diz ele. Ele ainda está chorando.

—Está bem. Sinto muito que você pense que não é o pai biológico do nosso filho. Mas estou feliz que você seja pai dele mesmo assim. Você é um homem maravilhoso, Adam. Acho que talvez você tenha esquecido disso. —

Eu pego uma colherada gigante e coloco a quantidade obscena na minha boca. Isso esfria minha garganta enquanto desce. Estou muito emocionalmente esgotada para ficar brava.

—Você sabe que é meu com certeza? — Adam pergunta. Ele recua quando diz isso, seja porque é doloroso para ele ou abominável, eu não tenho uma pista, mas é obviamente difícil para ele tentar fazer a pergunta.

—Não é do meu primo—, eu digo sem perder o ritmo. Eu coloco a colher limpa ao lado do pote de sorvete e coloco mais brandy no meu café. —Estivemos juntos uma vez e eu certamente não fiquei grávida disso. —

—Você tem certeza? Não houve, não foi... —

—Não. — Eu balancei minha cabeça.

—Se seu primo acaba por ser o pai, devemos ter Luke testado. Caso haja algum defeito nele, quero dizer, algum gene recessivo com o qual possamos nos preocupar mais tarde? — Adam olha para mim com os olhos arregalados e cheios de sangue. Ele obviamente não quer acreditar em mim.

No entanto, no momento em que ele mencionou que nosso filho poderia ser de algum modo defeituoso por causa de quem seus pais poderiam ser, toda a minha pena por ele evaporou instantaneamente. Ele também poderia estar falando de mim, se estivermos examinando princípios questionáveis. E Luke? Nosso próprio filho? Ele não o vê como eu? Nosso filho é perfeito.

—Luke está bem. Ele está acima da média. Ele está prosperando mais até que a média. Vamos falar sobre drogas, Adam. Há quanto tempo você está roubando minhas receitas? —

Antes

Yari dobra a cintura elástica da saia para subir mais alto.

—Faça na sua também Beylenny! Então vai tão perto de suas nádegas quanto possível. Todos os caras mais velhos amam as meninas nas saias escolares. Confie em mim! —

Eu dobrei minha saia uma vez, em oposição aos três movimentos que Yari fez. Eu não consigo ver como ter a minha bunda de fora é realmente uma coisa boa. Eu tenho celulite lá atrás e prefiro que ninguém o veja. Além disso, você não precisa caminhar na sua saia para chamar atenção no meu bloco.

—Então desabotoe sua camisa, como três botões para baixo. — Ela desfaz meus botões quando ela diz isso. Yari está em uma missão para conseguir alguém de idade para nos comprar um pouco de bebida. —Dessa forma, quando você se inclina um pouco assim... — ela diz. Yari se inclina para que eu possa ver a curva completa de seu seio e como ele mal consegue segurar o sutiã de bolinhas de algodão.Seus seios aparecem de forma tentadora. Faz minha cabeça parecer quente e eu coro da cabeça aos pés quando ela me pega encarando.

—Anormal! Você gosta dos meus seios, Bey? Eles são maiores que os seus!

Yari agarra minha mão e a enfia na camisa dela.

—Foda-se, Yari—, eu grito. Arrancando minha mão de novo. Eu deslizo sob minha bunda e sento nela. Yari acende um cigarro na frente do espelho. Ela inala profundamente, abre a boca e deixa a fumaça se enrolar em suas narinas. Yari é tão boa em ser sexy. Ela levanta a saia ainda mais e puxa o V da blusa de botão. Então ela coloca o cabelo em tranças e eu rio de sua ousadia.

—Seus pais não estão em casa? — Eu pergunto a ela. Ela me passa o cigarro. Eu tomo um trago. Sufoco e tusso até que meus olhos estejam lacrimejantes e vermelhos.

—Temos que praticar isso, Bey. Sim, eles estão em casa, mas estamos apenas fumando cigarros, não maconha ou qualquer merda assim. —

Yari procura na gaveta embaixo da pia cheia de rolos e grampos. Há preservativos e vaselina, bolas de algodão e paletas

quebradas de sombra. Ela encontra um tubo de brilho altamente pigmentado, seu motor de incêndio vermelho e úmido, então ela o lambuza com adoração ao longo de seu lábio superior e inferior. O efeito final é puramente bebê prostituta, mas tenho certeza que é o visual que ela está procurando.

—Você vai se sentar no John a noite toda ou vai me ajudar a pontuar? —

—Yaritza, *salte!* Dê o fora do banheiro! —Uma voz irritada grita pela porta.

—Foda-se, Edgar, vá embora pela janela. —

Edgar é o irmão mais novo de Yari. Yari governa esta casa e Edgar vai fazer xixi pela janela antes de entrar em um emaranhado com essa fera de garota. Eu já vi isso antes. Ninguém quer morrer, então eles tentam não irritá-la.

Eu olho para a sua aparência impressionante. Eu nunca vou parar de me perguntar como é ser ela. Yari pega um quadrado de papel higiênico e fecha os lábios cheios.

—Você chupou o pau de Jaylee? O cara gostoso do parque? —

—Talvez—, diz Yari. Ela aplica outra camada do brilho vermelho molhado. —Aqui, coloque um pouco—, diz ela. Ela joga o tubo em mim. Minha mãe me mataria se me visse sair assim, mesmo sem os lábios da prostituta.

—Como foi? —

—Eu não sei, cadela. Por que você não chupa um maldito idiota e descobre?

—Quem? — Eu pergunto honestamente. Estou encantada com o jeito que ela parece, meio criança, meio crescida. Sujo, safado e perigoso, escrito em cima dela. Yari perfurou as próprias orelhas e riu quando sangraram. Ela quebrou o braço quando tínhamos oito anos, porque ela aceitou o desafio de pular do último degrau do trepa-trepa. Quando os paramédicos chegaram e a colocaram em uma maca, ela gritou: —Você me deve cinco pratas, Griselda e *todas as* suas Barbies—. Os paramédicos riram da atitude dela, mas eu parecia ser a única a notar que ela não chorou nem uma única lágrima naquele dia. Yari nunca chora. Quando eu faço, ela sai do quarto.

Depois que ela quebrou o braço, eu apareci na casa dela com flores que minha mãe me fez trazer. Eu assinei seu gesso azul e ela estalou seu chiclete perto do meu ouvido.

—Vai custar meus pais como mil dólares—, disse ela com orgulho.

—Eles estão loucos? — Eu perguntei a ela.

—Foda-se eles. Eu estou com fome. Você pode correr para a delicatessen e me pegar um sanduíche? —

Eu olho para ela agora, oito anos depois, e me maravilho com sua força. Yari é tão resistente, um tornado pode varrer e nos explodir, e ela ainda estaria de pé aqui, com as mãos nos quadris, gritando —Tome isso, filhos da puta! — Sem um fio de cabelo fora do lugar. Yari *é* o tornado. E ela é uma espécie de meu herói. Eu olho para ela, embora ela me irrita. Ela tem sido

melhor do que educação sexual na escola e dez vezes mais eficiciente. Ela fala para garotos e adultos sem um único segundo de hesitação. Ela sempre fala a verdade, não importa o quanto dói e não importa o quê, ela está sempre pronta para tentar algo novo. Ela não foge da tentação e ela nunca se conteve. Eu não acho que há algo que a assusta.

Estou feliz que ela é minha melhor amiga, apesar de todas as coisas realmente ruins que ela fez para mim.

—Yari, eu te amo—, eu digo e piscar para ela com adoração.

—Foda-se, Bey. Não me diga que você ficou chapado de um cigarro idiota. —

—Não, eu realmente amo você e não digo o suficiente—, digo a ela. Eu automaticamente endireito minha saia e abotoo minha camisa de volta.

—Você vai me amar ainda mais quando eu conseguir um pouco de vodca de baunilha. — Ela gira seus quadris quando ela diz que é como se ela estivesse dançando jamaicano. —E, sim, eu chupei o pau de Jaylee, porque eu amo seus olhos claros e aquela voz rouca dele. —

Ela ainda está girando e eu não posso deixar de rir dela.

—Aqui, ligue o ferro de cachear, Beylenny, eu vou consertar seu cabelo. Vamos tentar fazer você parecer menos

bibliotecária. —

Antes

É tarde e estou chapado. Eu mal posso colocar um pé na frente do outro enquanto eu tropeço pela calçada. Ainda bem que minha mãe está na casa de seu homem hoje à noite. Ela me daria uma bronca sobre o meu futuro, sobre foder e engravidar garotas e qualquer outra merda que ela pudesse inventar. Prisão, expulsão da escola, merda, ela ainda me ameaçou com deportação.

—Eu nasci aqui, mãe! —

—Oh sim. —

As luzes da rua lançam um brilho alaranjado nas calçadas. Carros correm para a Broadway, tocando música mesmo nas noites da semana. Em quase todas as esquinas tenho que parar e falar merda com meus manos. Não posso guardar segredos neste bairro, nem uma chance no inferno. Todos sabem que os negócios de todos os outros e a privacidade não são dados como se parecessem estar no centro da cidade. Nós não precisamos de tablóides ou revistas de fofocas. Nós temos nossa própria rede de fofocas subterrâneas de fofoqueiras, vizinhos intrometidos, garotos de esquina e *viejitos* jogando dominó ou bebendo cerveja na faixa mediana. Se eu tirar mais uma batida de uma articulação, não sei se posso chegar aos cinco quarteirões do meu prédio. Eu levo para acenar com os caras, em vez de me aproximar de seus círculos. Cavando em meus bolsos só encontro papéis, e sem nenhum dinheiro. Merda, eu ficaria rindo de qualquer maneira por fazer um taxista parar para me levar por algumas ruas. Os raios dos postes estão se movendo e

eu tenho que apertar os olhos para fazer os faróis e lanternas na Broadway não parecerem que estão nadando.

Eu limpo o suor da minha testa e me seguro em uma placa de rua. Tenho que me recompor. Parar de arruinar minha mente e corpo. Eu poderia vomitar. Eu cuspi em seu lugar. Minha boca molha e eu inclino minha cabeça para o céu e me amaldiçoo por ser tão estúpido.

—Lucky? — Eu ouço a voz de Bey e parece um sonho. Eu olho para o cimento na calçada e conto as manchas de goma, tentando manter meu cérebro unido e impedir que meu interior se derrame. Eu limpo minha boca novamente com as costas do meu braço. Eu juro por Deus que estou babando. Porra não posso ver direito e agora estou alucinando.

—Você está bem, Lucky? —, Pergunta Belén. Eu amo o quão doce essa voz soa. Eu aceno com a cabeça sem dizer nada. Eu quero pedir a ela ajuda para chegar em casa, mas tenho vergonha de estar tão fodido na frente dela. Eu deveria estar cuidando dela, não o contrário.

—Tudo bem, Lenny. Doente. Fodido. Isso é tudo. —

—Oh—, ela diz e fica lá esperando.

Eu aceno porque não quero que ela me veja assim.

—Você vai para casa? —, Ela pergunta.

—Eu pareço como se eu estivesse em uma festa, Len? — Eu grito para ela e então imediatamente me arrependo das minhas palavras.

—Você quer alguma ajuda ou algo assim? —

Eu engulo meu orgulho. Eu ainda não olhei para ela. Meu intestino se agita como se eu estivesse prestes a perder o que restou no meu estômago. Nem me lembro se comi hoje ou ontem. Eu tento forçar as rotações. Eu aceno com a cabeça que sim e Bey pega meu braço.

Eu me sinto melhor com o toque dela. Nós andamos de braços dados e isso me ajuda a recuperar minha sanidade. Seu cheiro natural de Belén é todo coberto com spray de cabelo, cigarros e algum perfume barato. É outro perfume que conheço muito bem.

Bey cheira a Yari.

É uma fragrância que sempre é soletrada para mim.

Sexo.

Deus, porra, me ajude.

Foda-se o que essa doce garota faz comigo. Ela cheira a sexo e ela é a única garota que eu juro que vou passar. Não Belén. Não em sua vida.

Seus lábios são vermelhos e seu cabelo cai ao redor do rosto em cachos largos perfeitos. Ela parece mais velha com maquiagem nos olhos e boca, fumando quente. Algum tipo de garota descontrolada. Mas ainda inocente, Belén cheira a Yari, mas ela ainda cheira a doce menina que é.

—Você estava na casa de Yari? — Eu pergunto a ela. As palavras saem do meu peito. Eu tentei manter minha voz baixa,

mas soei maluco em vez disso. Eu concentro meus olhos em todo o seu conjunto, sua saia está alta e seus botões são desfeitos praticamente até o umbigo.

—Len, você não pode andar por aí assim. — Eu tropeço nela tentando encobri-la. Eu recebo um botão e balanço em um círculo.

—Como o quê? — Ela pergunta enquanto estamos sob o brilho da luz da rua. Todo carro de luxo que passa buzina, procurando marcar uma tarifa. Eu os afasto com o braço e Bey ri dos meus exagerados gestos bêbados.

—É meu uniforme. Você tem algum problema com isso? —

Ela está flertando, fazendo o melhor para começar uma discussão.

—Isso não é o seu uniforme, Len, que parece uma fantasia de Yari. —

Ela continua andando em direção ao prédio, com uma pequena mordida no degrau e balançou até o quadril para me deixar saber que ela está chateada comigo por ser super protetora.

Eu sento minha bunda no topo da varanda e seguro minha cabeça em minhas mãos, depois cuspo catarro com sangue e cuspo entre os meus pés na escada.

—Lucky, você precisa ir com calma. Você me assusta assim. —

Ela abaixa perto de mim, e seu cheiro misturado com o de Yari faz meu pau e o cabelo na parte de trás do meu pescoço se erguerem simultaneamente.

—Você é a única que não deveria estar na rua parecendo uma stripper quando você ainda está com quinze anos. — Eu juro, eu não sei porque eu grito com ela. Eu devo querer que ela me odeie.

—Eu estava me vestindo com Yari—, diz ela para se defender, mas depois pára no final. Ela sabe que é inútil lutar comigo. —Não diga a minha mãe. OK? —

Eu estendo a mão e a puxo para mim. Seu cabelo macio escova meu rosto. —Yari age assim porque está desarrumada. Não porque ela é legal ou cresceu ou melhor do que você de qualquer maneira. —

—Eu sei. Mas ela é minha melhor amiga. Eu *gosto de* como ela parece.

—Não! Len. — Eu tusso mais sangue. Eu vou vomitar nas escadas.

—Você gosta da aparência dela—, diz Belén. Sua voz parece triste.

No zumbido das luzes fluorescentes, ela parece uma mulher adulta. Me aterroriza mais do que qualquer outra coisa que Len perderá sua inocência. Porque o mundo é um lugar fodido e está prestes a acontecer, independentemente de quanto Tia Betty ou mesmo eu tente protegê-la da merda real.

Eu pego seu queixo e sua boca se abre em surpresa. Minha cabeça se levanta magicamente quando estou tão perto do rosto dela. Com o polegar, esfrego o batom vermelho do lábio inferior e limpo no jeans. Eu uso meu dedo indicador para passar o primeiro até que esteja totalmente limpo. Eu finjo não notar o nó na respiração dela quando eu a toco, ou como os olhos dela primeiro se arregalam de medo e então estreitam com um tremeluzir que se parece muito com o desejo.

Depois

Eu coloco Adam na cama sem me preocupar em tirar as calças dele. Sapatos e meias são suficientes nesta noite terrível. Eu deveria sentir alguma culpa ou algum remorso, algum tipo de mudança de emoção na notícia de que Adam acha que Luke não é seu filho, mas talvez no fundo, eu também queira isso. Eu gostaria que ele fosse filho de Lucky. Um pouquinho de Lucky aqui na Terra para ficar comigo. Adam e eu discutimos isso assim que descobri que estava grávida. Eu nunca estive com mais ninguém além dele e meu primo. Bem, exceto por aquela vez que eu poderia ter tido um ménage à trois, se Lucky não tivesse ficado de fora. Mas eu tive muitos períodos depois daquela noite e o mesmo vale para minha única noite de êxtase com meu primo. Não é uma surpresa ou uma revelação que ele acha que seu filho não é dele, mas ele deve realmente me odiar por me acusar de infidelidade. Pior, eles realmente me acusando de mentir para ele. Eu nunca mentiria sobre algo como paternidade.

Eu sei que ele se ressente do que eu compartilhei com Lucky, e isso é normal. Eu sei que a coisa do sexo também o incomoda, mesmo que ele diga que não.

Estou inquieta e impaciente. A bebida me aqueceu completamente e me sinto pronta para ir. Eu estaria pronta para dançar ou beber mais ou mesmo sair para o deserto. Mas, em vez disso, não vou a lugar algum, a não ser para a cozinha e depois para a cama. Adam está roncando e esta dormindo para sempre. É uma pena perder a noite quando não são nem oito e meia.

Eu misturo um copo pequeno com conhaque, Coca-Cola e um pouco de gelo, ligo e desligo a televisão, e de repente fico em pé, e caminho até o corredor para colocar meus sapatos de volta. Eu não falo com Yari há anos. Claro, eu fui a seus chás de bebê e convidei seus filhos para todas as festas de aniversário de Luke. Mas falado, como amigas? Já faz muito tempo. Eu nem sei exatamente onde ela mora agora, mas isso não será um problema neste bairro. Eu nunca traria Adam porque ele disse sua parte de coisas desagradáveis sobre Yaritza nas costas dela. Mas Adam não entende, ele cresceu em uma cultura que é diferente da minha, não porque ele não é hispânico, mas Adam não cresceu aqui.

E de repente estou doendo falar com alguém que entende. Uma pessoa que conhece a minha história, conheceu Lucky e conheceu a Belén que sofreu e sofreu por ele. Uma menina que correu estas ruas como uma criança imaginando seu futuro e nunca pensando que seria assim. Eu deveria parar na igreja na esquina e ver se as portas estão abertas, orar pelo

meu casamento, que parece estar desmoronando. Eu quero acender uma vela para Lucky e ser a único a dizer a ele.

Estou quebrada, Lucky, incapaz de amar alguém.

Adam está errado sobre a paternidade, mas é minha culpa que ele duvida disso. Já houve muitas vezes que olhei para o rosto do meu filho e desejei que os olhos que olhavam para trás fizessem parte do Lucky. Eu sempre desejei engravidar o tempo que estivemos juntos, puramente egoisticamente, para manter uma parte dele comigo para sempre.

Seu prédio ainda parece o mesmo, é como se os anos não tivessem passado. A entrada ainda cheira a fabulosas roxas e cebolas fritas, um toque de fumaça de maconha permanece no ar. Eu abro a porta para uma mulher velha com um carrinho. Ela tem três cargas enormes de roupa que ela está trazendo de volta da lavanderia na esquina. Ela é muito velha para carregar essa carga. —

—*Por qué ropa tanta?* Pergunto enquanto ela manobra o carrinho pesado sobre a porta.

— *Tengo los nietos conmigo. Sus padres se fueran y ahora viven conmigo.* —Criar seus netos, é uma ocorrência comum na cidade. As pessoas têm filhos muito novos e os entregam aos pais. Às vezes é drogas ou pobreza que leva a essas famílias misturadas. A vida da cidade é dura. Imigrantes ou nascidos aqui, as coisas podem ser difíceis, não importa de que tipo de vida você venha.

—Você é Mamá de novo—, eu digo. —Abençoe seu coração. — Ela apenas balança a cabeça. Nós dois arrastamos o carrinho

pelas escadas. Eu não sei como ela poderia ter feito isso sozinha. Com tantos netos, espero que talvez um deles tenha idade suficiente para ajudá-la. —*Qué piso?* —, Pergunto a ela.

—*Cuarto*—, diz ela. O mesmo que a Yari. Ou pelo menos deveria ser.

Usted conoce a Yaritza?

—*Sim, sim* —, diz ela. Sua mão enrugada empurra com força o saco perfeitamente dobrado, embalado a vácuo e limpo, cheio de roupas limpas. Meu coração pula um pouco com a perspectiva de ver minha velha amiga. Deus sabe que ela me colocou no inferno, mas de uma maneira estranha, essa é uma das razões pelas quais eu a amo. Ninguém nunca foi tão malvado quanto Yari. Ela podia beber os meninos debaixo da mesa e tinha mais experiência sexual e vigor do que todos nós juntos. Eu não posso deixar de sorrir quando me lembro de como ela era boba. Mesmo aos cinco ou seis anos no playground, com as mãos nos quadris, gritando —*hijo de tu puta madre*— para qualquer um que a ofendesse. A garota era resistente, resiliente, ninguém se atrevia a mexer com ela. Eu me pergunto o que aconteceu com sua irmã e irmão. Se os pais dela ainda moram aqui ou se voltaram para a ilha.

Eu bato na porta dela e grito: —Yari, *ábrame*! — Como nos velhos tempos.

— *Hijo de su puta madre!* —Ela diz quando abre a porta. Mão ainda em seu quadril, cabelo preto brilhante em um rabo de cavalo alto. Meu rosto se quebra em um enorme sorriso; Eu não posso me ajudar.

—Olha o que a porra do gato arrastou—, diz ela, sacudindo a cabeça. Ela puxa a porta para trás e os anos desde que entramos em contato evaporam em silêncio. —Droga, cadela. Você parece bem. Finalmente cresceu algumas *tetas* —, diz ela, girando-me ao redor.

—Ma, onde estão os Doritos? — Um menino pequeno, talvez três ou mais, põe a cabeça para fora. Ele está sem camisa e vestindo bermuda jeans que pendem baixo em seus quadris. Seu cabelo escuro é longo e emaranhado, ele parece o garoto do *livro da selva.*

—Você os deixou no meu quarto ontem à noite, lembra? Eu tive que dormir nas migalhas. Vá assistir TV com sua irmã. Beylenny e eu precisamos recuperar o atraso. —

Meus olhos começam a lacrimejar e eu nem consigo entender o porquê. Sigo Yari até a pequena cozinha, onde ela chega ao armário e puxa uma garrafa de Jack Daniels e dois pequenos copos. Ela serve os dois, com o licor caindo no balcão.

—Parece que você poderia usar um desses—, diz ela quando ela bate o copo no meu, mais licor derramando sobre as unhas pontudas de acrílico. —Parte de baixo para cima, Lenny! — Ela inclina a cabeça para trás enquanto engole e limpa os lábios com as costas da mão. Sem uma pitada de maquiagem no rosto, Yari ainda é um nocaute, em todos esses anos, ela não envelheceu um dia.

Eu tusso no meu tiro e ele queima, uma língua de fogo se espalhando pelos galhos do meu peito. Alguns escorrem pelo meu queixo e queima minha língua quando eu lambo meus lábios. Meus olhos regam mais e Yari derrama outro.

—Então, quem se recusou a comer sua buceta e depois não pagaria o aluguel? —

—O quê? — Eu pergunto, ainda tossindo e lutando para manter o tiro no meu estômago ao invés de decorar o linóleo de Yari.

—Quem te fodeu? Não é por isso que você está aqui? — Yari parece mais uma mãe agora, mas não de um jeito ruim. Seus quadris e seios também são maiores, mas seu estômago ainda parece plano, especialmente plano para duas crianças. Eu a abraço espontaneamente. Ela é rígida sob o meu aperto, mas suaviza quanto mais eu fico lá.

—Eu senti sua falta—, eu digo. —Eu senti falta da sua honestidade—, eu resmungo, sem recurso, mas para limpar meu nariz correndo com as costas da minha mão.

—Eu não fui a lugar algum—, ela responde. Yari me dá um olhar de canto. É verdade, não fiz nenhum esforço para vê-la, porque Adam deixou claro que não gosta dela nem aprecia seu estilo de vida. Ela vasculha uma gaveta perto da pia, puxa uma sacola de papel amassada e sem esforço levanta a bunda para o balcão. —Com fome? —

—Na verdade não. Você está? —

Não consigo parar de olhar fixamente para as unhas perfeitamente cuidadas com suas intrincadas miniaturas de flores, seu longo e liso cabelo alisado e suas sobrancelhas absolutamente perfeitas. Ela dá um tapinha no lugar ao lado dela e eu subo. Ela está usando chinelos da Adidas, os pretos e brancos, os dedos expostos. As unhas dos pés também são

perfeitas, com pequenas formas geométricas pintadas em cada uma delas. Ela ainda se sente como minha melhor amiga, Yari do recreio, das festas de aniversário, Yari da escola secundária. Hoje à noite eu acho que me sinto mais confortável sentada ao lado dela do que o meu próprio marido. É engraçado como os anos passam e o passado desaparece, mas os laços que fazemos quando somos jovens nos mantêm em um eterno abraço. Yari cheira bem e parece bem e eu deito minha cabeça em seu ombro. Tudo sobre ela me conforta esta noite. Eu nunca deveria ter perdido o contato com ela.

—Você quer fumar? —, Ela me pergunta. Yari faz parecer tão fácil.

—Claro, por que não? —

Esta é uma garota que possui quem ela é e o que ela faz. Eu gostaria de poder ser mais assim. Assuma o controle e nunca olhe para trás. Ser minha própria mulher.

Ela lida com a maconha com competência. Estou impressionada. Atraída para ela. Imaginando por que diabos eu parei de vê-la quando percebo que sinto tanto a falta dela. Quanto mais eu assisto, mais me dou conta dos sentimentos estranhos que passam por mim.

Yari me excita. Ela sempre tem. E é um dos aspectos mais confusos da minha sexualidade. Eu estive perplexa com isso desde a primeira vez que isso aconteceu. Foi porque ela estava em um relacionamento sexual com Lucky? Foi porque sempre associei sexo e atividade sexual a ela e a ele? Porque Yari era tão abertamente sobre sexo? Ou é porque eu sou uma pervertida como a que Yari sempre me acusou de ser, *uma loucura fechada*,

creio eu, era seu termo carinhoso. Há um calor crescendo no meu peito; Ele se espalha pelos meus membros e logo eu estou molhada entre as minhas pernas.

—Por que você está me olhando assim? —, Pergunta Yari. Ela meticulosamente tirou sementes dos brotos de uma pequena sacola de maconha. Ela os pesca com a unha longa e rosada e os joga no chão ao acaso.

—Desculpe—, eu digo.

—Não me incomoda—, diz Yari e pisca para mim enquanto passa a língua ao longo da borda do delicado papel branco. —Eu estou acostumada com isso. — Yari pode rolar um baseado como um profissional, e pela aparência do que está acontecendo ela não parou de praticar. Ela puxa um isqueiro do bolso da frente de seus shorts jeans pintados. Ela inala uma longa tragada e deixa a fumaça enrolar de seus lábios cheios em direção ao nariz.

—Quer um pouco? —, Ela pergunta. Outro golpe seguro no fundo do peito dela. Yari segura o segura como um cigarro e não como um baseado. Ela vira a mão para o pulso e a segura nos meus lábios. É sexy. Não é de admirar que Lucky não pudesse manter as mãos longe dela. Eu quero de alguma forma alcançar Lucky tocando ela. Eu conscientemente coloquei minha mão em sua coxa. Sua pele é suave como seda, quente ao toque.

—Eles mantêm o direito de fazer testes aleatórios de drogas no hospital—, eu digo. Eu pego o baseado e inalo. Assim como o tiro, é uma rebelião em meus pulmões. Eu tusso forte e meus olhos lacrimejam novamente. Eu bato meu punho no peito

enquanto Yari bate nas minhas costas. Eu não sou mais boa nesse tipo de coisa. Talvez eu nunca tenha sido.

—Ooooh, olhe para Lenny, vivendo no limite! — Ela zomba de mim e gargalha. Então eu estou rindo, ambas estamos rindo. Nós nos abraçamos e rimos um pouco mais e logo eu estou chorando no colo dela. Ela afasta o cabelo do meu rosto enquanto fuma o resto do seu baseado.

—Eu sinto falta dele também, você sabe—, diz ela. Minha dor não é só minha. Eu aceno com a cabeça em reconhecimento. Lucky e Yari estavam sempre tão perto, amantes ou inimigos ou apenas bons amigos, Lucky cuidou de nós duas. Não é justo que eu tente roubar toda a perda para mim. Yari também amava Lucky, em mais de uma maneira.

—Você se lembra quando ele bateu a merda daquele cara Juan Carlos por tentar entrar em minhas calças enquanto eu estava desmaiada? — Eu aceno com a cabeça. Esse incidente fez Lucky uma lenda local. Ele se levantou para quem ele amava e mesmo que ele era um menino mau, ele não iria suportar idiotas desrespeitando as mulheres. *Outros* babacas, isto é; Lucky *era* um jogador notório.

Vamos para o sofá e Yari joga brinquedos e cobertores de bebê no chão e na mesa de café, abrindo espaço para nós. É o mesmo sofá floral que seus pais usavam, e ainda usa a cobertura de plástico amarelada. Suas pálpebras estão pesadamente encapuzadas, ela parece sonolenta e alta. Na verdadeira moda de Yari, ela também parece irresistivelmente sexy. Lábios carnudos, pele impecável, a delicada inclinação do nariz. Eu me lembro como ela me beijou com tanta língua, como ela chupou

meus mamilos com entusiasmo só para fazer um show para os garotos. Eu acabo com a minha cabeça no colo dela novamente, não sei como cheguei aqui, não tenho certeza se eu quero sair de novo. É estranho que eu possa ser mais eu mesma aqui com Yaritza do que com amigos e colegas de trabalho, talvez até mais do que com minha mãe. Ela me conhece. Ela não conhece a outra pessoa que estou sempre tentando ser.

A mão de Yari subiu pela minha camisa e ela acaricia minha barriga com suas unhas compridas. Eles se sentem como garras, são empolgantes. Mais excitante que minha vida sexual com Adam. Adam não tem garras; Ele não tem paixão na maioria das coisas.

—Meu marido Adam acha que nosso filho não é dele. Ele está convencido de que Luke é filho de Lucky. Ele foi tão longe a ponto de fazer um teste de paternidade! —Eu deixo escapar. A mão de Yari pára e ela puxa-a para fora da minha camisa, resmunga um pouco enquanto acende outro cigarro.

—Você estava transando com ele? — Ela pergunta. Isso puxa meu coração para ver como suas mãos começam a tremer. Ainda afeta ela também.

—Não, de jeito nenhum! Nunca no colégio. —Eu balancei minha cabeça inflexivelmente, tentando mostrar o ponto. — Pouco antes de ele ir embora, só daquela vez. — Ela chupa seu cigarro com força; Eu posso ver o brilho do papel e queimar. Ela também exala forte, soprando a fumaça em um fluxo frio em direção ao teto. Então eu a vejo desligar sua emoção, com a eficiência de um interruptor.

—Luke é filho de Adam. Ele não é de Lucky, eu sei disso. —

—Ele sempre amou você. Te queria mais do que ele me queria. Toda essa besteira me deixou fodidamente miserável, Bey. —

—Eu sei—, eu sussurro. Não tenho certeza de como consolá-la, nem vim aqui para aborrecê-la. Lucky se foi e ambas estamos lidando com as consequências. Uma perda tão prejudicial nunca pode ser corrigida. Eu oro a Deus para me ajudar a deixar ir e então eu, secretamente, me agarro a todas as minhas lembranças dele. —Ele era um-de-um-tipo. Eu não sei como esquecê-lo. —O que agora deve ser uma dor maçante é esfaquear os dois. Eu não quero que ela fique com raiva de mim.

—Qual é o problema de Adam então? — Suas mãos encontram o caminho de volta para me confortar. Ela afasta o cabelo da minha têmpora e fecho os olhos no colo, descansando a cabeça em sua coxa de novo.

—Eu acho que é o jeito dele de se afastar de mim. Negando nossa conexão e esse tipo de coisa. Removendo-se da família, simbolicamente pelo menos. —

—Por que ele iria querer fazer isso? —

—Ele ama a dor mais do que nós. —

—Então ele acha que seu filho é filho de Lucky? Cristo, Beylenny, você confirmou esse estereótipo idiota de que os latinos se dão bem com seus primos. —

—Aconteceu apenas uma vez! —

—Uma vez é tudo o que é preciso! —

Yari bufa. Eu começo a rir. Eu estou bêbada. Yari está alta. Eu gosto do jeito que ela está olhando para mim, como se eu tivesse algo que ela quisesse.

Ela esmaga o cigarro no cinzeiro e de repente está me beijando. Desta vez não é para mostrar. Ela ainda me fala duro, seus dedos deslizam facilmente dentro do meu sutiã. Eu gemo em sua boca. Animada. Confusa. Ainda luto com meu marido, meu primo, como nossas vidas costumavam ser. Yari tem gosto de sexo e infância, uma estranha combinação. Mesmo nas profundezas de seu beijo, parece que algo está faltando, o catalisador, o motivo. Seus lábios e língua são tão quentes, tão escorregadios que perco todas as inibições e só posso me concentrar em navegar pelo beijo, acompanhando seus lábios. As pontas de seus longos cabelos deslizam pela minha clavícula e me fazem cócegas delicadamente. Suas mãos são fortes e seguras nas minhas costas enquanto elas soltam meu sutiã.

Yari e eu lutamos silenciosamente por Lucky por toda a vida, uma tensão às vezes esmagadora, às vezes estimulante, pairava constantemente entre nós três. Eu a beijo de volta com força, deslizando minha língua entre seus lábios, uma oração silenciosa passa por nós dois, o desejo de que ele se materialize espontaneamente, nos dê algo para brigar.

—Eu gostaria que ele estivesse aqui com a gente—, eu sussurro no beijo. Eu tenho que ajustar minha calça jeans, afasta-la da minha calcinha, que está completamente molhada.

—Precisamos de um pau—, diz Yari. E nós duas estamos rindo novamente. Ela se inclina para frente e nos derrama mais dois tiros da garrafa. Seus mamilos estão duros e os cabelos

escuros em seus braços estão em pé em meio a uma onda de arrepio que cobre sua carne.

—Oh, Deus, é isso para mim, eu vou estar doente amanhã! —

—Eu poderia ligar para um—, diz ela.

O terceiro tiro cai suavemente.

—Um pênis? —

—Eu sei um pouco. — Yari derrama outro tiro e eu não posso deixar de me preocupar com ela. Ela sempre fica fodida com seus filhos ou dorme como costumava fazer? Outro hábito do ensino médio surgindo novamente. Yari, a menina má e eu, a melhor amiga gélida. Nós ainda tocamos esses papéis e eu não sei quem realmente somos. Quem é bom ou ruim, certo e errado não são mais tão claros.

—Eu tenho um em casa, mas o coração dele pode estar quebrado. E nem sei se fui eu que o quebrei, acho que poderia ter sido seu irmão gêmeo. Ele provavelmente odeia minhas entranhas agora mesmo. —

—Tenho certeza que ele não faz. —

—Eu acho que ele é ainda mais fodido do que eu. —

—Então fique aqui comigo e com as crianças. Luke está na casa da sua mãe? Estou falando sério sobre os paus. Se quiser, ligo para alguns caras. Yari estica as pernas e descansa os tornozelos cruzados nos meus joelhos. Você tem dúvidas sobre

sexo casual. —Uma boa foda pode te fazer um mundo de bom. É o botão de reset, Bey. Eu juro por Deus. —

—E o meu marido? —

—Foda-se ele amanhã—, diz ela, em seguida, boceja. Yari acende outro baseado e estamos rindo de novo. Alegria flui entre nós. Eu senti falta da minha amiga terrível e maravilhosa. Mesmo sem Lucky aqui, Yari e eu ainda estamos conectadas uma a outra. Obrigações mudam de forma drasticamente, mas isso não significa que elas estão quebradas.

***

Eu pensei que talvez eu voltasse para casa para um marido muito bêbado. Possivelmente um marido desmaiado com uma ressaca ruim de manhã, exigindo um marido com ovos fritos e torradas com manteiga para absorver a gema. Eu não esperava encontrar Adam inconsciente no chão. Vômito ao redor dele, um pouco com sangue. Ele não estava respirando, sua pele já havia se tornado uma cor cinza-azulada não natural.

—Jesus, Adam. Adam! —Eu grito quando começo a o processo de reanimação com minhas lágrimas caindo em seu rosto.

Lembro-me de como Jan se sentiu quando a encontrei naquele Natal no caminhão, sua pele estava fria como mármore, uma escultura de gelo na neve. Ao toque, foi quase duro, o sangue pegajoso em sua pele. Não havia coração batendo, nem sopro nos lábios dela na cabine daquele caminhão. Eu pensei que era para mim para salvá-la, a fim de não arruinar a vida do meu padeinho Bryan. Mas o espírito de Jan havia partido e eu estava sozinha

naquela noite. Seu sangue rolou até parar em suas veias, seus olhos vagos e vidrados. Eu sei como é a morte sob meus dedos, tão alto em seu silêncio.

Eu me pergunto que tipo de vida eu vou ter se eu perder o único *outro* homem que eu já abri meu coração. Eu pressiono minhas mãos em seu peito.

—Adam, por favor! — Eu grito e minha voz bate nas paredes do banheiro e me assusta. Suas pálpebras piscam. Ele me ouve. Eu tiro meu celular do meu bolso, minhas mãos escorregadias com seu vômito. *O que é que você fez?*

—Adam, espere. Não me deixe! —Eu choro por nosso filho, choro por Adam, por sua dor que é maior que ele, maior que eu.

Os paramédicos chegam em poucos minutos. Eles dão a ele uma injeção de Narcan. Eu sei sobre aqueles dos meus dias com Lucky. Eu penso em todas as pessoas que não foram encontradas, que fugiram antes que alguém chegasse a elas. Estou tão feliz por ter vindo para casa quando o fiz, mas culpada, deixei-o sozinho em primeiro lugar.

—Opiáceos? — Eu pergunto ao bonito jovem EMT bombeando o peito do meu marido. Eles me exilaram da pequena sala para o corredor. O outro homem joga uma garrafa de prescrição laranja com o nome de Adam. Surpreendentemente, eu pego isso. Oxicodona Em seu nome. A garrafa foi a primeira coisa que gravitaram em nosso pequeno banheiro. Eu pensei que eles eram sedativos que ele tomou, prescrições legais para depressão e ansiedade.

Adam empurra e os homens me levam mais para a sala de estar. Eles o restringem assim que ele chega. Os olhos de Adam voam pelo espaço e ele parece aterrorizado.

—Está tudo bem, Adam. Estou aqui. Nada de ruim vai acontecer com você —, eu digo do corredor. Ele vomita novamente e os homens o colocam em uma maca portátil. —Eu estou com você, Adam. Estamos levando você para o hospital—, digo a ele. Ele pega minha mão enquanto eles se apressam por mim. Eu não sei se ele tentou overdose, se ele desejava que eu não o encontrasse porque ele não queria acordar ou se ele está machucado o suficiente para tentar o suicídio. Meu coração se parte pelo meu marido. Ele é um homem tão bom e está tão presente e forte para Luke, para nós dois.

Adormeço na sala de espera. Duas xícaras grandes e repugnantes de cafeteria, o cafezinho nem me deixam acordada, elas não podem competir com o álcool que eu bebi como uma idiota. Eu usei toalhas de papel e sabonete para obter o máximo de vômito fora possível, liguei para minha mãe, liguei para o correio de voz no trabalho para avisá-los que não chegaria amanhã. O médico me deixou entrar uma vez para vê-lo e ele estava dormindo muito. Eles bombearam seu estômago, deram-lhe um sedativo e o limparam. Toquei seu rosto e beijei sua testa, segurei sua mão por uma hora. Ele parecia ceroso e inchado, mas pelo menos recuperara alguma cor, sua pele parecia macia e quente. Na ponta dos pés de volta para o corredor com o médico, tentei envolver minha cabeça em torno do que aconteceu.

—Você diria que a overdose foi intencional, como se ele estivesse tentando acabar com sua vida? — Acabar com a vida soa mais humano do que o *suicídio,* o que eu não posso dizer.

—Não saberemos até que ele esteja plenamente consciente e possa falar sobre a experiência. Nós não sabemos qual era a sua mentalidade, se ele soubesse os efeitos ou a potência das drogas que estava tomando. —Eu aceno com a cabeça e escuto, esperando que o médico me dê mais.

—Ele é um biólogo de pesquisa. Aqui na instalação. Ele conhece suas doses e efeitos das drogas. —

—Não vamos tirar conclusões precipitadas. Mas vou lhe dizer que, assim que ele estiver estabilizado, eles o levarão para a psiquiatria. Apenas um procedimento padrão para uma overdose até que eles possam ao menos avaliar qual era sua intenção com os analgésicos.

—Eu vejo. — Eu estou com as mãos nos meus quadris. É óbvio que ele estava pretendendo tirar a própria vida, mas acho que essa troca de amabilidades e outros cenários divertidos é parte do enfrentamento normal. Eu odeio que Adam e eu trabalhemos aqui, que os rumores começarão a fugir a qualquer momento.

—Escute, Srª. Heredia, por que você não vai para casa e tenta dormir um pouco? Você pode voltar logo de manhã e conversar com ele pessoalmente. Ele é um homem de sorte por você obter encontrado logo após o incidente—.

Eu aceno com a cabeça, não ouvindo o médico. Se ele soubesse que pessoa horrível eu sou. Que Adam foi esmagado

acreditando que seu próprio filho não é dele. Que sua esposa partiu para fazer fotos, fumar maconha e transar com garotas em vez de ficar em casa para consolá-lo. Em vez de ficar ao seu lado e ajudá-lo através das partes ruins, assim como eu prometi a ele que eu faria quando dissemos nossos votos. Eu engasgo com as minhas próprias lágrimas e afasto o médico. —Eu ficarei aqui esta noite, caso ele acorde. Ele não deveria estar sozinho. Não posso deixá-lo sozinho de novo. —

—Certo. Compreendo. Mas por favor, esteja ciente de que não acabou quando ele acordar. A jornada está apenas começando. Ele terá muito trabalho para recuperar. A oxicodona é uma droga séria e havia outras em seu sistema. Ele vai ter que lidar com os problemas que o levaram a usá-lo em primeiro lugar. —

—Eu entendo—, eu digo. Pobre Adam. Pobre Luke. O luto não é fácil, mas definitivamente não é algo que uma pílula pode tirar. Outra realização percorre-me como gelo. É como se eu tivesse feito um círculo completo, viajado tão longe apenas para acabar exatamente onde comecei. Eu vou ter que encarar o fato de que eu só me apaixono por viciados.

O médico aperta minha mão e eu a seguro com muita força. Eu aperto a mão dele por mais tempo até que fique estranho.

Antes

Primeiro beijo

Eu posso marcar as garotas gostosas como as putas de Shaquille O'Neal. Eu sou como um, dois, três e está na bolsa. Acontece todo o tempo do caralho. Fácil. Como um relógio. Pelo menos eu sou bom em alguma coisa.

A coisa é que nem sempre quero que eles fiquem por perto. Eu não quero que eles me passem notas na aula ou colem no meu armário. Eu não quero porra de mãos dadas ou beijo no quintal. Mas com Yari é diferente, ela não conta. Yari é como um cara e provavelmente se masturba mais do que eu, a garota é hardcore, durona, *malona.* O pior é quando você acidentalmente dorme ou deixa elas passarem a noite. E se você for novamente de manhã, garotas esperam um anel de noivado ao anoitecer.

—Venha para a *comida* (almoço) no domingo; Eu quero que você conheça meus pais. —

Inferno-porra-não-eu-não. Eu tenho minha própria maldita *comida* no domingo e minha Tia Betty cozinha melhor do que qualquer outra pessoa. Além disso, se eu for, posso ter a chance de ver Belén. Ela ficará mal-humorada e eu a provocarei sem fim. Bey quer que eu vá, mas ela vai agir como ela, não. Nós dançamos em torno de nossos sentimentos e dizemos merda uns aos outros. É o jogo que sempre jogamos agora e a tensão entre nós é como um vulcão, prestes a explodir, queima tudo o que tocamos.

Nós costumávamos ser grudados, então a merda ficou estranha e é como se tivéssemos medo um do outro. Nós dois nos esforçamos para não nos encontramos. Não é fácil manter isso quando você é parente, frequenta a mesma escola e mora no mesmo prédio. Então agora nos vemos quando nossas famílias se reúnem. Nós agimos como se fosse uma tarefa que deveríamos fazer, mas no mínimo nós ficamos felizes para ter a desculpa de estar juntos. Bey e eu continuaremos fazendo isso. É um vício, uma doença. Eventualmente algo tem que dar e um de nós vai se machucar. Eu quero que seja eu. Se eu quebrasse o coração de Belén, nunca me perdoaria.

—Me acompanhe até a porta? —, Diz Jocelyn. A garota está viajando se acha que eu vou ser o namorado dela. Foda-se isso. Ela já foi ao banheiro para arrumar o cabelo. Eu oro a Deus para que ela não toque na minha escova de dentes.

Eu rolo meus olhos e puxo o lençol sobre a minha cabeça. Meu pau está duro. O que eu realmente quero é que ela volte para a cama.

—Você sabe onde a porta está. Nós andamos por ela na noite passada. — Eu sorrio sob o lençol com a minha própria piada. Eu posso vê-la colocar as mãos nos quadris.

—Tudo bem, tudo bem—, eu digo, gemendo. —Estou brincando. É claro que vou te acompanhar. —Então, há uma batida na porta.

—Porra! — Eu digo, puxando minha cueca. Espero que minha mãe não esteja em casa cedo. Ela vai arrebentar minhas bolas quando encontrar Jocelyn vestida com suas roupas de prostituta da noite passada. —*Os saltos altos no domingo de*

manhã nunca são bons, a menos que você esteja a caminho da igreja—, ela me disse uma vez, e agora eu finalmente entendi a piada.

Minha cabeça está espessa com uma ressaca, meu peito apertado por fumar tanto. O rosto de Bey está através do olho mágico e meu coração faz aquele pequeno movimento que acontece sempre que eu a vejo. Eu abro a porta e sorrio. Ela está usando chinelos de casa, o cabelo dela é perfeito, como se ela já estivesse acordada há horas.

—Oh hey, Bey—, eu digo e viro para caminhar de volta para o meu quarto. Eu não posso esconder o sorriso bobo no meu rosto ou parar meu corpo de reagir da maneira que ele quer, sempre que eu a vejo.

—Lucky, eu preciso de uma chave de fenda—, diz ela. Eu sorrio novamente. Por alguma razão estúpida, adoro ouvi-la dizer meu nome completo.

—Ugh, não me lembre. Coloque o café, eu vou encontrá-la em um segundo. —

Jocelyn está no banheiro de novo. Quando abro a porta e me deixo entrar, ela está escovando o cabelo. Então eu mijo bem na frente dela. Eu quero que ela saia, gostaria de poder piscar e fazê-la desaparecer, então Len não teria que vê-la sair de casa. Eu sei como Len pensa e ela vai agir como se eu tivesse quebrado a lei, ela vai me dizer que vou para a cadeia porra, ficando bêbado e usando drogas. *Oh Jesus, Bey, acredite em mim quando digo que você nem viu o pior. Para a merda que eu quero fazer com você, eles contornariam a cadeia e me mandariam direto para o inferno por isso.*

Jocelyn está em cima de mim, colocou as mãos no meu peito. Eu puxo o jeans que deixei no chão ao lado da cama. Sinto-me ansioso, culpado por termos que passar por Belén. Mas eu também estou ligado e simplesmente confuso sobre tudo. Eu quero levar as duas e arrastá-las de volta para o meu quarto. Bey nunca iria para isso e eu me odiaria por tentar. Jocelyn enfia a língua na minha garganta quando eu vou dar um beijo de despedida na bochecha dela. A merda também me deixa duro, e saber que Bey está assistindo torna isso ainda mais arriscado e tentador.

Assim que *la jeva* deixa eu vou ficar de pé sobre o ombro de Bey. Ela está fazendo café em *laolla.* Eu tento jogar legal como se tudo fosse normal entre nós.

—Não esta pronto ainda? — Eu pergunto a ela. Juro por Deus que posso sentir o frio vindo dela. Rainha do gelo, nada melhor ainda, princesa do gelo. Eu quero derreter ela. Vamos ver quanto tempo ela pode resistir a todo o calor que eu atiro nela.

—Vou pegar a chave de fenda—, eu digo. Preciso me inclinar para baixo pelas suas pernas nuas. Pernas musculosas e fortes, a curva suave de sua panturrilha parece de veludo e quero pressionar meus lábios, arrastando minha língua pelo caminho que leva a todas as suas partes mais macias. Os formigueiros atacam a nuca quando penso em todos os lugares secretos de Belén que apenas suas mãos tocaram.

Se não houvesse consequências, eu arrastaria sua bunda de volta para a minha cama e mostraria a ela o quanto eu posso fazê-la se sentir bem. Eu quero proteger a inocência de Bey e, ao

mesmo tempo, quero roubá-la. Tome antes que qualquer outra pessoa tente. Essa merda pertence a mim, não algum adolescente tarado. Eu a adoraria; Peguei tão devagar que ela me pediu para me apressar.

Ela me pergunta se o *cuero* era minha namorada. Eu posso ouvir o ciúme em sua voz. Sua garganta está apertada como se ela pudesse chorar e eu gostaria de poder voltar atrás a tempo, chutar a garota para fora da casa, então Bey não precisava sempre ver meu lado ruim.

Seu café é bom e necessário neste momento, bate no local, limpa minha cabeça. Elixir para o meu nevoeiro bêbado da noite passada. A única coisa em que posso me concentrar é a beleza da minha prima. Seus longos cílios negros roçam sua bochecha quando ela olha para a mão. Ela está com dor e eu posso ver isso na maneira como ela segura seu corpo. Seu rosto está cheio de tensão e eu quero fazer isso ir embora. Mas outra parte também é boa, o fato de eu poder fazê-la se machucar tanto me mostra que ela se importa. Eu fico alto com esse sentimento, de tanto me importar.

Deslizo a chave de fenda em direção a ela do outro lado da mesa e nossos dedos se tocam. Quando isso acontece, é estimulante. Apenas dedos. Isso me deixa confuso. Eu estou tão excitado ou Bey realmente é especial? Ela parece estar prestes a chorar e é minha culpa; Eu faço ela fodidamente miserável. Tudo isso é demais.

—Espere um segundo, Belén, o que há de errado? Você vai chorar? —

—Eu vou dizer a Titi que você teve uma menina e você se passou a noite com ela. —

—Que porra é essa, Bey? Eu pensei que nós estávamos no mesmo time? Por que diabos você quer contar e acabar comigo? —

Eu juro que posso ver a raiva se infiltrar e substituir o medo em seus olhos. Bey está louca como o inferno, não só porque eu tinha uma garota aqui, mas porque eu a beijei e a deixei assistir. Eu não sei por que diabos eu brinco com os sentimentos dela. Não posso evitar; Eu gosto do poder. Mas aparentemente ela já teve o suficiente porque está prestes a me esfaquear com a maldita chave de fenda.

Ela grita alguma merda sobre Jocelyn ser uma puta. *Sim, me diga algo que eu já não sei,* é o que eu penso, mas não ouso dizer isso porque Len esta seria como o inferno e ela está prestes a me esfaquear nos olhos.

—Largue isso, *loca.* — Eu digo a ela calmamente. Mas ela me ataca de qualquer maneira e eu agarro seus pulsos no ar e a empurro contra a geladeira. Eu olho profundamente em seus olhos para tentar descobrir o que ela está pensando. Bey parece perto de histérica e ela nunca foi de perder sua merda tão facilmente. Ela empurra para trás com seus quadris e meu pau leva o empurrão como um convite. Eu digo ao meu corpo para se acalmar, eu não quero assustá-la enquanto ela está tão emocional assim.

Bey empurra para baixo com a chave de fenda, apontando para o meu rosto. Eu agito seu pulso com força, apenas uma vez, e ela cai de seu aperto. Nós dois assistimos ao chão. Eu não

posso deixar de notar que seus lábios estão separados quando olhamos para trás e fazemos contato visual. Seu rosto está corado. Ela está ofegante enquanto as lágrimas escorrem pelas suas bochechas. Eu aperto seus pulsos com força, tentando comunicar algo - qualquer coisa, neste momento. Bey empurra de volta contra mim novamente. Eu empurro suas costas ainda mais forte e minha coxa pousa entre suas pernas. Senão *é* o calor na princesa de gelo e eu só descobri onde ela esconde.

Estamos tão perto que posso sentir o cheiro do condicionador que ela usa; Eu posso sentir o cheiro da pele úmida e molhada dela enquanto esquenta da nossa luta. Eu sinto que estou caindo como você faz em um sonho. Os segundos vêm em mim em câmera lenta e, de repente, não há nada neste mundo todo fodido além de mim e Bey e esses sentimentos que compartilhamos. A pequena chama entre nós se torna um fogo crepitante. É tarde demais para colocar essa merda fora, a única escolha é dar para ela.

—Belén? — Eu pergunto a ela, tentando não deixar minha voz vacilar.

Eu a quero tanto que parece que meu peito vai se abrir. Tudo no interior vai se espalhar. Dói ser tão vulnerável.

—O quê? — Ela me pergunta. Ela ainda está chorando, seus lábios estão tremendo.

Eu deixo um de seus braços ir e ele cai para o lado dela. Bey olha nos meus lábios e eu estudo seu rosto. Ela empurra seus quadris para frente novamente e desta vez ela não está jogando. Eu empurro de volta, deixando minha ereção bater logo abaixo de sua barriga. Seus lábios se separam novamente e

desta vez ela solta um pequeno gemido que me diz que ela gosta. Suas bochechas estão rosadas e suas pupilas estão dilatadas. Meu coração dispara para a frente, empenhado em ganhar alguma corrida que nem sequer estamos correndo.

Nada importa. Apenas eu e Belén. Somente nós. Este momento.

—Você quer que eu te beije? — Eu pergunto a ela em um sussurro rouco.

É tão difícil dizer isso, mas assim que sai eu me sinto como um homem livre, o peso foi levantado. Sou tão leve que posso sair e voar pelo apartamento. Ela olha para mim de um jeito que eu nunca tinha visto antes, não como se eu fosse gostoso ou como se fosse impressionante porque sou rebelde. Bey olha para mim como se eu tivesse a chave para destrancar todas as portas que ela mantém fechadas, como se ela estivesse me deixando entrar e eu sou o único que tem permissão para ir. Ela acena com a cabeça apenas um pouquinho e sua respiração é rouca. Eu entendo isso como um sim, mergulho minha cabeça e coloco meus lábios em sua boca doce.

Agora um beijo não deve ser nada parecido com a Sagrada Comunhão, onde a bolacha se derrete em sua boca e você sente que algum tipo de milagre está acontecendo em sua língua. Como se você fosse especial e parte de algo maior, e toda a merda que você fez pode ser apagada em um minuto.

Mas essa é a única coisa que posso pensar que pode se comparar ao beijo de Bey. Seu beijo é como aquele um segundo antes de começar a derramar, onde o ar é tão grosso e pesado que você sente o peso dele em sua pele e a pressão é tão alta que

não há como você limpo sem conseguir sua bunda encharcada. Vai derramar e você vai ficar encharcado e você só tem que aceitar o que está acontecendo. Porque não há uma pessoa que possa conter a força da Mãe Natureza. Você precisa fazer o que ela diz sem fazer perguntas. Você apenas cala a boca e ouve. Se a chuva vai cair na sua cabeça, é isso. Você aceita.

Isso é o que esse beijo é. Um aguaceiro. Uma chuva que lava todas as coisas ruins que eu já fiz antes.

E a boca de Belén é a melhor coisa que eu já provei. Seus lábios têm um gosto de fora dos limites, proibido, não abra a porta, como rir, como segredos, o fim dos tempos e o começo de uma só vez. No beijo de Bey eu provo todo o meu futuro e meu passado. Eu tenho um beijo que eu não deveria ter e nunca vou devolver.

Seu corpo empurra o meu e eu perco todo o controle e enlouqueço. Suas mãos estão no meu cabelo e as minhas estão em cima dela. Eu a levanto do chão para o meu pau e ela mói de volta para mim. Meu coração está batendo, minha pele está viva e estou fodidamente intoxicado. Bêbado de amor fora do beijo de Bey e ao mesmo tempo tropeçando para fora porque está finalmente, realmente acontecendo. É real e estamos nos beijando e é melhor do que eu imaginava. Sua respiração vem curta e dura e ela me deixa a língua dela. Não importa que ela não saiba beijar. Eu vou ensiná-la, ela geme quando gosta e meu pau fica ainda mais duro.

Eu nunca vou beijar outra garota se eu puder ter isso o tempo todo. Uma maldita tempestade de sentimentos. Toda a chuva e relâmpagos de outras tempestades não são nada além

de um banho de luz quando você percebe, pela primeira vez, que você está apaixonado por alguém.

O beijo de Bey não foi o meu primeiro, mas era o único que importava.

Depois

Eu volto para o hospital depois que eu larguei Luke no jardim de infância. Não haverá como evitar colegas de trabalho ou não contar o que aconteceu. Adam será transferido para o psicológico hoje e eu estive no telefone lutando para ver se podemos colocá-lo em uma cama em outro hospital para poupá-lo da humilhação.

Eu não contei a Luke o que aconteceu, só que papai está doente. Não há maneira fácil de abordar um assunto como vício ou suicídio com uma criança. O trem A está lotado e não há assentos, então eu me penduro no bar e deixo meus pensamentos fugirem com o que essa bagunça enorme significa. Se Adam é suicida, não posso tê-lo perto do nosso filho. Se ele tem um problema de vício, ele precisa de ajuda, e se ele está adquirindo drogas ilegalmente, ele mais do que provavelmente perderá o emprego.

Mas como diabos eu o apóio e fico ao seu lado se ele se ressente de mim por amar meu primo e possivelmente ter tentado acabar com sua própria vida porque o pensamento o incomoda tanto?

Talvez algum café da manhã nos ajude.

—Quanto são os croissants? —

—Três cinquenta, madame. —

—Vou levar dois amêndoas e um de chocolate, e um latte duplo, leite desnatado, bem como um grande café preto, por favor. —

Vou trazer o café da manhã do Adam e podemos tentar arrumar uma parte dessa bagunça. O que parece ser uma vida doce pode azedar tão rapidamente.

—Bom dia, Campeão—, eu digo quando enfio a cabeça na porta.

Adam olha para cima de seu telefone e sorri genuinamente. Ele parece muito melhor do que ontem, sua cor retornou completamente. Comecei a chamar Adam —Campeão— porque é o que o pai dele chama. A primeira vez que fomos visitar, o apelido juvenil me fez rir. Mas eu me acostumei com isso e o nome era bem apropriado. Eu gosto de chamar Adam —Campeão— na cama, então o significado é um pouco diferente para nós. Sinto pressão para trazê-lo de volta, para ajudá-lo a lembrar que somos um casal forte, uma família forte, mesmo quando as coisas ficam difíceis.

—Trouxe o café da manhã—, eu digo, segurando o saco de croissants.

Adam apenas acena com a cabeça. Ele parece à beira das lágrimas.

—Ei, tudo bem. —

—Sinto muito, B. Deus, eu estraguei tudo! — Adam diz. Ele leva as mãos à cabeça e começa a massagear as têmporas.

—Não se desculpe, Adam. Cristo, eu não deveria ter te deixado sozinho. Eu sou péssima. —

—Eu lhe disse que precisava de espaço e te afastei. —

Ele parece um garotinho com a cabeça da cama. Eu realmente amo muito ele.

—Não vamos discutir o que deu errado. Vamos descobrir como consertar isso. —Eu coloco o café e o croissant no braço da cama do hospital que fica na frente dele.

—Obrigado por isso. A torrada francesa não era comestível—, Eu queimo a minha língua no meu primeiro gole do café com leite. Adam demule a massa e eu deixo ele comer a minha também. Eu escovo o açúcar em pó de sua bochecha e luto para encontrar um ponto de partida para fundamentar essa conversa.

—Você está bem—, eu digo.

—Eu pareço terrível. —

—Melhor que ontem. —

—Eu vou levar. —

Pelo menos ele está sorrindo.

—Eu tenho que tirar alguma coisa do meu peito antes mesmo de termos essa conversa. —

—Atire—, diz Adam. Ele toma outro gole de café. O café da manhã o animou.

—Quando saí ontem à noite, fui a Yari's. Nós ficamos bêbados e eu fumei um pouco de maconha. — Eu dou uma rápida olhada por cima do ombro para ter certeza de que não há enfermeiras ou médicos se aproximando. —Eu meio que fiquei com ela também. Foi uma espécie de espontâneo. Estranho, eu sei, me desculpe. —Eu digo tudo em uma respiração e então sugo um pouco de oxigênio necessário.

—Que porra é essa, B? —Adam pergunta. Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim como se eu fosse louca. Eu *sou* louca. Ele tem açúcar em pó no nariz e eu levo a mão ao meu rosto para abafar a risada nervosa que borbulha. — Yari, a amiga vadia do ensino médio? —

Eu escovo meu polegar sobre o nariz para tirar o pó.

—Sim. Essa é a única. *Sacanagem* é uma palavra ruim, e é usada apenas para garotas, o que não é justo. Yari é autoconfiante, gosta de sexo. Ela é muito, hum... ela é generosa quando se trata de sua sexualidade —.

Adam ri alto como ele faz quando se sente totalmente despreocupado. Isso me faz rir histericamente com ele e eu sinto que talvez nós dois precisemos de uma visita ao asilo de loucos.

Um homem de calça e cardigã entra enquanto estamos rindo.

—Oh, com licença, Sr. Bennington, não percebi que você tinha um visitante. Eu posso voltar por volta das duas e meia—, ele diz enquanto olha para o relógio.

—Oh hey, doutor, não, tudo bem, esta é minha esposa, Belén, você pode entrar. —

Eu me levanto para apertar a mão do médico e me mover para a cadeira do outro lado da cama de Adam. Meu marido e eu limpamos os sorrisos dos nossos rostos como se tivéssemos sido pegos se portando mal. Adam tem a barba escura espreitando e coça com o polegar e o indicador. O olhar preguiçoso de sua tentativa pós-suicida me faz lembrar de nossas férias. Mas seus geralmente brilhantes olhos azuis são planos e seu sorriso é fugaz. Eu olhei para Adam tantas vezes para cuidar de mim, e enquanto o estudo, me pergunto se sou culpada por negligenciar seus sentimentos.

—Bem, eu olhei para a transferência e vai ser um pouco difícil, considerando toda a burocracia que nós teríamos que passar para providenciar transporte e registrar transferências, para não mencionar seguro. Mas eu queria garantir a você que tudo será absolutamente confidencial, e eu já deixei os outros médicos do departamento saberem sobre a sensibilidade com que estamos lidando, já que você e sua esposa são ambos funcionários. Eles me asseguraram que tomaríamos todas as medidas necessárias para manter esse caso confidencial e tratado com discrição —.

—Quando eles vão movê-lo? E alguma ideia de quanto tempo ele terá que ficar? —

—Podemos fazer a transferência mais tarde hoje. Uma tentativa de suicídio requer uma observação mínima de quarenta e oito horas, mas, em última análise, caberá à equipe decidir quando achar que Bennington está suficientemente estável para ir para casa. —

Adam olha para mim nervosamente. *Tentativa de suicídio*. Não consigo me concentrar nas palavras do médico. Meu cérebro está buscando algo além de ouvi-lo. Em vez disso, olho para o cabelo encaracolado sal e pimenta e penso em como é bonito. Ele também tem ótimas armações, deve ser da Warby Parker. Meu cérebro se recusa a engolir que meu marido, o homem que geralmente *me* ajuda a *me* sentir melhor, está atualmente em observação suicida.

—Também estaremos passando por um processo de desintoxicação a pedido de seu marido. Há uma clínica de metadona por perto que ele pode continuar usando na alta. —

Meu rosto está congelado em um sorriso terrível, um sorriso de medo para mascarar sentimentos, para não mostrar minha reação real. Meu marido é viciado em drogas? O que diabos aconteceu com a minha linda vida da semana passada? Mês passado? Há quanto tempo estamos fugindo? Eu sou um facilitador crônico. Eu já sabia disso, mas talvez eu simplesmente me recusei a ver, reconhecer que estava acontecendo de novo.

Adam e o médico conversam um pouco mais e ele assina alguns papéis. Eu cruzo e descruzo minhas pernas nos tornozelos e tento não hiperventilar.

Quando estamos sozinhos novamente, Adam sorri para mim e nós dois começamos a sorrir. O médico entrou em nós e ficamos histéricos depois de uma tentativa de suicídio, provavelmente não uma reação normal. Eu não posso dizer se estamos com medo ou loucos ou se algo é realmente engraçado sobre a situação. Mas eu quero que a gente seja assim, bobo, como dois adolescentes apaixonados. Em vez de dois adultos quebrados, que estão sempre desmoronando e depois tentando pegar os pedaços, constantemente varrendo as memórias de nosso passado para debaixo do
tapete. Opiáceos Oxicodona? Realmente, Adam? Onde nós começamos mesmo?

—Você realmente queria morrer, Campeão? —

Definitivamente *não é* engraçado. O rosto de Adam fica sóbrio rapidamente.

—Eu nem sei se posso responder a essa pergunta. Eu estava confuso, B, e eu só queria que a dor desaparecesse, então continuei bebendo e continuei tomando mais comprimidos e não era como uma coisa consciente, onde eu disse, é isso, eu quero que isso acabe. —

Adam é adorável em seu vestido de hospital. Eu quero rastejar na cama com ele.

—Tudo porque você pensou que Luke não era seu filho? Você ainda está pensando isso? Ele é cem por cento seu! —

Ele nunca trouxe isso antes. Há quanto tempo ele está abrigando esses sentimentos? Estou com medo do meu filho. Eu

odeio pensar que Adam o tratou de forma diferente porque ele estava questionando sua paternidade.

—Não, B, nada disso. Foi como mais um fracasso. Mais não ser bom o suficiente, eu simplesmente não conseguia aguentar. —

Eu pego sua mão e gentilmente acaricio seu braço.

—Há quanto tempo você usa drogas, Adam? Eu sabia sobre as prescrições, mas como diabos você chegou até Oxycodone?

Ele balança a cabeça e descansa a bochecha em seu punho. —Não é díficil. Na verdade, é muito fácil. A primeira receita que recebi do dentista, depois que eu fiz esse canal. Obviamente, é viciante. Eu sabia disso, só não estava preparado para o quanto. —

—Você acha que o departamento vai deixar você ir? —

—Eu vou me demitir. Falei com eles esta manhã e foi o que decidimos ser o melhor. Eu vou reabilitar. No Novo México. —

Não tenho certeza, neste momento, se posso dar muito mais informações. Adam está tomando decisões sem mim como se nem fôssemos um casal.

—Novo México? Quanto tempo? —Pergunto em um sussurro.

—É um programa de cento e vinte dias para começar. —

—Ok—, eu digo, acenando com a cabeça. —E eu e Luke? Não estamos mais juntos nisso?

Adam olha para baixo e eu não gosto do olhar evasivo. Ele está nos cortando. Meus medos estavam certos. Ele não quer continuar com a nossa família. Parece que ele não *quer que* Luke seja seu filho. As lágrimas começam a cair imediatamente. Não para mim ou para nós, mas para o meu filho que só merece amor e não uma família fraturada e quebrantada. Não quero sua vida repleta de segredos do passado que afetam seu futuro. Essa foi a minha infância. Eu quero que ele seja perfeito. Eu queria uma mãe e pai real e presente para ele, sem segredos, sem mentiras. Toda a minha vida, eu sempre senti menos do que, senti que não era normal. Eu daria qualquer coisa para o meu filho não ter pais tão medíocres que isso o entediava. Uma mãe e um pai que se casaram por amor, que não tinham passado sombrio e sentiram a necessidade de se esconder.

Antes

Primeira festa

Estou fudido, mas não tão mal que não vejo o que ela está fazendo. Bey chegando a essa festa, parecendo perfeita em um vestido azul, cabelos soltos, gloss nos lábios. Eu me sinto mal quando tento dançar com Yari. Ciúme me pegou lutando como um rato em uma armadilha. Um minuto ela está com o rico financiador de confiança e no minuto seguinte ela se foi. Minhas mãos suam, meu coração acelera e não consigo parar de olhar por cima do ombro.

Eu ando por sua enorme porra de apartamento, finjo que estou explorando. Eu guardo dinheiro em dinheiro, sentado em uma gaveta no corredor. Então, mais tarde, um relógio que foi jogado de lado em uma mesa final. Não pode deixar essa merda fora, bandidos vão aceitar. Quem tem tapetes orientais e pinturas a óleo nas alturas? Estátuas que parecem africanas e outras coisas estranhas que você pode comprar em um safári. Eles têm móveis extravagantes e artísticos, nenhum dos quais é coberto de plástico, mas de veludo e seda. Móveis que provavelmente conseguirão ver tanto manchas de bebida quanto queimaduras de cigarro só desta festa.

Minha mãe me mataria, me bateria na cabeça. Eu estou olhando nos quartos com camas de dossel gigantes, transbordando com travesseiros em todos os tamanhos, mas cada cama está vazia. Vazio! Estou muito feliz e nervoso. Como você vai se esconder em um apartamento em Manhattan? Talvez eles tenham se separado e ido para a loja. Talvez Bey mereça um berço como este, em vez de tudo o que eu poderia conseguir para ela.

Eu encontro a entrada dos fundos e ela leva a outro conjunto de elevadores. Eu acendo uma fumaça no corredor e fico maravilhado com o fato de que esse babaca tem seus próprios elevadores particulares. Estou tão chateado que rangi meus dentes até que eles emitem um som horrível. Apenas um golpe me faria bem agora. Eu bato meu punho na parede, não forte o suficiente para quebrar minha mão, mas forte o suficiente para machucar.

Jaylee está explodindo meu telefone, então eu ligo de volta.

—Policiais estão nessa festa, garoto. Pegue seu estoque e acerte rápido. Eu recebi uma ligação, eles estão estourando e puxando vítimas. Se você não quer ir para a cadeia, pegue sua garota e dê o fora dali. —

Jaylee quer dizer Yari, mas ele não sabe que Belén está aqui comigo. Eu pego o elevador até o porão. Quando saio para o pátio atrás do prédio, já consigo ouvir as sirenes e as luzes azuis e vermelhas se espalham pelos tijolos vinte segundos depois. Eu acendo uma fumaça, jogo minha erva em uma das latas de lixo ao longo da parede. Disquei o número de Jaylee e digo que sou claro.

—Eu estou do outro lado da rua. Sua garota está aqui —, ele diz.

—Yari? — Eu pergunto a ele.

—Sim, ela é fodida. —

—Leve-a para casa para mim, você faria? — Eu pergunto. Eu cuspo no chão, sacudo a cabeça na minha bunda idiota porque sei que vou voltar para um prédio em chamas. — Belén ainda está lá em cima. Eu vou voltar. Estou na merda. Se eles me virem, eles me prenderão, sem dúvida. Tenho que manter meu registro limpo para os fuzileiros navais. Eu peso essa merda por menos de um segundo; Belén é mais importante para mim.

—Tudo o que posso fazer é te dizer, não salva ela, *cara* —, diz Jaylee. Ele solta uma risada curta. Ele acha que sou idiota, chicoteado. Ele não tem idéia do quão longe eu realmente estou.

—Ela é minha prima, — eu digo. Silencia o telefone, mas não antes de ouvir Jaylee resmungar: —Sim, claro que ela é—.

Eu volto para a porta dos fundos e o lugar está fodidamente rastejando. Eu ouço policiais conversando e distribuindo ingressos para beber. Eles estarão procurando por mim, eu tenho certeza que eles receberam meu número. Entro na cozinha dos fundos quando um policial passa por ela. Eu dou um passo, abro outra porta e me escondo em um armário de vassouras.

Graças a Deus por esses idiotas e seu amor por tapetes estúpidos porque eles abafam meus passos. O suficiente para que eu possa defender a articulação ao mesmo tempo em que *os azuis* estão arrebentando a festa. Fácil.

Agora, se eu fosse Bey, onde eu estaria? Na Biblioteca. Eu acho, mas há livros, alguns copos vazios e revistas espalhadas por todo o chão. Eu me arrasto em outro quarto que ainda não tinha visto e ouço alguma coisa. A cama está vazia, mas ouço Belén, fazendo barulhos, do tipo que só eu deveria estar ouvindo ela fazer.

Ela tá na porra do *banheiro?* Eu vou matar esse idiota sem valor. Que tipo de lixo leva sua virgindade em um banheiro?

Jesus Cristo. Ela está nua quando eu abro a porta. Seios, corada, calcinha na porra do chão. Eu quebro o nariz dele com o meu punho. O garoto bate a própria cabeça a caminho do chão. Pedaço de merda. Estou furioso, quero gritar que vou cortar seu pau se ele se aproximar dela novamente. Eu puxo isto, consiga isto sob controle. Eu agarro Bey, eu pego sua

calcinha. Eu não posso fazer nada sobre sua dignidade, mas eu a vi nua antes. Eu tento manter meus olhos colados no chão.

No elevador ela chora.

—Ele vai sangrar até a morte! Chame uma ambulância! —

—Ele não vai morrer, Belén. No pior dos casos, ele abriu a parte de trás da cabeça. Um par de pontos, alguns Neosporin. Esse pau vai ficar bem. —

Ela puxa suas roupas; Ainda preocupada com o idiota e sua perda de sangue. Eu ignoro sua preocupação. Ela é tão linda que dói. No vestido, agora na metade do caminho, com o cabelo emaranhado e caindo ao redor dos ombros, o rosto corado de bebida, lábios inchados de beijos e olhos vermelhos de tanto chorar. Bey caindo aos pedaços é como uma flor que floresce à noite. Mesmo que ninguém esteja lá para testemunhar isso, ainda faz a sua coisa, explode aberta e crua, oferecendo-se ao escuro luar. Talvez ninguém deva ver isso, é muito íntimo, mas ainda é um momento perfeito pra caralho. Ela deu para o idiota e talvez ele tenha causado isso, mas eu vou ficar aqui e testemunhá-la florescer e eu vou fodidamente me divertir com isso. Algum dia ela vai desmoronar sob minhas mãos.

Olhando-a para baixo, não lhe dou espaço. *Eu não vou desistir, Belén. Isso é sobre você e eu, sempre foi e sempre será.*

Ela pisca de olhos arregalados e olha para mim em busca de orientação. Eu oro em minha mente que qualquer mão que a toque sempre a tocará com amor, nunca com qualquer outra intenção.

Eu entrego a Belén fungando de volta sua calcinha, que está encharcada com sua excitação.

—Por que você não foi pego? — Ela diz, tentando mudar de assunto.

—Eu procurei o maldito lugar por você e então me escondi em um armário quando eles derrubaram a porta! Onde estava a pequena Lenny? Ela estava se escondendo em um armário também, deixando um babaca estourar sua cereja! —

Estou com raiva, com ciúmes, ficando muito cansado.

—Isso não é justo! —, Ela grita. Seus olhos imploram por mim. —E sobre todas as coisas que você faz com as meninas bem na minha frente? E quanto a Yari? Que tal foder minha melhor amiga, então eu tenho que ouvir todos os detalhes terríveis? Que tal me ignorar até você partir meu coração? Você acha que é melhor que eu? Você é um covarde e eu te odeio! —

Bey aperta as sandálias contra o peito e corre assim que as portas do elevador se abrem.

Ela me chamou de covarde e tem razão, eu sou.

Se elas não podem ser minhas mãos que a tocam, então eu rezo para que elas sejam sempre as mãos de um bom rapaz. Belén não é um objeto ou algo para conquistar. Ela é minha prima, meu próprio sangue, meu único e verdadeiro amor.

Depois

Está em uma jarra de vidro e quem sabe até onde ela viajou para chegar ao meu apartamento. Eu me pergunto se Mami conseguiu diretamente de Irma ou se ela foi até o Mercado no East Harlem. Aposto que sim, schlepped no ônibus crosstown escondido em sua cesta de compras.

Leite de cabra. Eu cometi o erro de sentir o cheiro quando abro a tampa. Tão fedido, tão cabra. Eu faço uma careta e despejo. Parece bonito na banheira, dá um tom suave, convidativo e leitoso. Eu esvazio a garrafa inteira de mel debaixo da torneira e o cheiro do leite e mel juntos é tão forte que é esmagador. Eu joguei no copo de vidro de praia vermelho que eu salvei da minha coleção. Por que não adicionar meus próprios ingredientes especiais ao praticar medicina do amor?

Mami disse que ajudaria. Irma jura por isso. Um dedo hesitante entra primeiro. Eu tremo com o contraste entre o ar frio e a água quente. Os pequenos pêlos do meu corpo se erguem e ficam em pé. A água parece sedosa e macia. É calmante.

Adam é um paciente internado na ala psiquiátrica, ele se demitiu de sua posição, ele está indo para o Novo México e vai para a reabilitação. Ele não diz, no entanto, que está fazendo isso por nós. Ele fala em entrar em uma instalação sóbria, uma vez que ele deixa o programa. É como se Luke e eu viessemos em segundo ao seu desejo de cuidar de si mesmo. Eu entendo, os especialistas dizem que você tem que primeiro cuidar de si

mesmo, mas ao mesmo tempo me sinto esquecida. Luke ainda precisa de um pai e eu ainda quero meu marido.

Esta banheira não vê meu corpo há anos. É a mesma em que eu me envolvi durante o ensino médio e analisei as mudanças que estavam ocorrendo. Eu perguntei ao espelho neste banheiro mil vezes se eu era bonita. Eu me segurei para Lucky e sempre que eu escorreguei, como a noite com Jeremy em sua festa, Lucky entrou e fez com que eu não me desviasse do meu caminho.

Mami está cozinhando o jantar na cozinha enquanto Luke assiste desenhos animados. Nós ficamos com ela porque o banheiro em meu próprio apartamento parece uma cena de crime, mesmo depois que Mami e eu a limpamos com lixívia e queimamos as velas e borramos varetas Irma recomendado que usamos para limpar a bagunça espiritual que ainda permanece lá.

Meu cabelo encharca o banho de leite e eu seguro os pedaços de vidro vermelho liso em minhas mãos. Eu os deixo cair na água e eles não emitem som quando chegam ao fundo. Meu coração está em silêncio, como o coração de Lucky está em silêncio.

—Mami, eu posso assistir outro? — Luke entra no banheiro sem bater. Ele está vestindo shorts com as meias puxadas para cima de suas panturrilhas. Então, absolutamente adorável, a criança mais fofa do planeta. —Por que seu banho é assim? —

—Tem leite e mel—, digo a ele com naturalidade. Ele espia por cima da borda da banheira e eu bagunço seu cabelo com meus dedos molhados.

—Você vai beber? Isso é bom? —, Ele me pergunta. Eu rio alto em sua pergunta lógica.

—Só vou mergulhar porque a vovó disse que seria uma boa ideia. E você conhece a vovó, ela sempre tem todas as melhores ideias. —

—Ela está fazendo peixe e ela diz que eu tenho que comê-lo. —

—Você vai gostar do jeito que vovó faz, confie em mim—, eu digo a ele.

—Papai está vindo para casa em breve? — Luke pergunta. Ele parece abandonado, pobre garoto.

—Ele vai ligar hoje à noite depois do jantar só para falar com você. Ele te ama. Você sabe disso, certo?

—Sim! — Luke diz, jogando a cabeça para trás e revirando os olhos. Ele sai do banheiro assim, como se eu já fosse uma dor no rabo e ele tem apenas cinco anos. Lembro-me do problema que Lucky deu a Titi quando ele era adolescente. Eu espero que Luke tome conta de mim quando se trata de drogas e trabalhe duro na escola, todas as coisas difíceis que ele inevitavelmente terá que passar, assim como todos nós fizemos.

O leite parece delicioso na minha pele. Acariciando, acalmando, alimentando, eu juro que posso sentir isso se infiltrando. Agora está me curando das minhas doenças, ninguém sabe, mas há algo a ser dito sobre o autocuidado; Eu sinto minha cabeça clareando.

Eu me acaricio com uma toalha seca e guardo uma pequena tigela da água do banho antes de drenar a banheira. Este vai no altar e me faz perceber que eu poderia ser tão supersticiosa quanto minha mãe.

Quatro sacos de lixo cheios de roupas velhas e livros para a Boa Vontade. Eu prometi a Mami que eu limparia meu quarto para que ela pudesse usá-lo como um verdadeiro quarto de hóspedes. Deixo as caixas debaixo da minha cama para o final, eles estão cheios de cartas e fotos, anuários e anotações escolares de quando eu era criança.

Todas as cartas de Lucky que recebi estão debaixo desta cama. Tenho medo de tocá-los. Irma diz que traz má sorte tocar as coisas que pertenciam aos mortos. Então, tudo o que eu realmente acabo fazendo é embaralhar as caixas, despejando umas nas outras para consolidar a bagunça. Eu estou esvaziando uma quando uma carta flutua no chão. Caligrafia de Lucky. Suas palavras. Meu coração e toda a minha pele imediatamente pegam fogo.

Eu olho para ela sem respirar pelo que parece ser uma eternidade de memórias em cascata percorrendo minha mente. Eu pego as palavras de Lucky com a mão trêmula e seguro o papel amarelado ao meu coração antes de levantá-lo para os meus olhos.

Belén,

Você me mastigou e cuspiu, garota. Eu não posso mais fazer isso. Estou torcido e fodido, pensando em você mais do que é normal.

Então, se eu estou aceso, quem dá a mínima se eu sou violento? Essa dor está se enchendo dentro de mim, às vezes derramando e levando prisioneiros onde quer que possa encontrá-los. Eu fodi as pessoas por menos do que olhar para você do jeito errado. Eu não posso viver minha vida assim. Mas eu não posso ficar longe.

Veja, parte de mim quer correr e se esconder e pegar de volta tudo o que já fizemos, mas há outro lado que não vai desistir, que não tem medo de nenhuma sombra que eles joguem ou ninguém.

Qualquer um diria que eu e você não estamos juntos, que é mal, que estamos de mãos dadas com o diabo mesmo, indo contra Deus e o que é natural. Eu estive por aí tempo suficiente para saber que o que sinto por você é real. As pessoas não se sentem assim, merda, às vezes nunca em suas vidas, então mesmo que seja errado, eu ainda quero, seja o que for que tenhamos.

Eu sei que nunca vai dar isso para você. Você tem o suficiente para lidar, y não quiero meterte en esa vaina. Mas ainda assim, por alguma razão, eu preciso que você saiba como me sinto sobre você.

É claro que sempre fomos fortes, você sempre foi um mi lado distante, tanto quanto me lembro. Porra. Então, um dia, mudou e não havia como voltar de onde minha mente me levara, de onde meu corpo estava indo. Meus sentimentos

estavam avançando, não importa o quanto isso me custasse. Como a ponte feita caiu todo o caminho e não há como voltar através dessa água.

Às vezes eu estou tão perdido, às vezes eu fico com muita raiva. E não há nada neste mundo que possa me acalmar, exceto o som da sua voz ou o jeito que você me toca.

É como se houvesse uma guerra e o campo de batalha fosse minha vida, há dois lados para mim, e tudo que eles fazem é lutar.

Bey, eu não sou um cara mau, é só que ninguém me entende. Eu juro por Deus. Eu faria bem com você se algum dia você me deixasse.

Não soy malo, sólo malentendido.

Mas você define isso direito, Belén, você apaga o fogo.

Não é uma merda neste mundo que pode me tocar quando eu sei que você me ama.

Lucky

Não me lembro de ler este bilhete e gostaria de saber se deveria ou se foi deixado aqui por acaso. Talvez a Mami tenha encontrado e colocado nas minhas coisas. Talvez tenha estado esperando aqui o tempo todo para o exato momento em que meus olhos finalmente estariam prontos para vê-lo.

A tigela de água com leite e mel se encaixa bem ao lado de sua foto. Acendo a vela branca e com sua chama, queime a nota. Eu quero quebrar a corda e libertar o espírito de Lucky. Ele não deveria estar preso às minhas memórias, minha necessidade de segurar a dor. Deus me deu um filho e Luke é mais que suficiente; Sou grata. Eu tenho que deixar ir.

Lucky e eu acendemos o coração um do outro e eu sou a única que sobrou para apagar o fogo.

As chamas lambem mais e roçam meus dedos, enviando mordidas afiadas de calor e cantando os cabelos de bebê no meu pulso. Eu mergulho a carta flamejante na tigela de leite de cabra e mel.

Vá de graça, Lucky. Você não pertence a mim.

Meu Lucky, nascido com fogo em seu coração, me deu o amor mais emocionante pelos primeiros vinte anos da minha vida. Mas não é justo para ele, meu marido ou meu filho, que eu continue agarrada a isso tão ferozmente, agarrando-me ao que agora e para sempre me deixou.

Adeus, Lucky.

Meus feitiços de amor não funcionaram.

Depois

O tempo de vôo de Amã a Miami é dezesseis horas. Depois, mais duas horas para uma poça saltar para Santo Domingo. Eu

não vejo minha mãe há quatro anos e me sinto como o maior idiota do mundo por colocá-la nessa merda. Mas nós falamos todos os domingos desde que eu liguei para ela pela primeira vez. Ela me enviou pacotees recheados de coisas pra mim me cuidar e eu enviei fotos dela e dos meninos.

Provavelmente, a parte mais difícil foi conseguir que ela concordasse com meu plano, para não contar a Belén e Tia Betty. Ela achava que esse plano era a —pior *mierda* que ela já ouviu em sua vida. —Mas então ela calou a boca porque Belén encontrou um marido e ficou grávida. Talvez ela quisesse todos aqueles anos e tudo o que ela precisava era uma fuga. Deixei passar um ano inteiro antes de ligar para ela e avisá-la que estava bem. Pode ter sido egoísta, mas eu queria saber que estava desimpedida antes de lhe dar falsas esperanças, queria saber que meu cérebro estava bem. E foi na maior parte do tempo, o material físico era cansativo. Fico feliz que ninguém, a não ser Deus e a equipe do hospital, tenham testemunhado essa recuperação. Eu estava tão zangado, apenas furioso. Costumava usar a raiva para se livrar dos demônios. Então eu aprendi do jeito mais difícil como fazer isso no ginásio. Sangue, suor e lágrimas, e quase três anos. Eu saí um homem melhor do que quando entrei.

Então minha mãe aguentou e manteve a boca fechada, mas depois daquele ano, quando descobriu, ela não conseguia lidar com mentir para Betty. Então ela deixou o apartamento e pulou de volta para a sua pátria. Tomou o trabalho de limpeza de quartos de hotel e conseguiu uma pequena casa a meio caminho entre seu trabalho e o oceano. Ma começou a sair com amigos e familiares que ela não via há décadas. Ela fez soar bem, como se

fosse onde ela pertencia, um lugar que eu poderia vir e ser bem recebido de volta.

Eu não sei o que vou fazer lá, ou como vou manter minha presença lá no fundo, mas sei que não posso ficar aqui e não tenho outro lugar para ir.

Fora do avião com ar condicionado e na umidade profunda, um mundo longe de Amã e dos militares. O aeroporto está pulando com milhares de turistas, chapéus de palha e câmeras, malas.

Minha mãe está parada atrás da barreira do lado de fora da esteira de bagagens. Ela não envelheceu um dia. Eu tiro meus óculos de sol e aceno. Sua mão voa até a boca e ela está chorando antes mesmo de eu conseguir um abraço.

A próxima coisa que sei é que ela está chorando nos meus braços.

—Você cresceu, *mi hijo*. —

—Sim, mãe. —

—Você tem cicatrizes—, diz ela como se fosse um escândalo, a mão cobrindo a boca novamente.

—Você deveria ver os de dentro—, eu digo. Não posso deixar de esfregar o que se arrasta pelo meu rosto.

—Está com fome? —

—Faminto—

—Você gostaria de alguma comida dominicana? —

—Ma, o que é isto, *Ilha da Fantasia*? Sim, eu quero isso. Eles servem algo diferente aqui?

Ela ri e bate no meu braço. Bey e eu costumava assistir a essas reprises dubladas em espanhol em um dos canais a cabo.

—Uau, Lucky—, diz ela, perfurando o músculo.

Eu estou trabalhando há cinco anos, não sou nada *além de* músculo.

—Você se lembra de Manuel, dono da loja de ferragens na Broadway? Você era amigo do filho dele, Alfonso? —

—Ponzo? Sim, aquele garoto estava fumando oito bolas no ensino médio. Ele ainda está vivo? —

—Bem, a mãe dele morreu e ele está aqui na ilha. Eu pensei que talvez pudéssemos convidá-lo, vocês dois poderiam ficar juntos? Para os velhos tempos. —

—Ma, a última coisa que quero é ver idiotas do bairro. Woulda voltou para o Heights se eu quisesse alguma coisa com aqueles caras. O que você ouve de Bey e Betty? Alguma coisa ultimamente? —

Ma fica quieta e enfia as mãos nos bolsos.

—Está quente lá fora, Lucky. É toda a bagagem que você tem? — Ela pergunta. Eu levanto minha mochila verde de fuzileiros por cima do meu ombro.

—Algo errado ou o que, um assunto muito sensível? —

Ela se preocupa com as mãos e olha para mim com olhos vermelhos. Eu posso ver os anos agora, o que minha ausência e o estresse lhe custaram.

—Desculpe, mãe. Eu continuo tentando não estragar e acontece que eu não sou muito bom nisso. —

—Lucky, você é meu filho e Deus te fez perfeito. —

—Longe da perfeição, mãe. —

—Você não é um fodido, você é um herói, você quase morreu pelo seu país. Eu não poderia estar mais orgulhosa de você se você fosse o presidente. —

Eu esfrego minhas cicatrizes e levanto uma sobrancelha para ela. *Você realmente vai para lá, mãe? Claro que você vai.* O amor de uma mãe é cego.

—Use essas cicatrizes com orgulho, *hijo,* você sobreviveu por um motivo. Um que é maior que você. Isso tudo faz parte do plano de Deus. Tenha fé. —

A energia é leve aqui, e tão despreocupada. Estou acostumado ao sol opressivo e à cultura estrangeira da Jordânia e do Oriente Médio. Chegando na República Dominicana parece que fui convidado para uma festa sem parar. A comida está fora da cadeia, a cerveja está fria, os filhotes estão quentes e todo mundo pode me entender quando eu falo. Eu quase me sinto como o velho Lucky. Ma me surpreende com uma moto quando chegamos à casa. Ela tem um quarto todo feito para mim e parece casa.

—Não sei porque não te ouvi e voltei para casa imediatamente. Eu me diverti mais no meu primeiro dia do que todo o meu tempo lá. É bom estar de volta. —

—Estou feliz, filho, descanse um pouco. Levará tempo para se ajustar. —

—Você quer me contar sobre Belén agora ou é o assunto fora dos limites? —

Ma se mantém de costas para mim e se ocupa com as persianas. Ela limpa a poeira invisível do peitoril e quando ela finalmente se vira, ela cruza os braços.

—Ele pediu a ela um divórcio e Betty diz que ela está devastada sobre isso. O filho dela tem apenas cinco anos, então é claro que vai prejudicar os dois. —

—Que diabos? Quem vai se divorciar de Len? Qual é o problema dele? —Na minha cabeça, minha prima é perfeita e nunca poderia ser um fardo. Além disso, minha mãe me trouxe certos valores e um é respeitar as mulheres, não deixá-las para algo melhor no minuto em que a oportunidade surgir. O pensamento faz meu sangue ferver e então eu vejo vermelho. Quem diabos deixaria uma linda esposa com um garoto de cinco anos?

—Eu não conheço todos os detalhes, Lucky, mas parece muito complicado. Seu marido foi para a reabilitação por causa de seus problemas pessoais. Ele teve uma overdose, felizmente não na frente da criança, mas ele está pedindo o divórcio como medida de precaução, eu acho. É estranho, as drogas e tudo, pensei que ele fosse um médico. —

Eu estou torcendo o travesseiro até a morte em minhas mãos. Eu quero bater em uma bolsa pesada e fingir que é ele.

—Sim, mãe, bem, deixe-me contar uma coisa sobre drogas. Eles não se importam com quem você é e eles deslizam facilmente pela garganta de qualquer um. Ser médico significa apenas que ele tem melhor acesso aos legais. E quanto a Bey? Ela vai ficar bem e tudo ou ela está sofrendo muito? —

Eu odeio a coragem do cara, mas posso me relacionar com a overdose. É mais fácil do que você pensa em escorregar para o lado. Eles fazem você se sentir como se estivesse no controle da situação é tudo menos isso. Mas meu coração está torcendo por Bey, ela merece melhor que isso.

—Betty não disse, mas ela o encontrou quando ele teve uma overdose—.

O lodo de culpa negra vem sobre mim como se eu estivesse nadando no melaço. Eu me sinto culpado por todos esses anos arrastando Len pelo meu hábito. Ela me viu amarrado, lidou com meu humor. Ela é uma merda de santo por aguentar todas as coisas que eu coloquei nela. Ela definitivamente tinha prática para a situação em que está agora. Eu só queria que ela fizesse uma pausa, queria sua saúde e sua felicidade.

—Você está limpo agora, filho? —

Ma pergunta como é doloroso até mesmo dizer, como se eu pudesse voar para ela por se perguntar. Ela está envergonhada. Parece que ela não tem o direito de me perguntar. Mais culpa. Mais vergonha para a confusão total que era meu eu mais jovem.

—Sim, mãe. Limpo e feito com os analgésicos, quatro anos e contando. Como mil e quinhentos dias ou algo assim. Eu quero fazer isso para você, todo esse tempo que eu estava usando. O mais louco que eu já consegui nos últimos dias é talvez uma ou duas cervejas no fim de semana e nem isso foi fácil de encontrar na Jordânia. —

—Eu posso dizer, olhando para você—, ela sussurra com lágrimas nos olhos. —Seus olhos estão claros, sua voz. Você anda com mais confiança do que antes. —

Eu aceno com a cabeça e olho para o chão.

—Ela está apaixonada por ele? Ele quebrou o coração dela? —Eu não posso trazer meus olhos para os dela. O arrependimento me atinge com força, é uma emoção debilitante. Nada que eu possa fazer mais, mas desejo o melhor para a minha garota.

—Eu não sei, filho. Belén é forte. Ela sobreviveu o pior, com certeza. —

Pior significa *eu,* vivo ou morto. Eu sou um fardo para Bey e tudo que eu fiz foi quebrar o coração dela.

Com isso, ela apaga a luz e sai do quarto. O zumbido do ventilador de teto e o barulho das linhas de energia acalmam meu temperamento quente. Estou furioso com o marido de Len por deixá-la e eu me odeio por tê-la contaminado.

Depois

Não há filtro que eu possa colocar nesses momentos instantâneos da minha vida. Nenhuma maneira de desfocar a iluminação e fazer tudo parecer certo.

Adam me liga às duas da manhã. Eles usam telefones públicos na instalação, então ele me avisa que não pode falar por muito tempo. Eu sei que é egoísta e impreciso pensar isso, mas não posso deixar de sentir que Adam foi recompensado por seu comportamento abusivo com as férias de longa duração. A partir das atualizações semanais, parece que a reabilitação é melhor que o acampamento de verão. Entre os participantes estão algumas atrizes, mas ele não pode revelar quem. Todo mundo é tão amigável e realmente aberto um com o outro no programa, é o que Adam me diz. Os banhos de sal borbulhantes são naturais e a comida vegana também. Fico feliz que seus pais estejam pagando a conta e não nossa conta bancária conjunta. Só peço a ele que ele fale com Luke, que ele lhe mande cartões postais para que meu filho não pense que seu pai tenha escolhido sua recuperação em relação ao filho.

Mas sinceramente, isso é o que parece para mim. Abandono. Deserção. Punição por ter falhado em seu teste de paternidade imaginário. O que, claro, voltou a combinar com o DNA de Adam. Como eu sabia que seria, como eu disse a ele, mas obviamente minha palavra e promessa não são boas o suficiente.

Ah, e esqueci as viagens de campo. Eles saem em pequenos grupos nos finais de semana para atividades especiais. Adam foi

caminhar com as —atrizes—, em um passeio ao mercado local, onde não pegou nada para seu filho, mas encontrou uma guitarra usada que ele acha que poderia polir e começar a tocar novamente, —terapeuticamente—. Não quero saber o que ele está fazendo até tão tarde. Eu tenho que trabalhar de manhã para que haja comida na nossa mesa.

—Luke está dormindo—, eu sussurro sonhadora no telefone. Eu estava sonhando com Lucky e nem me sinto culpada por isso.

—Eu percebi isso. Pensei que talvez pudéssemos conversar.

—Talvez amanhã depois do trabalho seja melhor. Estou meio exausta. Eu tenho trabalhado horas extras tentando compensar o tempo que perdi no mês passado. —

—Eu não sei se pode esperar, B. Estive pensando muito, reavaliando tudo. Incluindo a dinâmica do luto que você e eu estamos incubando juntos todos esses anos —.

—Sério? — Eu pergunto. Eu esfrego o sono dos meus olhos. Eu pego o telefone comigo no banheiro da minha mãe porque ele arruinou o nosso, e faço xixi enquanto Adam começa a me ensinar sobre todas as falhas em nosso relacionamento. Ele fica aquém de me acusar de todos os erros possíveis, inclusive de ser quem eu sou, uma mulher dominicana do bairro. Ele criticou quase todos os aspectos da minha cultura, abertamente desdenha as pessoas da minha vida. Eu abafo a voz dele enquanto bato um copo de água.

—Adam, você acha que poderíamos discutir isso depois do trabalho amanhã? —

—Eu tenho uma oficina, B. *Caressing the Void.* O líder é algum tipo de guru famoso. Todos aqui se inscreveram para isso. —

—O dia inteiro? —

—B. Precisamos falar sobre onde tudo isso está levando. —

—Reabilitação? O vazio ou nosso casamento?

—Eu quero o divórcio. —

Não tenho palavras. Nenhuma que seja adequada. As que vêm à mente são os padrões de quatro letras.

Deve haver alguma resposta apropriada a esta pergunta. As pessoas se divorciam todos os dias, então tem que haver uma resposta normal. Não estou surpresa nem zangada, nem devastada nem perturbada. O sentimento mais predominante que eu posso identificar é culpa: Culpa pesada, persistente, sufocante. Porque eu não tinha certeza, antes de me casar com ele, que Lucky foi tirado do meu coração. Porque não importa o quanto eu tente consertá-lo, nosso casamento está morto. Morreu na noite em que Adam teve uma overdose e colocou seu vício à frente de seu próprio filho.

Claro, a tristeza estava sempre aparecendo, mostrando todas as suas profundas fissuras em nós dois, mas por um tempo eu acreditei que poderia compensar com amor. Mas a doença que tenho é uma que nunca me deixará. Eu nunca vou parar de amar Lucky. Eu nunca vou superar minha história

contaminada. Por que arrastar Adam através disso comigo? Ele quer sair - não deveria me surpreender.

—Por quê? — Eu pergunto a ele. O silêncio se prolongou por muito tempo.

—Você não vê, Belén, que o nosso relacionamento é tóxico? —

Talvez eu só tenha tido relacionamentos tóxicos, então eu não reconheceria um bom relacionamento, talvez eu achasse que estávamos progredindo e curando um ao outro. Talvez eu seja apenas idiota. Qualquer relacionamento que não incluísse ser obcecada por Lucky parecia uma melhoria.

Silenciosamente, no meu núcleo rebelde, *adoro* que Adam seja quem desistiu primeiro. Eu me ressinto de Adam e sua obsessão com o seu próprio reflexo, como o nosso filho não é bom o suficiente, porque ele não se parece exatamente com ele. E se o teste não tivesse mostrado uma correspondência? Seria esse o motivo dele para nos deixar os dois? Uma criança é seu filho se você os criou e eles o chamam de *papai,* não importa de quem o sangue bombeia através do pequeno coração inocente.

Eu sei que seu irmão Luke era seu gêmeo idêntico, que sua família não tinha a opção de um caixão aberto porque não havia o suficiente dele para ser reconhecido. Eu entendo porque dói que nosso filho se parece comigo, eu entendo, mas ainda assim, é um risco que você aceita quando se reproduz. Ninguém sabe o que vai conseguir, você deposita sua fé no processo, em Deus e na natureza, e fortalece o resto com amor.

—Eu pensei que nós éramos bons um para o outro, curando de alguma forma? —

—B, nós estragamos tudo. Nós nunca deveríamos ter ficado juntos em primeiro lugar.

—O que acontece depois? Eu quero a custódia total de Luke. Eu vou lutar com você no tribunal, se for para isso, Adam, marque minhas palavras. —

—Não, é claro que você vai manter Luke, obviamente, eu estou na reabilitação. —

—Você conheceu outra pessoa? — Isso é rápido demais, fácil demais. Ele é cavaleiro, irreverente mesmo. Um homem que acabou de overdose em um banheiro recuperou o sentido da vida no Novo México.

Ele se juntou a uma das atrizes. Eles consolaram um ao outro em seu tempo de necessidade e confundiram-no com amor verdadeiro. Soa como uma outra história de amor que eu conheço.

—Nada como isso. Eu só sei agora que eu realmente preciso me amar para me curar. Eu não posso consertar as coisas amando você ou Luke ou o fantasma do meu irmão. Eu tenho que ir fundo e examinar meu relacionamento comigo mesmo, descobrir quem eu sou antes de tentar fazer qualquer outra coisa.

O interruptor da lâmpada na minha cama continua girando nos meus dedos e não acendendo a luz. O fio deve ser totalmente gasto, desgastado para metal liso. E agora a lâmpada

não acende, então eu olho para a escuridão. Luke ronca pacificamente ao meu lado na minha cama de infância. Estamos no lugar da minha mãe porque ainda tenho muito medo de dormir no meu apartamento.

—B, você ainda está aí? —

A voz de Adam é baixa como a escuridão. Como eu respondo a uma pergunta como essa? Como eu concordo com ele desistindo de nós?

—Espero que você encontre amor e se cure quando o fizer. Eu espero que você ainda seja um pai para Luke porque ele precisa de um pai tanto quanto ele precisa de uma mãe. Você é o pai dele e isso o destruirá. Não se esqueça do coração do seu filho enquanto tenta curar o seu. Eu acrescentaria, *e nós,* mas acho que você já decidiu que é uma conclusão errada. —

—Não me odeie, B. —

—Eu nunca poderia te odiar. Eu provavelmente não estaria aqui se você não tivesse me resgatado quando você fez. Eu quero dizer isso, Adam. Eu estou aqui por você, se você precisar de mim. Boa sorte com sua jornada. Ele salvou minha vida e eu serei a primeira a admitir isso. —

Quando desligo o telefone, sento-me perfeitamente imóvel no escuro. Uma esposa deve perder o marido e sentir apenas dormência? Eu poderia ter visto isso vindo se eu tivesse apenas apertado o suficiente.

Estou sem sorte no amor. Estou tão perdida sem ele.

Antes

—Garota, você parece tão sexy com essa saia—, eu sussurro em seu ouvido. Seu cabelo loiro cai por cima do ombro e ela ri como uma criança. Eu olho para seu decote e apenas a curva redonda de seus seios me faz ajustar minhas calças. Essa garota cheira a maçã, parece que acabou de sair de uma revista sobre o verão nos Hamptons. Olhos azuis, cabelos brancos-loiros, alta, magra e vestida como seu uniforme, vieram pelo correio ontem.

Quando olho para cima, estou de olho no olho com Belén afobado. Ela também tem a saia da escola, mas são uns bons três centímetros mais longos. Bey usa o suéter da escola sobre a camisa branca de botões. Ela fica com os ombros retos, segurando seus livros.

—Lucky, eu perdi minhas chaves e Mami não está em casa até amanhã de manhã. —

—Essa é sua irmãzinha? —, Pergunta a loira.

- —Prima! —Belén e eu latimos em uníssono.

—Posso ter o seu conjunto de chaves e depois vou trazê-los de volta para você amanhã? —

—A coisa é, eu tirei a sua e eles estão na penteadeira em casa. — O que eu não digo a ela é que eu entrei em uma briga com minha mãe. Ela me disse que, se eu continuar me infiltrando na Tia Betty, ela vai chamar os policiais e mandar que eles me prendam. Eu sei que ela é cheia de merda, com

certeza. Minha mãe levaria uma bala para mim antes que ela me entregasse à polícia. Ela gritou comigo sobre roubar comida e dinheiro e fumar em seu lugar. Mas minha mãe não é burra, o que ela estava realmente preocupada era eu ficar com minha prima e engravidá-la. Às vezes, eu me coloco no lugar delas apenas para sentir o cheiro dos lençóis de Belén como uma espécie de aberração.

Ma e Tía Betty são como vigilantes quando se trata de Len. Eles protegem seu corpo como se fosse um cofre de banco e eles praticamente nunca a deixam estar perto de homens. Mas o que eles não vêem é que eu também me sinto assim. Se eu estivesse atraído por qualquer outra garota, teria ela sob meu dedo, estourou seus meses de cereja, se não anos atrás. Com Len eu me contenho e tudo é difícil e contra a gravidade. Isso me estressa tanto que às vezes eu perco na minha merda. Às vezes eu tenho que ficar chapado só para me livrar da loucura.

—Leve-me ao baile na sexta-feira, Lucky? —, Diz a loira.

—Eu não posso. —

—Há uma dança? — O rosto de Len se acende como quando ela mostra a mim e a minha mãe a pontuação do teste.

—Você não vai. Nem morta, sério. Elas não vão deixar você ir—, eu digo a ela. O beicinho que segue é adorável.

—Podemos ir buscá-los agora? — Ela pergunta. Mãos nos quadris, batendo os pés, aborrecida com tudo que eu digo.

—Se falarem que sim que você pode ir, eu vou levá-la—, eu digo a ela. Ela sorri, faz contato visual brilhante; Meu coração

floresce bem aberto quando ela me olha assim. —Vamos sair daqui—, eu digo. Dou à loira um beijo rápido em suas maçãs do rosto salientes.

—Você é patético. Por que você está pegando *gringas?* —

—Diz a namorada do *Selva Para Sempre, Jeremy.* —

Ela sorri porque é engraçado, mas ela é muito teimosa para admitir isso. Eu agarro a parte de trás do seu pescoço e aperto com força. Ela grita e se inclina de volta na minha mão e de repente ela está pressionada contra mim. Nós dois paramos de rir e Bey se afasta. Nossos olhos capturam. Eu quero dizer a ela que se eu pudesse tê-la eu não daria a mínima para os outros. E eu quero que ela diga o mesmo de volta para mim, que Jeremy significa menos que nada para ela, que ele é um disfarce, um dispositivo para tentar ficar longe de mim. Que se dependesse de nós estaríamos juntos, assim como sempre foi, Lucky e Bey. Ela e eu e os fogos de artifício mostram que acende entre nós.

—Eu não estou brincando, vou levar você para aquela dança se Tia me deixar. Vou até usar uma gravata e merda para que você possa se orgulhar de mim. —

—*Dímelo, papá!* — Nós ouvimos. Eu tenho amigos em cada esquina.

—*En qué tu ta?* — Aperto as mãos de todos os três.

Nós paramos e mentimos com alguns dos meus garotos que há muito tempo desistiram da escola e estão tentando entrar no jogo.

Eu também seria como eles se não tivesse mulheres tão fortes na minha família. A mãe me arrastaria pelas orelhas se soubesse que eu estava lidando. Mas a coisa sobre esta vida é, você não pode ser um conhecedor sem pelo menos um pé no negócio. Você precisa entrar na cadeia se quiser usar sem pagar. Como eu devo alimentar a necessidade se eu não tiver uma mão no jogo?

Bey analisa nossos apertos de mão enquanto trocamos drogas e dinheiro. Sua testa franze como se estivesse pensando muito e se distancia fisicamente do meu corpo. Ela não fala com esses caras e nenhum deles fala com ela, mas eu noto seus olhares e como eles a avaliam. Ela pega algumas flores patéticas de um pedaço de sujeira. Brincar lá fora nas alturas significa jogar uma porra de bola na calçada bem ao lado do tráfego barulhento. Piscina infantil na calçada preenchida pela mangueira do síndico. Correndo por telhados de alcatrão e pulando de prédio em prédio sob as estrelas desbotadas da cidade. Foi assim que crescemos, jogando direto na rua. Bey ficaria bem em um campo cheio de flores e grama. Verdadeiro céu azul, sem poluição, sem cobras escondendo ou que eles carregam toda vez que um policial passa.

—Você me levaria para a dança sóbrio? — Ela pergunta assim que estamos fora do alcance da voz dos caras, estou prestes a me repreender por ficar alto. A coisa é, se eu a levasse sóbrio, de jeito nenhum eu seria capaz de viver com a tortura. Eu ficaria louco com todas as idéias que passam pela minha cabeça sobre nós, pelo menos, se eu for alto, posso pensar em outra coisa, como ficar mais alto e encontrar mais drogas, ou outras garotas, Yari, qualquer um. Fodendo qualquer coisa para não ceder a essa luxúria esmagadora.

—Eu não vou sóbrio, B. Você teria que perguntar a Jeremy se é isso que você quer. Embora Jeremy fique com um pouco de pó no nariz, geralmente logo após a sua me—

Ela me segue subindo as escadas, arrastando-a para Mary Janes, e afunda no sofá enquanto entro no quarto de mamãe e arranco as chaves da cômoda. Ela está espalhada por todo o sofá, com os olhos fechados, os braços cruzados, as meias até os tornozelos.

—Len, acorde. Eu vou te acompanhar—, eu digo.

Ela sorri com os olhos ainda fechados.

—Falsa—, eu digo. Ela se senta rapidamente e joga um travesseiro no sofá para mim.

—Eu posso subir dois lances de escada sozinha, obrigada. — Ela se levanta e ajusta sua saia. Puxa para baixo e depois olha para mim.

—Eu estou indo de qualquer maneira para fumar—, eu digo.

Seu rosto cai, ela sabe que eu não estou falando sobre cigarros. —Venha até lá e sente-se. Não é tão ruim. Apenas me ajuda a relaxar. —

Ela não parece tão certa.

—Não é viciante, pelo menos de qualquer maneira. — Eu dou de ombros.

Estou desesperado para puxá-la de volta para o sorriso dela, para o jeito lúdico que ela sentiu quando estávamos saindo

do pátio da escola. Seu antebraço na minha mão parece uma salvação quando eu a puxo pela escotilha.

Bey fica ao meu lado enquanto eu acendo um baseado. O sol está se pondo, laranja afiado e roxo matizam o céu sobre o Hudson.

—Quer um pouco? — Eu pergunto a ela, oferecendo o baseado. Eu sei que ela não aceita, eu nem quero ela, mas parece rude não perguntar a ela. Não quero que Belén use drogas, só quero que ela me entenda.

Eu exalo e tusso quando não consigo mais segurar. O rosto de Len está baixo, o queixo quase tocando o peito dela. Quando ela olha de volta para mim, ela tem lágrimas nos olhos.

—O que há de errado, o que eu fiz? — Eu pergunto a ela. Estou alarmado. Estou paranoico. Não gosto de não saber o que ela está pensando.

—E se você morresse? —

—Eu não estou morrendo. Estou tentando relaxar! —

—Mas você poderia! —

—Não, *eu* não vou! —

—Mas você sai com esses caras, e se você fosse baleado ou preso e enviado para a Ilha Riker? —

—Eu tenho cuidado—, eu digo, tomando outro golpe, mas olhando para longe dela. Eu não quero exalar na cara dela.

—Mas coisas ruins acontecem e as drogas eventualmente colocam você em problemas. Vício, overdose, tantas coisas diferentes poderiam acontecer. Todos eles são ruins—.

—Bey, pare com isso. Só estou fumando uma porra de um baseado—. Os olhos dela ficaram âmbar sob o brilho da luz dourada. Ela descansa seu peso em suas mãos e olha através de mim até o rio, que parece quase lindo ao pôr do sol.

—Dois caras só levou um tiro na esquina da 139ª no último sábado. —

—Acha que não sei disso? Bey, você pode calar sua boca e me deixar fumar um baseado? —

—Você é tudo o que eu tenho, Lucky, quer você goste ou não. Eu não tenho pai e não tenho irmãos. Mami trabalha o tempo todo e Yari nem gosta tanto de mim. —

—Vamos lá, não exagere—, eu digo, batendo na minha prima no ombro.

—Sem você eu não tenho ninguém. Eu não quero nem mesmo viver. — Antes que eu possa responder, ela coloca uma mão na minha bochecha. Seus lábios estão nos meus no mais leve e doce beijo. Eu fecho meus olhos e deixo seus lábios ficarem lá sem fazer nenhum movimento. Sua suave expiração faz cócegas no meu lábio superior. Quando ela se afasta, sinto o calor se espalhar pelo meu sistema, como se o dique simplesmente tivesse se partido e toda a água quente apressasse. Ela abre os olhos devagar e suas pupilas se dilatam, o reflexo do sol brilha neles e me sinto intoxicado. Eu jogo o cigarro para o céu e ele cai sobre a borda do telhado. Não

há gradil aqui em cima, nada para nos impedir de pisar a borda e cair sete andares para a calçada.

—Lá. Feliz? —

—Tudo isso—, diz ela e coloca a mão na minha frente. Eu puxo dos meus bolsos o saco de maconha para fora. Bey pisca para mim seriamente e eu cavo um pouco mais fundo, busco uma sacola do tamanho de um selo cheia de uma boa quantidade de droga. Bey fecha o punho ao redor deles, se levanta e os joga do lado mais próximo do prédio. Eu venho atrás dela e envolvo meus braços ao redor de sua cintura. Nós olhamos para o pôr do sol, nenhum de nós querendo falar ou até mesmo se mover um centímetro.

Meu desejo de se tornar algo, de ser um homem melhor, tudo vem do desejo de agradar essa garota em meus braços. Eu daria ou faria qualquer coisa para conseguir aquele olhar que ela só me deu quando entreguei as drogas. O mais alto que recebo é saber que Bey confia em mim.

Depois

No meu sonho, estamos de volta ao parquinho. Yari está com Lucky e eu estou joganda sozinha. As cores estão todas apagadas e me sinto um pouco enjoada. Os irrigadores vazam água manchada de ferrugem em vez de borrifar ventiladores gelados que fazem arco-íris quando se alinham com o sol. Os segundos estão se movendo para trás, desenrolando-se em uma esponja elástica. Eu assisto a boca de Yari se mover em câmera lenta, mas eu ainda não consigo dizer o que ela está gritando. Lucky está em seu uniforme de jeans baixos e um sobretudo, ele

usa suas etiquetas penduradas no pescoço e a pulseira de ouro que ele tem desde que ele era um bebê. O céu, invadido por helicópteros que parecem libélulas, está se aproximando lentamente de mim. Eu quero gritar, eu quero correr, mas a única coisa que posso fazer é agachar e pegar sapos. Os mesmos sapos que estudei no laboratório de biologia da faculdade. Todas as quimeras estão soltas de seus aquários e pulando pela água enferrujada. Toda vez que eu pego um deles, eles saem direto das minhas mãos. Eu começo a chorar lágrimas enferrujadas que parecem surpreendentemente como sangue fresco. Eu enfio as quimeras nos bolsos e coloco a camiseta que estou usando. Todo mundo está rindo e apontando, todas as crianças no playground menos Lucky e Yari. Aqueles dois estão se beijando, se contorcendo. Empurrando suas línguas na garganta um do outro enquanto eu choro lágrimas rosa e agarro desesperadamente os sapos mutantes pulando dos meus bolsos. Dores de gelo profundas no meu peito se espalham através dos ramos das veias do sangue, como geada rastejando ao longo das vidraças.

Um barulho de vidro me tira do meu sonho, eu deduzo depois de procurar no corpo do meu filho qualquer sinal de trauma.

Deixei Lucky livre, disse que ele poderia sair. Mas estou enviando mensagens confusas, enquanto minha cabeça diz uma coisa, meu coração se recusa a seguir em frente. E como posso escapar dele quando ele vive em meus sonhos?

Luke tem uma perna pendurada em mim enquanto dorme, um novo desenvolvimento inconsciente desde que seu pai foi embora. Ele tem medo que eu vá embora também; Eu posso ver

o estresse no rosto dele enquanto ele dorme. Não quero que meu filho passe pela vida sem pai.

Antes

Não foi até depois de Lucky morrer que eu confrontei a Mami sobre o meu pai. Era difícil prever que ela teria sido afetada mais de vinte anos depois.

—Eu pensei que quando eu viesse aqui, eu me casaria com um americano. Que eu pegaria uma casinha com uma cerca e talvez um cachorro em vez de um quintal cheio de galinhas. Crescendo eu fantasiava sobre isso, até que se tornou uma obsessão, vir aqui, viver a vida que eu sonhei. Mas o que eu não esperava era que fosse tão difícil quanto era. Que milhões de outras pessoas, de todo o mundo, teriam o mesmo sonho que eu. Achei que poderíamos ser auto suficientes e prover para nós mesmos, mas sem documentos ou diploma, esse sonho tolo estava se transformando em pesadelo, menos perspectivas aqui para nós do que em casa. —

Ela tira um álbum de fotos gigante, a capa branca e esta descascando. É o único que ela tem e contém ambos os nossos álbuns de bebê, nossas fotos de escola, dela em preto e branco, desvanecendo-se a sépia e as minhas em cores com telas falsas de queda no fundo. As mãos de Mami tremem quando ela abre o livro.

—Nós confiamos nele para tudo. Ele era um bom homem, nunca fez mal a ninguém. —

Luis parece muito mais velho que Mami, ainda mais velho do que ela parece agora. Ele usa um boné de motorista e suéteres de gola V no inverno que cobrem uma barriga de cerveja arredondada. Seu sorriso é enorme. A maneira como ele olha para Mami em algumas das imagens envia arrepios aos meus pés. Ele olha para ela como ele a ama e Mami parece tão jovem. Mas o otimismo está em seu rosto em todas as fotos. Eu nunca cheguei a vê-la assim, olhando para o futuro com entusiasmo. Em um deles, eles estão na frente de um Cadillac, Mami usa um vestido e saltos de prata e tem o cabelo em grandes cachos. —Ele perdeu o aluguel do carro quando começou a beber—, diz Mami enquanto passa a ponta do dedo na borda dianteira da foto. —Então o medalhão. Mas ele era um *bom* homem, *mi hija,* apesar do que disseram sobre ele. —

—Ele ainda está vivo? — Eu pergunto. Eu acho que já sei a resposta.

—Não—, diz ela. Suas grandes lágrimas pingam na cobertura transparente. Eu jogo meus braços em volta do pescoço dela e dou-lhe um aperto.

—Você ainda deseja o sonho americano? —

—Oh, eu tenho isto, Belén, em espadas. Minha filha profissional, meu lindo neto, poupo o suficiente para eventualmente me aposentar. Eu tenho o que eu sonhei. Luis foi a maior surpresa. Ele não se encaixava no meu plano original, mas ele era um bom complemento, amor. Sem Luis eu não seria abençoada com uma filha tão perfeita. —

—Quando Lucky me contou, achei que havia algo errado com a gente, eu e você. Pensei que estivéssemos amaldiçoadas ou talvez doentes, que compartilhamos a mesma aflição. —

—Amar um homem que é bom até o osso? Para querer estar com alguém que faz seu coração disparar? Isso não é maldição, Belén, isso é um presente de Deus. Nem todo mundo é abençoado por sentir um amor tão forte. São amores como o seu e os meus que derrubam barreiras, fazem as pessoas questionarem o que é certo e errado, fazem com que elas pareçam um pouco mais profundas em suas próprias crenças e preconceitos. —

Eu viro a página e vejo imagens dela e de Awilda com Lucky e eu em fraldas. Seus sorrisos são largos e orgulhosos.

—Amor inovador? — Eu pergunto a ela. Eu não posso deixar de sorrir.

—Amor que permanece fiel a Deus. —

—Às vezes me sinto mal, Mami, porque acho que Yaritza também amava Lucky. Eu sempre achei que nosso relacionamento era tão especial que isso anulou o dela. Mas olhando para trás, não tenho tanta certeza disso. Talvez o amor deles também fosse importante.

Mami coloca um cubo de açúcar no café. Ela agita suavemente e encara a espuma.

—Estamos falando de novo. Eu a vi outro dia. Ela ainda está com dor como eu. —

Mami levanta uma sobrancelha para mim.

—Há uma diferença entre drama e paixão. O drama alimenta o ego, Belén, enquanto a paixão alimenta a alma. Yari e Lucky compartilharam a química, você e Lucky estavam apaixonados. —

—Ou nós compartilhamos biologia. — Mami não faz um sorriso com a minha pequena piada.

Há uma foto de Lucky e eu, todos vestidos para ir à igreja. Ele está usando gravata e suspensórios, me puxando pela mão. Eu olho para ele com fascinação, admiração escrita em todo o meu pequeno rosto de seis anos de idade.

—Amá-lo teria sido uma escolha difícil—.

—Não, Mami—, eu digo. Uma sombra de arrependimento passa por seu olhar. Ela acha que eu vou dizer a ela que não teria sido uma luta, que Lucky e eu poderíamos ter superado os obstáculos, as drogas, os adversários, as pessoas que disseram e pensaram que nosso amor não era natural. Eu pego sua mão que agora está apertada com artrite. Mãos que trabalharam duro a vida toda para colocar sua única filha na faculdade.

—Não, Mami—, eu digo novamente. Eu acho que é importante que ela saiba. — *Nunca* foi uma escolha. —

Depois

Então eu devo começar de novo, conseguir um emprego e um lugar. Às vezes é surreal estar de volta e eu tenho que segurar as coisas com força, como o corrimão subindo as

escadas ou o guidão na minha bicicleta. Às vezes repito instruções simples na minha cabeça, dizer repetidamente ajuda a evitar que eu perca a noção. Eu me inscrevi com uma empresa de segurança e tenho que fazer um seminário de trinta e seis horas. Coisas fáceis realmente, mas eu gostaria de acertar e não foder mais minha vida. Então eu vou religiosamente e encontro um lugar para ir às reuniões. Eu nunca fui para o exterior porque não era uma opção. Única coisa que suga é que o desprezível Ponzo está lá também. Consigo evitá-lo no primeiro dia, mas na próxima reunião, com certeza, ele está se aproximando de mim. Eu tenho a minha xícara de café quente Dixie e alguns *arepa dominicana*, um bolo de milho meio parecido com o colombiano, mas mais doce e mais denso.

—*Qué lo que, mano?* — Ele diz enquanto se aproxima de mim. Cabelos oleosos, unhas sujas e olhos vermelhos.

—O que há, Ponzo? — Eu pergunto sem me importar um pouco.

—Vi sua prima no hospital em casa. Ela ainda tem aquelas tetas legais. —

O desejo de esmagar seu rosto é súbito e rápido. Eu trago uma respiração profunda e empurro-a em meus pulmões, expandindo-os, tentando exaurir a raiva antes que ela vaze para fora de mim.

Eu não digo nada, aperto meu punho e mal reconheço sua presença.

—Ela ainda acha que você está morto? O que você é, AWOL ou alguma merda?

Esmagar. Pulverizar. Destrua esse triste saco de merda.

—Não, eu era MIA, mas depois me entreguei. Descarga médica. Honorável. Eu não preciso me explicar para esse viciado. —O que você está fazendo aqui? —

—Minha mãe morreu. Tive que passar por sua merda e limpar a casa. Minha tia e meu tio estão se mudando. Eu ficaria se pudesse, mas não tenho dinheiro para os pagamentos da casa. —

—Desculpe ouvir isso, cara. Eu me lembro dela da escola primária. Ela era uma doce dama.

—Hey, escute, você quer marcar? Eu tenho uma ótima conexão. Eu não me importo de compartilhar—.

Não só ele é patético, oferecendo-se para marcar em uma reunião de AA, mas ele realmente fede, aquele cheiro doce de não lavar suas roupas, de deixar passar muitos dias sem usar sabão. Sua respiração está cobrindo meu café e bolo. Largo o bolo de fubá açucarado no copo e me afasto a um passo dele.

—Eu vou manter o seu segredo, merda—, diz ele, acena com a mão no ar. —Eu não falo com ela de qualquer maneira. Eu sei que você a engravidou no ensino médio. —

Ele está pedindo por problemas. Eu posso controlar muitas coisas, mas meu temperamento é o mais difícil de todos. Fofocas de vizinhança me seguindo no meio do mundo.

—Não, eu não fiz. E você *vai* ficar longe de Belén porque vai me fazer responder se não for!

Meu encontro está arruinado e esta noite eu deveria falar. Eu ia falar com o grupo sobre trauma e recuperação, sobre ficar sóbrio mesmo quando as probabilidades estão contra você. Eu o empurro para fora do caminho com o braço. Não violentamente, mas forte o suficiente para que ele saiba que eu quero dizer negócios.

—*Ei soy Lucky Cabrera e llevo cinco años sobrio.* —

Eu ainda estou fazendo papelada e saí para cinco. Os fuzileiros navais não deixam você ir tão facilmente quando você se afasta de sua vida. Eu tive que fazer a merda pelo livro e demorou muito tempo. Graças a Deus eles notificam apenas parentes próximos, e isso significa que minha mãe. Lembro-me de nosso primeiro telefonema, como ela hiperventilou pelo telefone, me fez prometer pegar um celular e mandar um e-mail para ela para que ela pudesse ver que era realmente eu e não algum tipo de impostor.

Quando sua Ma pensa que você está morto há mais de um ano, você é ressuscitado em um pedestal; Quer dizer, segundas chances são ótimas merdas, mas minha mãe age como se eu tivesse ressuscitado dos mortos como *Jesus Cristo.* Ela fala sem parar sobre a vontade de Deus e as orações que devemos a ele. Como ela acendeu uma vela todos os dias daquele ano em minha honra no altar. O padre da Igreja da Intercessão achou que ela tinha perdido a cabeça quando disse que eu tinha ligado; Ma já havia queimado bastante cera vegetal e incenso para apoiar cada *botânica* na vizinhança. O verdadeiro milagre é que eu não consegui explodir meus cérebros por argamassa ou

estilhaços. Ou o fato de que eu sobrevivi a um dia sob aquele sol poderoso, sangrando, sem água, secando mais rápido do que cuspindo em uma calçada quente. Um milagre que meu cérebro foi sacudido com tanta força e ainda funciona basicamente certo. Que eu não perdi um braço ou uma perna como muitos dos caras que enfrentaram IEDs ou combate fizeram.

—Lucky! Meu filho! Meu bebê! —Ela uivou pelo telefone. Eu coloquei minha mão em torno do bocal para que ninguém pudesse ouvi-la ficar histérica.

—Ma, acalme-se! Eu não posso te dizer o que aconteceu se você não vai parar de gritar!

Eu tinha um compromisso de quatro anos e, pela segunda vez que fui enviado para o exterior, eu estava perto de terminar. Eu ficaria mais tempo se não tivesse fodido minha merda. Os fuzileiros navais me mantinham ocupado, focado, longe da doce Bey, mas também, felizmente, todos os idiotas com quem eu cresci. Ficar fora do meu ambiente antigo facilitou a limpeza. Foram os fuzileiros navais que me ajudaram a largar o vício, não a reabilitação. Mas eu não valia a pena para as forças armadas com uma lesão cerebral, com um corpo que estava em choque e atrofiado por ter sido nocauteado em coma. Então eu fiz tudo pelo livro assim que pude ser julgado, o juiz-advogado-general Corps garantiu que eu não fosse acusado de deserção. Fui considerado —fisicamente e psicologicamente incapaz de desempenhar minhas funções atribuídas—. Minha alta foi honrosa e recebo benefícios completos do VA.

Eu devo muito ao Corpo desde que eles formaram quem eu sou. Eu ainda sinto falta de cada um daqueles caras do meu

batalhão, e acho que vou para sempre. Mas percebi muito naquela noite que fiquei acordado na areia. A vida não é infinita, as conexões não são aleatórias. Há uma razão pela qual a Bey falou comigo através das estrelas e dos céus; Eu não teria sido capaz de aguentar sem a voz dela na minha cabeça e seu amor no meu coração. A antiga rocha do deserto que surgiu da areia para encontrar minha mão? Você não pode me dizer que não é o destino. Eu não sei se existe um Deus, mas uma coisa eu sei com certeza, que não foi nenhum tiro no escuro.

Depois

—Por que você não se despede? Não é tudo o que estigmatizou—, Valerie diz, apertando minha mão. Contei a ela quase tudo, sobre os opiáceos, sobre a voz no armário, o divórcio e agora a reabilitação.

Ela me pediu para tomar um coquetel com ela depois do trabalho; Eu acho que ela poderia dizer que eu estava sofrendo. Ela pediu uma margarita, então eu também comprei uma. Eu tinha esquecido como é incrível o doce e o salgado na sua língua. Faz arrepios nas minhas costas a cada gole. Tudo que eu preciso é de um mar rugindo e toalha de praia em vez de Broadway no Heights na noite de sexta-feira explodindo suas batidas de reggaetón.

—E se eu fizer e eles não me deixarem voltar? —

—Então você os processa ou ganha uma nova posição. Não é o fim do mundo, Belén—, O prato de tostones chega e eu peço ketchup.

—Acho que tenho que vender meu apartamento. Eu mal posso entrar lá. Lembra como eu falei sobre meu amigo da faculdade, Bryan? Como eu o encontrei em sua casa e parecia uma espécie de museu, um santuário assustador para sua falecida esposa? É assim que o nosso lugar parece para mim agora. Isso e uma farsa. —

—Seu casamento com Adam era real, desmoronou como muitos casamentos fazem. Não culpe o problema das drogas de Adam com você mesmo, Belén. Esse é um caminho perigoso para descer. Você não causou o vício dele e também não pode curá-lo. —

—Ele nem queria tentar. —

—Talvez ele estivesse tentando o tempo todo—, diz Valerie. Isso me impressiona muito, a ideia de que você pode estar tão perto de alguém e ainda não o conhecer.

—Às vezes eu quero um refazer de todo o nosso relacionamento. Comece a se comunicar mais, levando tudo mais devagar. - Eu lambo sal do meu dedo e mastigo gelo picado. —É estranho, porque *me* sinto uma fraude por não o conhecer melhor. Eu fiz todo esse trabalho na faculdade, na terapia e nos grupos de apoio, por nada.

Ela rouba uma banana frita do meu prato e a passa pelo ketchup. —Graças a esse bairro, sou viciada nessas coisas—, diz Valerie.

—Eu sei, eles são tão crocantes quanto batatas fritas. Onde devo ir para este ano sabático? Grécia? As Bahamas? —

—Por que você não vai a República Dominicana? Você não disse que sua tia voltou depois que seu primo morreu?

—Sim. Ela fez. Mas acho que ela me odeia. —

Nossos hambúrgueres chegam e eu removo o pão, despejando ketchup no queijo.

—Duvido que ela te odeia. Ela provavelmente ficaria feliz em ver você e Luke. Nenhum hotel sem custos, fácil assim. —

—Ela me odeia—, eu digo. O hambúrguer é suculento e escorre pelo meu queixo.

—Aproveite. Vá em umas férias prolongadas da praia. Beba mais margaritas. A vida é curta. Você vai estar solteira novamente. Estou com ciúmes. Mesmo. —

—E os meus cachorros? —

—Há um ótimo lugar que passa direto pelo hospital. Saí de Winston quando fomos para a Itália e digo que ele não queria voltar. —

—Winston é um poodle. —

—Eles não discriminam. Winston estava tendo um caso com um labrador negro chamado Sheba. Provavelmente por isso que ele não queria voltar para casa. —

Eu rio de Valerie e roubo uma de suas batatas fritas. Meu telefone toca no meu bolso. É minha mãe, me dizendo que Luke

está dormindo em nossa cama. É fácil imaginá-lo ali, com a cabeça suada no travesseiro, segurando o cobertor vermelho e o macaco com apenas um olho de botão. Eu gosto de ficar com minha mãe. É tão bom ter alguém em quem confiar quando as coisas ficam difíceis. De uma maneira estranha, é bom, quase natural, estar em casa novamente.

—Você poderia transar! — Valerie sussurra-me sobre a borda larga do copo mexicano. Eu sinto a cor subir para as minhas bochechas. Eu não posso olhá-la nos olhos sem corar.

—Essa é a última coisa que eu preciso—, eu digo. Eu alcanço minha bolsa.

Valerie empurra meu cartão para longe e bate a dela por cima do cheque.

—Está em mim! Nunca se sabe, Belén. Um pouco de sexo casual pode ser a coisa certa para deixar você ir. —

O trem está quase vazio a caminho de casa do jantar. Eu poderia facilmente andar, mas duas margaritas estão nadando perigosamente no meu sistema. As luzes fluorescentes aqui fazem com que todos pareçam com um zumbi privado de sono, bolsas roxas profundas sob os olhos e pele cinza, independentemente de sua raça. A vida mudou muito em tão pouco tempo. Eu deveria estar pronta para uma nova vida. Mas o progresso que fiz parece insignificante. Lucky ainda está na minha cabeça hoje, como era dez anos atrás.

Lucky Cabrera nasceu com fogo no coração. Ele um vulcão na vida de sua mãe e nunca lhe deu um minuto de descanso, ou qualquer um de nós para esse assunto. Ele era um punhado para

ela, mas ela o amava com força sobre-humana. Eu só posso imaginar o quanto está doendo, o quão vazia ela deve se sentir. Pego meu telefone e entro na caixa de entrada, abro o último e-mail que minha tia Awilda e eu trocamos, relemos nossa comunicação desajeitada sobre o último aniversário de Lucky. Nós duas acendemos velas na igreja a milhares de quilômetros de distância um do outro. Perguntei a ela sobre as atualizações dos restos do meu primo e ela optou por não responder às perguntas. Eu esfrego meu polegar sobre o nome de Lucky. As letras me cortam e quase trazem lágrimas aos meus olhos. É difícil não imaginar como seria a vida se ele ainda estivesse vivo. Eu imagino que ainda seria colorido e cheio de luz gloriosa. Eu praticamente posso ouvir sua risada se me concentrar o suficiente. Sua risada está perfeitamente viva no meu coração.

Eu sorrio com a lembrança de como ele estava feliz. Meu dedo bate resposta e uma pequena faísca de esperança acende em algum lugar dentro de mim.

Acensión

O lugar de Titi é agradável, não muito mobiliado ou em desordem. Os pisos são todos azulejos e quando ela abre a porta dos fundos e a porta da frente, a brisa do oceano é delicada e refrescante. Ela está na cozinha, preparando uma uma enorme quantidade de comida, apesar de Luke não comer muito e somos apenas nós dois. Chegamos ontem, não fizemos nada além de tirar Titi para jantar e nos deitarmos cedo na cama. Eu

não conseguia tirar a estranha sensação de que a cama em que Luke e eu estávamos dormindo cheirava como Lucky. Deve ser o detergente que ela usa, mas fez meus sonhos ganharem vida e a noite toda minha mente ficou cheia de visões lúcidas dele.

A chuva cai em torrentes arrebatadoras, como acontece apenas no Caribe, um batismo vigoroso que lava tudo em seu caminho durante a estação chuvosa.

—Belén, você e Luke vão para a praia amanhã? —

—Sim, eu vou levá-lo para baixo na parte da manhã, se este tempo parar e nós estaremos de volta aqui para o almoço. —

—As ondas serão fortes da tempestade, melhor colocar o colete salva-vidas nele apenas no caso. Mas isso não vai durar o dia todo, elas parecem fortes, mas passam rapidamente —.

Sua cozinha é brilhante e já está cheia de aromas de dar água na boca. Titi pode cozinhar até minha mãe debaixo da mesa quando ela realmente entra nela.

—Luke me lembra muito de Lucky nessa idade. Tipo de *rubiocito* com todas as sardas do sol e aquele nariz bonitinho. —

—Certo, eu também pensava assim—, eu digo. Minha mão vai para ela de volta naturalmente para tentar consolar a dor. — Ele é tão energético, é difícil acompanhar ele. Olha para quem eu estou dizendo, você sabe melhor que ninguém! —

—Meninas são mais fáceis, sua mãe foi a sortuda. Você queria mais? Você sabe, se Adam quisesse?_—

—Devemos falar sobre isso—, eu digo. Há uma porta na cozinha e eu fecho apenas no caso. É excessivamente cauteloso porque Luke tem um sono profundo. Tia Awilda não conhece todos os detalhes da separação de Adam e minha. Mami não queria contar a ela pelo telefone, mas Titi se recusou a voltar para a cidade novamente. Tudo o que ela realmente sabe é que ele me deixou.

—Adam acabou fazendo um teste de paternidade sem me dizer primeiro. Ele achou que Luke não era dele e não acreditou no que eu disse a ele. —

—Por que ele faria isso? — Awilda limpa uma faca afiada na saia de seu avental.

—Bem, ele teve muitos problemas depois de perder seu irmão gêmeo. Eu acho que a identidade contribuiu enormemente para ele. Ele cresceu com uma imagem espelhada de si mesmo, olhando para o irmão todos os dias. Começou a incomodá-lo que ele e Luke parecessem compartilhar semelhanças de personalidade. Luke, no lado físico, leva muito mais de mim. —

Awilda limpa a faca e enxuga as costas das mãos sobre os olhos. Eu não tenho certeza se é sobre Lucky ou a cebola gigante que ela está cortando.

—Você sabe quem é o pai? — Ela me pergunta em um sussurro.

Eu sei o que ela está perguntando sem dizer o nome dele.

Aqui é onde eu hesito, não há dúvidas sobre a paternidade de Luke. E mesmo sem o teste, havia apenas uma outra possibilidade, mas Awilda não sabia disso. Eu não quero dizer à minha amada tia que Lucky e eu éramos íntimos. Eu vou morrer se ela perguntar por quanto tempo, quantos anos tínhamos quando começamos. Eu não quero colocar a dúvida em sua cabeça que eles cometeram um erro, deixando Lucky e eu chegarmos tão perto, deixando-nos dormir na mesma cama. Ela não deveria ter que suportar nenhuma culpa, sentir qualquer falha.

Eu não quero que ela pense que um de nós pressionou o outro ou que Lucky me influenciou negativamente, sendo um ano mais velho, sendo mais experiente, ou me dando drogas. Ou Deus não permita que ela vá para o outro lado e pense que eu seduzi o filho dela.

Não tenho ideia de quanto ela e Mami falaram sobre tudo o que aconteceu. O quanto nós tentamos nos segurar, como a contenção e o estresse quase nos deixaram loucos, como a morte de Lucky me levou ao ponto de desistir. Eu continuei por um motivo e por uma única razão. Meu filho.

Preciso contar a ela porque posso realmente ver a esperança crescendo em seus olhos.

—Luke é filho de Adam, Titi. Os testes voltaram com esse resultado.. Mas Adam sabia que Lucky e eu éramos íntimos e ele suspeitava do pior. —

—Ele poderia ter sido meu neto—, diz Awilda e sua voz começa a tremer. As lágrimas brotam de seus olhos e sua

expressão está longe, provavelmente fixada nas fantasias de tudo que poderia ter sido.

—Eu nunca soube o que ele disse ou o quanto você sabe. Nós não nos escondemos quando éramos mais jovens. Aconteceu uma vez só, Tia, enquanto eu estava na faculdade. E Luke *pode* ser seu neto. Ele já te vê desse jeito. —

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo e sinto que posso ter um ataque cardíaco. O relógio no fogão diz que são duas horas da tarde e Luke sairá da soneca a qualquer momento.

—Titi, Luke obviamente não sabe que Adam questionou a paternidade. Eu quero protegê-lo da confusão até que ele tenha pelo menos idade suficiente para entender isso. Eu não quero que ele pense que foi. Razão do que quebrou seus pais, e não foi realmente. E, claro, Adam permanecerá em sua vida. Eles se amam muito. A questão era mais com as batalhas internas de Adam, não porque ele não amava nosso filho —.

—Eu gostaria que ele fosse filho de Lucky—, diz Titi enquanto ela enxagua os dedos. Ela as enxuga no avental.

—Eu sempre quis também—, eu sussurro e tento não perder a compostura. —Pelo menos um pequeno pedaço dele ainda pode estar aqui com a gente. —

Titi acena com a cabeça e ela parece desconfortável e nervosa. Eu deveria explicar a ela o que aconteceu quando éramos mais jovens, então ela não se sente culpada pelo que aconteceu.

—Não foi apenas físico, se é isso que você está pensando. Eu amava Lucky com todo o meu coração, e ele sempre cuidava bem de mim. Sempre reteve, nunca pressionou ou... —

—Você não precisa explicar, Belén. Eu soube desde aquele dia que peguei vocês dois na cozinha que havia um amor extraordinário. Eu teria que ser cega para não ver o quanto você importava para ele. —

—Eu sinto muito—, eu digo e os soluços saem forte e pontuam o ar pesado em torno de nós. Uma tempestade está se formando lá fora. Parece intenso, mas Titi me assegurou que haveria céus azuis do outro lado.

—Não há nada para se desculpar, *mi hija.* Vocês dois eram bons garotos. — Ela balança a cabeça enquanto diz, tentando acreditar em si mesma.

Awilda de repente está com os braços bem apertados em volta de mim. Ela beija minha bochecha e dá um tapinha nas minhas costas através do dilúvio de lágrimas.

—Por que mamãe está chorando? — Luke pergunta enquanto ele caminha para a cozinha em shorts e uma blusa, arrastando o cobertor vermelho atrás dele.

—Estou feliz em ver tia Wilda, bebê. Estas são lágrimas felizes—, eu digo. Eu pego seu corpinho em meus braços, acaricio seu nariz e beijo seu rosto..

—Vamos ajudar a tia a arrumar a mesa. Você ainda não experimentou seus *tostones.* Eles são muito melhores que os da mamãe. —

Isso corta meu coração que Luke é tão confiante e inocente. Ele segura minha mão e me segue pelas portas duplas até a sala de jantar de Awilda. Nós puxamos a porcelana de seu armário e fazemos três lugares à mesa.

—Onde está minha xícara azul? — Luke pergunta.

—Tia colocou na geladeira—, eu digo e Luke sai para recuperá-lo.

Eu gravito em direção a uma foto de Lucky que fica em cima de uma mesa. Eu corro meus dedos sobre o vidro, limpando uma camada de poeira. Meu coração se agita no meu peito quando olho nos olhos da fotografia, ele está olhando direto para a câmera. Um olhar em seus olhos e estou caindo para trás no tempo. Seus olhos falam um universo inteiro para mim, mesmo tantos anos depois.

Na fotografia ele usa seu uniforme e um capacete de camuflagem. Ele está sorrindo só um pouquinho, seus dentes brancos, sua pele bronzeada e saudável. Eu corro meu dedo ao longo do lado do rosto dele. Eu vejo uma cicatriz que não me lembro de ver antes. Parece profundo e recém curado na foto, como se fosse uma lesão grave.

Lucky, o que diabos aconteceu lá? Eu olho para a imagem dele, tentando imaginar como era. Seus olhos se enrugam nos cantos mais do que eu me lembro. Na verdade, Lucky parece muito mais velho nesta foto em comparação com a última vez

que o vi. Um frio feroz corre da base da minha espinha até a ponta do meu crânio.

Titi e Luke entram na sala de jantar de mãos dadas. Luke está com sua xícara azul e está ansiosamente fazendo um trabalho curto com o suco de laranja que minha tia deu a ele.

—Lucky foi ferido por lá, antes da explosão? Quando esta foto foi tirada? Ele parece tão diferente e a cicatriz no rosto parece séria. —

Titi levanta Luke e coloca-o em uma cadeira à mesa. Ela pega a foto das minhas mãos, abre a gaveta da mesa e coloca-a virada para baixo.

—Ele foi ferido muitas vezes. É um lugar perigoso. A guerra envelhece com você—, ela diz. Mas ela não está fazendo contato visual comigo. Os arrepios vêm novamente, atropelando minhas costas, deslizando pelas linhas das minhas costelas para envolver todo o caminho ao meu redor. Meus dedos começam a formigar e de repente ficam dormentes. Palavras e pensamentos ficam paralisados e não conseguem sair.

—Há algo que você quer me dizer, Awilda? —

Ela olha para cima e ela estreita os olhos para mim. Como se ela estivesse avaliando a situação e o que ela quer me dizer. Por que ela esconderia detalhes do que aconteceu antes de ele morrer? Por que ela esconderia qualquer coisa a menos que o que eu sei estivesse errado?

Minha tia está congelada com o olhar mais estranho em seu rosto.

—Ele me deixou por outra pessoa? — Eu faço uma adivinhação sobre o porquê dela esconder as coisas de mim.

—Não, *mi hijita.* Não. —

—Sua morte não foi acidental, houve mais coisas do que pensávamos? Eu quero saber o que aconteceu com ele! —

Lágrimas escorrem pelo seu rosto e meus pés parecem enraizados no chão. Minhas raízes se esticam profundamente nesta terra e se conectam com a história da minha árvore genealógica que cresceu do ponto em que estou. Raízes e linhagens, veias e ramos que se retorciam e entrelaçavam, empurraram a escuridão, dando à luz Mami e Titi, trazendo Lucky e eu para a existência. As passagens secretas de origem e a grande explosão de luz no nascimento cimentaram toda a genealogia da minha família, cadeias de DNA que podem superar a cultura, nutrir ou mesmo tabu. Nós nos tornamos quem fomos feitos para ser, não importa o que digamos ou façamos.

—Eu o amei toda a minha vida—, eu digo. Uma súbita calma me varre enquanto eu articulo o único pensamento em minha cabeça. Conforme as palavras me deixam, posso sentir o impacto delas e como elas influenciam o ar entre nós. Os pensamentos de Titi estão mudando, ela está pesando as coisas antes de se permitir falar.

—Ele queria o que era melhor para você—, diz ela. A voz de Titi é defensiva.

—Nada será melhor que Lucky. Nada jamais se compara ao amor dele. — Luke solta a mão de Tia Awilda e se aproxima da

minha perna. Eu o pego e ele me abraça com força. —Eu te amo, Titi, mas não vou aceitar mentiras e segredos quando se trata do meu coração. —

—Ele achou que não tinha escolha. Ele estava tão envergonhado, sentiu como se tivesse se aproveitado de você. Ele pensou que, se fizesse o sacrifício, isso levaria à sua felicidade e segurança. Ele queria você feliz, Belén. —

Eu preciso da verdade dela mais do que eu já precisei de alguma coisa. Ar, comida, água, abrigo, todos tomam o segundo lugar para a honestidade. Eu não posso sobreviver de mentiras.

—Eu *andaria* daqui até lá mesmo se isso me levasse a vida toda. Eu passaria anos procurando aquele deserto, apenas para ver onde o corpo dele deslocava a areia. Eu voltaria no tempo e levaria a bala para ele. Eu voltaria ainda mais e nunca deixaria que ele deixasse meus braços. Eu voltaria ao começo e diria a ele como o amava desde o primeiro momento em que senti a flor no meu coração. —

Minhas palavras correm loucas e desesperadas, estou gritando com ela. Eu vou dizer qualquer coisa para mostrar a ela como é crítica a minha necessidade.

—Você não precisa andar muito. Eu prometi a ele que não, mas ele não sabe o que está dizendo. Ele não viu você e o garoto. Isso mudaria tudo. Ele tem muita culpa, Belén. É por isso que ele mente. —

—Eu preciso saber—, eu digo.

Então te darei a verdade.

Awilda abre a mesma gaveta onde ela escondeu a foto. Agarrando um post-it e uma caneta, ela risca algo no papel. Awilda empurra para mim e eu pego, mãos trêmulas, coração acelerado e dolorido, constrição e liberação em espasmos dolorosos. Incerteza. Perplexidade.

No quadrado amarelo simples, ela escreveu um endereço. Eu não sei o que isso significa, mas estou indo para lá. Sem hesitação, sem expectativas, apenas a compulsão de caminhar em direção à luz.

—Cuide Luke, você vai? — Eu pergunto a ela enquanto coloco meus pés em chinelos. A chuva está começando. Ela bate no telhado da casa e lava as calhas, inundando o quintal. Está derramando. Derramando como só acontece aqui.

Eu não levo minha bolsa ou um guarda-chuva ou até mesmo qualquer dinheiro para o ônibus. A cozinha tem uma porta de vidro que se abre para um pátio de cimento. Eu saio para o aguaceiro e olho para o céu furioso.

—Espere até que a chuva passe pelo menos—, diz ela, passando os dedos pelo cabelo de Luke beijando o sol. Meu filho está de pé a seus pés, olhando curiosamente para a minha forma rapidamente encharcada.

—Eu esperei o tempo suficiente—, eu digo.

Há um ponto de ônibus a poucos quarteirões de distância. Eu corro por enormes poças. A água espirra e encharca minhas pernas. Eu posso ver o *ônibus* deslizando pela

rua movimentada e corro pela calçada. Um chinelo torna-se vítima de uma poça particularmente grande.

—*Párese por favor!* — Eu grito sobre a precipitação da chuva.

O *ônibus* desacelera e eu agarro o cabo do lado para me balançar.

—*Gracias!* —, Digo ao motorista e mostro-lhe meu papel amarelo. Ele acena e me diz — *tres paradas*—, provavelmente muito surpreso com a minha condição para me assediar pela tarifa.

Eu não posso sentar, então eu seguro as correias. O ônibus está lotado e sacoleja o tráfego, deslocando os passageiros em todas as direções diferentes. Eu puxo a alça, lutando para manter meu equilíbrio. Minhas roupas são transparentes e, apesar de estar sendo observada, minha mente corre a milhões de quilômetros de distância delas. Um top de algodão branco, com apenas um top por baixo. Jeans apertado. Um chinelo de dedo.

Não faço ideia do que vou encontrar neste lugar. A verdadeira família de Lucky, a que ele tinha antes de morrer? Morte em uma data posterior que foi diagnosticada pelos militares? A mulher que ele ama de verdade que conhece os segredos do que aconteceu? Seus filhos? Sua lápide? Uma caixa cheia de pertences pessoais que fica em um local sagrado? Permanece? Pode ser qualquer coisa.

Meu cérebro continua sendo atraída pela resposta que quero, uma que não me permitirei ter. Eu fui destruída pela dor

uma vez e me recuso a ir por esse caminho catastrófico novamente.

Três paradas passam e eu saio do ônibus. Todo mundo olha para o meu mancar da única sandália, então eu a tiro assim que meus pés batem na calçada. O cabelo molhado obscurece a minha visão, então eu luto em um rabo de cavalo e seguro-o com o elástico ao redor do meu pulso.

Manguezais abunda quando eu faço o meu caminho até algumas casas perto da praia. Pássaros tropicais grasnam e lagartos correm aos meus pés descalços batendo na calçada. Estou tremendo. As nuvens estão se movendo tão rapidamente no céu que me deixa tonta. Nenhum azul, apenas cinza e cinza escuro rolando como ondas acima de mim.

Quais são as chances de qualquer ser humano encontrar o amor verdadeiro? Sinto-me abençoada e grata pelos meus momentos preciosos com Lucky, eles são tesouros que eu sustento que alimentam o fogo em meu coração e dão profundidade à minha alma, significando para minha vida.

—Lucky! — Eu grito na tempestade. Eu digo o nome dele como um encantamento, como se eu pudesse invocar seu espírito. Relâmpagos roxos atingem o céu escuro, iluminando as nuvens por um momento enquanto eles correm para o mar. O mar agitado e o céu têm a mesma cor ameaçadora. O trovão reverbera nos céus enfurecidos e posso sentir seu poder todo o caminho até meus pés descalços. O som soa como se estivesse rachando bem acima de mim e eu grito e corro para a cobertura das pequenas casas ao longo da praia.

Meu papel encharcado, que eu estava segurando para a sua vida, agora está se desintegrando em minhas mãos. Ele diz 406, então eu me aproximo e bato meus dedos contra a porta da tela.

—Lucky? — Eu grito. Mas ninguém atende a porta. Eu torço a maçaneta quase sem pensar e a porta abre e me leva para um vestíbulo. Eu entro e tento conter meus pingos molhados no tapete atrás da porta.

—Olá? — Eu pergunto para o silêncio. É um espaço esparsamente decorado, sem muitas tentativas de torná-lo caseiro. Um sofá, um tapete e uma mesa, televisão e aparelho de som. Cortinas, sem cortinas, um espelho, mas sem fotos na parede. A pintura é excelente e de onde estou de pé parece que cada quarto é pintado com uma diferença de cor sutil, mas de bom gosto. A sala de estar é bronzeada e a copa da cozinha, a sala de jantar parece bege com um acabamento cinza escuro na madeira. Eu desço o corredor e entro na cozinha. Esta sala é esparsa, mas limpa também, um calendário, sem fotos, algumas frutas em uma tigela. Quem vive aqui? Como isso está relacionado com Lucky e o que no mundo é a minha tia mentindo para mim? Esta casa de praia é a verdade que eu tenho procurado?

A chuva para, não se reduz ou diminui., para como um batimento cardíaco, desligando tão repentinamente quanto começou. Do céu ensolarado ao aguaceiro, a um único gotejar no céu grande e rapidamente azulado. Esta casa tem uma porta de correr de vidro como a de Titi, exceto que a vista aqui é uma praia extensa e um vasto oceano tempestuoso. Há um grupo de homens na água na onda que parece estar lutando contra um barco de pesca errante com nada mais do que uma corda e suas

próprias mãos. Eu os vejo trabalhando e percebo que um deles provavelmente lutou no exterior com Lucky. É de cuja casa eu estou agora e esta é a pessoa que vai me contar a terrível verdade sobre o que aconteceu com a meu primo.

Eu abro a porta e saio para o ar ameno. O sol quer brilhar e está derramando raios de luz através das nuvens em retirada. Eu levanto minha mão para proteger meus olhos e as etiquetas de identificação que um dos homens de peito nu usa o brilho do sol e momentaneamente me cega.

Eu olho para seu peito e posso quase sentir o contorno dos músculos de lá, como seus músculos abdominais se contraem e a ponta afiada em sua cintura cria tantas formas diferentes que eu poderia traçar com a ponta do dedo. Seus fortes bíceps e antebraços parecem familiares, como um abraço de que me lembro. Um abraço que não posso esquecer, não importa o quanto eu me afaste. O ângulo de sua mandíbula, o levantar de sua bochecha. Sua postura me puxa como um ímã e eu flutuo pela praia, me sentindo como um fantasma que de repente. Eu sou nova para a vida após a morte, eu não entendo as regras ainda.

Eu não confio em mim mesma. Eu já tive episódios antes e sei que meus sentidos mentem para mim.

Meus passos aceleram quando chego perto o suficiente para ver suas feições, os lábios cheios e o arco do cupido que eram o tormento absoluto dos meus anos de juventude. Aqueles lábios me amaldiçoaram e me acariciaram, puderam me acalmar ou me acender como nenhum outro. Outra boca nunca teve tanto poder quanto o de Lucky fez comigo. E um corpo que me

fez sentir maneiras que eu nunca imaginei, êxtase, felicidade e mágoa que espremem a vida. As mãos dele. A boca dele. Seu contato visual de tirar o fôlego. Um olhar que fez minhas coxas fracas, um sorriso que parecia uma onda de calor de verão se espalhando pelas minhas terminações nervosas, fazendo meus músculos suavizarem e meu corpo se abrir como uma flor.

Lucky, meu primo, o amor de toda a minha vida.

Estou tão perdida e não entendo o que está acontecendo, minha mente tropeça na ideia de que foi Lucky quem teve um gêmeo, não Adam. Lucky morreu na guerra e seu gêmeo vive em. Ele está aqui, uma cópia do menino que desde o começo da minha vida segurou meu amor na palma de sua mão.

—Lucky! — Eu grito porque meu coração histérico não quer acreditar em minha mente mais racional.

Eu não respiro. Eu não pisco.

Ele olha imediatamente para o chamado da minha voz. Ele me vê. Os olhos do meu amante pegam os meus e me engolem.

Lucky

Minha mãe sempre me disse que há três maneiras de curar um coração partido. Sexo, drogas e rock-n-roll não são eles. Acredite em mim, xei uma boa chance de volta em casa e essa merda não funciona. Ma disse que você reza. Então você se concentra em outra coisa. Como trabalho ou objetivos ou se

tornar uma pessoa melhor. O último passo que ela diz é deixar ir. Mais fácil falar do que fazer.

Como diabos você deve deixar alguém que é tudo que você quer? Deixe de lado a única coisa que faz você se sentir como se tivesse uma pegada neste mundo e algo que você pode realmente segurar, uma pessoa que você pode contar. Meu terapeuta me disse que era o tempo e a distância que funciona. Eu fiz essa merda também e deixe-me dizer, não. Há um truque para sobreviver e só sei porque estive lá. Você faz isso para quem você ama e de repente fica mais fácil.

Chegando assim que a vi, houve uma explosão sob a minha pele. Meu coração bateu as letras de seu nome como um código Morse e eu não pude fazer mais nada além de ouvi-lo. Ma sempre disse que, devido às circunstâncias do meu nascimento, eu estava cheio de fogo, sangue quente, naturalmente atraído pela luta. Mas o que ela não sabia era que meu fogo queimava como um farol, mas sempre era para Belén. Acho que não percebi até que era tarde demais, que uma chama descuidada pode queimar tão baixo que apaga. Então eu posso rezar, eu posso focar minha vida em outra coisa. Mas eu não posso deixar ir, porque se eu deixar ir, o fogo vai sair e eu não tenho mais nada para ficar por perto.

Eu gostaria de acreditar que há um significado maior por trás de tudo. Talvez Len e eu nascêssemos na mesma família por um motivo. Talvez nossos nomes tenham sido tão perfeitos, porque é quem somos, meu fogo era o raio de luz e os braços dela eram o meu refúgio. Ela era o meu lugar para me render quando todo mundo desistiu ou me mandou embora, e minha luz foi feita para guiá-la, levá-la a um lugar seguro.

Mas agora eu não sei se eu fodi com o destino quando decidi ficar morto. Eu pensei que tinha tudo planejado e que a dor iria embora assim que soubesse que ela estava feliz. Mas a liberdade não é real a menos que nós lutemos por nós mesmos. Quando alguém tenta entregá-lo a você, o valor cai, parece vazio e obsoleto. Então eu deixei Bey atrás de pensar que ela poderia pegar os pedaços. Mas então percebi quando era tarde demais e eu já tinha ido longe demais, que as mesmas peças que Belén precisava para *se* reconstruir estavam trancadas dentro do *meu* coração.

Quando me contou sobre seu divórcio, não pude deixar de me sentir responsável. Eu deixei Len para lutar sozinha. Eu era um covarde na melhor das hipóteses. *Um cobarde* que merecia um coração partido e tudo com o que eu tinha ficado.

—Lucky, ayúdanos! —(nos ajude)

—Voy! — (Estou indo)

Meu vizinho idoso, que pesca todos os dias, não ancorou mais o barco, apenas o arrastou até a metade da praia. Você pensaria que uma vida inteira de pesca de subsistência lhe ensinaria a considerar as marés lunares, mas o cara é velho e pelo menos um pouco bêbado o tempo todo. Seu neto me chama por ajuda, a segunda vez esta semana. Eu vou cortar uma folga dele porque a tempestade veio tão rápido que foi o suficiente para derrubar alguém na bunda deles. Eu jogo minha camisa na areia e puxo meu jeans. Corro em direção ao oceano revolto parece natural, como entrar em batalha com a fera. Eu não tenho problema em correr em direção ao fogo. Meu senso de autopreservação nunca foi o melhor.

Minha pele se arrepia com o choque da água fria e o ataque da chuva. A vida é assim, uma luta para assumir o controle de forças maiores do que nós. Um homem e um barco decrépito contra o furioso mar revolto. Nós tentamos movê-lo para fora da onda e a água bate contra as nossas espinhas e as costas dos nossos joelhos.

—Lucky! — Eu ouço acima da chamada das ondas.

Lucky.

Eu sei como meu nome soa quando vem de Belén, quando ela grita como uma maldição ou sussurra em oração. Eu sei quando vem dela porque significa algo real. Ninguém mais diz meu nome assim porque ninguém mais é ela.

Belén

Lucky?

Meu coração para bruscamente, assim como a chuva. O oceano para também, e o céu também. O mundo inteiro se fecha enquanto passamos universos entre dois pares de olhos.

—Lucky? — Eu digo em voz regular.

Eu estou morta?

Eu não percebi que no caminho até aqui eu caí da beira da terra? Não tenho palavras nem lágrimas nem batimentos cardíacos ou ar. Apenas confusão. Vazio. Em algum lugar a caminho da casa de Titi para cá o mundo acabou.

Nenhum raciocínio ou desculpa pode preencher a perda que tem me consumido nos últimos cinco anos.

Ele sai da água, o jeans encharcado até os joelhos. Ele anda na areia e começa devagar em minha direção. Ele ainda anda com essa arrogância que eu conheço em meus ossos. Este não é um gêmeo perdido. Nenhum fantasma, é o Lucky.

Vivo.

Vivo.

Respiração.

Andando em minha direção na carne.

—Mentiroso! — Eu grito e sou um relâmpago escorrendo pela areia. Eu corro mais do que nunca na minha vida e eu bato meu corpo inteiro em seu peito.

Nós caímos.

—Mentiroso! — Eu grito. Eu arranho o rosto dele. Eu vou matá-lo por não estar morto. Eu vou torturá-lo para cada momento de tristeza que ele me fez passar.

—Len, acalme-se—, diz ele enquanto agarra meus pulsos e me rola sob seu peso corporal.

—Mentiroso! — Eu soluço. Meu peito arqueia com respirações irregulares que machucam e devastam meus pulmões. —Mentiroso! Eu morri! Eu morri com você, Lucky! Eu morri *por* você! —Eu grito. As palavras rasgam minha garganta. Areia e lágrimas cobrem meu rosto e eu corto sob seu peso para que eu possa jogá-lo fora. Eu vou destruí-lo, vou

machucá-lo, assim como ele me machucou. Eu vou rasgar a porra do seu coração, comê-lo vivo pedaço por merda.

—Eu te amei. Eu *amo* você —, eu lamento. —Seu idiota! —

—Deixe-me explicar—, ele diz calmamente.

—Não há explicação! Você mentiu para mim! —

—Lenny, fale comigo. Respire, respire. Por favor—, ele diz.

—Eu pensei que você estivesse morto! — Eu grito. — Mentiroso! —

De alguma forma eu sinto que estou no limite da consciência, o mundo rola, as nuvens se erguem e a realidade parece surreal demais para ser outra coisa senão uma espécie de casa de diversões doentia e distorcida. Estou com febre e essa miragem vai desaparecer quando eu ficar sóbrio. Eu balancei minha cabeça, pisquei meus olhos, encarei o rosto de Lucky para o céu.

—Olhe para mim. Olhe para os meus olhos, ele persuade e eu propositadamente olho para longe. Lucky agarra meu queixo e força minha cabeça para trás, exigindo que eu olhe para o rosto dele.

—Mentiroso! — Eu grito. —Você está vivo! —

Em seus olhos vejo anos da minha vida, construídos momento após momento. Um beijo roubado, uma lágrima, um abraço, uma camada de glacê de seus lábios. Emoções que vivi com ele, tudo vem correndo para mim de uma só vez.

Medo e Lucky me protegendo, confusão, e Lucky explicando as coisas para mim, insegurança e Lucky me mostrando como estar confiante, fracassos e Lucky nunca sendo nada além de orgulho para mim. Meu peito estava destruído, oco e dolorosamente vazio sem o amor dele. Agora está em curto-circuito, entrando em colapso com a entrada.

—Mentiroso! — Mas meu grito se foi, exausto do meu peito.

—Len, eu sinto muito. —

—Eu pensei que você tinha ido. Como você pôde fazer isso? —

—Eu estava, mas estou aqui agora—, diz ele. Ele puxa minha mão para o peito e coloca em seu coração. Há uma cicatriz gigante que corta o lado do rosto dele e outra no braço, e o que parece ser uma cicatriz cirúrgica no ombro.

—Você nunca ia me dizer? — Eu pergunto a ele. Lágrimas escorrem pelo meu rosto em abundância. Eu posso sentir o pau dele ganhar vida através do seu jeans molhado. Ele endurece contra a minha coxa e eu derreto em delírio puro e louco.

Já. Nossa resposta para o outro é como ser pego em uma armadilha escondida. *Um, dois, estalo. Capturado.* Não há escapatória. Não há retorno.

—Eu levei isso longe demais, Belén. Eu cheguei onde eu não sabia como voltar atrás. Eu queria. Todos os dias eu queria você, mas como eu voltaria da morte? —

—Como você pode mentir sobre isso? —

—O que eu vou fazer? Encenar a porra de uma ressurreição e assustar todo mundo com quem me importo em um túmulo prematuro? —

—Eu não posso. Eu não entendo. Por quê? Por que você fez isso comigo? — Eu grito. Eu olho para o céu novamente e penso em quantas milhares de vezes eu orei para estar exatamente onde estou agora. Nos braços de Lucky, em sua segurança, aquecendo-me em seu amor. Eu nunca pensei que teria isso de novo. Eu acreditava que teria que esperar até a morte para sentir seus braços em volta de mim novamente. Tantas orações desoladas. Anos. Deus me ouviu lá em cima?

—Achei que te machuquei, que estava errado, que estava te arruinando. Bey, eu estraguei tudo. —

—Você vai ficar comigo? — Eu soluço. Os gritos deixam meu corpo com tanta força que convulsiono com seu êxodo. Eu sinto que estou dividindo, dividida ao meio. Se Lucky está vivo, temos que estar juntos. Não pode ser de outra maneira.

Através de toda a emoção que ameaça desmantelar minha mente, uma sopa enlouquecedora de pesar e alegria, dor, tristeza e arrebatamento, vejo o sorriso de Lucky. É um sorriso que eu conheço muito bem, é arrogante, infantil, é ousado e travesso e essencialmente dele. Um sorriso de Lucku, ninguém mais que dele.

—Você quer ficar comigo? — Ele pergunta. —Você quer ser minha garota? — Ele parece surpreso.

Eu o golpeio no rosto com a mão que ele soltou; Ele levanta a areia e pulveriza em seus olhos.

Então eu só inalo e Lucky está me beijando. Sua boca na minha boca e todo o seu calor dirigindo em mim. Eu suspiro, gemo, choro e sorrio de uma só vez. Uma de suas mãos envolve a parte de trás do meu pescoço e os outros túneis através da areia para encontrar minha cintura. Sua boca tem gosto de salvação, seu coração batendo contra o meu peito parece um encantamento. Estou com medo da magia poderosa e consumidora que juntos fazemos.

Amo magia. Um laço tão tenaz até mesmo a morte não poderia quebrá-lo.

Meu coração está em erupção. Chove faíscas que iluminam a escuridão. Rios de fogo correm sob a minha pele. As estrelas podem colidir, colidir e queimar, caindo livremente no oceano. O mundo pode parar de girar, se quiser, porque, de repente, todas as dúvidas que eu tão desesperadamente me agarrei a minha vida inteira, rolam para o esquecimento. Não me importa quão parecidos somos, se nossos genes são treze por cento idênticos ou se não somos uma partícula parecida. Seus braços são minha casa e sua boca no meu pescoço é puro prazer celestial.

Lucky e eu fomos feitos para estar juntos, amar sob as mesmas estrelas, para compartilhar a mesma vida. Amar uns aos outros até que estouremos, até morrermos, até que não haja mais nada de nós, exceto as brasas brilhantes das memórias que fizemos.

Juntos.

O universo fez Lucky para mim e eu nunca vou deixá-lo ir.

—Bey, eu sonho com isso. — Seu corpo se move ritmicamente contra o meu enquanto areia magnetiza minhas roupas molhadas, gruda no meu cabelo.

Eu choro mais e choro lágrimas de alegria, repetindo o nome dele. Nossos corpos se amolecem juntos, se fundem e se movem em uníssono. Ele pressiona sua ereção em mim e eu grito. Ele quer me levar já.

Meu amor. Meu corpo foi feito para você. Ninguém mais.

—Lucky! —

—Aqui, venha para dentro comigo. Você está com frio? Ele se afasta da areia.

Ele me ajuda e pega minha mão. Eu me lembro de todo calo, de todas as veias. Como a junção das nossas duas mãos poderia aliviar a tensão e aliviar o meu alívio. Quando criança, como uma garotinha. Lucky sempre foi minha linha de vida.

Ele fecha a porta do bangalô da praia e estamos juntos de novo, mãos, cotovelos, joelhos dobrados, tirando nossas roupas molhadas e cobertas de areia. Tentando subir um lance de escadas com nossos corpos impossivelmente perto. Ele me puxa para o chuveiro em silêncio e nós entramos juntos sob a onda de água quente e fumegante. Sua boca está nos meus ombros, meu pescoço e meu queixo. Ele canta um doce pedido de desculpas entre cada beijo. Eu não me importo se é um sonho. Eu não me importo se estou alucinando. Seu amor me enche tão cheio de esperança que, por dentro, mais uma vez, finalmente estou abrindo.

—Sinto muito, Len. Eu perdi isso. Eu nunca quis deixar você ir. —

—Shh—, eu digo a ele e capturo sua boca.

As pontas dos dedos traçam e tocam. Nós nos lembramos de tudo. Somos obrigados, nenhum de nós disposto a deixar ir, determinado desta vez a nunca desistir.

Lucky enrola uma toalha em volta da cintura, enquanto ele me seca carinhosamente com outra. Ele ainda parece um fuzileiro naval. Eu confiro o corpo dele, que é ainda mais cortado do que era. Eu não sou a mesma. Mais feminina e não mais uma garota. Meus quadris se espalharam; Eu ganhei peso em lugares onde antes não havia nenhum. E eu tive um bebê.

Luke

Quando eu digo a ele? Há muitas coisas para dizer. Muitos momentos perdidos, separados, uma vida inteira de distância.

—O quê? — Ele pergunta, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

—Apenas faça amor comigo—, digo-lhe decididamente.

Ele levanta as sobrancelhas através do nosso beijo.

—Tem certeza de que é o que você quer? —

Eu enfio minhas mãos em seu peito, empurrando-o na direção de sua cama. Eu não quero pensar sobre isso. Eu o quero dentro de mim de todas as maneiras possíveis. Eu o quero tão ganancioso que ele rouba partes de mim que nunca vou me recuperar. Eu quero me perder neste homem até que a dor de

perdê-lo vá embora para sempre. Se ele hesitar, eu mato ele. Se ele trouxer a culpa, eu vou bater nele. Eu quero que o Lucky me foda como se ele ficasse com as garotas do parque.

Brinque comigo, jogador.

Desta vez eu quero ser a garota que é fodida.

Os cantos bem arrumados da cama dele me distraíram da minha determinação.

—Sua casa é tão limpa. Você tem uma esposa ou namorada? — Eu pergunto a ele, agarrando meus sentidos. Lucky pode ter uma vida aqui com alguém. Eu não quero fazer algo que nós dois nos arrependeremos depois. Eu não sei nada sobre esse Lucky, ele poderia ser casado, ter filhos.

—Eu tenho uma faxineira. Bey, só você. Eu só quero você—, ele diz. Seu sorriso está de volta, mostrando um cruzamento entre rir de mim e olhar para mim maravilhado.

—Não estamos falando, apenas sexo. —

—Ok, chefe. — Seu sorriso se alarga.

Ele acaricia meu rosto com dois dedos. Dois dedos me transformam de hesitante em certo. Lucky anda me apoiando na simples cama king size com quatro cartazes e uma cabeceira de madeira. Ele está nu, ele está duro. Estou perplexa, mas pronta. Mais do que eu já fui.

Nossas toalhas são empurradas para longe e somos carne quente na carne. Ele nunca para de me beijar enquanto suas mãos reagem com o meu corpo. Eu não estou tão em forma

como ele é, tão esbelto ou definido. Mas Lucky não se importa. Nós hipnotizamos um ao outro. Juntos somos perfeitos.

Ele me enrola embaixo dele e olha nos meus olhos. Seus olhos são vivos e brilhantes, tão inalterados, eles ainda mantêm tanto um brilho de travessuras quanto de escuridão, uma combinação emocionante que eu tenho adorado desde que me lembro. Os olhos de ninguém mais falam muito. Eu me reconheço em seu olhar e sinto que finalmente voltei para casa. A verdadeira Belén está de volta. Ela está aqui nesta sala conosco. Eu passei tantos anos correndo, tentando escapar do nosso amor bonito e contaminado. Mas esse amor é a única parte verdadeira da minha vida além do meu filho.

—Você tem certeza? — Ele pergunta timidamente, a cabeça de seu pênis já na minha entrada.

Eu agarro seus quadris em resposta e puxo-o para mim. Ele desliza facilmente porque eu estou tão molhada, minha fantasia sexual constante agora a realidade diante de mim. Sem preservativo. Nada vem entre nós. Ele é enorme e grosso e tão deliciosamente duro quanto ele entra e sai. É com isso que fantasio toda vez que faço sexo, o que pretendo ver. É quase demais ter a fantasia ganhando vida, ter Lucky sob meus dedos.

Eu arqueio minhas costas e me torno instantaneamente vocal. Eu gemo e ofego e suspiro a cada impulso. Quando eu abro meus olhos, o jeito que ele olha para mim é o suficiente para me fazer vir apenas de contato visual.

Ele empurra com força e eu subo em espiral até um pico que parece nunca chegar ao topo. Mais alto até que eu esteja

meio enlouquecida pela luxúria tão feroz que ameaça quebrar o que resta da minha sanidade.

—Lucky! — Eu grito enquanto caio para trás através da escuridão. Estou tão convencida de que é um sonho que temo o fundo do orgasmo porque sei que vou acordar.

Mas eu não sei. Em vez disso, eu me mexo nele como se estivesse possuída; Eu o monto tão difícil porque parece que nunca será suficiente. Assim que o orgasmo sai, outro está em crista. Estou nadando em um oceano de devoção, me afogando em completo e absoluto amor por esse homem. O tempo perdido não era tempo, mas uma outra vida, foi outra coisa. Um vazio. Um ferimento. Uma penitência. Algo que eu carreguei. Isso, por sua vez, é liberdade.

Lucky vem comigo na segunda vez, apertando minha bunda com força e mordendo meu mamilo enquanto seu sêmen quente explode dentro de mim.

Eu ainda estou ofegante e meu cabelo está uma bagunça emaranhada, mas eu não consigo o suficiente, eu já quero ir de novo. Eu mexo meus quadris em sua coxa e beijo seu ombro.

—Você sentiu minha falta, Bey? — Pergunta ele. Sua voz é um sussurro rouco, ele soa um pouco sem fôlego, mas o sorriso em seus lábios está provocando. Ele beija minha testa.

Eu olho em seu rosto e aceno. Eu não posso formar palavras. Não existe vocabulário para isso.

A mão de Lucky mergulha entre as minhas pernas e ele geme meu nome quando ele sente o quão molhada e inchada

estou por ele. Seus dedos acariciam-me habilmente, penetrando em minha carne tenra. Eu aperto minhas coxas em torno de seu pulso e tremo quando eu chego na palma da sua mão, moendo meu orgasmo enquanto ele segura meu sexo. Meu corpo treme quando os espasmos de prazer desenrolam todos os nós que estavam amarrados tão apertados dentro de mim. Exausta, eu ponho meu peso em seu peito e com o último suspiro deixado em mim, eu digo a ele:

—Lucky, fique comigo. —

—Eu nunca vou deixar você ir de novo. —

Lucky bate em minhas paredes e defesas até que eu estou tão crua e vulnerável que dói estar viva, olhar para ele, imaginar como seria perdê-lo novamente. É isso que arrisco ao entrar nesse relacionamento. É o mesmo tipo de amor que sinto quando olho para o meu filho, um amor tão cheio que é doloroso, angustiante, é quase demais. Há tanto estresse em tê-lo de volta quanto o havia perdido. Porque o potencial de perda se apresenta de novo. Eu poderia perder Lucky novamente, e eu já sei exatamente o quanto isso dói.

Eu não posso deixar seu corpo. Eu não consigo parar de tocá-lo. Eu traço minhas pontas dos dedos sobre suas cicatrizes e estremeço em como elas são extremas. Fico maravilhada com o milagre de sua vida, com ele sofrendo tantos ferimentos graves, qualquer um dos quais poderia facilmente ter sido uma sentença de morte.

—Eu quero ver o meu menino—, diz ele e beija minha linha do cabelo.

—Ele não é seu filho, Lucky. Ele é do Adam. Mas Adam me deixou. —

—Ele é meu filho também, Belén. A criança que teríamos se eu não tivesse fodido tudo. —

Eu acaricio o lado do rosto dele. As palavras de Lucky fazem minha cabeça nadar.

—A separação foi muito difícil para ele. É por isso que viemos até aqui, só para sair do apartamento porque é tão acentuado naquele espaço que o pai dele não está mais lá. —

—Então você ainda está tecnicamente casada com o idiota? —

—Ele *não* é um idiota. Mas sim, até podermos pedir o divórcio, ainda estamos legalmente casados.

—Você transou com ele? — Lucky pergunta, rolando de volta em cima de mim. Suas sobrancelhas se unem e sua mandíbula está firme. Seu pau é de aço e ele me deixa saber disso.

Estou surpresa e não surpresa, simultaneamente lisonjeada e confusa com sua inveja.

—Que tipo de pergunta é essa? Claro que éramos íntimos. Nós nos casamos! O que somos ainda adolescentes? —

Mas Lucky está moendo toda a extensão do seu pau na minha barriga. Ele é ciumento e sexy. Eu quero protestar mais

por sua imaturidade, mas tenho que admitir que seus comentários proprietários alimentaram um pouco de fogo dentro de mim. Lucky é ganancioso e, por mais infantil que seja, sua reação é excitante. Ele acha que meu corpo pertence a ele.

Eu ondulo meus quadris e mexo de volta nele apesar de cada centímetro do meu corpo estar dolorido, cada parte já selvagemente tomada por ele.

—Ele era melhor que eu? Ele fez você se sentir como eu faço você se sentir— Sua voz é rouca e sua ereção escapa de sua cueca, deslizando facilmente através da minha carne tenra.

—Não—, eu sufoco, sentindo que estou cometendo calúnia contra o meu ex-marido. —Ele me salvou quando eu estava vacilando. Ele me trouxe de volta. Eu estava uma bagunça quando ele me encontrou. Ele me deu meu filho.

Lucky desliza dentro de mim com penetração total. Seus quadris e seus lábios esmagam os meus com posse.

—Ele deixou você. —

—Mas ninguém é você, Lucky. Ninguém chegou perto de preencher essa necessidade.

Ele puxa meus braços acima da minha cabeça e os deixa lá, raspando as unhas abaixo da parte inferior sensível. Ele passa a carne pelos meus lados, as unhas traçando a curva de cada costela. Sua paixão é bestial quando ele mergulha dentro e fora de mim, segurando apenas o suficiente para me provocar. Sua tortura é celestial. Lucky, ele me intoxica.

Sua testa ainda franze, contemplando meu envolvimento com outro homem.

—Eu vou mata-lo por deixar você. Como diabos você não foi boa o suficiente? — Lucky pergunta com fogo real em seus olhos. Meu bad boy da infância, cresceu em um homem. Ele ainda é durão, ainda ciumento e possessivo. Macho Alfa. Ser contraditório não importa para ele, ele vai confirmar sua afirmação mesmo quando não faz sentido.

—Não seja ridículo—, eu digo e suspiro em sua penetração. Lucky me possui e ele sabe disso. Seu sorriso sensual é pura ganância masculina e satisfação.

—Este corpo é meu—, ele rosna enquanto ele fode com força em minha ternura brutalizada. Suas grandes mãos envolvem minhas bochechas e ele chupa meu mamilo em sua boca avidamente. Ele é insaciável. Lucky está bêbado de luxúria e desaparecemos juntos nos reinos ocultos de nosso próprio feitiço de amor.

Nós amamos por toda a vida e ninguém pode nos negar esses sagrados minutos que roubamos.

—Lucky! — Eu respiro, rolando para outro orgasmo.

—Len, eu vou te foder até doer, até você não aguentar mais. Porque perdemos muito e me mata que alguém tomou o meu lugar. —

Há lágrimas em seus olhos e ele agarra meu corpo como se estivesse faminto por meu toque. Lucky incendeia meu coração,

tatuando sua queimadura em minhas defesas congeladas, abrindo as portas esquecidas e incendiando minhas emoções.

—Você ainda usa? — Eu pergunto a ele. Ele continua como se eu o tivesse pego na mira. Eu lambo meus lábios e procuro seu olhar. Eu preciso saber.

—Bey, eu estou limpo. Juro por Deus, não vou fazer isso com você novamente. —

Sua resposta provoca novas lágrimas que correm pelos lados do meu rosto e se acumulam em sua fronha de travesseiro.

Ele está me beijando novamente, murmurando meu nome enquanto ele empurra. Seus dedos se entrelaçam com os meus e seu peso me esmaga da melhor maneira possível.

—Eu estou fodida pra caralho. Eu quero voltar para você—

Na sua ausência, desenvolvi medo do palco em minha própria vida. Com o retorno de Lucky, a luz brilhante corre como lava durante a noite, queimando em minhas manchas escuras, todos os espaços que eu fechei. Estou em chamas em seu amor, tão aberto e vulnerável que dói. Eu choramingo e gemo, rezando para o céu, Deus, os céus e todo o universo, para nunca mais tirar o único menino, o único homem que eu poderia amar.

Lucky parece nos meus olhos. Ele coloca sua testa contra a minha e grita meu nome quando ele vem.

Entramos na casa de Titi de mãos dadas. É a primeira vez que estamos juntos abertamente na frente de um membro da família e estou tão nervosa que sinto nauseas. A vergonha ainda é feroz e escura, mantendo o peso do mundo em suas mãos. O que você faz quando a sua verdade é pecaminosa aos olhos de todos os outros?

Eu limpo o suor da minha testa e desejo que eu não passei a aparência que fui fodida. Meu cabelo foi encharcado e enrolado, o restante da maquiagem dos meus olhos cria olheiras sob meus olhos. Eu tenho mordidas de amor frescas e chupões em todo o meu pescoço. Meus lábios estão inchados de seus beijos vorazes e seu cheiro almiscarado é o mesmo que tenho certeza que está saindo de mim a cada passo.

—Mamãe! —, Grita Luke. Ele deixa cair seu ursinho de pelúcia e corre para mim. Eu me inclino de joelhos e o abraço com força no meu peito, cheirando seu cabelo e beijando sua cabeça. —Titi me deu um picolé e assistimos a um filme. —

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto assisto Lucky olhar com fascinação para o meu menino. Ele esfrega o queixo entre o polegar e o indicador, seu sorriso é enorme, belamente curioso e dolorosamente genuíno. Seus olhos se enchem de lágrimas e eu não quero que Luke perceba.

—O cara tinha um ponto, o garoto se parece comigo—, diz Lucky.

—Meu bem, esse é o seu tio da Lucky, o melhor amigo da mamãe—, digo ao meu filho, e ele olha para Lucky, aceitando-o, estreitando os olhos em sua nova cara de cinco anos.

—Meus tios não morreram na guerra? — Pergunta ele. Luke é um garoto brilhante. Ele não nos deixará fáceis. Isso me faz perceber que pelo resto de nossas vidas, Lucky e eu estaremos explicando nossa história mil e uma vezes.

—Isso é o que mamãe pensou, mas tio Lucky sobreviveu. —

—Voltei para brincar com você. Eu ouvi que você gosta de beisebol—, diz Lucky. Suas palavras inundam meu coração. Eu posso ouvi-lo segurando a emoção.

Ele pega meu filho pela mão e entra na sala de estar com ele. Luke olha para ele com uma mistura de perplexidade e admiração.

Tia Awilda sai da sala quando não consegue mais conter as lágrimas.

—Minha mãe sentiu sua falta—, Luke diz a Lucky, olhando para ele com naturalidade. Largos olhos castanhos, lábio inferior tremendo.

—Eu senti falta dela também—, Lucky engasga e puxa o nosso menino em seus braços.

Antes

—Mami, Tia Hemi quer nos levar para Coney Island para o aniversário de Briana! — Eu grito para ela quando ela vem do trabalho. Ela parece cansada enquanto deixa cair as chaves na mesa e sua bolsa na cadeira.

—Provavelmente porque ela quer que você a ajude com os pequenos. —

—Está bem! Eu não me importo de jeito nenhum!

—Os gêmeos ficam tão descontrolados que me deixa nervosa. Seu primo está indo?

—Ela disse que eu posso trazer Yari se eu quiser. —

Mami esfrega as costas da mão contra a testa e suspira.

—Você pode ir se Lucky for. Eu não quero que Raymond e Ramón fiquem bravos e não tenham ninguém lá para protegê-la. Hemi precisa de dinheiro para os ingressos?

—Tenho certeza que ela tem. Nós podemos usar minha mesada. Eu não me importo. Eu estou tentando agir legal, mas eu estou pulando para cima e para baixo no chão de madeira em minhas meias. Eu não estive em Coney Island durante todo o verão e sinto a eletricidade passando pelos meus membros diante da perspectiva.

—E Jeremy? —

—Tudo bem, Mami. Estou bem com Lucky e Yari!

—A que horas você está indo embora? Pare de pular, *hija!* É só a praia e a feira. Eu pensei que você tivesse crescido, —ela diz, balançando a cabeça para mim.

Eu beijo sua bochecha e me viro para ligar para Yari.

O passeio de trem é longo e nós levamos metade do carro. Hemi tem cadeiras de praia e refrigeradores, guarda-chuvas e cobertores e um carrinho de passeio para Jovani. Passei a manhã me encarando no espelho de corpo inteiro no corredor. Meu maiô é de dois anos e mal contém meus seios. Yari está de biquíni, claro. Lucky está em uma camiseta branca e seus jeans baixos. Ele se levanta e olha pela janela assim que o trem vai para o chão, um polegar através de um laço de cinto, a outra mão segurando a barra acima de sua cabeça. Eu me pergunto o que ele tem de azul. Yari não consegue parar de latir e os gêmeos estão gozando, batendo uns nos outros e ganhando olhares aborrecidos de outros passageiros.

A praia está lotada e repleta de famílias. Estamos todos suados e rabugentos depois de arrastar o maldito refrigerador a cinco quarteirões do trem que desce pela Avenida Stillwell. Lucky arranca as roupas e corre para a água. Os gêmeos saem atrás dele e nos deixam com a arrumação.

Hemi aumenta a caixa de som apesar dos rolar dos olhos dos vizinhos. *Bachata* e *merengue se* levantam do rádio para competir com a suave calmaria do oceano. Yari abre um pacote de chips de barbecue e senta-se no refrigerador. O ar é grosso com protetor solar, fumaça de cigarro e cerveja derramada. Eu tiro as roupas de Jovani e deixo ele rastejar ao redor da areia em sua fralda, removendo rapidamente pontas de cigarro e vidro quebrado de seu caminho. Briana bateu no carrinho do bebê, seus longos membros tocando a areia, bochechas rosadas e suadas ao longo de sua linha do cabelo. Eu puxo o topo para sua extensão total para sombrear seu rosto.

—Deveríamos acordá-la? —, Pergunto a Hemi.

—Devemos entrar na água e ver se há algum cara quente dos subúrbios—, diz Yari. Ela puxa a blusinha sobre a cabeça, batendo os quatro colares de ouro. Ela é mais cuidadosa com o cabelo, que é penteado para trás em um coque perfeito com vaselina.

—E quanto a Lucky? — Eu pergunto a ela.

—Foda-se ele. Ele é tão mal humorado. Eu quero me divertir—, ela rosna. Seus shorts jeans descascam de seus quadris, quase pegando as minúsculas partes do biquíni com eles. Ela corre até a água, balançando a bunda e faz uma entrada ousada e esganiçada para uma garota que não sabe nadar. Eu sento meu traseiro no cobertor, não confiando totalmente em Hemi para ver seus próprios filhos. Yari deixou nada além de poeira no saco de batatas fritas. Eu lambo o pó vermelho e oleoso dos meus dedos quando Lucky levanta Yari no ar e a gira ao redor, seus pés roçando a água. Ela uiva em protesto, mas seu sorriso encantado revela o quanto ela gosta.

Raymond e Ramón compram cervejas toda vez que o vendedor passa. Ele grita: — *Cerveja gelada, cerveza!* — Cobrindo todas as suas bases linguísticas. Hemi dá aos gêmeos notas suadas e enroladas de seu decote. Ela usa um biquíni preto no qual o elástico esta todo esticado. Os pneus no estômago dela são maiores que os seios dela. Eu sempre gostei disso sobre Hemi, ela faz suas próprias regras e nunca se conforma. Seus filhos mais velhos são como seus amigos e desfrutam do tipo de liberdade que eu só posso sonhar. Jovani está dormindo e Briana e Annalise estão cobertas de areia.

A umidade do verão faz com que pareça que o mundo está se movendo em câmera lenta. Lucky e eu fazemos contato visual furtivo algumas vezes. Ele olha para longe, culpado, enquanto meu coração galopa após olhares daqueles olhos esfumaçados.

Eu me pergunto o que Hemi pensaria se ela soubesse como eu me sentia sobre Lucky, se ela pensaria que eu estava doente ou seria mais indulgente, porque ela nem sempre toma as melhores decisões quando se trata de sua vida.

—Vamos acabar com o parque! —, Diz Raymond. Ele tem um olho errante, então é sempre fácil diferenciá-lo de seu irmão gêmeo. —Estou farto da porra da praia. Quem quer montar o Cyclone? —Ele grita e sai correndo. Ninguém além de mim oferece Hemi uma mão com as crianças.

Eu empurro o carrinho enquanto Hemi arrasta o cooler e Jovani balança de seu quadril. Parece que a maioria dos adultos que saem da praia estão bêbados, queimados pelo sol e barulhentos. Pronto para pegar brigas ou encontrar a próxima festa. O crepúsculo está a caminho e todas as luzes do calçadão se acendem. A madeira se projeta em lugares e buracos em outros. Unhas compridas erguem-se da madeira e ameaçam arrancar os pés dos turistas desavisados.

Meu primo parte das crianças mais velhas e corre de volta para onde ficamos para trás. Ele levanta uma Briana rindo em seus ombros e agarra seus tornozelos. Briana joga a cabeça para trás e ri quando Lucky começa a galopar como um cavalo, ele é tão bom quanto qualquer passeio infantil no recinto de feiras.

Lucky paga pelos ingressos de todos. Quando ele prende a pulseira de passeio ilimitado no meu pulso eu sorrio e digo: —

Obrigada. — Lucky pisca para mim conspiratória mente. Todos nós sorrimos com sua generosidade, ninguém menciona de onde veio o dinheiro. Os meninos saem para brincar e Yari e eu para encontrar algodão doce.

—Aposto que eu poderia explodir Lucky na Casa Assombrada antes que a viagem termine—, diz ela. Suas unhas são longas e pintadas de rosa como seu algodão doce, que ela arranca em grandes pedaços e habilmente se dobra em sua boca.

—Eu quero ir na Roda Gigante—, eu respondo, ignorando seu comentário. É multicolorido e grandioso, o único passeio que não explode música alta e induz ao vômito.

—Vamos pegar os meninos! — Yari está fora e correndo antes que eu possa reagir. Nós os encontramos nos dardos, onde Lucky ganhou muito e tem um gigante urso de pelúcia e um enorme coração de veludo vermelho.

—Qual você quer, Len? — Ele me pergunta primeiro. Yari faz um pouquinho e chuta a perna de Lucky com a parte de cima.

—O urso! — Eu digo, tonta que ele me perguntou primeiro.

—Tudo bem! — Yari resmunga. —O coração é mais romântico de qualquer maneira. — Ela arranca o travesseiro de seu aperto e corre para a Roda Gigante.

—O urso, hein? —, Pergunta Lucky.

—Eu já tenho seu coração—, eu digo corajosamente. Lucky engole como ele entrega para mim. Ele olha para o chão e, em

seguida, volta através dos cílios, tentando diminuir o sorriso. Seu contato visual me mata. Talvez eu tenha falado demais.

Nós caminhamos lado a lado em silêncio pela rampa para o passeio. O ar entre nós é pesado com palavras não ditas. Nós pegamos Yari e os gêmeos assim que eles estão entrando em uma jaula.

—Desculpe, pessoal. Máximo de quatro por gaiola—, avisa o operador. Lucky fica para trás, com as mãos nos bolsos.

—Sim, eu vou com o Bey. Vocês se divirtam. Ele acena para eles e Yari faz beicinho. Estou tão emocionada que me sinto louca, como se pudesse correr uma maratona e muito mais. A jovem na fila está olhando para o meu urso e eu entrego para ela e sorrio no meu estupor.

—Merda, Bey. Isso foi para você—, diz Lucky.

—Isso é melhor—, eu digo. Eu aperto a mão dele para deixá-lo saber o quão feliz eu estou. A próxima gaiola está pronta e Lucky engatinha primeiro e oferece a palma da mão aberta para mim.

Nós nos elevamos acima do recinto de feiras e a música estridente desaparece. Você pode realmente cheirar o mar aqui em vez de loção bronzeadora e fritar graxa de bolos funil. O oceano e o céu se projetam e convergem em um mar azul sem fim. Meu coração bate no auge, mas sorrio imensamente. As pessoas lá embaixo são minúsculas e o mundo delas também. Lucky e eu estamos nos expandindo, talvez aqui em cima possamos tocar a lua.

—Len, eu estava pensando sobre aquela nota que você me deu, como nós somos treze partes iguais... —Sua voz desaparece quando ele observa a beleza do mundo em miniatura abaixo de nós.

—Oitenta e sete partes diferentes—, eu digo.

—Eva foi feita a partir da costela de Adam, não foi? — Lucky diz, me olhando para baixo.

Estou surpresa que ele saiba disso.

—Eu acho que isso significaria que eles compartilhavam um monte de DNA. —

Ranesh me disse que isso era um mito e provavelmente começou a falar sobre clonagem.

—Só me lembro da escola dominical. Não me pergunte. Lucky parece envergonhado como às vezes quando se sente inseguro. Eu quero dizer a coisa certa, mas meus pensamentos tropeçam como uma criança aprendendo a andar.

Nós olhamos um para o outro e sinto que estou voando. Nada pode nos tocar aqui em cima, sou eu e Lucky contra o mundo. Nossa gaiola se inclina e sou impelida para o outro lado da divisão nos braços de Lucky. Ele me puxa para o banco.

—Eu acho que nós temos que aguentar. —

Com as mãos em mim, meu coração palpita e corre; Eu levanto meus olhos para os dele.

—Len, olhe para isso—, diz ele quando ele chega no fundo do bolso do jeans. Ele puxa o menor pedaço de vidro do mar vermelho, não mais do que uma ervilha ou uma semente de romã. —Eu encontrei entre as rochas quando estávamos andando no cais. —

Lucky coloca na palma da minha mão e usa as duas mãos para alisar o cabelo. É um gesto de exasperação, de não ser capaz de expressar o que está sentindo.

—Ainda não está terminado, quero dizer, as bordas ainda são bem difíceis. Precisa de mais mil ondas para suavizar as partes afiadas. Eu não sei se você pode esperar tanto tempo—, diz ele com um sorriso.

Eu fecho meu punho ao redor da pequena pedra do mar vermelho com as bordas irregulares. Sorrio para Lucky e sinto meu amor por ele aquecer através de mim, mais brilhante e mais glorioso do que o preguiçoso sol de agosto.

—Eu posso aguentar para sempre—, eu digo.

Não é difícil quando é amor verdadeiro.

Depois

Acordar ao lado de Belén me lembra de estar bêbado. Parece quente e perfeito, tonto, como se eu nunca quisesse sair, como se estivesse me afogando em amor. Meu batimento cardíaco diminui para algo lento. Um sorriso permanente mancha meu rosto e preguiçosamente puxo seu

corpo para mim. Ela começa a acariciar imediatamente, joga uma perna sobre a minha e um braço envolve meu torso. Minha mão desliza para o v entre as pernas automaticamente, procurando seu calor. Belén é receptiva a mim, sempre. Parece natural. Certo. Mas isso não significa que a culpa se foi completamente. Às vezes eu me deito aqui com ela em meus braços e lembro de ter batido com força em seu corpo de quinze anos. Em vez de engolir essa merda, digo a ela.

—Eu também—, diz ela. —Nós vamos para o inferno. — Então ela salpica meu rosto com uma centena de pequenos beijos. Eu fico ainda mais difícil. Belén e eu fodemos como se alguém fosse tirar essa merda de nós. Até agora eles não têm. E agora Bey está grávida.

Eu sabia que nosso bebê seria perfeito antes mesmo de se submeter à maratona de testes. Porque não importa o que nosso sangue diga ou a leitura de nossos genes, Len e eu fazemos mágica. Isso não é ciência, é intervenção divina. Crente ou não, algumas coisas foram apenas destinadas a ser.

—Eu tive um sonho ruim! — Luke grita. Nós dois gememos em nosso casulo.

—Sua vez—, Belén diz. Ela abaixa a cabeça embaixo das cobertas.

—Tudo bem—, eu digo, já sentindo falta do seu calor e da lenta paz de seu abraço. —Chegando! — Eu grito para Luke. Às vezes ele me chama, —papai—, às vezes, —Cara—, às vezes apenas, —Lucky—. Seu pop ainda está em torno de mais ou menos e o cara me deve grande momento. Eu não falo mal dele, não o esmago, não faço nada além de respeitar o cara. Eu tenho

o que eu queria, então eu não desperdiço minha energia odiando-o. Luke vai todo fim de semana e Len e eu mal saímos da cama. Temos tempo para compensar e é exatamente isso que fazemos.

—Ei, homenzinho—, eu digo quando eu o coloco em meus braços. Ele não é mais tão pequeno. Seis anos e contando, superando sapatos e pijamas como ninguém. Bey teve cortinas aqui com lagartos sobre eles que Betty fez à mão. Eu os puxo de volta e olhamos pela janela, quatro andares acima da Broadway. Esse garoto nunca vai ficar na esquina. Esportes, aulas de música, karatê, o que for preciso. Sua mãe e eu sabemos muito bem onde os demônios se escondem e as várias formas que eles podem assumir.

—Eu sonhei que fomos ao centro para ver as luzes e eu perdi a mamãe—, confessa Luke. Grandes lágrimas sobem em seus olhos e caem, rolando por suas bochechas em rápida sucessão.

—Sim, homenzinho? Eu sei como isso é. É uma merda. Verdadeiramente faz. Mas isso foi apenas um pesadelo e ela está bem ao lado da cama. Luke fareja e balança a cabeça, enfiando o rosto no meu pescoço. —Você quer ir ver por si mesmo? — Ele balança a cabeça novamente, limpando o nariz na minha camisa.

Às vezes eu também tenho aquele pequeno soluço de pânico, que eu acordo e ela vai embora. Mas ela não foi. Bey está quente e aconchegada em nossa cama, acenando com os dois braços. Eu coloco Luke no chão e ele pula entre nós.

Há milhões e milhões de estrelas no céu, mas há apenas uma Belén e eu sei tão bem quanto sei de tudo que ela deveria ser minha.

Os dois, juntos com a pequena saliência, se encaixaram perfeitamente em meus braços. Luke adormece e Belén me observa com a expressão mais suave em seus olhos. Eu sei agora contar minhas bênçãos, cada uma delas. Eu me lembro, como se fosse ontem, deitado sob aquele sol quente do deserto. Como eu ansiava por Belén com cada grama do que eu tinha deixado em mim, por apenas um momento para estar ao seu lado novamente, para deixá-la saber o quanto ela significava para mim.

Lembro-me de como o universo respondeu ao meu chamado, com uma rocha transparente do tamanho do meu polegar. Um pequeno talismã cinza esfumaçado que subiu através de séculos de grãos de areia para encontrar o caminho para a minha mão. O jeito do universo de me dizer para não desistir. Um simples pedaço de vidro do deserto que agora fica na gaveta da mesa de cabeceira ao meu lado. Eu posso retirá-lo e na palma da minha mão, segurar o meu destino e Bey.

O que aconteceu conosco não foi uma maldição, ou até mesmo azar. Foi o caminho que tivemos que percorrer para consagrar nosso amor.

FIM

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Katie Larsen e Katy Evans, por acreditarem em mim mesmo quando eu não, por chutar minha bunda, mas fazer isso com gentileza e me apoiar, a pessoa, assim como o trabalho. Eu não sei como agradecer adequadamente a qualquer um de vocês e espero apenas que eu possa devolver um pouco do encorajamento que você me deu.

Para o meu marido e filhos, obrigada por me aturar e pelo meu estranho trabalho colateral.

Aos meus leitores beta, Leslie, Jiya, Sunny, Trisha, Yaya, Mo e Supreet, obrigado por dedicar um tempo para ler e pelo seu feedback incrível.

Para Leslie DeJesus, Zak Matías e Carlos Mejía por pularem com gírias e respostas de dialeto toda vez que preciso de ajuda.

Para Tami de Integrity Formatting.

Para Daniela Medina para minhas lindas capas.

Para Leanne Rabesa, por uma edição impecável - quaisquer erros que aparecem, eu fiz por conta própria. Para Sue Rohan para minhas edições de cópia.

Para Neda Amini por sempre defender minha escrita.

Para todos os autores que me inspiram com o trabalho deles.

Para meus leitores para ler, espalhar a palavra, deixar comentários e me dar feedback, agradeço muito a você.

Para os blogueiros que trabalham arduamente para manter todo esse setor funcionando, sua dedicação aos livros e às pessoas que os escrevem é um milagre - por isso, obrigado pelo seu tempo e compromisso.

Sobre a Autora

Mara White é uma escritora contemporânea de romances e eróticos que adota histórias de amor proibidas com questões difíceis, como raça, gênero e desigualdade. Ela possui um diploma da Ivy League, mas também trabalhou em mais clubes de striptease do que ela pode lembrar. Ela não é uma ex-estrela de telenovelas mexicana, ao contrário do que os tablóides poderiam dizer, mas ela é uma ex-bailarina e sempre permanecerá uma em seu coração. Ela mora em Nova York com o marido e dois filhos e, sim, quando não está escrevendo, pode encontrá-la no parquinho.